

A romantic couple is shown in a close embrace. The man, with short brown hair and a beard, is seen from the back, his head tilted towards the woman. The woman has long, dark hair and her eyes are closed, leaning her head against his. She is wearing a blue strapless dress. The background is dark with a pattern of small, light-colored squares. The title text is overlaid on the lower half of the image.

O ACORDO

a Virgem e o Professor CEO

MARI SALES



O ACORDO

a Virgem e o Professor CEO

Mari Sales

1ª Edição

2021

Copyright © Mari Sales

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Edição Digital: Criativa TI

Revisão: Mariely Santos

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Dedicatória](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Epílogo](#)

[FIM](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

[Outras Obras](#)

Dedicatória

Para Scarllat Cristina, minha xará de segundo nome, de graduação e parceira literária. Essa homenagem vai com muito amor e carinho em prol do respeito as mulheres na TI!

Sinopse

Samuel Vitta Dan era um CEO de sucesso na área de investimentos financeiros. Rígido e intimidante, nas horas vagas, lecionava empreendedorismo para o último ano do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Essa atividade extra lhe rendia muito mais do que satisfação profissional.

Nem todos apreciavam o professor Samuel. Scarllat Mancini não se adequava em sua família e estava difícil se adaptar aquela metodologia de ensino. Ela tinha sido julgada desde o seu nascimento e nunca se acostumou a ter que provar seu potencial, muito além das notas escolares.

Com um diploma na mão e órfã, Scarllat recebeu uma oportunidade de mostrar sua capacidade, ela iria trabalhar na área de tecnologia da Dan Financeira.

Novos desafios surgiram quando ela descobriu que o CEO da empresa era aquele professor odiado. Mesmo que ainda guardasse mágoa, Samuel estava se tornando um chefe misterioso e irresistível. Para saber mais daquele homem, Scarllat iria se render a um acordo e descobriria muito mais do que os segredos do CEO.

Assine a minha Newsletter: <http://bit.ly/37mPJGd>



SCARLLAT
Mancini

Prólogo

Meses atrás...

Fechei a última caixa com meus pertences e a levantei em meus braços. Era o fim do único lugar que eu tinha conhecido como casa.

Saí do meu quarto, fui para a sala e não tive tempo de dar uma última olhada no lugar, porque Júnior apareceu na porta de entrada e, com seu semblante sério de costume, pegou a caixa e fez um movimento de cabeça para eu o seguir.

Sempre com pressa. Impaciente.

Tia Neide costumava dizer que ele ainda iria morrer do coração, de tanto que andava estressado. Mesmo com três ex-esposas e tendo filhos com duas delas, ele deveria respirar fundo e relaxar.

Eu sabia que seria deselegante da minha parte e não o incomodava com comentários sobre seu jeito de ser. Talvez, se o fizesse, lembraria à tia, mãe dele. Ela não era nada minha, por mais que, na minha mente, eu a intitulasse daquela forma. Nem Júnior fazia parte da minha família, eu era sozinha.

Os nomes de pais na minha certidão de nascimento eram simbólicos, porque eles não existiam de verdade. Fui criada por duas pessoas que me permitiram vê-las como figuras familiares, mas não me permiti chamá-las de nada além do nome. Tia Neide foi minha mãe e Júnior, um pai, mas também, irmão.

Abandonaram-me na porta da família Oliveira, vinte e um anos atrás. Eu tinha poucos dias de vida e, para não me deixar sob a guarda do Governo, Neide me registrou em uma cidade do interior e me criou como sobrinha.

Ela sempre deixou clara a minha origem e o papel dela na minha vida. Nunca exigi carinho ou amor, até porque, os Oliveira não sabiam demonstrar afeto tanto quanto eu não fazia questão. Não dava para sentir falta de algo que nunca tive.

Meu sonho era sair de casa e ter meu próprio canto, por isso, economizei nos últimos meses. Só não imaginava que, no aniversário da minha chegada àquela família, tia Neide partisse para a eternidade.

Se eu estava esperando um empurrão para cuidar da minha vida, aquele foi mais do que o necessário. Eu, Neide e Júnior morávamos juntos e, apesar do meu primo-pai ter suas esposas e filhos, ele as mantinha longe de nós.

Éramos uma família conveniente, onde eu cuidava dos afazeres da casa, tia Neide fazia bolos sob encomenda e Júnior era dono de uma lanchonete. Às vezes, eu o ajudava fazendo uma grande limpeza no seu estabelecimento no dia da semana que ele não abria.

Por muitas vezes, era feita de faxineira, mas não reclamava. Sentia que, prestando aquele serviço, eu compensaria o teto que me deram quando meus pais não me quiseram. Conhecia histórias de meninas que foram abandonadas e meu destino, por mais que ainda faltasse muita coisa para ser ideal, fora melhor do que de muitas outras.

Eu valorizava a sorte de ter tido duas pessoas que não me deixaram faltar comida e cuidaram de mim quando adoeci. Tentava evitar conflitos e os obedecia sem muitos questionamentos, o que incluía: sem festas, amigos ou bebidas.

Passei a fase do colégio em meu canto e a faculdade, mais retraída ainda. Não me conectava o suficiente para ter amigos, apesar de sempre me convidarem para tudo o que faziam. Deixei de ir ao cinema, festas no campus e jogar baralho, apenas para voltar para casa no horário determinado por Neide e Júnior.

Eles eram os meus guias e ditavam o caminho. Naquele momento, eu havia perdido uma referência e estava sendo deixada à minha própria sorte.

— Vamos, Scarllat. — Júnior estava impaciente na frente da casa.

Tranquei a porta, dei passos apressados para a caminhonete velha dele e subi na carroceria, para segurar minhas coisas, já que não havia corda ou lona para as manter firmes.

— Está firme aí? — perguntou, abrindo a janelinha da cabine.

— Sim, eu dou um jeito. — Estiquei os braços, agachei e orei para que nada caísse em cima de mim, ou na rua.

Ele deu partida, estiquei minha perna para impedir que uma caixa se movimentasse e seguimos viagem até o outro lado da cidade. Meu novo lugar seria perto da universidade e longe de Júnior.

Com a morte de Neide, a casa tinha sido vendida. Meu primo-pai foi morar com Jucélia e sua vida estava se tornando um caos, porque Lenilce e Rosana estavam

com ciúmes de ele ter escolhido uma delas ao invés de não manter todas em um mesmo patamar. Eu não sabia como ele conseguia atender as três, ainda mais sendo ex. A única coisa da qual eu tinha conhecimento era que ele pagava a pensão dos filhos e os amava muito mais do que a mim.

Bem, nada surpreendente nisso.

Com uma cama de solteiro, colchão e fogão velhos, eu teria uma geladeira improvisada com isopor e as caixas seriam meu guarda-roupas até que eu conseguisse um cartão de crédito para comprar, de forma parcelada, o que me faltava.

O aperto no peito tinha tudo a ver com estar sozinha no mundo. Órfã. Eu odiava ficar sem ninguém por perto, por isso era muito obediente. Morria de medo de dormir sem saber que Neide ou Júnior estavam **por perto**. Muitas vezes passei a noite em claro, esperando os dois voltarem da lanchonete.

Teria que aprender a me virar. E, como sempre fui boa em executar ordens, fui atrás de um lugar para morar quando Júnior me intimou a seguir minha vida. Formada, mas sem emprego, a vida adulta tinha chegado e, como ele gostava de salientar, eu não era sua filha para ele me bancar.

A mudança foi rápida. Assim que chegamos à quitinete de um cômodo, meu primo-pai colocou tudo para dentro, montou a cama de solteiro e olhou para mim por alguns segundos. Se não o conhecesse, eu poderia acreditar que ele estava preocupado com o que poderia ser de mim.

— Vai ficar bem? — Com as mãos na cintura, franziu a testa e me impediu de ser sincera. Eu estava apavorada, queria ficar com ele.

— Já tenho vinte e um anos. Preciso caminhar com as minhas próprias pernas. Ser independente. — Suspirei e forcei o sorriso, um que nunca foi sincero para

ninguém. — Foi isso que Neide falou para mim nos últimos dias de vida.

— Sim. Você precisa se cuidar e não dar conversa para ninguém, entendeu?
— Esticou o braço e apertou a nuca, como ele fazia quando eu era criança e queria conversar sério. — Só não te dou emprego na lanchonete porque já tenho coisa demais na cabeça para me estressar com Lenilce. Encontre algo na sua área.

— Tudo bem. Quando precisar daquele faxinão, pode me chamar.

— Eu vou.

Seus dedos apertaram meu pescoço. Esperei que ele me abraçasse ou desse um beijo na minha testa, como fazia quando eu era menor, mas só saiu sem olhar para trás.

Júnior tinha muitos cabelos brancos, postura curvada e uma barriga saliente. Era um ótimo pai para os seus filhos e sempre sonhei que ele pudesse ser da mesma forma comigo, mas eu era dura como pedra. Para me lapidar como pessoa, usaram estacas ao invés de beijos e abraços.

Minhas pernas perderam as forças quando me deparei com aquele lugar apenas comigo. Sentei-me no chão, depois me deitei de costas e encarei o teto por incontáveis minutos.

Sempre fui sozinha. As pessoas que eu considerava minha família me lembravam disso todos os dias. Eu não sabia em que momento me iludi de que teria Neide e Júnior para sempre, afinal, eles já eram velhos quando surgi na vida deles.

Cuidar de mim. Essa era a minha missão.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 1

Ainda bem que tive alguns meses para processar minha nova vida solitária. A insônia ainda era uma constante, mas o medo parecia ter diminuído... ou estava apenas escondido enquanto eu fingia que vivia como uma adulta responsável.

Como morava perto da universidade, eu usava o laboratório de informática do meu curso de graduação para fazer os trabalhos virtuais que arranjei enquanto não conseguia um emprego real.

Meu sonho era ser programadora. Quebrava um galho como designer e com a criação de manuais, portfólios e apresentações profissionais, mas eu era da lógica, gostava de escrever código e focar na criação de um sistema que enchia o meu peito de satisfação.

Não que eu já tivesse feito isso antes, mas era nas aulas de linguagem de programação que minha dedicação transbordava.

Formada em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, a única experiência de trabalho que eu tinha era com atendimento ao cliente, além dos freelances virtuais que eu fazia.

Minha veia de liderança era quase nula. De acordo com o professor Samuel, eu deveria ter sido inabilitada de colar grau, já que não tinha ido bem em nem um dos trabalhos que ele havia passado. Empreendedorismo era mais difícil que linguagem de

baixo nível. Que me pedissem para programar em Assembly, mas não para abrir uma empresa.

Eu era boa em cumprir ordens, não em as dar.

Com a ajuda do conselho docente e por aquela ter sido a única matéria de prova final em que eu ficaria, os professores decidiram me passar. Tendo a nota máxima no meu TCC, nada me impediria de conseguir o meu diploma, nem aquele professor chato metido a intelectual.

Por eu ter sido a única mulher da turma, era protegida ao mesmo tempo que ignorada. Os rapazes eram simpáticos comigo, mas nenhum me dava oportunidade, nem aceitava meu currículo para indicar nas empresas em que trabalhariam.

Sozinha. Todos os dias eu tinha indicação de que ninguém faria por mim, por mais próximos e solícitos que fossem.

E, por ironia do destino, eu me atraía por aqueles que me desprezavam. Professor Samuel era alguém que eu queria que mudasse de opinião sobre mim. Não que eu fosse me tornar uma empresária de sucesso, mas havia beleza em ser uma ótima executora de ordens.

A segurança de ter quem mandasse e indicasse a direção me ajudava a descansar. Eu estava sem dormir há muito tempo e, depois daquele acontecimento, ficaria cada vez pior.

Da forma que aconteceu com Neide, Júnior também faleceu. Infarto fulminante. O problema de coração era hereditário e, por mais que me preocupar indicasse que eu fazia parte da família, eu não precisava visitar um cardiologista como Pedro, o filho mais velho do meu primo-pai.

Com seus dezesseis anos e obesidade nível III, ele precisava de acompanhamento especializado e isso requeria dinheiro. Jucélia, a esposa que Júnior mantinha mais próximo, me incumbiu de vender a lanchonete, não importava como.

Mesmo não sendo da família, descobri que Júnior me colocava como contato de emergência para suas mulheres e filhos. Mesmo Lenilce, com quem ele não tinha filho, mas sustentava, também veio até mim, pedindo ajuda para dividir o dinheiro entre elas.

Tinha sido um velório e tanto.

Prática e aceitando qualquer proposta, consegui vender o ponto comercial e os equipamentos da lanchonete. Naquele dia, antes de entregar tudo para os futuros donos, eu limpei e organizei o local. Relembrei alguns momentos e deixei que a música, a minha única companhia nos últimos dias, me desse o abraço necessário para passar por mais um luto.

“Eu acerto do lado cego

Você está paralisado, estou indo rápido

Eu te deixei hipnotizado

Você está hipnotizado, você está vendo preto

Nah, nah, não vou desviar o olhar

Não, não consigo sentir a dor

Se você quiser vir, venha buscar”

Manifest – Warrior

Era noite quando fechei a grade do salão da lanchonete. Percebi que um carro parava próximo de mim e me aprimei. Sempre alerta e fugindo de possíveis confrontos com os quais eu não poderia lidar – assalto ou assédio –, fechei o cadeado e me virei apressada, tinha que sair dali.

Quase pulei de susto quando vi um homem bem-vestido e acompanhado de outro com o mesmo traje. Era perceptível que o mais velho era o chefe e o que estava ao seu lado, um segurança ou motorista.

— Olá, jovem. — Ele sorriu cordial e não mudei minha feição assustada. — O que aconteceu com a Lanchonete do Júnior?

— Está fechada — respondi apressada, mas sem conseguir me afastar daqueles dois desconhecidos.

— Aconteceu alguma coisa com ele? — Inclinou a cabeça e me analisou melhor. — Você me é familiar.

— Não te conheço, senhor. Está na minha hora, vou perder o meu ônibus. — Forcei o sorriso e dei um passo para trás. — Adeus.

— Espere. Sou amigo de Júnior, Osvaldo Dan.

— Ah! — A pressão que eu sentia se esvaiu. Conhecia aquele homem, apenas pelo nome. Um cliente assíduo, cheio de dinheiro, que frequentava a lanchonete há anos.
— Oi, senhor Osvaldo. Sinto muito, mas o Júnior faleceu.

O homem ao lado agarrou nos braços dele, para que não caísse. Por instinto, apressei até o conhecido de Júnior e tentei o amparar, mesmo sem saber o que fazer. A grande questão era o motivo que me levou a dar o passo próximo dele, já que eu não ajudava ninguém.

— Senhor, vamos para o carro, eu te levo para o hospital — o outro homem de terno falou em tom de comando e me encarou chateado.

— Está tudo bem, Gomes. Você é meu segurança, não uma babá. — Apesar da situação, ele parecia ter bom humor. Senhor Osvaldo colocou a mão no peito e respirou com dificuldade. — Um copo de água me ajudará.

— A geladeira está cheia, eu vou buscar uma garrafa. — Devolvi o olhar bravo para o auxiliar e voltei para o cadeado que tinha acabado de fechar.

Deixei a grade aberta e só percebi que os dois tinham me acompanhado para dentro quando voltei para o salão com a água. O senhor mais velho olhou para tudo com saudade e pesar, talvez ele tivesse mais intimidade com Júnior do que eu, que fui criada por ele e Neide.

— Pegue uma mesa e cadeira, Gomes. Preciso conversar com a senhorita. — Osvaldo olhou para mim com tranquilidade, dominando o local e a situação. Como boa acatadora de ordens, não rebati. — Você deve ser Scarllat.

— Sim, sou eu. O que ele falou de mim?

— Que era muito estudiosa para fritar hambúrgueres e cheirar a fritura. — Observei-o se sentar na cadeira de plástico que Gomes trouxe. A outra, ele ofereceu para mim e me sentei, curiosa com aquela alegação. — Então, ele se foi.

— Infarto. Como Neide.

— Não faz nem um ano que a mãe **se foi**. Ele estava muito triste.

— Sim, era o padrão dele.

Entreguei a água para o Senhor Osvaldo e, depois, cruzei os braços para me proteger. Observei o segurança colocar uma mesa entre nós e se afastar, nos deixando sozinhos.

— Júnior não teve uma vida fácil.

— Confesso que sei apenas o que convivi com eles. Não faço parte da família, fui criada por eles.

— É o que você pensa? — Ergueu as sobrancelhas e tomou um gole da água.

— Sou grata por tudo, isso que importa. O senhor está melhor?

— Sim. — Soltou um longo suspiro e olhou ao redor. — Nunca pensei que viria aqui para conversar com você ao invés de comer o lanche e aproveitar a companhia de Júnior.

— Sinto muito. Espero que os próximos donos reabram o lugar. Talvez, o façam com outro nome. Infelizmente, eu não poderia continuar, porque a família dele está precisando de dinheiro.

— Sempre está — comentou com pesar, sem me encarar. — E você, Scarllat. Precisa de algo?

— Apenas que o senhor termine a água e me deixe ir embora. — Arregalei meus olhos ao perceber que tinha sido rude. Era conhecida pela sinceridade e só percebi o que tinha falado depois que tinha saído. — Desculpe, senhor Osvaldo.

— Tudo bem. — Ele não parecia ofendido, estava tranquilo e tomando mais da sua garrafa. — Posso te dar uma carona para casa.

— Não.

— Engraçado que você não se acha parte da família, mas se parece demais com ela. — Fechou os olhos brevemente e me encarou. — Podemos conversar um pouco mais? Por favor?

A vontade era de recusar, mas acenei afirmativo, sem prever qual era o objetivo daquele homem. Ele era amigo de Júnior, não meu. Por mais que eu tivesse atitudes como do meu primo-pai, as semelhanças terminavam aí.

Senhor Osvaldo estava de luto e eu também. Não faria mal compartilhar o sentimento com um estranho, já que eu estava familiarizada com aquela distância emocional.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 2

— Quantos anos você tem? — ele perguntou curioso.

— Achei que iríamos falar de Júnior. Ele faleceu há algumas semanas.

— E já conseguiu vender tudo?

— Sim. Aceitei a primeira oferta, para atender ao pedido das viúvas.

— Jucélia e Rosana.

— Também tem Lenilce. Ela não teve filhos, mas era sustentada por ele. — Mordi o lábio, preocupada com as informações que pudessem comprometer alguma delas.

— Elas precisam de ajuda, certo?

— Sim, mas eu já resolvi. Está tudo nas mãos delas.

Oswaldo colocou a garrafa de água vazia em cima da mesa e me encarou, intrigado. Eu estava incomodada com seu escrutínio e queria ter forças para o mandar embora, mas estava presa por conta de um sentimento de reconhecimento: não éramos a família de Júnior, mas sofriamos pela sua morte.

— E a sua parte?

— Qual? — Franzi o cenho.

— Você vendeu tudo, ajudou as mulheres e não pegou nada?

Eu não sabia que tinha deixado implícito esse tipo de ação da minha parte, muito menos que aquela informação seria útil para o homem. Como tinha aceitado conversar com ele, resolvi ser sincera e abrir meu coração.

— Por que eu deveria ter parte em algo que nunca foi meu? Esse é o patrimônio de Júnior e a herança dos seus filhos. Pedro, o mais velho, precisa fazer acompanhamento médico por conta do problema hereditário.

— Você é muito altruísta.

— Apenas justa. Sei o quanto a família era importante para Júnior. Fiz minha parte, mais uma vez consegui retribuir o que fizeram por mim.

— Sim. Você foi adotada.

— Não. Eles me deram um teto e comida. O nome que tenho na minha identidade é fictício. — Soltei o ar com força, sentindo uma tristeza me dominar. — Eu

prefiro falar sobre Júnior, não da minha história. Vocês se conheceram quando?

— Há muitos anos. Venho todos os meses o visitar e falar sobre a vida. — O senhor relaxou na cadeira e olhou para o teto. — Era o melhor lanche da cidade. Não havia x-bagunça mais organizado do que o do Júnior.

— Preferia o x-salada.

— Meu filho gosta desse. — Seu olhar voltou para o meu com um brilho diferente, mais vivo.

— Ele não o acompanha?

— Prefere manter distância desse lado da minha vida. Apesar da minha posição atual, eu já estive tão igual ou abaixo de Júnior. — Apontou para a cozinha. — O perfume que me acompanhava todos os dias era o de hambúrgueres assados.

— Uau. O senhor já foi chapeiro?

— E garçom. Caixa. Copeiro. — Conforme eu ia me surpreendendo, seu sorriso satisfeito ia ganhando forma. — Foi um longo caminho até chegar onde estou. Mas faço questão de não esquecer minhas raízes.

— Júnior é algo seu? Também teve as mesmas oportunidades?

— Nossa história é diferente. Enquanto eu tive foco e amei uma pessoa, por toda a minha vida, ele quis abraçar o mundo.

— Sim, ele era aquele que dava conta de tudo e de todos. Por isso mal conseguia relaxar. — Inclinei-me para frente e peguei a garrafa vazia para a abrir e fechar. Tirar o foco de Osvaldo me ajudava a não chorar.

— Nas últimas vezes em que o vi, ele estava preocupado. Mais calado.

— Depois da morte de Neide, nós nos afastamos. Vim fazer faxina na lanchonete há uns três meses.

— Você trabalha com limpeza?

— Faço qualquer coisa para poder me sustentar. — Fui para o rótulo da embalagem, cutucar a ponta e a tirar da garrafa.

— Está conseguindo se manter?

— Sim. — Acenei com a cabeça, tentando me convencer de que era o suficiente. Minhas reservas estavam acabando e meu sonho, de trabalhar com programação de computadores, se tornava mais distante.

— Tem carteira assinada?

— Só faço bicos. Freelances. E o senhor? — Ergui o olhar para que ele entendesse que era um assunto que eu não queria prolongar.

— Conhece a Dan Financeira? — Ele não se surpreendeu quando neguei com a cabeça. — Tenho uma empresa que trabalha com gestão de capital, investimento na bolsa de valores, aplicações, tudo aquilo que as mulheres consideram chato.

— Números. Eu gosto deles. — Dei de ombros.

— Sim, eu vejo. Você é observadora e tímida também. — Balançou a mão na minha frente, porque me incomodei com sua observação e demonstrei com o olhar. — Estou fazendo uma avaliação superficial, não precisa se ofender.

— O senhor veio para falar sobre Júnior. Ele deixou três ex-esposas e quatro filhos. O mais velho tem dezesseis anos e precisa de cuidados médicos. Fiz minha parte, desfiz o único patrimônio dele para ajudar a família. Não estava próxima nos últimos meses, mas sei que fez um bom trabalho, o pagamento dos funcionários estava em dia e os impostos também. Tudo certo.

— Como fez isso sem um inventário?

— Tudo estava no meu nome. Agora, não mais. Meu vínculo com os Oliveira terminou. — Mordi o lábio ao sentir a emoção me dominar por conta daquela afirmação. Não bastava o luto que me fez chorar, eu estava percebendo que haveria muito mais para ser processado.

— Você precisa de ajuda, Scarllat?

— Não. Eu me viro. — Soltei o ar e voltei a mexer a garrafa.

— Ele iria querer que você ficasse bem.

— Estou longe de problemas e cuido da minha segurança. Foi isso que eles me ensinaram. — Senti as lágrimas se formarem nos meus olhos e o encarei. Ele, como tia Neide, parecia alguém familiar, mas que era inalcançável emocionalmente. — Acho melhor eu ir. O senhor parece bem também.

— Ainda preciso de mais uma coisa.

— O quê?

— Que venha até a Dan Financeira. Queria conversar um pouco mais sobre Júnior e os familiares dele.

— Aqui. — Tirei o celular do bolso da calça e o desbloqueei. — Vou te passar o contato de Jucélia. Ela é a única com quem consigo me comunicar sem causar confusão. Não sou bem-vinda para elas. — Olhei para o lado e vidrei com a percepção. — Talvez, em nenhum lugar — murmurei.

— Podemos falar sobre isso lá no meu escritório? — Ele abriu o paletó e tirou a carteira do bolso de dentro. — Aqui está o meu cartão, tem telefone e endereço.

— Por quê? — Tive receio de pegar aquele papel, sabendo que se eu o fizesse, algo grandioso iria acontecer comigo.

— Alguns diriam que estou retribuindo um favor. — Esticou o braço um pouco mais para que o cartão se aproximasse de mim. — Eu prefiro pensar que estou revelando um novo talento.

— Você nem sabe no que sou boa.

— Em sobreviver, Scarllat. Se está aqui, é porque tem garra e não se intimida com o mundo. Estou precisando de pessoas assim na minha empresa.

Peguei o pequeno retângulo e vi o design sofisticado da logomarca da Dan Financeira. Meu coração acelerou, eu não sabia se considerar aceitar aquela proposta era algo bom ou ruim.

Gostava de números, mas era inexperiente com aquele lado de investimentos, probabilidades e riscos. Mas ele estava certo, eu tinha garra e faria de tudo para aprender.

Sobreviver.

— Está me oferecendo uma vaga de emprego na sua empresa como analista financeira?

— Você não é da área de tecnologia? — Franziu a testa. — Que eu me lembre, Júnior comentou que você fazia Análise de Sistemas. Certo?

— Sim. Estou formada, não tenho experiência, mas sei me virar. Aprendo rápido. — As lágrimas que nem caíram se transformaram em brilho de esperança nos meus olhos.

— Ótimo. — Ele se levantou ajeitando o paletó. — Te espero amanhã às oito horas. Pode ser?

— Sim.

— Até mais, Scarllat.

— Obrigada, senhor Osvaldo. — Observei-o se afastar enquanto a tristeza da solidão dava lugar à chama da esperança.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 3

Eu amava regras. Era tão mais fácil seguir um roteiro do que me dar liberdade para fazer do meu jeito. Estava acostumada a ser criticada e a ver nenhuma das minhas ideias serem boas o suficiente.

Como dizia meu professor Samuel: eu só não fracassei como aluna porque consegui me destacar em outras áreas. Mas, segundo ele, no mercado de trabalho, eu nunca teria sucesso.

Ele estava certo sobre tudo o que falava de mim. Doía saber o quanto me conhecia e usava meus defeitos para me desestimular. E, por mais que o sensato fosse ignorar aquele homem que não media palavras, ele vinha à minha mente todas as vezes que eu cumpria uma obrigação.

Cheguei pontualmente para falar com o senhor Osvaldo. Poderia não ser empreendedora, mas me tornaria a melhor funcionária. Líderes não eram feitos sem os bons liderados. Eu conhecia minhas limitações e preferia me manter sob o radar.

Sentada na sala de espera da empresa que ficava em um dos prédios comerciais mais incríveis da cidade, aguardei a secretária me anunciar para poder falar com o homem que conhecia o meu primo-pai.

Eu tinha insônia normalmente e com ela mesclada à ansiedade, passei a noite contando os minutos para estar naquele ambiente. Eu vivia com corretivos e batons, para ocultar do meu rosto o quanto eu parecia um zumbi.

— Vamos, Scarllat? — a mulher simpática me chamou e se levantou. Fiz o mesmo e a acompanhei até a sala do homem, que era atrás da última porta do corredor.

Há muito tempo que eu não sorria com sinceridade. E durou pouco a minha empolgação com um novo emprego.

Assim que a porta foi aberta, eu vi aquele que me atormentava, mesmo depois de ter concluído a faculdade. O professor Samuel estava de pé, ao lado do senhor Osvaldo, e os dois pararam de conversar para me ver entrar.

— Olá, Scarllat. Por favor, venha se sentar. — O homem que marcou a reunião estava entusiasmado, mas eu não conseguia falar, por conta do meu coração acelerado.

As palavras que depreciavam a minha postura como boa executora invadiram a minha mente e quase fugi da sala ao invés de me aproximar.

Meus olhos estavam no homem bondoso que me deu a oportunidade, mas eu sentia o olhar do meu professor queimar meu corpo, com desprezo e cinismo.

— Scarllat? — Osvaldo me chamou e pisquei várias vezes para me centrar nele. Esbocei um sorriso falso e me sentei a sua frente. — Que bom que você veio. Este é Samuel, meu filho.

— Ela foi minha aluna, pai.

Fui obrigada a encará-lo. Recordava o tom de voz, a cor dos olhos e a intensidade da sua respiração. Tinha decorado onde estavam as marcas de expressão perto dos seus olhos e testa, além do tique nervoso que ele tinha com a ponta da caneta.

Três apertos. Uma respiração profunda. Três apertos.

— Olá, professor Samuel.

— Você a quer na nossa equipe de programadores? — Ele encarou o pai e Osvaldo não se incomodou com o que estava subentendido na pergunta.

— Como te disse, temos equipes masculinas demais. Ela é a pessoa certa para trabalhar com Augusto, Denis e Neymar.

— Então, será como suporte. Ela pode ir para o telemarketing — rebateu, como se eu não estivesse presente e seu desprezo por mim não fosse palpável.

— O que mudou? Estava concordando comigo antes de saber quem era. — Osvaldo franziu o cenho e bufou antes de me encarar com tranquilidade. — Sinto muito, Scarllat. Essa não é a conversa que eu queria ter com você.

— Depois conversamos. — Professor Samuel saiu da sala pisando firme e batendo a porta com mais força do que o necessário.

Osvaldo riu baixo, colocou os antebraços em cima da mesa e me encarou com diversão.

— Ele foi seu professor. Diga que o deixou irritado o suficiente, não numerando as páginas dos trabalhos. — Inclinou a cabeça de lado quando permaneci séria. — Não leve o que Samuel fala muito a sério. Ele está determinado a nos transformar em máquinas, como os computadores que processam os nossos dados.

— Ele é rígido.

— Até para as coisas que não deve ser.

— Acho que não fiz uma boa impressão quando fui a aluna dele.

— Ninguém é suficiente para Samuel Vitta Dan. Infelizmente, aprendeu isso comigo quando o coloquei ao meu lado como CEO. A experiência de vida mostrará que não vale a pena ser tão rígido ou, quem sabe, quando decidir ter uma família. — Afastou-se e abriu uma gaveta, encerrando a reflexão sobre o seu filho. Por isso aquele homem exalava poder, porque além de professor, Samuel era CEO. — Vamos para o acordo, Scarllat. Te chamei aqui para que você seja minha funcionária, mas também, meus olhos.

— Como assim?

— Preciso que você faça o seu trabalho, mas que anote a necessidade de todos os funcionários com quem você tiver contato. Da faxineira a minha secretária, quero que alguém de fora me dê outra visão do que eu já tenho pela consultoria em desenvolvimento pessoal.

— Não sei se estou apta para isso, senhor. Talvez, nem para programar.

— Mas disse que aprende rápido, certo? — Entregou papéis grampeados para mim e uma caneta. — Vou ler em voz alta e você me interrompe se houver dúvida. É um termo de confidencialidade, além do nosso acordo de trabalho. O que decidirmos aqui, não deverá ser exposto para ninguém, nem ao setor de recursos humanos.

— Eu... por que isso? — Engoli em seco. — Por que eu?

— Conforme eu for lendo, você entenderá melhor. Preciso de alguém cru, jovem e que não entende nada do processo para evoluirmos alguns parâmetros da empresa. Mas tem que ser de forma oculta, para que os nossos colaboradores possam ter liberdade para se expressar com sinceridade.

— Senhor Osvaldo, eu sou péssima com pessoas.

— Observar, Scarllat. Olhos e ouvidos atentos, quanto menos interação, melhor. — Ergueu a caneta e bateu no papel na minha frente. — Vamos lá, vou explicar cada um dos termos.

Ele leu as cláusulas e explicou cada uma delas, no ponto de vista da empresa. O homem estava disposto a melhorar a vida profissional de cada um da Dan Financeira, ao descobrir suas dores e metas.

Fui relaxando ao perceber que teria que ser apenas eu mesma. Passar despercebida, ficar em silêncio e observar. Era o tipo de coisa que combinava comigo, além da profissão dos meus sonhos.

O acordo de trabalho acabou se tornando vantajoso, porque eu trabalharia no horário comercial e teria estabilidade. A garantia de que não ficaria desamparada por um bom tempo me motivou a obedecer a todas as ordens do senhor Osvaldo.

Quase tinha me esquecido sobre o filho dele, professor Samuel. Ele estava fora daqueles que eu deveria acompanhar, mas eu estava determinada a fazer isso por minha conta.

Por mais bobo que fosse o pensamento, eu ainda arrancaria um elogio daquela boca que só sabia despejar críticas. Se ele não estivesse sendo pago pela universidade para nos orientar e soltasse suas observações na frente dos meus colegas de turma, poderia ser considerado abusivo. Mas, as críticas mais severas, ele falou

apenas para mim. Na frente de todos, era apenas o básico sobre eu não ter o espírito empreendedor.

Se você não é um líder nato, precisa exercitar essa habilidade, ou o mercado de trabalho irá te devorar. Essas e outras frases icônicas foram tatuadas na minha mente.

Eram todas para mim, apenas para salientar o quanto eu não era o suficiente.

Fui apresentada a minha equipe. Teria como chefe imediato o senhor Augusto. Ele não parecia ser tão mais velho do que eu, nem meus colegas de programação, o que me deixou mais confortável.

Depois passamos no setor de recursos humanos e recebi uma lista de documentos e exames para serem feitos antes de iniciar os trabalhos na Dan Financeira.

Por mais que uma pitada de receio quisesse me impedir de aceitar aquela oportunidade, eu a deixei de lado para fazer, exatamente, como fui ensinada: cuidar de mim. Seguir minha vida.

Nenhum professor CEO iria me intimidar.



SAMUEL
Vitti Dan

Capítulo 4

Caminhei sem pressa, escutando os meus passos ecoarem pelo local. Era errado, perverso e antiético, um lado meu que eu não conseguia frear perante tantas regras que eu ditava e seguia.

Todos deveriam cumprir e ser excepcionais.

Minha postura era impecável, até que a sexta-feira chegava e meus dedos corriam para os contatos no meu celular. Não havia nomes de mulheres, mas códigos de cores, que remetiam a cor da calcinha que seria usada no ato.

Aleatórias, conhecidas, alunas que não foram minhas... aquelas que estavam dispostas a se entregar a minha fantasia sexual, tinham a recompensa de serem veneradas pelas minhas mãos e boca.

Sem nomes. Sem visão.

Eu aproveitava que o campus da universidade era amplo e tinha poucos vigilantes noturnos para o meu momento. Dentro de uma sala de aula, em cima de uma carteira, contra o quadro, eu possuía o corpo e a alma daquelas voluntárias. Eu precisava das submissas, com pouca experiência ou que se assustavam por estarem transando com um desconhecido.

Maiores de idade, nunca virgens. Eu cometia o meu ato imoral, abusando do meu poder financeiro, para satisfazer o monstro que vivia dentro de mim. Enquanto eu era correto e crítico durante a semana, na sexta-feira à noite, eu seguia para o extremo oposto.

Parei na porta da sala, conseguindo enxergar ao meu redor, tendo apenas a lua e as luzes distantes como referência.

Minha cor da noite era #005905 (verde escuro). Com o rosto vendado e usando apenas uma calcinha minúscula para me deixar com tesão, a mulher tremia e seu corpo se arrepiava pela antecipação.

Eu não falava, nem ela. Tudo era devidamente acordado e, se não seguisse o que Gabriel solicitara, outra era encontrada para o ato. O meu funcionário com nome de anjo apareceu no meu campo de visão, fez um sinal positivo e saiu da sala. Ele manteria a guarda enquanto eu alimentava a minha fantasia, dentro de uma sala de aula, com uma aluna.

Todas eram mais jovens do que eu e não me tiveram como professor. Eu ministrava aulas de Empreendedorismo na ausência de contratos temporários, era algo que gostava, mas não me acalmava tanto quanto o sexo daquela forma.

Aproximei-me da #005905, toquei seu ombro e deslizei meu dedo pelo seu braço. Seu corpo se arrepiou, os bicos dos seios já estavam duros e clamavam para que fossem sugados.

Puxei uma cadeira e fiz barulho alto de propósito, ela ofegou, mas não falou. Boa menina, tudo poderia acabar se ela soltasse qualquer palavra.

Sentei-me de frente para o encosto, puxei-a para colar sua barriga na cadeira e lambi um dos seios, sem pressa. Senti a textura do bico, a suavidade da pele ao redor

e o quanto era firme para ser sugado.

Inspirei, tomando-o por completo na boca, como se dele pudesse extrair o melhor dos néctares. Lambi fazendo círculos e voltei a dominar, enquanto minhas mãos tocavam as laterais das suas coxas.

Fui para o outro seio enquanto minhas mãos testavam a maciez das suas nádegas. Brinquei com o fio-dental enquanto me fartava daquele bico empinado. Meu tesão pela grande diferença de idade vinha do proibido, despudorado e do quanto sua jovialidade perante a minha experiência poderia ser perturbadora.

Apesar dos meus 39 anos de idade, eu mantinha uma rotina de academia e alimentação saudável durante a semana, o que me fazia parecer jovem. Os fios brancos estavam querendo aparecer, mas não com a mesma intensidade que os do meu pai.

Explorei entre as nádegas até que achei o buraco enrugado. Eu começava por ele, sempre o fazia, porque comigo era um jogo intenso. Sem ver, sem me conhecer, apenas o sentir entrava na rodada.

Massageei seu ânus enquanto distribuía beijos pela sua frente. Ela começou a soltar gemidos baixos, estava se contendo para não extrapolar os limites.

Levantei-me da cadeira, tirando minhas mãos dela e sorrindo para seu bico de protesto. Coloquei a mão nas suas costas, deslizei da lombar até a nuca e a fiz se inclinar para frente, se deitando em uma carteira.

Virei a cadeira e fiquei de frente para a sua bunda. Segurei nas laterais da sua calcinha e deslizei pelas suas pernas, até chegar aos joelhos e então cair no chão pela gravidade.

Tirei do bolso do meu paletó um lubrificante comestível e lambrequi sua bunda, depois entre as nádegas, para a preparar para o primeiro orgasmo.

Abri suas pernas, encontrei sua boceta e lhe dei um beijo íntimo, subindo e descendo entre os dois buracos. Minha língua brincava com seu clitóris e um dedo entrava e saía do seu ânus, para ajudar na estimulação.

Seus gemidos ecoaram pela sala e isso intensificou o meu tesão. Eu protelava ao máximo colocar meu pau em jogo, porque com ele, era apenas um meu momento.

Suguei e senti seus fluidos, ela era tão doce quanto as outras que provei. Percebi que se aproximava do seu ápice, foquei em seu clitóris até que ela se desmanchou na minha boca, rebolando e buscando seu próprio prazer. Era o máximo de autonomia que elas tinham comigo, porque nos outros momentos, quem comandava era eu.

Tirei a boca dela e massageei suas pernas e costas. Deixei que tomasse um fôlego e que sua intimidade pulsasse menos, porque eu lhe daria mais um orgasmo antes de entrar em cena.

Fiz com que se levantasse, virei-a para ficar de frente e se sentar na carteira. Abri bem as suas pernas e trouxe sua mão junto com a minha para lhe dar prazer.

Eu era o professor perverso vendo a aluna safada se masturbando debaixo do meu nariz.

Quando ela ganhou confiança para se masturbar sozinha, afastei-me para me preparar. Com meus olhos nela, enquanto ela se esfregava e penetrava os dedos, eu abaixava minha calça, colocava camisinha e aguardava.

No anúncio do seu clímax, com gemidos e respirações ofegantes, eu a deitei de costas e ergui suas pernas. Posicionei minha ereção no seu buraco enrugado e fui invadindo, pouco a pouco, enquanto ela relaxava pela minha intrusão.

Com um braço, segurei suas pernas dobradas, com o outro, estiquei para que minha mão alcançasse seu seio. Apertei e o massageei, ajudou para que o tesão a encontrasse tanto quanto comigo.

Era apertadinha, receptiva e completamente proibida.

Entrei e saí com mais velocidade, conforme fui ganhando espaço, e a fodi pensando apenas no meu orgasmo. Treinado para durar por horas, eu gozei sem esporrar, para que meu pau continuasse duro e pronto para a foder em outra posição.

Saí de dentro dela, levantei-a em meus braços e a carreguei, com suas pernas ao redor da minha cintura, até a mesa do professor.

Empurrei a cadeira, sentei-me e a coloquei para me cavalgar. Na minha mente, o diálogo mais pornográfico intensificava o momento.

“Você não foi bem na prova, senhorita”, eu falaria cheio de tesão enquanto me encaixava em sua boceta.

“Preciso de uma aula particular, professor”, ela diria, com a voz promíscua e sem pudor.

“Vou te dar o reforço necessário para passar de matéria”.

Com as mãos na sua cintura, ajudei-a a subir e descer, estimulando todas as terminações nervosas da região. Em um primeiro momento, com lentidão, para nos transformar em expectativa. Depois, a soltei para pular, rebolar e se esfregar.

Algumas conseguiam um terceiro orgasmo, mas eu não me preocupava, porque era eu no comando. Subi com a mão na sua nuca, apertei o cabelo e lhe dei o beijo final, que me fazia gozar sem controlar meus instintos.

Na minha fantasia, a #005905 tinha sido uma aluna fora dos padrões e estava me convencendo de que poderia ser melhor, em outra área. Nem todos precisavam serem empreendedores, mas bons em obedecer.

Beijei e suguei os lábios da minha amante da noite, com ferocidade e frustração. A imagem que se fez na minha mente se misturou com a de uma certa aluna que, além de me desafiar com o olhar, era a única que tinha conseguido me deixar com tesão fora do meu horário definido para realizar meus desejos sombrios.

Eu queria Scarllat. Fui babaca o suficiente para que ela me odiasse e não se aproximasse mais que o necessário. Pensei que a tinha superado, mas o destino tinha outros planos para a minha sanidade. Ou melhor, meu pai.

Tirei a mulher de cima de mim, ajeitei minha roupa e deixei com que Gabriel resolvesse a dispensa da #005905. Meu desejo sexual tinha sido abrandado, mas o monstro dentro de mim se mostrou insatisfeito. Scarllat tinha voltado para o meu mundo e eu só conseguia pensar nela e na cor #a64248.

Não precisava ser vidente para saber que eu foderia com tudo, de todas as formas possíveis.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 5

Andei pela empresa, receosa sobre estar indo para algum lugar errado. A secretária do senhor Osvaldo me indicou o caminho, mas aqueles corredores e salas eram intimidantes. Eu, finalmente, trabalharia em uma empresa de verdade.

Quando vi as letras TI acompanhadas de outras palavras, suspirei aliviada. O departamento de tecnologia da informação era menos aterrorizador que a superintendência administrativa e análises financeiras.

Bati duas vezes na porta e a abri devagar, para anunciar minha chegada. Tão branca e silenciosa, a sala tinha uma ilha com quatro estações de trabalho localizadas no centro. Em um canto, uma sala com paredes de vidro, contendo servidores e a parte de infraestrutura, do outro lado, um grande balcão, equipamentos espalhados e um grande quadro branco.

— Olá. Sou Scarllat — cumprimentei aquele que me encarou mais ao fundo, com barba bem alinhada e cabelo penteado para trás. Ele sorriu e se levantou, fazendo com que os outros três se virassem na minha direção.

Percebi que estavam com fones de ouvido, por isso não tinham feito aquele movimento antes.

— Muito prazer, eu sou Augusto, chefe do departamento de TI. — Estendeu a mão e o cumprimentei com um aperto leve. — Acabei de receber a mensagem do chefe sobre a sua chegada. Quer fazer parte do nosso time de programadores?

— Sim — respondi preocupada com o que existia subentendido nas palavras dele.

— Venha, vamos conversar primeiro, depois eu apresento a equipe. — Foi até o balcão lateral, puxou uma cadeira e a levou para próximo da sua mesa. — Trouxe um currículo?

— Não. — Tentei não fazer uma careta, mas meu coração estava tão acelerado, que me deixou desconfortável. — Mas eu tenho no meu e-mail. Posso te enviar. — Fui tirar o celular do bolso, mas o homem negou dando um sorriso apaziguador.

— Sem problema. Qual sua formação? — Ele se sentou e fez o mesmo, com as mãos em cima do meu colo e a coluna reta.

— Análise de Sistemas. Fiz na universidade federal. — Tentei melhorar a impressão que o chefe parecia ter de mim, já que havia um certo status na minha graduação.

— Certo. Qual sua experiência em programação?

— Eu era a melhor da minha turma em algoritmo. — Percebi que tinha falado alguma bobeira, quando a testa dele franziu. — Estagiei como suporte de sistema e criação de documentação do software. Gosto de trabalhar, sei que aprenderei rápido.

— Em que linguagem você programou? Angular? Java? Python?

— C e Pascal. Mas eu tive um pouco de Delphi também e PHP.

— E sobre banco de dados?

— Aprendi um pouco de SQL, mas o professor teve que interromper a matéria logo no início, então eu busquei aprender por conta própria.

— Finalmente alguém vai usar o manual de programação da Dan Financeira. — Virei o rosto para encarar o homem que estava do outro lado da ilha de trabalho. Olhos claros e sorriso leve, ele parecia alguém de alma leve. — Foram quase dois meses fazendo para ser deixado de lado.

— Sim, ela vai precisar estudar e se dedicar dobrado para nos alcançar, Denis — Augusto falou sério e concordei com a cabeça. Era uma oportunidade única e eu me empenharia 200%.

— Não precisa de tanta formalidade, Sushi. Você está assustando o nosso quinto elemento. — Ele rebateu divertido e apontou para o seu lado. — Você pode me chamar de Hortelã. — Estendeu a mão e mostrou uma embalagem de balas daquele sabor.

— Eu sou Vitor. — O outro rapaz me encarou sério, mas simpático. Seus lábios eram carnudos e a cabeça estava raspada.

— Ele é o Coxinha e esse cabeludo é o Paçoca. — Hortelã tomou a frente e continuou as apresentações.

— Muito prazer, senhorita. Meu nome é Neymar. — O último estava mais próximo de mim e estendeu a mão para que fosse cumprimentado.

— Olá — tentei soar simpática, apesar de estar envergonhada. Mesmo que tivesse sido a única mulher da minha turma de faculdade, nos primeiros momentos, como aquele, eu me sentia retraída.

— Precisamos arranjar um apelido para você. — O entusiasmo de Hortelã me fez recuar um pouco mais.

— Vamos com calma, tudo bem? — Augusto olhou para os três com repreensão e depois para mim com mais tranquilidade. — Tudo bem, você precisará estudar em casa e conhecer a nossa ferramenta de trabalho. Acha que dá conta?

— Se eu puder acompanhar algum de vocês trabalhando, conseguirei ir mais rápido. Eu aprendo com mais velocidade, tendo exemplos. — Respirei fundo com medo de não ser aceita por eles. — O que preciso é de uma oportunidade. Sou focada e adoro um desafio.

— Ela está doida para ajudar a resolver aquele bug, Sushi — Neymar comentou com ironia.

— Sou boa em lógica. Posso te ajudar se você me explicar o que está acontecendo. — Tentei esconder meu medo ao encarar Paçoca, que demonstrava surpresa pela minha postura.

— Você só poderá começar a trabalhar depois que passar no RH. — Sushi jogou um balde de água fria na minha tentativa de me mostrar útil. — Mais alguma experiência ou conhecimento para compartilhar?

— Edição de imagens, apresentação profissional e documentação de software. Mas eu, realmente, queria programar. — Estava apavorada de ser jogada de lado, novamente. Poderia ser submissa, mas quando se tratava do meu sonho profissional, eu conseguia algumas forças extras.

— Aqui, todos fazemos de tudo um pouco. — Apontou para o balcão. — Coxinha ajuda na manutenção das máquinas e impressoras. Paçoca faz artes gráficas e edição de imagens.

— Eu tento. Odeio isso. — O rapaz resmungou, mas sorriu para mim. — Será legal ter mais alguém com essa habilidade.

— E já sabemos quem vai participar das apresentações de releases, né? — Hortelã esfregou as mãos. — Os analistas financeiros vão diminuir as críticas quando a virem. É perfeito, Sushi.

— Vamos ver. — O chefe me encarou apreensivo. — Você foi muito bem recomendada, mas para ficar no setor é preciso se dedicar. Estamos em sincronia e um membro novo na equipe não pode mudar isso. Posso contar com você?

— Sim! — respondi, entusiasmada demais. — Eu não me importo de começar agora e ajudar o Paçoca.

— Será divertido encontrar um apelido para você, Scarllat. — Hortelã colocou uma bala na boca.

— Preciso que você fale com a Pabline do RH. Providencie tudo, depois falamos sobre trabalhar. — Augusto se levantou e colocou as mãos na cintura, olhando ao redor. — Temos que achar um lugar para você também.

— Podemos colocar uma mesa retangular na ponta. — O rapaz me ofereceu, novamente, uma das balas que lhe deu o apelido. Neguei com a cabeça e o chefe acenou afirmativo, pegando uma. — Ela ficará escondida.

— Sim. Teremos que afastar um pouco a ilha, mas vai dar certo. Vou ter que buscar o computador da sala de apresentação, estamos sem equipamento reserva. — Apontou para a porta e me levantei para sair. — Sabe onde fica o RH?

— Não.

— Vou te levar até lá. — Colocou a mão nas minhas costas e os rapazes riram de alguma piada interna entre eles.

— Mande lembranças para Pabline. — Hortelã acenou antes de sairmos e Augusto xingou baixo, mas não deu maiores explicações.

Descemos um andar e chegamos a uma parte mais arejada da empresa. Tinha o refeitório, um salão e salas mais ao fundo.

— Aqui são feitos os eventos e apresentações, além de usarmos como descanso depois do almoço. Todos comemos por aqui, mas você pode sair ou trazer sua comida. Fica a seu critério.

— Está ótimo para mim almoçar com vocês. É muito caro? — Comecei a fazer alguns cálculos, torcendo para que o dinheiro que eu fosse receber como salário cobrisse meus gastos.

— Está incluído nos benefícios da Dan Financeira. — Paramos em frente a uma porta e ele hesitou antes de a abrir. — Bom dia, Pabline.

— Oi, Augusto — uma mulher de óculos, coque e sentada atrás de uma mesa o cumprimentou animada. — Olá, você. — Ela ficou séria de repente.

— O Dan pai falou com você? Scarllat vai ser contratada para fazer parte da minha equipe. Providencie toda a documentação, e que ela assine os termos de compromisso e sigilo.

— Ah, entendi. Não estou sabendo, mas confio em você. — Ela voltou a sorrir e me encarou simpática. — Seja bem-vinda.

— Obrigada.

Suspirei aliviada pelo cumprimento caloroso. Era o caminho para ser aceita na minha área de atuação e eu faria de tudo o que estivesse ao meu alcance para pertencer àquele lugar.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 6

Foram três dias com a ansiedade não me deixando dormir e a alegria me impedindo de ver o lado ruim de tanto cansaço. Fui orientada pela Pabline a fazer o exame médico admissional, tirar certidões negativas e conseguir uma cópia do meu diploma.

Eu tinha solicitado à universidade desde que me formei, mas nunca tinha ido pegar. Ainda bem que eles guardavam até o graduado esquecido aparecer.

Com tudo em mãos e próximo do horário do almoço, cheguei ao edifício comercial e pedi para que ligassem para o RH da Dan Financeira, para autorizar minha entrada.

Estava animada para ter meu próprio crachá, passar pelo sensor e bater meu ponto. Tinha sido instruída sobre atrasos e banco de horas, além do refeitório e das ausências por motivo de saúde. Nunca faltei a um compromisso enquanto estudava, faria da mesma forma com o meu emprego.

Com uma pasta de documentos na mão e um cartão de visitante, passei pela catraca e fui até o elevador. Sozinha dentro dele, apertei o andar 18 e rapidamente cheguei ao meu destino.

Por ser próximo do horário do almoço, algumas pessoas estavam no salão e indo para o refeitório. Não me passou despercebido que a maioria era de homens.

Sem dar atenção a ninguém, segui com passos rápidos até o RH e encontrei Pabline em sua mesa. Ela era a secretária e quem fazia o atendimento aos colaboradores. Mais ao fundo, tinha uma sala, que era onde toda a magia do setor acontecia.

— Aí está você! Achei que tinha desistido. Já iria te ligar — ela falou animada e se levantou para me cumprimentar com um beijo no rosto. — Está tudo bem?

— Sim. Tive um pouco de dificuldade de pegar o meu diploma, mas está tudo certo. — Sentei-me na cadeira que ela tinha puxado para mim, coloquei a pasta em cima da mesa e ela conferiu todos os papéis, tirando os itens que estavam de acordo.

— Você também solicitou e não foi buscar depois de trinta dias úteis?

— Eu achei que não iria precisar tão cedo, já que estava vivendo de bicos.

— Bem, seus dias incertos acabaram. Assine aqui, por favor. — Apontou com o dedo e me entregou uma caneta.

— Qual documento é esse? — Estranhei quando não achei nenhuma referência no início.

— O chefe pediu que fosse admitida com todos os seus direitos desde o primeiro dia, tive que improvisar e não consegui formatar adequadamente. O que importa é o conteúdo. Aqui está o contrato de trabalho e termo de sigilo do setor de TI. Acredito que você causou uma boa impressão ao senhor Osvaldo.

Franzi a testa e ela inclinou a cabeça para o lado, me analisando. Tudo bem que estava em vantagem e o homem parecia interessado em me ajudar, por conta do meu

primo-pai falecido, mas eu não queria ser tratada como um cabide de emprego.

— Ele tinha comentado, mas eu não me importo de seguir os mesmos trâmites que os outros. Augusto falou que iria me testar primeiro.

— Pois é, mas nem o CEO tem o poder de mudar as decisões de Osvaldo Dan. Aproveite a mordomia.

— Mas não é ele o dono da empresa?

— Sim, mas não está à frente dos negócios. Quem o faz é Samuel Vitta Dan, o filho. Já o conheceu?

— Ele foi meu professor de Empreendedorismo no último ano de faculdade.
— Soltei a caneta e tentei entrar em um acordo comigo mesma sobre aceitar o que estava acontecendo. Era meu objetivo profissional trabalhar com programação, mas também, eu tinha um pinga de orgulho para fazer por merecer.

— Ah, então ele deve conhecer sua competência e deu aval. Ninguém melhor para saber sobre nossa aptidão que nós mesmos, depois, nossos professores. Minha chefe também esteve comigo na faculdade, causei uma boa impressão desde sempre.

— Não sei se foi a mesma coisa comigo. — Cocei a minha nuca, ainda preocupada com o rumo daquela conversa. — Pabline, eu...

— Vou ser sincera, Scarllat. Aqui é uma ótima empresa para se trabalhar, você terá tantos benefícios quanto um salário acima da média no mercado. Em nenhum momento te vi perguntar sobre o valor e não o falei sobre isso de propósito, para saber qual era o seu interesse.

— Quero trabalhar com programação — fui sincera.

— Sim. Será divertido ter um toque feminino na equipe de Augusto. — Ela sorriu e bateu o dedo no meu papel. — Vamos, termine de assinar os papéis que já vou providenciar suas credenciais enquanto você se ajeita no departamento de TI.

— Vou poder começar hoje? — A animação me fez esquecer as dúvidas e a obedecei.

— Por favor. Depois, vamos almoçar juntas. Estou cansada de ficar sozinha.
— Ela me deu um olhar pidão e me senti acolhida pelo ato amigável.

— Sim, vou ficar com você.

— Parece que estamos em uma escola americana. Cada mesa tem um dono, é complicado arranjar alguém para conversar enquanto come.

— Confesso que não sou muito tagarela.

— Serei por nós duas, basta rir quando eu contar uma piada.

— Pode deixar, isso eu consigo fazer.

— Vamos lá.

Ela se levantou quando terminei de assinar os papéis e me guiou até a porta. Entendi como um convite para ir trabalhar e estranhei que estivesse me acompanhando até a escada.

— Vai comigo para o setor de TI? — questionei quando fui subindo os degraus.

— Sim. Eu adoro perturbar os rapazes e eles, a mim. Enquanto alguns têm medo do setor, eu sou uma das poucas que tem abertura para conversar sem grandes complicações.

— Eles parecem ser bem unidos. O Hortelã... quero dizer, Denis, é bem divertido. — Soltamos um riso baixo. — Já estou me acostumando com o apelido.

— Se eles exagerarem na brincadeira, só me avisar, tudo bem? Todo mundo que passa naquela sala ganha um nome de comida. A zoeira é do mesmo tamanho dos corações deles.

— Eles te chamam de algo?

— Panetone. Mas só me chamam assim próximo do Natal. — Chegamos ao andar e ainda estávamos rindo. — Curiosa para saber o apelido que você ganhará.

— Pastel de vento, já que como pouco. — Dei de ombros e ela negou com a cabeça. — Sem graça.

— Com toda certeza. O Panetone que ganhei tem a ver com um presente errado do amigo secreto da firma. Uma longa história, no almoço te conto.

— Combinado.

Ela não bateu na porta da sala, abriu-a como se fosse dona do lugar e se revelou sem nenhuma intimidação.

— Bom dia, meus cientistas favoritos. Onde minha amiga vai trabalhar?

— Bom dia. Do meu lado — Augusto respondeu mais alto enquanto os outros murmuravam seus cumprimentos. Diferente do dia em que fiz entrevista, eles estavam focados nas suas atividades. — Venha, Scarllat. Estou precisando de mãos e olhos extras para uma conferência.

— Ela foi contratada para programar — Pabline falou em minha defesa e fui até a estação de trabalho, mais ao fundo. Quase não consegui a afastar para me sentar.

— Tivemos uma atualização de sistema problemática. Essa é a parte do pós-desenvolvimento.

— Que emocionante.

— Sempre é.

Os dois ficaram se encarando por alguns segundos antes da moça do RH acenar para todos e sair da sala sem mais entusiasmo. Mesmo eu, que não tinha experiência nenhuma com relacionamentos, sabia que os dois tinham um assunto mal resolvido.

Deixei minha pequena bolsa ao meu lado na mesa e tirei o celular do bolso traseiro da minha calça. Liguei o computador e um papel foi posto em cima do meu teclado pelo Vitor, o mais quieto de todos.

— Seu login e senha da rede e do e-mail. Também criei um perfil para você nos sistemas.

— Obrigada. — Sorri quando ele suavizou o olhar para mim.

— Enviei um e-mail com uma planilha. Vou precisar que confira algumas informações e veja quais estão repetidas até antes do almoço. — Augusto estava vidrado no seu computador.

— Tudo bem, não estou com fome mesmo.

Entrei no clima agitado em que eles estavam e segui daquela forma até o fim do expediente. Tinha contribuído para que eles resolvessem a ocorrência e sentia como se tivesse ganhado o dia.



SAMUEL
Vitta Dan

Capítulo 7

Bati na porta da sala do meu pai e entrei antes de receber a sua autorização verbal. Estava irritado sem nenhum motivo aparente. A verdade era que eu sabia o que me incomodava, mas nunca iria assumir, nem para mim mesmo.

— Pai — cumprimentei-o seco e fui até a cadeira na frente da sua mesa, para me sentar.

— Bom dia, meu filho. Recebeu o e-mail do senhor Gomes?

— Sim. Está tudo encaminhado. Não vim falar sobre esse assunto. — Respirei fundo e me ajeitei no assento. — Até quando vai continuar com a caridade com aquela menina?

— Que menina? — A atenção dele, que antes estava no computador, se tornou toda minha. — Está falando de Scarllat?

— Qual outra o senhor contratou recentemente? — Ergui as sobrancelhas em repreensão. — Eu vi o que o senhor fez e irá dar um tiro no pé.

— Elucida-me, por favor. — Relaxou na cadeira e segurou o sorriso, como ele fazia quando eu era um adolescente cheio de questionamentos. Isso me irritou.

— Não fez contrato de experiência. Mexeu na equipe de Augusto sem antes o consultar. Ela mal sabe programar, e fui o professor dela na faculdade, não há habilidade de liderança. Será um cabide de emprego.

— Você a conhece tão bem assim?

— O suficiente. Se não estava dedicada para a faculdade, fará pior no mercado de trabalho. — Inclinei-me para frente e mostrei minha seriedade. — Sabe que não tenho problemas com pessoas, a não ser que elas sejam incapazes para os cargos que ocupam.

— Scarllat está motivada e dará conta do recado. Pode confiar em mim.

— Está com seu juízo nublado por conta daquele seu amigo da lanchonete. — Joguei baixo e a testa do meu pai franziu. — Podemos indicar outro lugar para trabalhar, não aqui.

— Seria ela um problema ou você? — Cruzou os braços e recostou na cadeira de forma paciente. Völtei à minha posição e ele me analisou minucioso. O que eu poderia dizer, se não uma mentira deslavada? O problema de ter aquela garota por perto era que outro lado meu queria tomar conta. — Augusto te falou alguma coisa? Para mim ele não reclamou.

— Essa não é a questão.

— Então, meu filho, deixe a menina mostrar serviço antes que você a mastigue como chiclete. Sei o quanto gosta de levar seus alunos ao limite e, às vezes, faz o mesmo com os colaboradores da Dan Financeira.

A referência de a colocar na minha boca, mastigar e comer não ajudou a minha irritação a diminuir. Eu tinha muito trabalho a ser feito. Estar excitado por conta de uma ex-aluna que estava no meu caminho não era a melhor situação.

— O senhor está prestes a se aposentar e confia no meu julgamento de caráter. Então, por favor, só ajude essa garota de outra forma, não atrapalhando o bom desenvolvimento da equipe da TI. Sabe que eu estive presente em todos os processos, aquele é o único lugar que está do meu jeito.

— Quem te ensinou a gerenciar, meu filho? — Ergueu uma sobrancelha em desafio.

— A faculdade e minha experiência de vida.

— E eu, Samuel. Enquanto negar que parte do que você é vem de mim, você entrará em negação e nublará seu raciocínio para uma boa tomada de decisão. Scarllat está motivada, além de ela ter o brilho nos olhos de quem quer mostrar serviço. Use e abuse disso, mostre que você quer ver o melhor dela, não que duvida da sua capacidade.

— Pai, não temos o mesmo sangue. — Levantei-me com chateação, odiava ter que jogar na cara dele que eu era apenas o filho adotado. Apesar de ser grato por tudo o que ele fez, eu sabia que era sozinho.

— Continua sendo meu filho e sua mãe morreu tendo orgulho do homem que você se tornou. Então, não importa o DNA que corre em suas veias, nós estamos vinculados por mais que você adore reforçar a distância. — Inclinou a cabeça para o lado e sorriu com tristeza. — Talvez, o que te incomode nela seja o quanto vocês são parecidos.

— Eu não sou igual à Scarllat. Se a conhecesse como eu, veria da forma que eu a enxergo, mas, pelo visto, sua decisão já está tomada.

— Sim, Samuel. A menina ficará e não vai me decepcionar. Consequentemente, irá te surpreender.

— Não positivamente. — Acenei com a cabeça em despedida. — Com licença, bom trabalho.

— Para você também.

Saí da sua sala pisando firme. A chateação se transformou em frustração, porque eu estava parecendo um garoto mimado ao invés de um empresário que atropelava quem estivesse na frente do seu objetivo. Eu a queria fora da Dan Financeira, então, o mais sensato seria ignorá-la enquanto não tivesse o meu caminho cruzado com o dela.

Voltei para a minha sala e precisei colocar uma música para que os pensamentos não me impedissem de trabalhar. Coloquei os fones bluetooth e escolhi a playlist com música agitada.

“Você não pode resistir, como uma mariposa para uma chama

Você sabe que vai queimar, mas às vezes você gosta da dor

Este é o seu jogo favorito

Mas você vai ser derrotado

E você nunca vai vencê-lo”

APOC, Tejbz, Smash Into Pieces – Wake Up

Verifiquei o sistema e mergulhei nos números. Eu deveria estar preocupado com a gestão e não com a análise, havia um setor com pessoas especializadas naquilo, mas só a lógica conseguia me fazer sair daquela espiral de incerteza que queria me dominar.

Também estava em busca de algum *bug*, para que eu pudesse ir até o setor de TI solicitar manutenção pessoalmente. A equipe de Augusto já me conhecia e sabia o quanto eu era exigente, estava na hora da nossa colaboradora entrar na linha.

Quando a obsessão se tornou perceptível, larguei o fone em cima da mesa, afastei minha cadeira e fechei os olhos, relaxando minhas costas. Puta merda, eu iria beirar o assédio se implicasse com ela mais do que estava fazendo com o meu pai.

Ajeitei a calça na minha virilha e percebi que estava levando tudo para outro lado. Meu lado pervertido queria colocar Scarllat como uma das minhas alunas para realizar um fetiche, logo ela, que não cabia naquele papel. Além de eu saber o quanto era descompromissada, ela tinha se tornado uma colaboradora da Dan Financeira. Estaria levando o meu fetiche para outro nível.

Peguei meu celular, busquei o contato de Gabriel e fiz um pedido. Precisava de outro encontro, para que tirasse o foco da menina para uma mulher. Disposta e

entregue, comigo no comando, era assim que eu me sentia bem.

Respirei aliviado quando meu motorista e assistente pessoal respondeu prontamente. Ele era bem pago para conhecer as alunas da faculdade em que ministrei aulas e encontrava aquelas que eram adeptas à liberdade sexual. Apesar da minha falta de ética, forçar nunca estava nos meus planos.

Sem virgens ou aquelas que buscavam um relacionamento duradouro. Sexo desconhecido, corpos em chamas e dominação, esse era o meu remédio semanal para não perder o controle do monstro que vivia dentro de mim.

Olhei para o monitor, que exibia um relatório sintético e uma ideia para manutenção surgiu. Arrastei minha cadeira para frente, abri o e-mail e fiz a solicitação da nova funcionalidade no sistema para Augusto. Se seria Scarllat a executar ou um dos outros rapazes, não importava. Quanto mais demanda, mais chance de ela colocar a mão na massa.

Errando ou acertando, em algum momento, ela cairia na minha sala e eu descobriria se meu pai estava certo ou não a seu respeito.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 8

— Então, cara. É exatamente o oposto, você precisa incluir os números, depois gerar o relatório de estatística. O sistema não tem como saber o percentual que você quer calcular. — Neymar Paçoca estava ficando irritado e, mesmo estando com fones de ouvido, eu estava prestando atenção na conversa dele por telefone. — Não. Faz o seguinte, vem aqui que vou te mostrar. Tudo bem, no aguardo.

— É o Eriko de novo, sobre o relatório de estatística? — Denis Hortelã perguntou, segurando o riso.

— Você já não fez um manual sobre ele? — o chefe Sushi perguntou, tirando o fone de ouvido.

— Usuário sendo usuário — Vitor Coxinha murmurou sem querer entrar na conversa.

— Ele não me entende! — Meu colega jogou os braços para cima, frustrado. — Sou péssimo como suporte, meu negócio é programar.

— E não é o nosso papel fazer isso, ainda mais com alguém que já teve treinamento, mais de uma vez. — Sushi franziu a testa e olhou ao redor. Quando seu olhar encontrou o meu, eu sorri, porque eu tinha muita habilidade em explicar, apesar de não ser o meu foco. — Você conhece esse relatório, Scarllat?

— Estou começando o meu mestrado nele — brinquei, tirando o meu fone de ouvido. — Esse é aquele relatório cheio de parâmetros, certo? Realmente, pode deixar o usuário confuso.

— Como assim? Está tudo escrito e detalhado na tela. — Hortelã estendeu as mãos para o seu monitor. — Eu que fiz, não fale mal da minha obra de arte. O pedido veio da diretoria, o senhor Dan aprovou e o filho fez alguns apontamentos, mas no fim, bateu o martelo em tudo.

— Já ouviu falar que menos é mais? — Mantive minha postura tranquila, ele revirou os olhos. — Quando há uma reclamação recorrente, ou mesmo um chamado para atender a mesma coisa, isso quer dizer que precisa de mudanças.

— Quem manda na empresa são os CEOs. Estou seguindo o pedido deles.

— Mas quem está reclamando é o usuário. Olha só como tirou o Paçoca do modo zen dele. — Todos riram e meu colega de trabalho, para entrar na brincadeira, fez gestos de mente explodindo. — Sei que sou a última na fila do pão para dar pitaco no que vocês fizeram, mas poderíamos criar uma tela anterior a essa, apenas com os parâmetros mais usados. Sabe aquele botão de “mais campos para pesquisa”? Quem manja, vai nele, quem não sabe, escolhe só o que está exposto.

— Então, outros usuários vão reclamar que sumiram os campos. Já tentamos isso, é desastroso — Coxinha comentou, sombrio.

— Nenhuma alteração será feita no sistema, mas gostei da ideia. — Sushi sorriu para mim. — Vou colocar como sugestão de atividade para a próxima *sprint*. Pode ser uma tela configurável para cada usuário.

— Se isso fizer com que o Eriko não me ligue toda semana, acho ótimo. — Hortelã fez uma careta.

Bateram na porta e a atenção de todos foi para ela se abrindo. Um homem desconhecido apareceu e, pela reação disfarçada do meu colega, era o tal senhor que estava no telefone.

— Olá, bom dia para vocês. — A atenção dele veio para mim e não gostei do que senti com seu escrutínio. — Tem funcionária nova?

— Sim, Scarllat agora faz parte da equipe. — Augusto me apresentou e estendi o braço quando o homem se aproximou para me cumprimentar.

— Olá.

— Sou Eriko. O que você faz na TI?

— Todos somos analistas. Pega uma cadeira. — Hortelã apontou para um canto e o homem fez como orientado. — Vou te mostrar como pode ser gerado o relatório. Vou tirar *print* e fazer o passo a passo para você não esquecer.

Numa tentativa de aliviar o estresse do meu colega, a cada frase técnica que ele falava, eu complementava com uma que fosse mais fácil do usuário entender. A diferença entre os profissionais de TI que viviam no escritório e aqueles que conversavam com pessoas que não entendiam do assunto era que tínhamos um vocabulário diversificado.

E, além de bom suporte de sistema, eu era curiosa em saber como tudo funcionava. Estando na Dan Financeira, alcancei meu objetivo, que era a programação. Ainda não estava colocando a mão na massa como os outros rapazes, mas conquistava a confiança deles a cada tarefa entregue.

Tinha dificuldade, mas deixava de almoçar para suprir esse desnível de aprendizado.

No fim do atendimento com o Eriko, eu estava com minha cadeira ao lado dos dois, dominando a explicação. O homem parecia maravilhado e, quando se levantou e tirou um bombom amassado do bolso para me entregar, achei indevido, mas aceitei constrangida.

— Obrigada.

— Entendi tudo, nem vou precisar desse manual com *print* da tela.

— Mesmo assim, vou encaminhar no seu e-mail, caso a mente falhe novamente. — Hortelã estava mais tranquilo.

— Até logo, pessoal. Desculpe atrapalhar vocês.

Todos murmuraram alguma palavra de tranquilidade, Eriko foi embora e Paçoca apontou para mim com o dedo.

— Será Scarllat Bombom. Seu batismo na equipe se encerrou hoje.

— Você foi foda! — Hortelã se levantou e esticou os braços para cima em vitória. — Falou bem demais. Já sei que fará todas as apresentações para a diretoria, para entrega de *sprint*.

— Como assim? — perguntei assustada. — Gente, eu só falei com termos mais comuns. Tem coisas que é até errado para a TI, mas o usuário entende e faz o

certo.

— Adaptação. Você é uma ótima observadora e mostrou que estudou mesmo sobre o sistema. — Sushi apontou para o meu monitor. — Te encaminhei uma solicitação extra para ser executada. Tem a ver com esse relatório, acho que vai tirar de letra.

— Não se animem tanto. Usuários nunca estão satisfeitos, mesmo com a explicação da Scarllat. Realmente, foi muito produtivo. — Coxinha mostrou o polegar para cima e fiquei animada ao mesmo tempo que com medo.

— Qualquer dúvida na execução da tarefa, só perguntar para um de nós. — Sushi voltou a me orientar. — Tem um ambiente específico para testar os relatórios. Cadastre a atividade no sistema e coloque como prioridade.

— Posso terminar a que eu estava fazendo? Até o almoço estará concluída.

— Sim. Se precisar de mais tempo, repasse para um dos rapazes, para que foque apenas no que o Samuel Dan exigiu.

Acenei com a cabeça e coloquei o fone de ouvido, meu coração acelerou por conta daquele nome e eu não sabia explicar por que tanta euforia. Ou seria preocupação?

Ajeitei-me na cadeira e coloquei o bombom no lixo. Percebi que Neymar viu o que eu tinha feito, mas não comentou, apenas riu disfarçado. Não iria comer aquele doce amassado, ainda mais de um homem desconhecido que não me fez sentir tão confortável.

Coloquei uma playlist inspiradora para tocar e voltei a minha atividade antes de começar a nova demanda.

“Rendida a sua vontade

Abra sua mente e deixe-o derramar

Veja comigo

Engula seu medo

Encontre uma saída

Saída”

Eyes Set To Kill – Find Our Way

Recebi uma mensagem de Pabline no aplicativo de mensagem interno, perguntando se iria almoçar e recusei. Eu enchia minha barriga de água e só comia algo no jantar, para dar tempo de fazer tudo no trabalho.

Aquela oportunidade era a minha salvação e, se eu me dedicasse e atendesse o acordo com Osvaldo Dan, sabia que não me sentiria tão desamparada como aconteceu ao perder Neide e Júnior.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 9

Perdi o foco quando vi o Samuel entrar na minha sala e ir direto em Augusto. Eu estava executando a sua solicitação há alguns dias e fiquei com receio de que estivesse demorando além do que ele estava acostumado.

— Bom dia, Augusto. Preciso de um retorno do que pedi — exigiu, confirmando as minhas suspeitas.

Tirei o fone de ouvido e tentei não deixar a tensão dos meus colegas me contagiar. Sushi me encarou sério e forcei o sorriso, porque estava em fase de teste. Para confirmar que o relatório estava certo, eu tinha que conferir com outros do sistema, por segurança.

Trabalhávamos com valores e qualquer centavo fazia diferença no investimento.

— Temos algo, Bomb... Scarllat? — Ele quase soltou meu apelido. Mesmo que o bombom estivesse no lixo, eu tinha sido batizada pelos meus colegas com aquela comida que nunca apreciei.

— Sim. Estou na fase de testes. — Ergui meu bloco de anotações com papéis descartados da impressora e o CEO da empresa me encarou, confuso. — O senhor quer ver o que já foi feito?

— Não foi Denis que mexeu no relatório? Definimos que ele ficaria responsável por essa parte, para evitar conflito, como da última vez.

— Vai ser conferido por ele, não se preocupe. — Sushi se levantou e trouxe uma cadeira para Samuel. — Ela está indo muito bem.

— Obrigada — murmurei, me sentindo nervosa por ter o meu ex-professor tão perto. Ele era mais que um mestre, era o empregador que tinha o poder de acabar com o meu sonho ou o manter sendo realidade. Eu estava feliz com a chance que me deram e não iria a desperdiçar.

— Vamos, quero ver.

Engoli em seco e fui ágil no mouse para compilar o projeto. Assim que a página abriu e entrei na tela do relatório, o sistema que usava para desenvolvimento surgiu na tela com um *break point* marcado. Tossi e cancelei tudo o que estava fazendo, aquele era o modo de trabalho enquanto estava programando. Para uma apresentação, eu tinha que executar sem paradas ou conferências de valores internos, na versão *release*.

— Não estava em fase de teste? — Samuel perguntou seco.

— Sim. Foi apenas um botão errado que apertei, para te mostrar o sistema funcionando, como se estivesse em produção. — Percebi que minha mão começou a tremer de nervoso.

— Cliques rápidos podem nos fazer perder dinheiro.

— Ainda bem que estamos seguros na minha máquina, em ambiente de teste.
— O sistema abriu, fiz o login e apertei o relatório no menu. — Pronto.

— Por que mudou a tela? Eu não pedi isso. — Colocou o dedo no meu monitor. Troquei um olhar com Sushi, que me incentivou a continuar e tentei não sair correndo.

— Será uma sugestão para a próxima *sprint*. — Apertei um botão e a tela voltou ao normal. — Pronto, assim que ficará, eu só antecipei um passo.

— Você gastou seu tempo fazendo o que não lhe foi solicitado. — Negou com a cabeça e me lembrei do professor decepcionado com minha falta de proatividade. Naquele momento, ele era o CEO que estava me obrigando a fazer apenas o básico.

— Uma vez, um professor me falou que para fazer a diferença no mercado de trabalho, eu tinha que ir além do que me era ordenado. — Meu olhar estava no monitor, porque eu tinha certeza de que teria uma síncope se o encarasse. — Ser proativa me destacaria, desde que eu continuasse entregando o que era esperado.

A sala ficou em silêncio, com apenas o clique do meu mouse, o ar-condicionado e o barulho dos servidores que soavam. Respirei fundo e continuei com a apresentação, mostrando as alterações, o que ainda faltava fazer para as conferências e a melhoria de performance.

Aquela era eu esfregando na cara do professor que a motivação existia em mim, só não era estimulada por ele.

Minha voz tremeu algumas vezes e ri sem humor, para disfarçar o quanto ostentava nervosismo por realizar a apresentação. O homem era intimidante estando distante, tão perto como estava, me deixava desequilibrada. Não houve mais postura ofensiva, ele mudou para um tom tranquilo, o que foi me relaxando.

Samuel fez alguns apontamentos, que anotei no meu bloco. Ele pegou minha caneta e também escreveu algumas coisas, do jeito dele, que eu teria que traduzir para não me confundir.

— Vai ficar muito bom — comentou, olhando para o monitor.

— Bombom — Denis remendou baixo e os rapazes riram, me contagiando. Samuel não tinha entendido a piada e não seria eu que explicaria. — Desculpe, senhor.

— Já tomei tempo demais de vocês. — Samuel se levantou e colocou a mão em cima do meu ombro, dando um leve apertão. O estímulo deveria ter ficado apenas naquela região, mas ecoou por todo o meu corpo, principalmente para uma parte que não deveria estar ativa em horário de trabalho. — Obrigado, Scarllat.

— Disponha, senhor Dan — respondi, acanhada.

— Por favor, Samuel. Senhor Dan é meu pai.

Ele se despediu de todos e agradei que estavam focados demais nas suas atividades para comentar como eu estava me sentindo com aquela pressão. Venci mais um leão, poderia continuar e matar outro, se continuasse focada.

Nem saí para almoçar quando os rapazes foram, porque eu estava determinada em entregar aquele protótipo no fim do dia.

Fui surpreendida com Pabline entrando na sala e o cheiro de salgado assado me tirou do foco.

— Já que não vai me acompanhar no refeitório, venho até você com carboidratos e celulite líquida. — Ergueu as mãos, com um pão italiano em uma delas e refrigerante na outra.

— Não precisava se incomodar. Quanto foi? — Peguei minha bolsa e ela puxou a cadeira de Augusto para ficar ao meu lado.

— Está me devendo uma semana completa indo almoçar comigo, no refeitório. Quinze minutos, Scarllat. É o tempo de ir ao banheiro. — Entregou-me o presente e devorei sem cerimônia.

— É sério, pode falar quanto foi e ainda pago o seu desafio.

— Ordem. Sou do recursos humanos e não há autorização para que ninguém faça jornada corrida. Quer uma advertência? — Ergueu uma sobrancelha.

— Merda. Sério?

— Sim. — Suavizou o olhar e riu. — Relaxa, mulher. Foi apenas uma brincadeira com fundo de verdade.

— É muito importante para mim. Prometo que hoje é a última vez que emendo assim. Ou não. — Tomei um gole do refrigerante pelo canudo e suspirei em apreço. — Fazia tempo que não tomava.

— Você pode pegar no refeitório. Sabe que está incluído nos seus benefícios.

— Ando tão focada, que nem água ou café estou tomando.

— Mais um puxão de orelha — brincou, fingindo que iria executar a promessa velada. — Está precisando de uma mãe para cuidar de você.

— Nunca tive. — Dei de ombros vendo seu olhar triste. Ela não sabia da minha história, não precisaria ter pena de mim. — Mas sinto falta de Neide e Júnior. Foram as minhas figuras materna e paterna.

— Acho que eles estariam orgulhosos, apesar de que reclamariam por você não se alimentar direito. — Olhou para o meu monitor e fez uma careta ao encarar as linhas de codificação. — Como você entende isso?

— É como um idioma, descrevendo uma receita de bolo. — Mastiguei meu salgado e apontei para um comando simples. — If é “se” em inglês. Uma condição. Se essa condição for verdadeira, então executará esse bloco. Se você tiver ovos, farinha e chocolate, então faça o bolo.

— Caramba, você torna isso tão simples.

— Mas é. — Comecei a rir, porque estava brincando. — Claro que não. Como adoro o que faço, por mais complicado que seja a solução, eu sinto que é simples de fazer.

— Você passa o almoço trabalhando.

— E nem me incomodo, estou me alimentando de computador. — Dei outra mordida no meu salgado enquanto ela ria alto. — Obrigada por lembrar de mim.

— Estou tentando ser uma amiga.

— Olha o que achei aqui, Bombom! — Sushi abriu a porta animado, erguendo um embrulho metálico na mão e congelou ao ver Pabline. — Oh, você está acompanhada.

— Vim alimentar sua funcionária, ela não sobreviverá só com chocolate. — Ela se levantou, o chefe fechou a porta e foi até sua mesa. Eles se encontraram no meio do caminho, Pabline tentou pegar o chocolate, mas ele ergueu a mão, impedindo-a. — Mereço uma recompensa.

— Todos os bombons são para a Bombom oficial. — Esticou o braço e me entregou o doce. Minha amiga abriu a boca em choque e começou a rir.

— Vocês a apelidaram disso? Que falta de criatividade, Sushi.

— Só não é melhor que Panetone. — Aproximou-se dela, apenas para pegar a cadeira e a rodear. A tensão entre os dois era palpável, talvez eu precisasse do meu horário de almoço para conversar com ela sobre a sua vida amorosa. Estava curiosa, ao mesmo tempo que queria evitar pensar na minha e no calor que senti por conta de um ex-professor e atual chefe. — Preciso começar meu turno.

— Bom trabalho. — Ela se afastou e acenou para nós, indo em direção à porta. — Amanhã, no refeitório.

— Senhora, sim, senhora — respondi animada.

Terminei o meu salgado, engoli o refrigerante e voltei a atenção para o meu trabalho. A satisfação viria da conclusão daquela atividade.



SAMUEL
Vitta Dan

Capítulo 10

Fui até o refeitório buscar um pouco de café, que tinha acabado no meu andar. Eu não estava com disposição para esperar que a copeira terminasse seu horário de almoço para me atender.

O barulho no salão me deixou mais sério, eu não queria conversar com ninguém, estava focado demais em terminar o meu expediente para executar o que tinha de melhor para a noite.

Cumprimentei alguns analistas quando me aproximei da mesa com café. Odiava os copos descartáveis, mas era o que teria para o momento de impaciência. Meu pai até me convidou para almoçar com ele, mas eu estava envolvido com uma análise de relatório, entregue pela equipe de estatística.

Um riso alto me chamou atenção e meu olhar foi em direção a uma mesa. Lá estava ela, a culpada pelas minhas obsessões desconexas. A garota que não teve uma boa experiência comigo sendo seu professor, mas que, de alguma maneira, ouviu minhas palavras.

Eu deveria me sentir arrogante o suficiente para afirmar que minha pressão na faculdade a tornou uma profissional melhor, mas eu não conseguia. Ela era doce demais, além de empenhada, para que eu a mastigasse como chiclete, como meu pai sugeriu.

Acompanhada de Pabline do RH e outros dois analistas de TI, eles estavam almoçando e conversando entrosados. Scarllat não parecia o tipo de garota que se enturmava facilmente. Eu lembrava muito bem de como era seu comportamento na faculdade. Pelo visto, ela mentia muito bem sobre quem realmente era.

Ela se levantou segurando a bandeja e seu olhar encontrou o meu. Desviei para o copo com café, coloquei açúcar e o mexi, antes de experimentar e sair daquele lugar.

— Boa tarde, senhor — escutei sua voz muito próxima, eu esperava que ela não estivesse falando comigo. Quando virei o rosto, lá estava seu olhar cheio de segredos em minha direção. — A solicitação adicional para o aplicativo de celular foi concluída. Augusto teve uma emergência e não voltará. Então, ele me pediu que te avisasse depois do almoço.

— Já terminou de comer? — perguntei, contendo minha vontade de ser grosso.

— Sim. Só preciso de cinco minutos para escovar os dentes.

— Tudo bem. Estarei na minha sala te esperando para colocar o *apk* no meu celular.

Passei por ela e subi as escadas até o meu andar, para que os pensamentos insanos fossem dissipados. Ela não era alguém com quem eu poderia ter apenas um momento. Além do mais, eu tinha um encontro marcado.

Focado nas mensagens trocadas com minha “aluna” da noite, uma forma de iniciar as preliminares, esqueci do pensamento antiético direcionado para a Scarllat.

Tomei o café antes mesmo de chegar à minha sala, foquei no meu celular até que a menina viesse me entregar o trabalho. Além de ela ter feito um bom relatório, me ajudou a criar outras funcionalidades para o aplicativo de celular, que contribuiriam na tomada de decisão. Poderia não ser a mais rápida, mas tinha eficiência.

Meu pai estava certo, apenas meu juízo que estava nublado para identificar o potencial dela.

— Boa tarde — cumprimentou, abrindo a porta da minha sala e olhando para o chão.

— Venha, Scarllat. Esse é um procedimento que ainda não memorizei como fazer.

— Ele é burocrático. Se o senhor quiser, eu faço um passo a passo.

— Ótimo. Faça. — Entreguei-lhe meu celular e o cabo USB. — Quer uma cadeira?

— Não, é rápido.

Eu esperava que fosse instantâneo, porque a ter tão próxima não estava me ajudando a pensar em trabalho. Em nenhum momento ela se insinuou, mas eu encarei cada posição, franzir de testa ou mesmo um dar de ombros como sexual.

Havia algo de errado em mim e cada dia que passava eu percebia que ultrapassaria um limite que não teria volta. Se ela não tivesse sido minha aluna, talvez eu não criasse tantas fantasias. Meu tesão era pelas alunas que se submetiam, uma fantasia sexual que placava a necessidade de trazer tudo à tona.

Passei a mão na testa e bufei, irritado. Em algum momento, eu já tinha cogitado buscar ajuda profissional, mas a humilhação de assumir os meus demônios para um estranho me fazia recuar. Porra, eu era CEO da Dan Financeira, não um moleque perdido e sem rumo.

— Desculpe, senhor Dan, quero dizer, Samuel. — Encarei-a, assustado. — Não está indo por falta de permissão.

— Reinicia o computador.

— Tudo bem. Posso fechar tudo?

— Sim. — Levantei-me da cadeira e a empurrei para que Scarllat se sentasse. Distância, eu precisava ter dela e do seu profissionalismo.

Andei pela sala, voltei para o computador apenas para colocar minha senha de login e caminhei ao redor, respirando fundo e esperando aquela tortura terminar.

— Desculpe, não está indo. Augusto que é responsável por essa parte da infraestrutura e...

— Pode fazer do seu computador? — interrompi-a, seco.

— Sim. Eu testei no meu celular e foi.

— Faça isso. Instale o *apk* e volte com meu aparelho. Preciso de agilidade, porque irei sair mais cedo da empresa hoje.

— Com certeza. — Ela se levantou e afastou a cadeira. — Volto em um instante.

— No tempo que for necessário para que tudo funcione, Scarllat. — Ela acenou afirmativo e saiu da minha sala.

Puxei a cadeira para me sentar, senti o seu cheiro e fechei os olhos, imaginando que a aluna nua e vendada poderia ser ela. Caralho de fantasia que me saciava, estava transformando a minha vida em um inferno.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 11

Com pressa para atender ao pedido de Samuel, desci os degraus até o meu andar sem parar para respirar. Entrei na sala, sentei-me na cadeira e pluguei o celular do chefe no meu computador.

— Vai perder o trem? — Hortelã brincou.

— Não consegui colocar o *apk* no celular do Samuel. Ficou dando erro de permissão.

— Putz, logo hoje que o Augusto não veio de tarde. — Paçoca fez uma careta.

— Eu tinha acesso, mas todos foram revogados, só Sushi consegue agora. — Coxinha deu de ombros.

— Tranquilo, pessoal. Vou fazer da minha máquina e levar o celular de volta para o CEO.

— Imagina o que deve ter nesse aparelho. Uma vez ouvi falar que ele curti umas paradas estranhas. — A teoria da conspiração de Hortelã não fez bem para a minha curiosidade. — Bala, Bombom?

— Depois, obrigada — respondi sem o encarar, olhando para a tela e querendo espiar a intimidade do meu ex-professor.

Focada no que era minha competência, fiz o processo, instalei o aplicativo e testei no celular. Antes que pudesse entregar para ele, fui até o menu em que fiz as alterações e realizei alguns testes esporádicos, só para ter certeza de que estava com a versão certa.

— E então, descobriu algo? — Paçoca perguntou e revirei os olhos para os três curiosos. Ergui o celular para que vissem a tela do sistema. — Você não gosta de viver perigosamente.

— Não. Amo meu emprego e tenho que correr para mostrar as alterações no aplicativo. Parem de espiar a vida alheia.

— Você nem parece que foi aluna de TI. Todo mundo que entra no curso acha que vai *hackear* as contas dos amigos e parentes. — Hortelã riu alto e Coxinha acompanhou, para minha surpresa.

— Tentei fazer isso com o e-mail de uma namorada, mas nem precisei usar a habilidade, ela deixou logado no meu computador. Mesmo assim, me senti o foda. — O mais sério, que no momento sorria, compartilhou.

— No laboratório da faculdade, quem deixava a conta logada, a gente mandava um e-mail para os contados, dizendo que estava saindo do armário. Foi cômico, até que descobriram e levamos advertência. — Paçoca fez uma careta, mas não parecia arrependido. — Fizemos uma boa ação, as pessoas aprenderam a clicar em sair por conta do nosso terrorismo.

— Vocês são loucos.

— Confessa, você ama a gente, Bombom. — Hortelã abriu os braços.

— Claro. — Tirei o cabo USB do celular e me levantei. — Pronto, já volto.

— Traga café.

Revirei os olhos para a folga do colega engraçadinho, andei apressada até a escada e parei no meio dela, olhando para o celular. Ele estava desbloqueado e livre, chamando para que eu fizesse algo imprudente, além de antiético.

Meus dedos foram mais rápidos e acompanharam minha curiosidade, movida pelos relatos dos meus colegas. Apertei no aplicativo de mensagem, algumas não lidas e outras já visualizadas. Com o coração prestes a pular pela boca, apertei no primeiro contato que tinha um código o identificando e precisei olhar ao redor antes de continuar lendo.

Samuel>> Está preparada para ser ensinada?

#7e4330>> Sei o que estou fazendo. Talvez, quem terá o que aprender será você.

Samuel>> Eu não jogo pelas regras normais.

#7e4330>> Fiquei sabendo e estou molhada imaginando como será ter você dentro de uma sala de aula.

Samuel>> Entregue-se a mim.

#7e4330>> Você é muito dominador.

Samuel>> Para ser minha aluna, tem que ceder.

#7e4330>> Gosto de equilíbrio, também te quero de joelhos.

A próxima mensagem foi com uma localização. A universidade que eu frequentei mais o número de uma sala. Tinha horário e a instrução de que a aluna precisaria seguir as regras que encontraria no local, ou o encontro não aconteceria.

Fechei todos os aplicativos, subi os últimos degraus com pressa e minha passagem foi liberada pela secretária, Samuel me aguardava.

Com o coração acelerado e a imaginação fértil, cheguei ofegante à sala do CEO. Meu corpo queimava, por toda a conotação sexual das mensagens e o que tinha ficado implícito. Encarei o ex-professor que mais parecia frígido e percebi que ele era perfeito para o papel em que se colocou naquele diálogo virtual.

— Deu certo? — perguntou, erguendo as sobrancelhas e estendendo a mão na minha direção.

— Sim. Já fiz o pedido para que Augusto, quando estiver na empresa, verifique as permissões de rede para a sua máquina.

— Tudo bem.

Nossos dedos se tocaram na entrega do celular e, o que já estava queimando, agora fervia. A atração sexual não era o meu forte, mas segredos e solidão combinavam comigo. O olhar do CEO intensificou no meu, ele parecia escutar os meus pensamentos.

Ele tinha casos com alunas. Como era possível alguém tão crítico e engessado ser tão sensual ao marcar um encontro?

— Está tudo bem, Scarllat?

— Si-sim. — Pisquei várias vezes e dei um passo para trás. — Subi a escada correndo.

— Não precisava. A partir daqui, eu resolvo. — Ergueu o aparelho e acenei afirmativo. — Obrigado.

— Disponha, professor Samuel.

Virei-me para esconder o rosto encabulado por tê-lo chamado daquela forma. Estava influenciada pelo que tinha visto. Ao invés de me sentir envergonhada pela invasão de privacidade, estava corada por me imaginar naquele encontro.

Quem seria #7e4330?

Fui para a minha sala, peguei uma bala com Hortelã e me sentei para tentar voltar a focar no trabalho. Ao invés disso, pesquisei sobre o número com # na frente e descobri que se tratava de uma cor. Um marrom, quase alaranjado, me surpreendeu e me

fez acreditar na possibilidade de que aquilo seria a referência a como o computador entendia uma cor.

Eu já tinha percebido que Samuel era entusiasta da tecnologia e havia feito grandes contribuições para o desenvolvimento do sistema da Dan Financeira, mas não imaginei que pudesse ter ido tão longe.

Trabalhei o turno da tarde curiosa e não me senti compelida a estender a minha jornada. Com meus colegas, encerrei o expediente, e juntos seguimos para as nossas casas para descansar.

Ao invés de pegar o ônibus para ir até a minha quitinete, acenei para o que me levaria até a universidade em que estudei, para espiar outro lado de Samuel Vitta Dan.

Eu ainda o via como o professor julgador, bem como o chefe exigente, mas estando em um ambiente de trabalho amigável, saí do meu buraco e enxerguei muito mais do que seus defeitos.

Sua arrogância vinha acompanhada de justiça, ele não impunha suas vontades, se eu apresentasse um argumento melhor. O ódio que alimentei dele tinha se transformado em curiosidade. Depois que visualizei algo íntimo, que li no seu celular, eu estava pronta para começar uma aventura perigosa.

Descobrir o que Samuel escondia abaixo da sua postura imponente estava se tornando a minha obsessão.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 12

Ainda era cedo quando cheguei ao bloco onde estava a sala que foi indicada por Samuel. Fiquei no corredor, o mais distante dela, mas ainda de olho no movimento de pessoas pelo andar.

Quando a última aula terminou, entrei na sala ao lado e fiquei escondida atrás da porta. Sem usar o celular para não chamar atenção para a luz, esperei alguma coisa acontecer, mas não houve nenhuma surpresa.

Quase cochilando, despertei ao ouvir passos de salto alto. Um riso ecoou. Saí da minha posição para espiar pela porta, mas voltei para onde estava quando a conversa começou:

— Você está de brincadeira. Ele me quer nua e vendada? Como saberei que não será você mesmo que vai me comer? — Era a voz de uma mulher indignada falando.

— A senhorinha não é obrigada a participar. Quer declinar? — uma voz masculina e baixa perguntou, inabalada.

— Quero você bem longe, não vim para ter plateia.

— Como quiser. Com licença.

Fechei os olhos com força para aguçar minha audição. Os passos do homem eram silenciosos e estavam atendendo ao pedido da mulher.

Mil perguntas encheram a minha mente, ainda mais quando a mulher continuou rindo do outro lado. Não havia graça naquela situação, mas excitação por conta da antecipação. Pela fala dela, a instrução era para vender os olhos e isso me levou ao ápice da curiosidade.

— Não foi para ser uma submissa que aceitei essa proposta. Chupa, dominador do caralho.

Os passos com salto ecoaram até que desapareceram. Com o coração acelerado, saí do meu esconderijo, espiei o corredor e fui até a sala em que tinha sido combinado o ato para ver se algo acontecia.

A mulher foi embora antes de algo acontecer. Um tecido longo e um papel estavam no chão, no meio da sala. As carteiras tinham sido afastadas e apenas uma era o centro das atenções.

Sem perceber que estava mergulhando em uma realidade alternativa, entrei na sala e fui ler o que tinha no papel. As instruções eram precisas e me excitaram. A submissão que a outra mulher parecia repudiar me levava para um mundo que eu nunca tinha explorado.

1- Esqueça os pudores, você está em um ambiente seguro;

2- Tire a roupa e sinta o ar tocar a sua pele, estando em um local incomum para realizarmos o ato;

3- Sente-se na carteira, ela foi devidamente higienizada para o nosso momento;

4- Coloque a venda e esqueça o mundo. Foque apenas no tempo, no cheiro e no ritmo da sua respiração;

5- Aguarde. Deixe que o professor te ensine que o prazer está além do que os olhos podem ver;

6- Sem palavras. Deixe ecoar de sua boca apenas os gemidos que lhe proporcionarei.

As minhas pernas ficaram bambas e precisei me sentar para que voltasse a pensar de forma coerente. Passei muito tempo odiando aquele homem, além da intimidação no meu local de trabalho. Osvaldo Dan me deu uma oportunidade e mergulhar no segredo de Samuel seria trair a sua confiança.

Eu estava disposta a ir embora e deixar aquele assunto para alimentar minha fantasia, mas meus pés se movimentaram para retirar o tênis. Meu corpo estava decidindo por mim, não a racionalidade. Afinal, era um segredo e ninguém iria saber a não ser eu mesma.

De roupa, eu poderia ser identificada, mas nua, tendo apenas meu corpo e lábios como referência, Samuel dificilmente me reconheceria. Meu ventre se contraiu

ao pensar que entregaria minha primeira vez àquele estranho.

Eu nunca tinha sido romântica e estar próxima de tantos homens me fez esquecer do lado feminino que havia em mim. Estava sendo racional, eu queria que o ato fosse executado, tão simples como deveria ser.

Sexo não parecia complexo. Duas pessoas e um momento.

Pronta para entrar naquela aventura, sem colocar todas as variáveis na balança, tirei minha roupa, escondi debaixo de uma carteira e coloquei o tecido em cima dos meus olhos.

Mudando a ordem da instrução, precisei de ajuda da minha mão para encontrar a carteira que estava no centro da sala. Sentei-me ereta nela, ajeitei o tecido para que não pudessem reconhecer meu rosto e inspirei profundamente.

A antecipação me fez cruzar as pernas e apertá-las. Meu sexo pulsava, meu coração parecia ter mudado de localização.

Coloquei a mão na boca para abafar um riso, a referência sobre pensar com a cabeça de baixo aliviou um pouco da tensão. Eu sempre tinha sido muito solitária, então eu estava acostumada a me divertir sozinha, de todas as maneiras.

Senti um toque no meu ombro e pulei da carteira, não estava esperando. Abri a boca para falar, mas nada saiu. Os dedos firmes no meu corpo causavam um choque relaxante e me acalmaram.

Para cima e para baixo, o homem me relaxou apenas com seus dedos em meus braços. Por mais que meu coração quisesse sair pela boca e a vergonha quisesse me

dominar, deixei que a timidez se aprofundasse e a corajosa mulher que aceitou aquela proposta tomasse conta.

A mão espalmada foi até o meu pescoço e deslizou até entre minhas pernas, me fazendo gemer. Eu não acreditava que estava me permitindo aquilo, com o filho do homem que me empregou, mas eu estava adorando.

Havia um lado oculto em mim que me reverenciou por estar ali.

Escutei o barulho alto de cadeira sendo arrastada. Minhas pernas foram abertas, uma mão se esfregou no meu sexo e espalhou minha umidade pela região.

Depois subiu até meu seio, lábios macios e língua morna me tomaram sem nenhum aviso. Gemi alto, curvando meu corpo para frente, em regozijo. Não poder ver ou falar estava me levando à loucura.

Uma mão brincou com o bico enquanto a boca estava sugando o outro, ávida. Minhas pernas foram se abrindo de forma involuntária, até que minhas mãos foram para frente.

Ele me fez levantar e, pelo arrastar de cadeira, afastou a dele para estar próximo a mim. Segurou meus pulsos nas costas e o senti se agachar na minha frente, colocando o rosto entre minhas pernas.

Ainda bem que na empresa tinha uma ducha higiênica em um dos banheiros e que eu a tinha usado antes de vir para cá.

O homem colocou uma das minhas pernas apoiadas em seu ombro e senti sua língua alcançar meu clitóris. Esfregando com intensidade, para cima e para baixo,

quando sugou com força, ele me levou ao ápice, gemendo alto e quase caindo por conta dos meus joelhos fraquejarem pelo orgasmo.

— Oh! — Ofeguei. Ele me ajudou a me sentar na carteira novamente. Senti sua mão tocar meu rosto e acariciou o queixo.

Samuel era outro homem naquele papel e eu queria tomar tudo o que ele estava disposto a me oferecer.

Escutei um barulho de zíper e algo macio tocar a minha boca. Abri-a e o gosto salgado explodiu na minha língua. Deixei que seu membro entrasse e, com os lábios cobrindo meus dentes, suguei da forma que achava que seria o certo.

Era a minha primeira vez e eu nem poderia perguntar se estava no caminho certo. Louca, imprudente e perversa. Daquela forma, eu não parecia tão sozinha no mundo.

Senti a mão enredar meu cabelo e Samuel fodeu com minha boca, entrando e saindo com velocidade, sem chegar tão profundo. Tirou seu membro e o substituiu pelos seus lábios, apenas um suave toque, para me deixar ainda mais excitada.

Levantou-me, dei passos sem saber para onde estava indo e fui inclinada em uma superfície. Com as mãos firmes no meu pulso, colocou-os para cima e entendi o recado de os manter naquela posição.

Ele abriu minhas pernas, empinou minha bunda e deixou um tapa estalado em uma das nádegas. Com as mãos nos meus quadris, ele os apertou e agachou, lambendo tudo o que havia entre as minhas pernas. Samuel era despudorado, não havia limites para o que ele estava disposto a me proporcionar.

Senti-o ficar de pé. Inspeccionou meu buraco enrugado, sem pressa. Achei que iria começar por ali, mas parou de me tocar. Ele alinhou seu membro na minha entrada e dei um gritinho assustado quando invadiu com uma investida. A dor de romper o hímen, eu tinha esquecido desse detalhe. Apertei a mesa, fechei os olhos e pressionei os dentes para que o entra e sai de Samuel não revelasse o meu sofrimento.

Outro tapa na minha nádega me fez despertar. A dor se transformou em ardência e, quando o seu dedo pressionou meu ânus já estimulado, eu gemi em apreço. Aos poucos, tudo se tornava suportável e eu queria mais.

Fiquei na ponta dos pés quando o escutei gemer cada vez mais alto. Esfreguei-me na mesa a cada vai e vem e alcancei o clímax pela segunda vez enquanto ele demonstrava que tinha gozado.

Tínhamos concluído o ato e, mesmo satisfeita, eu ainda queria mais.



SAMUEL
Vitta Dan

Capítulo 13

Tirei meu pau de dentro da mulher mais receptiva e saborosa que experimentei e não consegui evitar o palavrão:

— Puta que pariu!

A camisinha estava com sangue. Coloquei a mão na minha boca e não tinha nada no meu rosto. Eu a tinha chupado, ela não estava menstruada e eram poucas as mulheres que se permitiam o ato estando naquele estado. Eu preferia estar em um banheiro para a deixar mais confortável, mas, em uma sala de aula, daria muito trabalho.

Então, a realidade me bateu ao tirar o preservativo e perceber que era apenas uma borra. Eu a tinha machucado? Impossível, era apenas o ato sexual, a não ser...

— Você era virgem? — questionei alto, quebrando minha regra.

— Sim — murmurou ofegante.

Segurei a mulher pelo braço, levantei-a da mesa e a confrontei, jogando o tecido que cobria seus olhos para longe. Nada tinha me preparado para encontrar os olhos cheios de luxúria de Scarllat. Como ela tinha vindo parar naquele lugar, eu não sabia, mas descobriria quando confrontasse meu assessor.

Esqueci todos os motivos que me ajudavam a manter a linha, puxei-a para meus braços e beijei sua boca. Eu tinha fodido com minha aluna, a mesma que também trabalhava na minha empresa e poderia destruir minha vida por conta de assédio.

Ela correspondeu meu desespero com sua língua ávida para confrontar a minha. Fiz com que ela se sentasse em cima da mesa, abri bem suas pernas e a penetrei, novamente, porque eu estava pronto para cometer mais um pecado naquela noite.

O monstro estava solto, eu só queria deixá-lo livre para ter tudo o que quisesse.

Suas mãos apertaram meus ombros e as unhas cravaram por cima da camisa social. Enquanto metia com força, eu a beijava e devorava, como o chiclete que meu pai bem disse que eu faria.

Eu destruiria aquela menina.

Tentei parar, dei um passo para trás, mas ela cruzou suas pernas e me prendeu no seu agarre. Rebolou e me incentivou a continuar, sua boca não parou de dizer o quanto ela queria aquele momento tanto quanto eu.

Apertei suas nádegas e a puxei para mim, quase caindo da mesa. Meti com força, esquecendo-me de que era a primeira vez dela e que eu tinha sido o idiota que a havia maculado com minha perversão.

Por que ela estava ali?

— Oh, sim! Isso! — Abraçou meu pescoço, soltou minha boca e se entregou a mais um orgasmo. Fiz com que seu corpo quicasse no meu, subindo e descendo, se

esfregando na minha roupa e me amassando o suficiente para me fazer gozar mais uma vez.

Jorrei dentro dela, rugindo como um animal no cio. E não deixava de ser, ainda mais quando sua vagina apertou meu pau e eu continuei algumas investidas mais, até que a realidade tomasse conta.

Merda. O que eu tinha feito?

Minha intenção era fugir, mas Scarllat não tinha terminado de me surpreender. Beijou meus lábios com carinho, empurrou-me para que pudesse sair de cima da mesa e foi para um canto.

Aturdido, observei-a colocar as roupas do trabalho com pressa. Meu coração acelerou e acreditei que ela pudesse me ameaçar, ou mesmo me acusar, porque eu merecia. Tentei ajeitar minha roupa, alinhar meu cabelo e expurgar o seu cheiro, mas eu estava dominado pelo remorso.

— Foi um acordo e ele está no fim. — Ficou de costas para mim, prendeu o cabelo em um rabo de cavalo e deixou os ombros caírem. — Se alguém me perguntar, eu nunca estive aqui. Não precisamos falar sobre isso.

No fim, quem fugiu foi ela e me deixou com mil e um questionamentos sobre a sua fala. Poderia ser conveniente para mim, se não me deixasse mais abalado do que eu já estava.

Eu nunca escolhi uma virgem, por conta do que temia sentir. Tinha previsto certo, além do remorso, eu tinha ido além e trepado com uma funcionária.

Ajeitei minha roupa, recolhi o papel e a venda que estavam no chão, saí da sala e dei de cara com Gabriel. Joguei tudo no seu peito e o enfrentei com raiva.

— Caralho, você colocou a minha funcionária na sala?

— O quê?

— Filho da puta, se quiser me foder, eu farei primeiro com você. — Segurei nas lapelas do seu terno barato e o homem ergueu as mãos em rendição, deixando o papel e lenço caírem.

— Senhor, eu não fiz isso. Sou fiel. Tenho os dados da mulher, ela não trabalha para você. Certeza.

Soltei-o irritado e passei por ele, indo atrás da garota. Sabia que não a encontraria, mas precisava descobrir uma forma de desfazer aquela loucura. Cheguei ao pátio da faculdade, nem sinal de alunos ou dela. Fui para o estacionamento, passei por carros e conferi ao redor, nada.

Put a que pariu.

— Senhor! — Gabriel estava ofegante e, mesmo no escuro, consegui ver o brilho do suor na sua testa. Eu também estava transpirando, não tinha dado trégua até aquele momento. — Estou com os dados da acompanhante da noite. Ela não faz parte do quadro de funcionárias da Dan.

— Vamos embora — resmunguei, ignorando o celular em sua mão. Não adiantava chegar à conclusão óbvia, que Scarllat tinha trocado de lugar com a #7e4330. Estava tudo errado, até a cor escolhida.

Caminhei apressado até o meu automóvel, entrei no banco de trás e me estiquei para frente, com a intenção de ligar o som. Relaxe em uma posição mais confortável, fechei os olhos e não quis conversar, apenas reviver o momento.

“Diga que iremos juntos pelo mais escuro dos dias

O paraíso está a uma decepção de distância

Nunca te deixarei, nunca me decepcione”

Love and Death, Lacey Sturm – Let Me love You

Tinha sido bom. Acima das expectativas, porque a aluna não só se submeteu a todos os meus caprichos, mas correspondeu a tudo como eu sempre planejei. A parceira ideal para alguém com uma mente distorcida como a minha.

Senti o carro se movimentar e me embalei pelas estatísticas que sempre acompanharam minhas decisões. Não! Além de ela poder se transformar em um problema maior, manchando não só minha reputação, mas a da empresa, ela era protegida do meu pai.

Eu teria que ser babaca o suficiente para que ela pedisse demissão. Não seria tão difícil, afinal, eu era muito exigente e poderia extrapolar nos adjetivos depreciativos.

Neguei com a cabeça e abri os olhos, porque não dava para cometer outro delito com Scarllat. Nós já tínhamos transado nas dependências da faculdade, ela foi minha aluna e, agora, era minha subordinada. Qualquer coisa que eu fizesse, cruzaria o limite da minha sanidade – não que eu a tivesse sob controle.

Entramos no estacionamento subterrâneo do meu prédio, não me despedi de Gabriel e me afastei tentando manter a compostura. Ajeitei o terno, entrei no elevador e não me encarei no espelho, há muito tempo não o fazia com tanta determinação. Minha alma estava consumida pela falta de moral e luxúria, era pesado demais assumir meus gostos depravados.

Cheguei ao meu andar, entrei em casa e fui direto para o banheiro. Descartei minhas roupas com um pingo de decepção, eu ainda queria sentir o seu perfume em mim. Peguei minha camisa, inspirei seu cheiro e fiquei excitado ao ter flashes dela no meu colo, mesmo dolorida depois da sua primeira vez.

Era sua essência. A lembrança do desespero para alcançar o ápice me fez esquecer que meu desejo era errado. Em apenas um segundo, enquanto enchia meus pulmões e fechava os olhos, o encontro entre professor e aluna foi permitido e não julgado.

Suspirei, jogando a camisa com força no chão, eu não poderia me permitir tanto. Liguei a ducha e deixei que o banho gelado me despertasse o suficiente para encarar que o monstro que existia em mim nunca deveria ser amado. Ou amar.

Eu tinha que arranjar um meio de desfazer aquela merda.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 14

Passei o fim de semana limpando meu canto, lavando roupa e procrastinando. Assisti séries e fui atrás de alguma leitura agradável no Kindle. Tentei não me julgar, mas era pavoroso saber que optei por ler contos eróticos ao invés de um romance ou livro técnico de informática. Ainda havia muito para aprender, mas também, me descobrir.

A ardência e dores entre minhas pernas não duraram por muito tempo, acabei me dando prazer durante o banho, todas as noites. Quanto mais eu gozava, mais parecia aliviar a minha virgindade perdida.

Foi difícil tirar os pensamentos daquela noite. Tão insana como foi, eu só pensava em apagar da memória que me entreguei para aquele professor que tanto odiei no período de faculdade. Então, ele não era mais nada meu, a não ser o chefe. Não, Samuel Vitta Dan era o CEO e tinha o poder de destruir a minha carreira.

Eu não tinha mais ninguém na minha vida, sem família e os contatos da faculdade quase não existiam mais, eu me mantive emocionalmente distante. Se perdesse o emprego, talvez devesse mudar de cidade e começar do zero, mesmo já estando naquela posição.

Por não ter conseguido dormir direito pela antecipação de cruzar com o meu ex-professor, fui a primeira do meu setor a chegar na segunda-feira. Conferi e-mail, olhei os relatórios do programa que armazenava as atividades dos analistas e comecei uma nova atividade.

Com a música baixa nos meus fones, para não ser pega de surpresa quando alguém chegasse, balancei a cabeça e coloquei os dedos para digitar.

“Talvez, eu seja apenas um tolo

Eu ainda pertenço a você

Em qualquer lugar que você estiver

Esses campos minados pelos quais eu caminho

O que eu arrisco estar perto de você

Esses campos minados me afastando de você”

Faouzia, John Legend - Minefields

— Madrugou, Bombom? — Hortelã foi o primeiro a chegar, estendeu a mão com seu pacote de balas e peguei uma.

— Bom dia. Peguei o ônibus vazio, chegou rápido.

— Deu tudo certo na sexta?

— De-deu? — Arregalei os olhos, lembrando do ato obsceno que fiz.

— Sim, no celular do chefe filho. — Revirou os olhos, se ajeitando na cadeira e ligando o computador. — Assim que ele aprovar a manutenção, mande para o servidor. Quero fazer uma última conferência antes de ir para a produção.

— Ah, sim. — Engoli em seco, porque aquela referência também não era boa para acalmar o meu juízo.

— Olá, bom dia, bom dia! — Sushi entrou na sala animado e me encarando. Hortelã ofereceu sua bala, mas foi recusado. — Scarllat, estão te chamando na diretoria.

— O quê? Por quê?

— Está assustada, até parece que fez coisa errada. — Meu colega zombou e o chefe do setor me analisou.

— Senhor Dan cruzou comigo no corredor, pediu para que, assim que você tiver um tempo livre, passar na sala dele.

— Samuel?

— Osvaldo Dan.

— Posso ir agora? — Levantei-me com as mãos suando.

— Calma, Bombom. Ele só deve querer saber como estão as coisas, já que você foi indicação dele. — Sushi sorriu, se sentou à sua mesa e não me ajudou a relaxar.

Lembrei que deveria ter observado mais, escutado os anseios das pessoas na empresa, e que, ao invés disso, passei muito tempo escondida no meu canto. Se não fosse Pabline, talvez eu nem estivesse almoçando no refeitório.

— Já volto.

Saí da sala com o coração acelerado. Subi os degraus e fui até a secretária do fundador da empresa com o sentimento de que estava o traindo. Além da decepção comigo mesma, eu me preocupava com a perda de confiança que o senhor Dan teria sobre mim.

A mulher me liberou a passagem, bati na porta e a abri quando escutei a voz dele. Um grande alívio me tomou quando percebi que ele sorria e estava sozinho na sala.

— Olá, Scarllat, como está?

— Bem, senhor. — Aproximei-me com as mãos na frente do corpo.

— Sente-se, por favor. Eu tinha deixado para conversar com você sobre o nosso acordo na sexta-feira, mas acabei saindo mais cedo junto com meu filho. Fomos jantar.

— Oh! — Senti meu rosto esquentar. Então, Samuel esteve com seu pai antes de ir à faculdade.

— Pois, então. O que tem para me dizer?

— Desculpe, senhor, acabei focando nas minhas atividades e nem fiquei no refeitório. — Iria abaixar a cabeça, mas arregalei os olhos e lembrei de algo. — Horas extras. Ouvi falar sobre trocar o pagamento delas por um banco de horas.

— Hum, algo que já sugeri para Samuel, mas ele acredita que o dinheiro é mais motivador.

— Para alguns, sim. Mas outros, que tem família no interior, gostariam de trocar oito ou dezesseis horas por dois dias sem trabalhar, para fazer a viagem de curta duração.

— Faz sentido. Juliano do financeiro tem a ex-esposa e o filho morando em outra cidade. — Colocou a mão no queixo e olhou para cima, refletindo.

— Não o conheço, mas faz sentido.

— Você ainda não sabe quem são os nossos colaboradores?

— Conheci Eriko na semana passada.

— Está em tempo de fazermos uma reunião geral, para nos apresentar e falarmos sobre o que fazemos dentro da Dan. — Espalmou a mão em cima da mesa e sorriu com carinho para mim. — Como está se saindo com a TI?

— Muito bem. Em breve teremos uma nova atualização do aplicativo, eu quem fiz. — Deixei o entusiasmo esconder meus medos e vergonhas.

— Samuel já está com a versão beta?

— Sim. — Suspirei apenas por cogitar me encontrar com ele para ouvir suas críticas ou a aprovação do meu trabalho.

— Gostaria de te fazer um convite. Se for inconveniente, apenas recuse. — Ele trouxe a cadeira e o corpo mais próximo.

— Tudo bem.

— Agora que não tenho mais o lanche feito por Júnior, eu queria saber se você aceita ir comigo em busca de um outro lugar para fazer meu ritual mensal.

— Eu? Por quê?

— Nada irá substituir o que passei com Júnior, mas ter você por perto me faz manter a conexão com ele.

— Não quer conhecer a ex-esposa dele? Acho que os filhos se conectam mais do que eu. Nem parente sou. — Meus ombros cederam por não me sentir merecedora daquele convite.

— De uma coisa você não deve ter dúvidas, Scarllat: você faz parte sim. — Inclinou-se para frente e estendeu a palma da mão para cima. — Você topa ir comigo? Será essa semana, eu te aviso antes do fim do expediente.

Olhei do seu rosto para a mão e a apertei, porque suas palavras me trouxeram emoção e eu nem sabia que eram tão intensas.

— Sim. — Ele estava me incluindo e, por isso, eu fazia parte do seu momento.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 15

Terminei o expediente, saí do prédio comercial e cheguei ao ponto de ônibus com um grande suspiro. O peso nos meus ombros diminuiu, consegui sobreviver ao trabalho e não cruzar com Samuel.

Mas nem tudo foi bom, Sushi tinha ficado estranho comigo e eu estava com medo de que ele pudesse ter ouvido ou percebido algo. Depois que ele pegou um papel da impressora, o clima na sala tinha ficado estranho e eu não sabia explicar o motivo.

O silêncio e pouca brincadeira tinham vindo em boa hora, porque o dia passou voando, foquei no que importava e não ousei fazer hora extra.

Como o senhor Dan não tinha me ligado sobre irmos em busca de uma nova lanchonete, corri para me afastar da perdição que aquele lugar estava se tornando.

Um carro parou rente à calçada e o vidro abaixou. Pabline dirigia e fez um gesto para que eu entrasse. Antes que eu pudesse recusar, um ônibus se aproximou e, para que não complicasse para o lado dela, apenas entrei, liberando espaço para o transporte público parar e atender aos passageiros.

— Oi, louca — cumprimentei colocando o cinto de segurança.

— Vamos pegar um cinema? — Fez uma careta e virou o volante. — Mentira, a verdade é que eu preciso ir ao sex shop e sua companhia é bem-vinda.

— A minha? Por quê? — Arregalei meus olhos, porque o nosso nível de intimidade não tinha chegado a tanto.

— Já deu para perceber que sou a fim do Augusto, certo? — Virou o rosto na minha direção rapidamente. — Tendo você como minha espiã, acredito que agora vai dar certo.

— O que isso tem a ver com irmos para uma loja para adultos? Ah, não! — Neguei com um aceno e ela riu alto, mesmo sem saber o que se passava na minha cabeça.

— Calma, mulher. Não farei nada que você não queira.

— Disse o príncipe antes de desvirginar a mocinha. — Coloquei as mãos no rosto, estava muito envergonhada por ter lembrado como tinha sido o meu momento.

— Você é virgem, Scarllat?

— Não. — Tentei me recompor.

— Tem namorado?

— Também não. E você?

— Já te falei, estou focada em conquistar aquele turrão, apesar do “apenas amigos de trabalho”. E não, querida, também não sou virgem. Perdi há muito tempo, não me pergunte a idade.

— Por que não pede essas coisas pela internet? É menos... constrangedor.

— Sem pudores, vai. Um passeio entre amigas, para falarmos de putaria.

— Lembre-se de que foi você quem me ameaçou com advertência se eu não entrasse na linha. Não sei se deveríamos ir além.

— Estamos dentro da Dan Financeira? — Manobrou para entrar no estacionamento do shopping. Virou o rosto para mim quando parou ao lado do totem com o ticket e me deu um olhar atrevido. — Então, aqui somos duas pessoas que não têm vínculo de trabalho. Não preciso cuidar da sua vida, nem você da minha. Por favor, Scarllat, ninguém faria isso comigo se eu não sequestrasse.

— Foi quase isso que aconteceu comigo.

— Viu? — Pegou o ticket e entrou no pátio. — Você é uma garota legal e descolada. Não é virgem e meu santo bateu com o seu. Seja minha amiga, diz que sim.

— E tem como falar não? — provoquei.

— Eu não te darei carona de volta para casa. — Estacionou o carro e tirou o cinto. — É um local fechado e privado, ninguém vai saber.

— E o que pretende? Dar um vibrador que pluga num USB para o Sushi?

Ela riu alto, abriu a porta e fiz o mesmo. Eu estava relaxada e entrando no clima mais íntimo entre mulheres. Pabline deu a volta no carro, se pendurou no meu braço e me arrastou para dentro do shopping.

— Será que tem uma boceta assim? — perguntou baixo e continuei rindo. — Estava pensando em calcinha comestível e chocolates com formatos fálicos. Sua mente é mais perversa que a minha.

— Não. Eu só tenho um vasto conhecimento, por estar sempre cercada de homens. Eles até tentam não fazer, mas sempre sai um ou outro comentário obsceno.

— O que mais eles falam? Já comentaram de mim?

— Não. Lá na Dan, eles são bem controlados nesse ponto, apenas no apelido que não perdem tempo. — Entramos no ambiente com ar-condicionado e a deixei me guiar entre pessoas e lojas.

— Uma pena. Queria saber se Augusto fala sobre querer amassar meu panetone.

— Ou dar umas mordidas.

— Lambidas. — Suspirou se soltando de mim. — Mas não sou sorvete.

— Já se declarou? — Olhei as vitrines com descompromisso. — Na empresa, pode se relacionar com outro funcionário?

— Bem... depende. — Ela apontou para uma loja de semijoias e a acompanhei. — A cada mês ou bimestre, fazemos uma reunião geral para que todos possam falar sobre a sua posição dentro da empresa. Nada muito demorado, apenas dizer o nome, cargo, com o que trabalha e como se sente. Isso nos ajuda a ter um diagnóstico sobre a saúde emocional dos colaboradores. Como trabalhamos com números, a exaustão é uma constante.

— Legal. Vocês estão sempre pensando no melhor para todos.

— Senhor Dan faz questão. Só não sei se esse hábito vai continuar quando Samuel assumir tudo sozinho.

— Ele é bem... criterioso.

— Chato, você quer dizer. — Entramos na loja e ela se colocou na minha frente com preocupação. — Lembre-se, aqui eu não sou a moça do RH. Apesar da minha opinião pessoal, eu não trocaria meu emprego por nada. — Franziu a testa. — Bem, talvez, por uma noite quente com Augusto.

— Você não terminou de falar sobre namoro na empresa.

— Ah, sim.

Ao invés de me responder, ela foi atrás de uma vendedora, que nos guiou para uma porta aos fundos da loja. De um ambiente iluminado, entramos em outro mais escuro e com vários itens eróticos.

— Fiquem à vontade. O ambiente está sendo monitorado, não gravado e quando decidirem o que levar, é só acenar para a câmera. — A vendedora apontou para

onde deveríamos acioná-la.

— Obrigada — respondemos tímidas.

Fui em direção a uma prateleira que tinha um vibrador em formato de pênis gigante, na cor verde.

— Esse eu chamaria de Hulk, com certeza. — Pabline teve a coragem de pegar e sentir a textura do objeto. — Então, Scarllat, é possível namorar na empresa, desde que não atrapalhe no seu desempenho, que não use as dependências da Dan para demonstrações de afeto ou sexo. E, se caso terminarem e tiver algum desconforto, os dois serão dispensados da função.

— O justo. — Fui para o lado e encontrei uma peça oval, quase um ovo, conectada com um cabo em um controle.

— Está interessada em alguém lá?

— Não! — Fui atrás de outras coisas, longe dela. — Só perguntei, pensando em você.

— Nunca imaginou transar no banheiro ou na escada?

— E se alguém me pegar? — Encarei-a forçando a indignação, mas dentro de mim pulsava a adrenalina e a urgência.

— Aí que está a diversão. Sim, é totalmente ilógico e irracional para se executar, mas — ergueu o indicador — podemos imaginar enquanto usamos um desses.

— E o que vai comprar para o Sushi?

— Sabe que esse apelido é broxante. — Fez bico e parou do outro lado, tinha várias calcinhas penduradas e plastificadas. — Augusto — falou de forma sensual. — Bem melhor. Vou comprar uma dessas e você vai colocar em cima da mesa dele.

— Não.

— Claro que sim. — Mostrou a vermelha de renda para mim e seu olhar de quem iria ultrapassar limites estava me contagiando. — No dia em que você chegar primeiro que todos, coloque debaixo do teclado dele e grave para que eu possa ver depois.

— Você é louca, isso vai dar problema para mim.

— Claro que não, boba. Eu conheço uma mulher do RH que limpará a nossa barra. — Piscou um olho, porque essa pessoa era ela mesma. — Vamos, Scarllat. Me ajude a ter um pouco de emoção no meio de tanta seriedade, números, relatórios e resultados.

— Como vou focar na minha carreira se estou maculando o meu ambiente de trabalho?

— Eu fico te devendo uma. — Ah, eu guardaria essas palavras.



SAMUEL
Vitta Dan

Capítulo 16

Depois de tanto testar e anotar o que seria necessário repassar para o setor de TI, eu hesitei. Deixei que dias se passassem antes de enfrentar aquela que não saía da minha mente.

Deveria estar procurando outra mulher para garantir minha sexta-feira, ou mesmo escolhendo a cor ideal para o momento de perversão, mas eu só conseguia pensar em #a64248. A cor da Scarllat, nem muito vermelha, nem laranja. Beirando o rosa, uma mistura de tesão, proibido e liberdade.

Eu queria fazer de novo com ela.

Tinha muitas coisas para exigir daquela garota. Depois que recebi a mensagem da minha acompanhante desistente, cheguei à conclusão de que Scarllat teve contato com minhas mensagens. Aqueles breves minutos em que ela instalou o *apk* da versão beta do sistema da empresa, teve acesso a coisas íntimas e isso me desconcertou.

Ao invés de me sentir violado, porque isso demonstrava a falta de profissionalismo dela, eu fiquei excitado. Ela veio atrás de mim, mesmo sendo virgem, inexperiente e não recebendo as primeiras instruções de Gabriel.

Tínhamos uma história. Eu não fui um professor padrão para a turma dela, minha forma de motivar era com palavras duras. Enquanto meu pai buscava enxergar o

melhor das pessoas e exaltar, eu seguia para o pior, com a intenção de que, ao escutar, o aluno reagisse para mudar.

Muitos me odiavam, mas eu não me importava, porque isso me dava distância emocional. Tregar com as alunas que não passaram em minha sala de aula atenuava meu pecado.

Eu tinha me tornado antiético e estava disposto a me afundar um pouco mais. Mais um momento, apenas o toque dos seus lábios nos meus, ou no meu pau.

Sabia que estava obcecado, que o contrato que existia na gaveta da minha mesa era insano, além de não ter validade jurídica. Não importava o poder legal que ele tinha, mas qual seria a posição de Scarllat perante a minha proposta.

Eu deveria me resguardar, mas estava criando mais provas para me incriminar. Fazia parte do jogo de sedução, talvez me obrigasse a recuar se ela não aceitasse o que eu tinha para oferecer.

Queria mais entre aluna e professor. Estava disposto a mudar e sermos chefe e subordinada. Por mais que ela tivesse apenas vinte e um anos e eu trinta e nove, o que salientava a discrepância de experiência pessoal, eu queria ir além.

Tornar uma fantasia sexual realidade, estando seguros de que ninguém estava sendo obrigado a nada.

Escolhi a música ideal para embalar a minha missão, acionei Augusto no sistema de mensagens interno e pedi que enviasse Scarllat até mim, para falarmos sobre o sistema.

Se tudo desse certo, faríamos muito mais.

“Sua mente está presa em um lugar tão vazio

Você acha que é o paraíso, mas você é o marco zero

Logo abaixo do seu halo

Existe algum sinal de tristeza”

The Veer Union, 2 Shadows – Scratching at the Surface (Acoustic)

Deixei minha secretária avisada de que a menina da TI deveria entrar sem esperar. Bati os dedos na mesa e olhei para a porta, esperando a sua chegada.

Sério e determinado, não mudei minha postura quando ela demorou para bater à porta e aparecer. Acanhada, não me encarou e se aproximou.

— Boa tarde, senhor.

— Sente-se. — Tamborilei os dedos e fiquei em silêncio, deixando a música, que tocava baixinho, encorajá-la a me enfrentar.

Ela suspirou e ergueu a cabeça, não conseguia esconder a vergonha, mas também, havia desejo. Eu tinha certeza de que, se lhe desse uma ordem, ela cumpriria, apenas por saber que alcançaríamos o prazer, juntos.

Mordi o lábio inferior e sua atenção foi para ele. Antes de falarmos de qualquer coisa, eu tinha que diminuir a minha culpa.

— Quero você. Aqui. Agora. De joelhos me chupando. — Parei os movimentos dos meus dedos para abrir a gaveta e pegar o contrato. Seus olhos estavam arregalados e, pela sua reação, o coração estava tão acelerado quanto o meu. — Mas eu sou muito mais que seu chefe. Sendo o CEO da Dan, qualquer envolvimento entre nós poderia acabar com um escândalo de assédio sexual.

— Não... não estou entendendo. — Remexeu-se na cadeira, as pernas estavam pressionadas uma na outra. — Sobre aquele dia...

— Nós iremos repetir, mas antes, você deve assinar isso. — Empurrei as duas folhas do termo de sigilo e ato voluntário.

— Fui eu quem foi atrás de você. Não está me forçando a nada. — Sua mão pousou em cima do papel, estava tremendo. — Acho melhor esquecermos o que aconteceu.

— Tudo bem, vamos encerrar esse assunto e não falar mais sobre isso — soei neutro, para que não a convencesse a me agradar, muito menos percebesse a minha insatisfação. Coloquei a mão para puxar o termo, mas ela o segurou e me encarou. — Vamos falar sobre a versão beta do sistema.

— Aqui diz que o senhor não vai me demitir, caso eu queira parar com nossas atividades extras. Também não me dará aumento de salário, porque meu vínculo com a empresa não faz parte disso tudo.

— Você quer? — perguntei respirando profundamente, ansioso pela sua afirmativa.

— Eu acho...

— No que iremos fazer, não cabe dúvida. Estamos ultrapassando um limite. Sou mais velho e experiente, sei o que tenho a ganhar e perder. Esse é um lado da minha vida que ninguém conhece e eu prefiro mantê-lo em sigilo. Mas você invadiu a minha privacidade e encontrou o antiético. Agora, estou te convidando para entrar nesse mundo, de forma voluntária.

— E se não quiser?

— Encerramos esse assunto e nunca falaremos disso.

— Terei uma cópia disso?

— Não.

Com a mão dela na mesa e a minha também, ficamos nos encarando enquanto ela tomava a sua decisão. Eu queria tocar sua pele, enchê-la de argumentos obscenos, mas só agiria por impulso quando ela aceitasse.

— Quantos anos o senhor tem? — perguntou sussurrado, sem perceber que mais parecia um apelo sexual. Atingiu minha virilha e meu pau começou a ficar duro.

— Trinta e nove.

— O senhor parece mais novo.

— Essa conversa não chegará a lugar nenhum, Scarllat.

— E para onde o senhor pretende ir? Para a sala de aula, ter um momento com outra desconhecida enquanto ela está vendada? — Levantou-se devagar. Achei que iria se afastar, mas ela se inclinou para frente, pegou a minha caneta e assinou o papel, sem ler a segunda parte.

— Leia tudo.

— Eu não preciso.

— Se formos pegos por alguém da faculdade ou da empresa, você deverá se mudar de cidade. Eu arcarei com as despesas do processo, mas não da sua sobrevivência. Terá que se virar e nunca poderá contar sobre nós a ninguém, sob pena de multa.

Ela assinou nas duas páginas, entregou-me o termo e não se intimidou com minha fala. Não era uma ameaça, apenas palavras para que ela entendesse que não haveria sentimentos, mas com certeza, muita emoção.

— Entendi que não há promessas ou garantias. Você nunca pareceu o tipo de cara que leva para o cinema ou compra flores, combinaria mais com amargurado e frígido. Até alguns dias atrás, achei que te odiava, mas... — Abaixou a cabeça e voltou a se sentar na cadeira. — Gostei do que fizemos.

Guardei o contrato dentro da gaveta, afastei minha cadeira e respirei fundo. Também apreciei o nosso momento e nunca tive interesse em repetir, ainda mais por ela ser alguém que sabia do meu segredo. Eu deveria broxar, mas estava excitado com aquela nova vertente das minhas aventuras antiéticas.

— Scarllat.

— Sim? — Ergueu a cabeça com as bochechas coradas. Abri a minha calça e tirei o meu pau. Seu olhar se arregalou e virou para trás, para a porta.

— De joelhos, na minha frente.

— E se alguém aparecer?

— Estará bem oculta debaixo da mesa. Eu mando, sou o professor e o CEO. — Ergui a sobancelha e massageei meu pau, esperando que ela me obedecesse.

Apressada, ela olhou para a porta, foi para debaixo da minha mesa primeiro e depois puxou a cadeira, para que sua boca alcançasse a ereção. Fechei os olhos, joguei a cabeça para trás e sorri em êxtase. Seria mais emocionante e perverso do que eu planejava.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 17

Suguei com força, menos tímida que da outra vez. Eu não tinha noção do que encontraria quando entrei naquela sala. O medo de ser pega, de estar naquela posição e ter assinado um contrato para que pudéssemos nos relacionar sem que houvesse pressão me excitou.

De alguma forma distorcida, ele conseguiu me convencer de que nada seria abusivo entre nós.

— Eu vou... — ele anunciou e fui surpreendida com um sabor diferente na minha boca. Não era bom, mas também não tão ruim, e eu estava tomando tudo o que ele tinha para oferecer.

Impactada com o que tinha acontecido, soltei seu membro e me sentei no chão. Protegida pela mesa, eu cogitava ficar escondida o resto do dia ali. Samuel ajeitou a calça e afastou mais a cadeira, para poder se inclinar na minha direção e estender a mão.

— Venha, eu também quero te chupar — ordenou com rouquidão. Antes que transformássemos o ambiente de trabalho na sala de aula em que ele gostava de transar, levantei-me e coloquei a mesa entre nós. — Scarllat?

— Eu vim aqui para ver seu feedback sobre a versão beta do aplicativo. — Respirei com dificuldade e ignorei a minha vagina pulsando por conta do seu olhar de desejo. — Alguém pode entrar.

— Tire a calça e abra suas pernas para mim, em cima da mesa. — Sorriu com malícia e meus joelhos fraquejaram. — Você quer.

— Está louco.

— Para te foder.

— Não aqui. — Coloquei as mãos na superfície e o encarei com desespero. — Esse trabalho é importante para mim.

— Se não conseguirá conciliar, nem deveria ter aceitado o nosso acordo. — Ficou sério e se posicionou melhor na cadeira. — Eu mando, você obedece, é assim que deve ser para o nosso prazer.

— Droga! — Dei a volta na mesa, sentindo que meu corpo estava entrando em erupção, coloquei minhas mãos no seu rosto e o beijei, como queria desde a nossa primeira vez na sala de aula.

Seu braço rodeou meu corpo, ele virou a cadeira e me fez cair com as pernas abertas em seu colo. Suspirei enquanto inclinava minha cabeça e deixava a língua tomar conta dos meus atos, seu sabor estava me levando a arriscar tudo em nome da emoção.

Bateram na porta, eu pulei para longe do seu colo como se pegasse fogo. Ajeitei meu cabelo e olhei para os lados, eu não sabia o que fazer.

— Calma. — Apesar do tom de ordem, ele estava brando o suficiente para eu não me sentir repreendida. — Senta e espera. Estamos vendo sobre o aplicativo — sussurrou.

— Tudo bem.

— Entre! — falou alto, me assustando enquanto eu me ajeitava a sua frente.

— Senhor, tenho alguns documentos para serem assinados com urgência para a contabilidade. Posso entrar? — Olhei para a secretária, que não indicava suspeitar do que estávamos fazendo.

— Sim. — Fez um gesto com a mão para que entrasse e ela me encarou. — Aguarde um momento antes de continuarmos com o aplicativo, Scarllat.

Acenei com a cabeça, me encolhendo no banco enquanto a mulher se posicionou ao lado dele. Reparei no toque da sua mão no ombro, quando inclinou para frente, salientando o decote e o sorriso discreto. Se era jogo de sedução ou apenas indicação de que os dois também transavam, eu não sabia explicar, mas estava fervendo de raiva. O sentimento de posse me dominou e estava entrando em um território desconhecido, não tinha psicológico para continuar com aquele acordo. Vagamente lembrava se tinha cláusula de fidelidade, eu fiz por impulso, porque estava adorando me sentir atraída por aquele que um dia eu odiei.

Minha perna começou a chacoalhar e, bem disfarçadamente, Samuel me encarou com repreensão. Devolvi indignada, sem deixar que minha ansiedade ficasse calada.

Eles demoraram demais e minha cabeça iria explodir com tantas informações.

— Obrigada, senhor — a mulher agradeceu suave, despediu-se de mim com um olhar tranquilo e observei-a rebolar até a porta.

Eu precisava de uma saia daquela, apesar de ser adepta das calças jeans e tênis.

— Precisa se controlar. — Virei para Samuel, que digitava no teclado. — Ninguém pode saber o que estamos fazendo. Você leu os termos.

— Podemos deixar para amanhã? — Engoli minhas reclamações e orgulho. — Tenho duas atividades para terminar hoje. Eu nunca... você... nós...

— Vá. — Apontou para a porta e, ao invés de receber como autorização para me retirar, interpretei como se estivesse sendo enxotada. — Eu te procuro, nunca o contrário.

Engoli o choro que ficou preso na garganta, saí da sala e nem olhei para a secretária. Deveria ter percebido que estava me colocando em uma armadilha, sem nenhum recurso para conseguir escapar.

Desci os degraus até o meu andar e fui direto para o banheiro, lavar o rosto e recobrar a compostura. Tinha me sujeitado a um acordo com um homem que tratava as mulheres como códigos. Ao invés de repudiá-lo, estava curiosa para saber qual era cor escolhida para mim, se é que eu entraria para aquela lista.

Encarando-me no espelho e tomando fôlego antes de voltar ao trabalho, pulei no meu lugar quando vi Pabline entrando no banheiro.

— Você por aqui. Quer tomar um café?

— Seu banheiro não é em outro andar? — soei na defensiva e ela revirou os olhos antes de entrar em um dos reservados.

— Gosto daqui, porque sempre está vazio. O que foi? Acordou com ferradura nova? — Escutei o barulho dela se aliviando e enxuguei as mãos com os papéis toalhas.

— Bem, eu venho sempre nesse. — Não deveria me ofender, mas estava mais forte do que eu dizer sem filtrar.

— Jura? — Soltou descarga e abriu a porta do reservado. — Amiga, o que foi?

— Aqui somos TI e RH. — Engoli em seco precisando desabafar, mas não seria com ela, não naquele momento.

— Ainda está se sentindo desconfortável por conta do que te pedi? — Olhou-me preocupada enquanto lavava as mãos. — Sinto muito, acho melhor você não seguir com o plano.

Assim que ela terminou e pegou um papel toalha, puxei-a para um abraço e suspirei. Ela riu baixo e retribuiu o carinho, eu só precisava me sentir menos insignificante.

— Acordei de mau humor, só isso. Augusto ainda não me deu chance para executar o seu favor.

— Vamos abortar. — Ela se afastou preocupada e eu neguei com a cabeça. — Sério. Não quero ser motivo de ninguém surtar por conta de crise de ansiedade.

— Para de frescura. Depois nos falamos. — Fui em direção à porta.

— Sua doida. Já tomou seu remédio hoje?

— Não, mas aceitei duas balas do Hortelã.

— Cuidado, elas podem estar batizadas.

Rimos da brincadeira. Fui até a minha sala e me refugiei na estação de trabalho. Ainda bem que todos estavam focados no seu próprio trabalho, nem perguntaram sobre o que eu tinha feito na minha visita ao CEO da empresa.

Ao invés de levantamento de requisitos no aplicativo, eu optei por testar o potencial do periférico de Samuel com a boca. Meu Deus, não queria nem imaginar quais outras piadas nerds surgiriam na minha mente.

Neguei com a cabeça, coloquei a playlist para tocar e voltei às atividades que precisava entregar ainda naquele dia.

“Parece inocente o bastante, não é?”

Mas, às vezes, há perigos envolvidos que nunca se encontram no olhar

Não importa onde você conheça um estranho, seja cuidadoso se eles parecerem muito amigáveis

Hey, um lance casual

Que pudesse ir a qualquer lugar

E só por uma noite”

Panic! At The Disco – Casual Affair

Eu tinha que continuar com meu desempenho na programação na mesma intensidade que ansiava por ele me convocar, mais uma vez. Seria apenas casual, prazer, fuga da realidade, um momento apenas meu.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 18

Cheguei mais cedo no trabalho para, finalmente, executar a missão da Pabline com seu futuro amante – ou pé na bunda. Acendi a luz da sala, fui para a mesa do Sushi e abri a minha bolsa para tirar a calcinha comestível. Levantei o teclado, que estava cheio de papéis embaixo e decidi o que fazer.

Para chamar o mínimo de atenção, tirei o que não importava e deixei apenas um pedaço do vermelho da calcinha exposto. Para não atrapalhar o serviço do meu chefe direto, ajeitei os papéis em um canto, alinhando-os na mesa e meu nome chamou atenção.

Era a impressão de um e-mail de Eriko Pereira, direcionado para Augusto, falando de mim.

“Estive no setor de TI essa semana e fui surpreendido por ter uma mulher muito bonita trabalhando com vocês. Pensei que ela estivesse fazendo estágio para arquivista ou outra coisa, mas ela sabia mexer no sistema e explicou com mais clareza que o analista Denis, que sempre me atende.

Se ela é tão inteligente e boa de conversa, além da aparência, por que não a colocam em um lugar melhor no marketing ou relações públicas?

Não me levem a mal, minha intenção é apenas ajudar a moça a crescer na empresa.

Eriko Pereira

Gestor Financeiro.”

Já tinha sofrido com comentários machistas, mas aquele, não só me ofendeu por conta de ser mulher, mas à minha profissão, como se a TI não fosse digna de ter pessoas bonitas e inteligentes. Detalhe, uma coisa não tinha nada a ver com a outra.

Escutei um barulho do lado de fora da sala, ajeitei os papéis em um canto da mesa do Sushi e fui para a minha cadeira. Meu coração estava acelerado, porque tudo o que fiz e planejava executar veio à tona. Apesar de fazer o meu melhor como profissional, estava manchando a minha carreira ao me relacionar com o CEO. Não só escondido, mas nas dependências da Dan Financeira.

Coei minha cabeça em desespero e baguncei meu cabelo. Achei que o dia iria ser bem melhor, mas começou ladeira abaixo. Minha vontade era de jogar tudo para o ar e fugir... para onde? O vazio, aquele sentimento de que eu não pertencia a lugar nenhum, me deixou mais chateada.

Naquela sala, com meus colegas de trabalho, eu me sentia bem. Eles não eram perfeitos, mas nem eu. Tinha sido a segunda vez que espionava o que não era meu, por mais que fosse importante aquilo ter acontecido.

Olhei para a mesa do meu chefe e a voz de Pabline soou na minha mente. Ela queria que eu registrasse o momento, mais uma infração para contribuir com a minha insônia.

Ajeitei o celular para que ficasse apenas a câmera para o lado dele. Mudei a configuração para não bloquear a tela e deixei tudo pronto para começar a gravar.

Seguindo contra a maré do que minha mente tinha escolhido para mim, continuei com o plano de flagrar sushi pegando a calcinha.

Liguei o computador, conferi os e-mails e logo Augusto apareceu, para tirar a minha paz.

— Bom dia — cumprimentou, sério.

— Olá, bom dia. — Forcei o sorriso, apertei o botão de gravar no celular e foquei na tela do computador.

— Alguém veio aqui? — perguntou olhando para a própria mesa. Por mais que estivéssemos empenhados em trabalhar, qualquer mudança era perceptível no nosso canto. — Você mexeu em alguma coisa?

— Só estou programando. Aconteceu alguma coisa? — Estendi o pescoço para olhar e o deixar desconfortável. Sua mão tampou a parte vermelha da calcinha exposta. — Acho que a moça da limpeza pode te esclarecer, caso ela tenha mexido.

— Tudo bem, depois resolvo isso. — Ele se sentou, esperou que eu voltasse a mexer no computador e tirou a calcinha debaixo do teclado. Com agilidade, colocou-a no bolso da calça e foi mexer o mouse, apenas para se distrair.

Caramba, meu coração iria me fazer desmaiar de tão acelerado.

Ele se levantou abrupto, virou-se para mim com determinação e me amedrontou. Eu seria mandada embora e Pabline iria comigo, ou ela reverteria a situação.

— Já tomou café? — perguntou seco e olhou para a minha mesa.

— Não.

— Quer?

— Eh... tudo bem. Sim, obrigada. — Pisquei os olhos quando saiu como um furacão da sala e me deixou sozinha. Tinha aceitado apenas para que ele fosse até o lugar e cruzasse com a causadora da confusão.

Parei a gravação do vídeo, busquei o contato de Pabline e fiz a ligação com a mão tremendo.

— *Bom dia!* — atendeu, animada.

— Ele está indo para a copa pegar café, está com seu objeto. Resolva isso, porque eu não quero ser demitida com ele achando que o estou assediando — falei baixo e horrorizada.

— *Por que ele acharia que a calcinha é sua?*

— Eu não sei se ele acha isso. Eu sou a única mulher no meio de um monte de homem, que acham que podem falar sobre minha beleza e inteligência, tudo na mesma frase. Por favor, só vá atrás dele, o jogue na parede e dê um ultimato.

— *Entendi a referência, o estresse e depois vamos falar sobre isso. Qual copa, do meu andar ou o seu?*

— Pabline! — repreendi, porque estava nervosa e ela soltou uma risada baixa.

— *Depois te conto. Vai ter que ser no vai ou racha mesmo.*

Encerrei a ligação e coloquei a mão no peito quando a porta se abriu e Hortelã apareceu junto de Paçoca.

Murmuraram um cumprimento, eu apenas acenei com a cabeça e tentei me recompor. As coisas da vida precisavam acontecer por partes, quando vinha tudo junto, eu me desestabilizava. Mas, como sempre fui sozinha, apesar dos meus pais de criação, eu dava um jeito.

Tinha que dar.

Coxinha foi o último a chegar e nada de Sushi. Coloquei meu fone, tentei me concentrar e me obriguei a testar o sistema, por mais que soubesse que as últimas atualizações que fiz estavam de acordo.

No mesmo momento que achei um *bug* na minha codificação, o chefe entrou na sala com o rosto corado e um sorriso contido. Percebi que não tinha o café na mão, além da camisa dele estar amarrotada.

Olhei para a tela do meu celular, que brilhou com uma nova mensagem e o desbloqueei disfarçadamente. Pabline disse que a missão tinha sido um sucesso, que o vídeo de antes poderia ser descartado.

Mais do que depressa apaguei a prova de que eu estava envolvida com aquela confusão, era menos um assunto pendente para ser resolvido.

— Droga, esqueci do seu café — Sushi falou. Rapidamente larguei o celular e dei de ombros. Por ele estar de bom humor, forcei o sorriso de boca fechada, para mostrar que eu também compartilhava daquela energia. Mal sabia que, por dentro, eu parecia um vulcão em erupção.

— Tudo bem, vou roubar uma bala do Hortelã.

— Eu encontrei uma marca nova! — Ele estendeu o braço e arrastei minha cadeira para chegar nele. — Derrete na boca.

— Na verdade, é das antigas. Fazia tempo que não a via em circulação. — Parei ao seu lado, peguei uma e coloquei na boca.

— Eu sou bem mais velho que você e não conhecia.

— Meu pai... quero dizer, eu tive contato com uma pessoa que tinha lanchonete. Conheço todas essas opções de troco fácil.

— Quer conversar sobre? — O rapaz me olhou com curiosidade. Eu nunca tinha falado sobre a minha origem ou família, apenas que morava sozinha e usava o transporte coletivo para me locomover.

— As balas? Não. — Aponte para o seu monitor, porque uma coisa tinha me chamado atenção. — O que é isso?

— Estou testando um novo componente. Se tudo der certo, você fará a troca deles, para melhorar a performance das telas. Veja só.

Nada mais eficiente do que falar sobre tecnologia com alguém da área e tirar o foco de mim. Hortelã me explicou como funcionavam as modificações que teria que fazer para substituir o componente de pesquisa e aceitei mais uma das balas dele para me manter ativa, sem pensar no que não deveria.

Aguardava a chamada de Samuel para a sua sala ao mesmo tempo que orava para que isso não acontecesse tão cedo.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 19

O almoço foi com os rapazes, no refeitório, já que minha companhia de sempre, Pabline, tinha desaparecido. Coincidentemente, Augusto também não estava, então, eu acreditava que a mistura de Sushi com Panetone tinha dado certo.

— Amanhã vai sair o trailer do filme do Dr. Estranho — Paçoca comentou e os meninos se animaram.

— Eu estava esperando por ele desde o início do UCM — Denis falou de boca cheia e Coxinha jogou um guardanapo amassado nele.

— O que é essa sigla? — perguntei na ingenuidade, eu já tinha terminado o que estava no meu prato.

— Sai dessa mesa, que você não é TI de verdade. — O mais irreverente deles ainda estava mastigando e estendeu o braço, fazendo uma grande encenação.

Fiz uma careta. Por mais que soubesse que era brincadeira, eu não queria ser excluída.

— Cala a boca, cara. Está parecendo o cuzão do Eriko — Coxinha murmurou e os outros dois o repreenderam com o olhar. — O quê?

— Falou demais — Paçoca resmungou.

— Se estão preocupados em guardar segredo sobre o e-mail, não fiquem acanhados, eu vi. — Encarei meu prato, porque estava chateada e queria esconder.

— Quem te mostrou? — Hortelã colocou a última garfada na boca de forma nervosa. — Puta merda, isso vai feder.

— Não vai. — Dei de ombros e olhei os três, que estavam preocupados. — Sei lidar com isso.

— O cara foi escroto. — Coxinha tomou um gole do refrigerante e me encarou com respeito.

— Desde quando entrei na faculdade aprendi a lidar com o universo masculino. Prefiro mostrar serviço a ter que discutir com uma pessoa que precisa mudar seus conceitos.

— Sabia que ela era foda. Eu disse. — Hortelã cutucou o braço de Paçoca com o seu cotovelo e o amigo não achou graça. — O chefe está preocupado em como resolver a situação. Ele está errado.

— Não deveria ter dúvida, concorda comigo? — Ergui uma sobrancelha e enfrentei os três, que se encolheram nas cadeiras. — Mas como vou aprender a lidar com as diferenças, se eu brigar a todo momento que alguém faz um comentário preconceituoso?

— Nós fazemos? — Coxinha perguntou, preocupado.

— A última coisa que quero é mudar o clima do nosso setor, porque estão com medo de me ofender. — Coloquei meus antebraços na mesa. — Vocês são ótimos e desde que cheguei, nunca recusaram uma explicação ou responder as minhas perguntas. Piada sombria ou sobre a capacidade intelectual de uma mulher não vai me abalar. Não foi você mesmo que disse que eu faria as apresentações a partir de agora? Denunciar para o RH seria o sensato, mas eu não sinto que tenho força para lidar com maiores explicações. Respeito se conquista com ações, não com palavras. Elas podem ser eternizadas na internet como fotos, mas as atitudes são irrefutáveis e vão servir como meu advogado de defesa, caso algum dia eu precise.

— Casa comigo? — Hortelã saiu da cadeira e se ajoelhou ao meu lado.

Todos começaram a rir, as pessoas ao redor também e meu rosto esquentou por conta da atenção. Aquele que nunca aparecia no refeitório surgiu conversando com um dos diretores financeiros.

A brincadeira chamou a atenção do CEO Samuel Dan e, ao invés de continuar me sentindo envergonhada, eu me excitei. O olhar sério e de promessas veladas me levou para outro extremo da minha vida, aquela da qual eu queria fugir.

Mas eu nunca abandonaria o único momento que me fazia sentir viva. Desejada. Incluída.

— Vou indo, você me fez passar vergonha demais — brinquei, pegando minha bandeja e me levantando.

— Bombom e hortelã, tudo a ver.

— Combina mais que sushi e panetone — Paçoca comentou e eles soltaram mais gargalhadas animadas.

Revirei os olhos, deixei minha bandeja na prateleira móvel e dei uma última olhada para o homem que não me permitiu ir atrás dele. Samuel se servia de um copo de café, como da outra vez que o encontrei naquele lugar. Saber que fizemos muita coisa e ninguém imaginava era tão excitante quanto estar no ato.

Subi para o meu andar, busquei minha necessaire para escovar os dentes e usei o banheiro próximo da minha sala, porque era pouco frequentado e sempre estava limpo.

Fiz minha higiene bucal e deixei por último para usar o reservado. Aliviei minha bexiga, soltei descarga e me ajeitei. Logo que abri a porta, dei um gritinho, mas ele foi abafado pela boca de Samuel. Ainda de olhos abertos, ele pressionou seus lábios nos meus e aprofundou o beijo enquanto nos escondia naquele cubículo.

Pressionou-me contra a porta, fiquei na ponta dos pés e abracei seu pescoço para o beijar com fome. Ele seria a minha sobremesa, não tinha dúvida disso.

Por mais que eu soubesse que era perigoso nos encontrarmos naquela situação, eu optei por ignorar, uma vez que minha equipe me apoiava, a mulher do RH era a minha amiga e eu estava prestes a transar com o CEO.

Prepotente e arrogante, apenas porque a minha libido estava falando por mim, eu cederia aos seus desejos.

— Porra — resmungou baixo quando liberou minha boca para beijar meu pescoço. Ele tentava abrir minha calça, seria complicado fazer algo daquele jeito.

— Posso arranjar uma saia, se é disso que você está reclamando — murmurei com voz trêmula, preocupada que poderia estar fazendo papel de ridícula.

— Você vai me deixar louco. — Mordeu meu pescoço e arfei de prazer. —
Silêncio.

— Estou seguindo o exemplo — provoquei antes de sentir seus dedos entrarem dentro da calça. Ele abriu o zíper, massageou a região pubiana e subiu a mão, apenas para que mergulhasse na calcinha.

Afastou sua cabeça para me encarar e, com a outra mão, colocou um dedo na frente dos lábios para me calar. Ele queria fazer como na sala de aula e eu não tinha objeção quanto a isso.

Relaxe os ombros e deixei meus braços soltos ao meu lado. Os dedos de Samuel eram firmes e fizeram movimentos circulares no meu clitóris. Fechei os olhos e me permiti encontrar o clímax, em um ambiente nem um pouco adequado, com o CEO.

Mordi o lábio inferior quando o orgasmo fez meu corpo estremecer. Seus lábios vieram para os meus, acalmando a reação para o prazer que me deu.

Voltei a abraçar seu pescoço, ele tirou sua mão de mim enquanto eu o beijava como uma namorada carente. Tentou se afastar, mas não deixei, eu não tinha terminado.

Minha mão foi para a sua virilha e ele segurou meu pulso com força, impedindo que avançasse. Parei o beijo sensual para o encarar confusa, seu olhar me disse tudo e um pouco mais das suas intenções.

— Não era assim que eu queria retribuir o que aconteceu na minha sala, mas terá que servir. Quero te ver novamente — sussurrou.

— Na sala de aula? — perguntei, esperançosa.

— Nos meus termos.

— Você que manda. — Sorri e ele fez o mesmo. — Sabe que sou uma péssima aluna.

— Sei muito bem o que fazer com você. Aguarde instruções. — Ergueu a mão que estava em mim, sugou os dedos e colocou na minha boca, para eu fazer o mesmo. A conexão que criamos estava ganhando força e eu conseguia prever seus movimentos. — Espere dez minutos para sair.

Muito cedo ele me deixou, sentei-me no vaso com a tampa abaixada e contei até duzentos antes de me levantar e sair do cubículo. Relaxada e anestesiada para os problemas da minha vida, era assim que eu me sentia.

Lavei as mãos, passei um batom de cor neutra e voltei para a minha sala pisando nas nuvens. Augusto ainda não tinha voltado do almoço e nada mais importava, porque a minha situação estava resolvida.



SAMUEL
Vitta Dan

Capítulo 20

Minhas ações estavam fugindo do controle, mas eu não queria me reprimir. Scarllat estava tão receptiva que, enquanto ela mantivesse tudo descomplicado, nós seríamos beneficiados com prazer.

As consequências dos meus atos e a análise do quanto estava longe do bom senso foram deixadas de lado, porque eu a queria para realizar todas as minhas fantasias.

Eu não me contentaria apenas com a sala de aula, muito menos com o escritório.

Sentado em minha cadeira, olhando para o monitor do meu computador, eu ansiava pelo horário do expediente terminar. O que precisava ser feito já tinha sido delegado, minha atenção estava apenas na mulher que se escondia dentro da postura de garota imatura da ex-aluna que se tornou minha funcionária.

Peguei o celular, conferi o contato e adicionei o código da cor dela junto ao nome. Ela tinha um diferencial, porque havíamos assinado um acordo, mas isso não queria dizer mais intimidade. #a64248 seria apenas um meio para ultrapassar outros limites em busca de prazer.

Samuel>> Ainda sinto o seu sabor nos meus lábios.

Aguardei a resposta dela de forma ansiosa, apertando o botão da caneta várias vezes. Tinha que parar com aquele costume, por isso descartei o objeto em cima da mesa. Coloquei uma música no computador e afastei a cadeira da mesa, para poder balançar minha perna enquanto ela não me retornava.

“Eu sou uma alma quebrada

Acho que perdi o controle

Porque você está me fazendo seu refém

E para falar a verdade

Tenho medo de envelhecer

Porque você está me fazendo seu refém”

Normandie – Hostage

Era deturpado, mas sensual o suficiente imaginá-la como minha refém, com os braços presos, nua e se contorcendo na cama, ansiando pelo meu toque. Minha busca pelo controle e por ser o responsável do momento trazia memórias da minha mãe as quais eu não estava disposto a dar voz.

Pais adotivos. Trauma. Amava-os, mas eu era apenas por mim. Suas dores ou revelações não faziam parte da minha vida, a não ser o que envolvia a Dan Financeira.

Scarllat #a64248>> Ainda estou quente pensando em você.

Samuel>> Quer se distrair um pouco mais?

Scarllat #a64248>> Sim.

Samuel>> Quer sentir minha boca entre suas pernas?

Scarllat #a64248>> Estou ficando vermelha só de responder essas mensagens. Mas sim, eu quero.

Samuel>> Já terminou o seu trabalho?

Scarllat #a64248>> Estou aguardando o CEO me convocar para fazer as últimas anotações da atualização do aplicativo. Depois, meu único compromisso é com você.

Samuel>> Venha até mim.

Scarllat #a64248>> Preciso que minha presença seja requerida através do meu chefe imediato. Pode ligar aqui?

Fechei os olhos, larguei o celular em cima da mesa e massageei meu pau por cima da calça. Desejo e trabalho não deveriam andar juntos, mas eu estava experimentando um novo cenário. Enquanto os indicadores de produtividade continuassem subindo, investiria em escapadas no meio do expediente.

Digitei uma mensagem para a minha secretária, solicitando a presença da mulher da TI. Desliguei a música quando bateram à porta e ela se abriu, revelando meu pai.

Merda.

— Oi, filho, como está?

— Tudo bem. Precisa de algo? — Ajeitei-me na cadeira, puxei-a para ficar mais próximo da mesa e o observei se sentar a minha frente com um olhar tranquilo.

— Estamos pensando em realizar a reunião geral na próxima semana. O que acha?

— Que você está lidando com um serviço que outra pessoa pode fazer. Deixe que o administrativo resolva essas questões internas. — Respirei fundo para que eu mudasse de foco. O tesão tinha sido substituído pela irritação.

— Você está lidando com tudo na Financeira, agora me cabem as pequenas coisas. — Deu de ombros, tranquilo, se sentando a minha frente. — Vai participar dessa vez?

— Se eu não tiver compromisso, sim.

— Sabe o quanto é importante estarmos presentes. Um bom empreendedor conhece todos os colaboradores e se permite estar entre eles.

— Conheço todos os princípios de liderança e como a empresa deve funcionar. A liberdade dada foi o suficiente, não precisamos ceder ainda mais.

— Ou, quem sabe, se adaptar? — Cruzou a perna, colocando a lateral da canela em cima do joelho. — Pedi para o RH fazer uma simulação relacionada ao banco de horas.

— Nós pagamos horas extras.

— E se os funcionários só quisessem uma folga?

— O que é melhor que dinheiro, pai?

— Ter um momento extra com a família. Nós podemos parar um dia para cuidar da nossa vida. E se dermos essa oportunidade para os colaboradores da Dan?

Engoli em seco enquanto o encarava surpreso. Seu ponto de vista nunca era descartável, deixando-me inferior a ele, sempre. Ao lado de Osvaldo Dan, eu nunca iria ser superior e isso me incomodava.

Novas batidas soaram na porta, pedi que entrassem no automático e quase me engasguei com a saliva quando encarei Scarllat. Ela estava corada, ofegante e muito me interessava o que se passava na sua mente quando ficou parada na porta.

— Olá, Scarllat. Venha, entre — meu pai a convidou e ela o obedeceu.

— Boa tarde, senhor Osvaldo.

— Pai, eu preciso ver com ela sobre a última atualização do aplicativo. — Tentei o dispensar, mas ele não parecia disposto a sair.

— Você que fez? Já está mexendo nisso tudo? — ele perguntou animado e Scarllat trocou um olhar comigo antes de responder:

— Sim. Ainda tenho muito o que aprender, mas já estou executando muita coisa sozinha. O pessoal do setor é paciente e está sempre disponível para me ajudar.

— Assim vai atrapalhar o trabalho dos seus colegas. Não há nenhuma forma de aprender sozinha? — As palavras saíram sem que eu pudesse evitar. A vontade de palpitar e sempre ter algo a dizer, que me colocava superior, era mais forte do que meu lado racional.

— Tenho certeza de que Scarllat somou esforços na equipe, não subtraiu. — Meu pai tocou no antebraço dela e deu um leve afago. Percebi que tinha ficado dura e seu sorriso era forçado. — Posso acompanhar vocês na análise do aplicativo?

— Claro, senhor. — Ela virou o rosto para mim e senti sua raiva pelo olhar. — Posso usar seu computador, por gentileza?

— O aplicativo está no meu celular. — Ergui o aparelho.

— Mas eu faço as anotações enquanto apresento. Enfim, tudo bem, vamos para o aplicativo rodando. — Ela estendeu a mão e neguei com a cabeça. — Como quer que eu faça, senhor?

— Pode usar o computador.

— Obrigada. — Ela se levantou e trouxe a cadeira para ficar do meu lado. Não demonstrou irritação, mas eu sabia que tinha exagerado na forma como a tratei.

— Vejo que está lidando com tudo muito bem. Paciência parece ser seu forte, Scarllat. — Meu pai sorriu, observando a nossa interação.

— Eu tento — ela respondeu mais amigável para ele.

— Depois, podemos ir comemorar comendo o sanduíche. O que acha?

— Que depois da morte daquele seu amigo, você iria parar com esse costume nem um pouco saudável. — Arrastei minha cadeira para me afastar de Scarllat. Minhas mãos iriam querer tocá-la, mesmo tendo olhos sobre nós.

— Nunca esquecer as origens, para prosperar no futuro. Um professor me ensinou que faz parte da formação de um bom empreendedor. — A mulher me surpreendeu com seu tom calmo ao relembrar uma fala minha, das aulas que ministrei. — Será um prazer, senhor Osvaldo.

— Vamos, filho? — Ele me encarou preocupado e, ainda estando no automático, apenas concordei com a cabeça.

Seria mais tempo com Scarllat, então sim, eu iria junto.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 21

Eu não sabia explicar o que estava sentindo, era uma mescla de raiva e excitação. Samuel tinha agido da mesma forma da época em que ministrava aulas na faculdade, sempre encontrando um defeito, nunca uma solução.

Deveria estar ignorando-o, mas junto daqueles homens, eu me sentia bem. Não havia nada fraternal, até porque, nunca tive isso na minha vida, apenas a preocupação de Neide e o carinho seco de Júnior. Então, me conectar com aquele pouco de atenção não estava estranho para o meu padrão de vida.

Estávamos em dois carros, Samuel seguiu no dele enquanto eu estava em outro, no banco de trás junto com o senhor Osvaldo. O céu tinha escurecido rapidamente e seguíamos em direção a uma lanchonete que eu indiquei.

— *Não acha melhor irmos ao Outback?* — Samuel perguntou do viva-voz do celular, era a segunda vez que ligava em tão pouco tempo.

— Em outro dia, filho. — Senhor Osvaldo me encarou e não entendi o que pretendia deixando em aberto uma nova oportunidade de estarmos juntos.

— *Esse bairro é perigoso.*

— É perto da minha casa, não acho tão ruim assim — rebati seca, sem querer me envolver na conversa dos dois.

— Por isso que meu motorista também é segurança. É apenas uma refeição, Samuel.

— *Tudo bem.*

Vi Osvaldo encerrar a ligação e estender a mão. Coloquei a minha em cima da dele, que deu tapinhas leves com a outra.

— Por mais que ensine meu filho que simplicidade não é sinônimo de pouca qualidade, ele não consegue enxergar essa situação da forma que eu vejo.

— As pessoas são diferentes.

— Sim, mas a vida segue para todos. — Encarou-me com mais afinco. — Sente falta de Júnior?

— Um pouco. Não era como se fôssemos pai e filha. — Dei de ombros e abaixei o olhar. — Tinha um grande carinho por ele e sua família.

— Tem falado com as ex-esposas?

— Não. Na última vez, entreguei o dinheiro e fui cuidar da minha vida.

— Você é muito forte, Scarllat.

— Precisei aprender a sobreviver desde muito cedo. — Ergui o olhar e forcei o sorriso. — Mas estou bem, realizando um sonho profissional.

— Está gostando de trabalhar com os rapazes da TI? Não é ruim ser a única mulher no setor?

— Eles são respeitosos. — Lembrei-me do e-mail recebido e não o citei, porque não sabia o que fazer, como o meu próprio chefe. Sabia que tinha sido um ato falho, mas não me imaginava tendo apoio, caso Eriko pudesse reverter a situação. — E eu sou teimosa o suficiente para estudar bastante até ser tão boa quanto eles.

— Não duvido.

— Chegamos, senhor — o motorista falou, parando o carro e o desligando.

Abri a porta do meu lado e encarei a simples lanchonete, com mesas de plástico na calçada e na parte de dentro. O cheiro de hambúrguer na chapa e batatas fritas atijou meu estômago. Eu nem sempre jantava, ainda estava focada em guardar dinheiro para terminar de comprar as coisas para a minha casa.

Samuel apareceu ao meu lado e indicou a mesa próximo de onde foram estacionados os carros. Sentei-me de frente a ele enquanto o senhor Osvaldo ficou na perpendicular. Uma garçonete apareceu tímida para entregar o cardápio e anotar os nossos pedidos.

— X-tudo? — questionei divertida depois que Samuel fez seu pedido econômico acompanhado de um refrigerante.

— Ele está tímido, sempre come dobrado. — Osvaldo apertou o braço do filho, que relaxou, encarando-o com afeto.

— Minha dieta é balanceada por causa da academia. Sabe que isso não faz bem para o seu coração, pai.

— É excepcional. Uma vez no mês não mata ninguém.

— Como estão seus exames?

— Obrigada. — Sorri para a garçonete, dispensando-a, e encarei os dois. Minhas pernas se esticaram para relaxar e uma delas alcançou o pé de Samuel. Ao invés de retrain, eu o deixei ali, de propósito. — Está tudo bem com sua saúde, senhor Osvaldo?

— O normal para a minha idade. — Abriu o paletó e se ajeitou na cadeira. — E você?

— Minha saúde? — perguntei, franzindo o cenho. — Não me lembro a última vez que fui ao médico.

— É importante fazer exames regulares, anualmente. — O tom de Samuel foi de repreensão. — Por mais que não tenha plano de saúde, há os postos de saúde e hospitais públicos.

— Vou quando acho necessário.

— Prevenção é o melhor cenário, tanto para o lado pessoal, quanto o profissional.

— Ainda bem que você não é mais o meu professor e sei cuidar da minha vida, por isso nunca faltei por motivo de doença. — Sorri com deboche e olhei para Osvaldo, que riu baixo. Caramba, eu estava com os CEOs da Dan Financeira, não éramos colegas de trabalho como os rapazes da TI. — Desculpe por isso, mas não estou acostumada a levar esse tipo de bronca.

— Não é pessoal, apenas o óbvio, Scarllat — Samuel quis ter a última palavra.

— Concordo com você, meu filho, mas cada um leva a vida de uma forma. — Osvaldo estendeu o braço para apertar meu ombro. — Temos convênio com algumas clínicas, se precisar de apoio.

— Eu estou bem, sei me virar.

— Sim. — Ele me soltou e encarou Samuel, que me encarava com determinação. — Até parece alguém que conheço.

— Pai.

— Como foi ser criada por dona Neide e Júnior? — O senhor voltou o foco para mim. — Meu amigo nunca foi um homem fácil, apesar de justo.

— Eles eram protetores e eu fazia a minha parte para dar o mínimo de trabalho. — Cruzei os braços, incomodada com a atenção de Samuel por conta das revelações sobre a minha vida pessoal.

— Pode acreditar, eles te amavam.

— E eu, a eles. — Senti saudades, por mais distantes que eles tivessem sido. — Sabia que minha vida era diferente, que nunca teria um pai e uma mãe como meus amigos de colégio. Apesar de não transparecer, briguei muito com a realidade, mas fiquei calada. Eu descontava minha frustração na programação.

— Não vai parar enquanto não ser a melhor.

— Tento fazer o que posso, eu me empenho. Quanto mais frustrada, mais sou produtiva. — Bufeí um riso e troquei um olhar com Samuel, que continuava sério. — Mas também faço meu melhor estando de bom humor.

— Ela tem alma empreendedora, filho.

— Sabe se adaptar para passar despercebida, mesmo que isso custe a opinião dos outros. — Samuel mexeu a perna e se esfregou na minha. — Tem medo do sucesso, Scarllat?

— Fico bem acompanhada na solidão. Coloco meu fone de ouvido, olho para o computador e me entrego para o trabalho. As máquinas são mais fáceis de lidar do que as pessoas.

— Isso eu discordo. Tem dias que o computador não quer saber de colaborar. — Osvaldo se animou quando viu os lanches chegando. — Muito bem, hora de relembrar as origens.

— Pai, o senhor não precisa disso para dar valor ao que tem hoje.

— A rotina pode te cegar para o que realmente importa, Samuel. — Agradeceu a garçonete, pegou o saquinho que tinha o seu lanche e o cheirou. — Simplicidade. Teimosia. Determinação. Prosperidade. Quando eu o mordo — abocanhou o lanche e o mastigou —, eu me encho do mesmo sentimento da época em que vivia perfumado de gordura. Esqueço os números, a riqueza superficial e me lembro da sua mãe. Dos nossos momentos juntos. Quando você chegou e mudou tudo. O trabalho compartilhado, as conquistas celebradas juntos.

— Ela merece ser lembrada feliz — Samuel falou com nostalgia, pegou seu lanche e o comeu.

— O que aconteceu com sua esposa? — perguntei, inocente.

— Seu último ano de vida foi sofrido. Ela...

— Viemos resgatar a parte boa, não a ruim, certo? — Samuel o interrompeu e o homem acenou afirmativo. — Ela sempre será minha mãe, não importa o nosso sangue.

— Foi um momento difícil, mas como meu filho disse, o que importa são as boas lembranças. — Osvaldo apontou para o meu lanche. — Não vai comer?

— Ah, claro. Obrigada. — Recolhi minha perna, mastiguei um pedaço e tentei decifrar o que todas aquelas palavras queriam dizer.

Havia muito mais por trás e eu estava curiosa.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 22

— Pode deixar que eu a levo para casa — Samuel ordenou e o senhor Osvaldo pareceu satisfeito com a postura do filho.

— Até amanhã. — O homem me puxou para um abraço e retribuí com muito carinho. — Bom descanso.

— Obrigada.

Ele entrou no seu carro com a ajuda do motorista, que se despediu de nós com um aceno de cabeça. Dei poucos passos até o carro de Samuel, ele abriu a porta e entrei tendo meu coração acelerado como companhia.

Observei-o dar a volta para se sentar atrás do volante, ele me encarou e suspirou. Muitas coisas foram ditas naquela mesa, eu o via muito mais humano do que apenas um homem que valorizava apenas o desejo carnal.

Nós éramos muito parecidos, afinal.

— Qual direção? — perguntou, abandonando a postura anterior e focando na sua frente.

— Volta para a avenida do bairro, é mais umas quadras à frente.

— Tudo bem.

— Obrigada pelo lanche.

— Meu pai está muito confortável com você.

— Acho que ele vê Júnior em mim. — Dei de ombros, porque esse era um carinho do qual eu não queria abrir mão. — Meu trabalho continua o mesmo, com o apoio do dono ou não, se essa é sua preocupação.

— Tem algo mais.

— O que está insinuando? — elevei o tom de voz. Sua mão foi para a minha coxa e apertou, amenizando meu temperamento, para não brigarmos. — Samuel, temos um acordo, não um contrato de compra e venda.

— Meu pai não quis se casar novamente, nunca o vi com outra mulher. Um homem precisa lidar com seus instintos, mas eu achava que Carmem sempre seria a única mulher da vida dele.

— Tem gente que só ama uma vez.

— Não existe isso. — Virou seu rosto na minha direção por um breve momento, ele estava indignado.

— Carmem é sua mãe, certo?

— Sim.

— Por que não a chama como tal? Deveria estar feliz pelo amor deles ao invés de se indignar.

— Eu fui adotado e, às vezes, os chamo pelo nome. Enfim, essa não é a questão. Por que ele está preocupado com você? Te dando atenção?

— Pelo amor de Deus, Samuel. Não há nada sexual entre mim e o senhor Osvaldo. Você está me ofendendo. — Indiquei a rua para ele virar e cruzei os braços. — Que pé no saco você está sendo.

— Como é que é?

— Chato. Idiota. Um homem não pode fazer uma gentileza para uma mulher? — Bati na mão dele, que tentava me acalmar apertando minha coxa com carinho. — Ele tem idade para ser meu pai, quase um avô. Pare de ter ideias erradas.

— Tem algo a mais nisso e você está distorcendo minhas palavras. — Parou o carro em frente à minha quitinete e tirou o cinto, bufando. — Não sabe o que está na minha cabeça. Não estou insinuando que os dois estão tendo um caso. Esse acordo foi feito comigo. Você é minha, Scarllat.

— No momento, a única coisa minha, que é sua, é o ódio. — Encarei-o com todo o meu desprezo e abri a porta do carro. — Até mais.

Eu sabia que era momentâneo, mas não conseguia evitar pisar firme e amaldiçoar aquele que um dia me fez sentir a pior aluna do mundo. O problema era que esse mesmo homem tinha me levado para um caminho de luxúria sem o qual eu não conseguia me ver sem.

Quanto mais raiva eu sentia, mais eu queria foder com o corpo e a mente dele. Mas, ficaria para outro dia, porque eu estava abrindo o portão do terreno em que ficava a quitinete.

Senti Samuel grudar nas minhas costas. O braço envolveu minha cintura e a apertou, para que eu sentisse sua força e rigidez. Eu tinha vários argumentos plausíveis para o rechaçar, mas apenas um era o suficiente para me calar e aceitar a sua proposta silenciosa.

Entrei na área, fui com ele junto de mim até a porta da minha casa e suspirei. Entramos sem acender a luz, deixei minha bolsa cair no chão e Samuel aproveitou para me inclinar de frente em cima da pequena mesa de copa. Ainda bem que meu notebook estava fechado e o agarrei para não o derrubar.

Descuidado, ele abriu minha calça, abaixou até os joelhos e beijou minha bunda, descendo pela coxa. Suspirei pelo contato carinhoso, ele queria um momento de tédio e eu estava disposta a usufruir com ele.

Segurou nos meus quadris com força, esfregou sua pélvis em mim, apenas para provocar. Bateu contra minha bunda alguns segundos, fechei os olhos e o imaginei dentro de mim.

— Você me faz perder a cabeça.

— Quem está no controle é você. Então, a culpa é toda sua.

— Foda-se, sim. Quem manda aqui sou eu. — Deu um tapa de leve em uma nádega e gemi baixo. Escutei o barulho de cinto, o zíper da calça e uma embalagem sendo aberta. Senti seus dedos tocarem meu sexo e mergulharem na minha vagina. — Molhada.

— Vem logo.

— Está excitada pela briga? — Deitou seu corpo no meu e sussurrou no meu ouvido: — Gosta quando eu estou por cima?

— Prefiro quando fala menos e age mais. Ah! — Ele entrou com tudo, minha provocação tinha causado efeito.

Ergueu-se para focar no entra e sai enquanto ainda estávamos vestidos. Tendo o mínimo de luz possível para nos enxergarmos, a escuridão contribuiu para que eu ficasse ainda mais excitada.

Samuel rodeou a mão no meu cabelo e me fez levantar com um puxão. Ainda conectados e com ele entrando e saindo, ele inclinou minha cabeça para o lado e chupou meu pescoço com força.

— Samuel — implorei por mais, para ir além.

— Você é minha — rosnou baixo.

— Até te sentir gozar em mim.

Soltou meu cabelo, abraçou minha cintura enquanto uma mão foi entre minhas pernas. Ofeguei com as arremetidas, Samuel esfregou meu clitóris e apertou meu seio por cima da blusa até que meu corpo estremecesse e o orgasmo me alcançasse.

Ele continuou a tortura prazerosa, mesmo que eu o sentisse pulsar. Entrou uma última vez, fundo, e afastou uma cadeira para se sentar e me levar junto. Ri quando se desequilibrou, não era um assento muito resistente, ainda mais para o tamanho dele comigo junto.

— Foi rápido demais — reclamou acariciando o que eu tinha exposto do corpo.

— Podemos continuar. — Rebolei e me ajeitei no seu colo, foi a vez de ele gemer. — Tenho que tomar banho.

— Já é muito tarde.

— Eu teria muita disposição para ir trabalhar amanhã. Você não? — Encarei-o por cima do meu ombro e fiz uma cara atrevida. — Mostra para mim o poder dos seus músculos, academia e dieta balanceada.

— Gosta de me provocar.

— Apenas o suficiente para te fazer perder o controle. — Coloquei os pés no chão, subi e desci no seu pau. — Ele ainda está duro.

— Preciso de um tempo para gozar mais uma vez.

— Não seja por isso.

Levantei-me para me despir por completo. Reparei que ele ainda tinha a camisinha no seu membro, subi nua de frente no seu colo e o beijei lenta e sensualmente.

Nossos lábios se tocavam e pressionavam, ecoando cada sensação pelo corpo. O coração pulsava forte enquanto meu sexo implorava por ter um pouco mais de Samuel.

Encaixei-me mais uma vez, cavaleguei sem pressa, rebolei e me entreguei sem pudores, protegida pela escuridão do seu escrutínio. Naquele momento, só havia desejo irrefreado e um tesão que só aplacaria com mais um orgasmo.

Suas mãos deslizaram pelo meu corpo, e eu sentia o quanto cada dedo queria memorizar a textura da minha pele. O arrepio me dominava, meus seios imploraram por atenção e joguei a cabeça para trás, segurando-me na sua nuca.

— Isso — incentivou-me a continuar. — Se entrega para mim, Scarllat.

Deveria ter lembrado do acordo, que o nosso relacionamento era derivado de um papel assinado, com termos específicos, mas eu fui além. Fechei os olhos, gemi e encontrei o ápice do prazer mais uma vez, porque ele pediu e eu queria ser dele.

Meu coração queria pertencer àquele professor CEO.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 23

Ele foi embora e mal dormi, pensando em Samuel ao meu lado, na cama, mesmo que nela não coubéssemos nós dois. Estava despreparada para uma conversa íntima como na lanchonete e, depois, para o sexo despudorado.

De confiante a apaixonada por quem menos eu esperava. O improvável me transformou em uma sonhadora, com muito além da minha vida profissional.

Tão iludida com a realidade em forma de segredo, que tinha me esquecido de uma parte da minha vida que achei que tinha morrido junto com Neide e Júnior. A caminho do trabalho, dentro do ônibus, meu celular tocou e o nome da ex-esposa do homem que me criou apareceu.

— Oi? — atendi preocupada.

— *Scarllat? É Jucélia.*

— Oi, como você está? E as crianças?

— *Tudo bem. Pedro continua agitado como sempre e Antônio, um chorão.*

— Faz parte.

— *E então, não vai vir visitar?*

— Ah? Eu... não sei. — Fiquei surpresa com a pergunta, até porque, as ex-mulheres de Júnior nunca gostaram de mim.

— *Pois venha. Eu preciso de um favor seu. Pode ser hoje?*

— Estou indo para o trabalho. Não pode ser fim de semana?

— *Hum, sabia* — falou chateada, eu não entendi o motivo. — *Você pode fazer daí, pela internet. Mexe com computador, não é mesmo?*

— Sim.

— *Preciso de dinheiro, qualquer ajuda serve.*

— Ah. — Fiquei com a boca aberta alguns segundos antes de me recompor. Tudo tinha sido explicado. — Eu não fiquei com nada para mim, Jucélia. Todo o dinheiro foi dividido entre vocês.

— *Pois é, mas acabou.*

— Como? Não faz nem um ano da morte de Júnior.

— *E você acha que a gente sobrevive como? Sem emprego, o dinheiro foi embora.*

Percebi que era meu ponto, acionei a cordinha e fui para a frente da porta. Tinha ido mais cedo, peguei o transporte coletivo sem lotação.

— Não sei o que dizer.

— *Preciso de dinheiro, meus filhos vão passar fome. Não posso trabalhar, porque não tenho onde os deixar. Você está empregada, certo? Me dê um pouco de ajuda, os meninos são seus parentes também.*

— Eu vou ver o que posso fazer. — Saí do ônibus. — Estou chegando ao trabalho, depois nos falamos. — Encerrei a ligação e guardei o telefone.

Estava na ponta da língua dizer que não havia vínculo entre nós, mas meu peito doeu. Eu já tinha sido rejeitada, vivia em uma casa onde minha situação de adoção era salientada. Os filhos de Júnior não mereciam ser dispensados, mesmo que eu não pudesse fazer nada por eles.

Preocupada em resolver aquela questão, entrei no prédio comercial, cumprimentei as pessoas por quem eu passava diariamente e subi até o décimo nono andar.

Peguei o celular, abri o aplicativo do banco e fiz cálculos mentais com relação a um empréstimo ou mesmo a minha reserva pessoal. Tinha tantos planos para aquilo, meu cantinho precisava de mais coisas além do básico.

Entrei na minha sala, sentei-me na cadeira e Augusto entrou logo em seguida. Meu chefe estava sorridente, mas ficou sério assim que me encarou.

— Olá, Scarllat. Está tudo bem?

— Ah? O quê? Claro! — Forcei o sorriso e me estiquei para ligar o computador. — Com a cabeça na lua, e você?

— Tudo certo. Perfeito. — Ele relaxou e se sentou na sua cadeira. — Pabline me contou tudo.

— Não sei de nada. — Fingi indiferença. — Estão namorando?

— Sim e não. — Ele se virou para mim e se aproximou, empurrando a cadeira. — Preciso que descubra qual a flor preferida dela.

— Vou cobrar um extra.

— Te dou quantos bombons você quiser. — Fez uma careta e se afastou. — Você viu o e-mail, Hortelã comentou sem querer. Foi desrespeitoso e nada profissional, ao mesmo tempo que sei da importância dele e seu cargo. Eu ainda não sei como agir sobre isso.

— Confesso que também não, mas ignorar não dá.

Paçoca e Hortelã entraram na sala segurando um copo de café cada.

— Bom dia. Quem morreu?

— O bom senso — comentei, lembrando de Jucélia, sem perceber que poderia ser uma indireta para o meu chefe.

— Scarllat, você está levando para o lado errado — Sushi falou sério.

— Não! — Coloquei as mãos no rosto, envergonhada. — Desculpe. Estou com alguns problemas pessoais, não tem nada a ver com você. — Estiquei-me para tocar seu braço e pedir desculpas com o olhar. — Vou descobrir ainda hoje o que você precisa. Obrigada por tudo e confio que fará o melhor, no que você decidir sobre o e-mail. Eriko não é a equipe de TI e aqui, tive respeito desde os primeiros dias de trabalho.

— Entregas para o RH, deixe que eles decidam isso. — Hortelã mostrou seu pacote de balas e neguei. — Pelo menos, Eriko nunca mais vai me ligar perguntando coisas óbvias do sistema.

— Você já tem o que precisa ser feito no aplicativo *mobile*? — Sushi acionou o modo profissional, Coxinha entrou na sala e nos cumprimentou com um murmúrio.

— Nas duas vezes em que estive com o senhor Samuel, ele teve outro compromisso. Tenho algumas coisas anotadas.

— Crie as atividades, coloque na *sprint* e vá atrás de terminar esse levantamento. Vamos entregar o produto, porque vem uma mudança por aí.

— Tudo bem, vou ver se consigo resolver agora de manhã. — Levantei-me para ir até o CEO. — Mais alguma coisa?

— Sorria, Bombom. — Hortelã pegou da mesa de Coxinha uma trufa caseira e aceitei depois que o dono liberou para que eu pegasse. — Viu como sou legal? Mesmo rejeitado, quero sua felicidade.

— Você está me comprando para fazer a alteração dos componentes sozinha, que eu sei.

Todos riram, saí da sala e abri o embrulho, colocando o doce na boca e me deliciando com o sabor. Tinha um morango dentro, estava fresco e me fez salivar enquanto subia pela escada.

Cheguei à recepção, a secretária informou que nenhum dos CEOs tinha chegado e ficou de me convocar quando aparecessem. Voltei para o meu canto, coloquei o fone de ouvido e me entreguei às atividades do momento.

A preocupação com Jucélia não me tirou o foco, mas me fez pensar em soluções alternativas de como a ajudar. Se encontrasse uma creche para deixar as crianças, ou mesmo uma babá que cobrasse um preço baixo, ela poderia trabalhar e sustentar a casa.

Eu não deveria cogitar entregar meu dinheiro, mas estava preocupada com as crianças. Morava sozinha e tinha condições de ajudar, como Júnior fazia.

Troquei de playlist quando uma música triste começou a tocar. Precisava de agitação e não mergulhar ainda mais na minha tristeza.

“Estou em uma encruzilhada

Não sei que caminho seguir

Mas pode apostar

Você não vai me pegar aqui para sempre”

Fight The Fade – Cut & Run

Pelo menos, ajudando-os, eu não me sentiria tão só no mundo. Ter Samuel por perto era bom, me proporcionava momentos que me ajudavam a ser confiante, mas não era o suficiente.

Ter uma conexão através de um acordo era muito pouco, diferente de uma dívida financeira. Eu estaria atrelada a eles até que ela se findasse.

Nunca pensei que ansiaria por relacionamentos duradouros, mas estava disposta a experimentar o que o destino quisesse me dar.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 24

— Está com a cabeça na lua — Pabline me repreendeu com carinho, estávamos apenas nós à mesa, em um almoço tardio. Quase ninguém estava no refeitório.

— Muita coisa para pensar. — Tomei um gole de água e suspirei. — Estou com o trabalho atrasado, porque o Samuel está fora da empresa há alguns dias.

— Augusto não pode resolver o seu problema?

— Sim, mas é o chefe do chefe que quer palpitar no sistema. — Apoiei o cotovelo na mesa e o rosto na mão. — Mas é o que temos.

— Não é por isso que você está tão avoada.

— Pensativa, é diferente.

— Esquecida. — Tocou minha testa com o seu dedo, divertida. — Quase não saiu para almoçar hoje.

— Porque eu estava focada.

— Você precisa relaxar.

— Sim. — Suspirei ao pensar nos membros de Samuel. Seus braços, pernas e pau eram tudo o que eu precisava para me ajudar a dormir.

— Ainda com insônia?

— Eu sempre tive. — Olhei para o meu prato, faltava algumas batatas assadas para comer.

— O que te perturba tanto? Tem algo que quer me contar? Sabe que guardo segredo. — Inclinou-se na minha direção e sorri.

— Você é uma boa amiga, mas prefiro saber das suas escapadas ao invés de contar sobre os filmes que estou vendo. — Ergui as sobrancelhas em diversão e me ajeitei na cadeira. — Como está Panetone e Sushi?

— Bem. — Seu olhar se iluminou, porque eu sabia que ela tinha recebido flores naquele dia. — Ele adivinhou que gosto de rosas brancas.

— Você é romântica.

— Demais. — Olhou para o teto, sonhadora. — Minhas chefes ficaram de bico, mas não perguntaram ou criticaram. Eu faço meu trabalho, então não importa se tenho um namorado que gosta de me agradar.

— Já pensou ganhar uma caixa de bombom sortido na semana que vem? — Joguei verde, aquela era minha próxima missão dada pelo meu chefe imediato. — Ou

meio amargo.

— Meu preferido é Ferrero Rocher.

— Eu gosto de Talento, com castanha no meio.

— Bom também.

— E barra de chocolate? — A intenção era manter a conversa para que não parecesse que estava interrogando-a.

— Chocolate ao leite, qualquer marca. No fim de semana, como sempre um tablete e deixo derreter na boca.

— Hum. — Tomei um gole de água, ficando com vontade de algo doce. — Está me dando fome novamente.

— Culpa sua, que fica falando de doce.

— Me apelidaram de Bombom, é mais forte que eu.

Um grupo de homens passou, viramos para os encarar e disfarcei ao perceber que Eriko estava entre eles. Seguiram até a mesa do café, comi o resto das batatas fritas e me levantei. Percebi o olhar dele em mim, mas não queria ter nada a ver com aquele sem noção.

— Vamos? — chamei Pabline, que me seguiu.

— Está na nossa hora mesmo. Mande um beijo para meu Sushi.

— Faça isso você mesma por mensagem, vai. Será mais sugestivo.

— Tem toda razão.

Colocamos nossas bandejas no carrinho de pratos e seguimos em direções diferentes, cada uma para sua sala.

Peguei minha nécessaire, fui para o banheiro e ansiei que Samuel me encurralasse novamente. Onde será que ele estava? Eu não deveria mandar uma mensagem para ele, como tinha sido acordado, mas não aguentava ficar sem notícias dele.

Eu o queria para acalmar meu coração, além do sexo.

Sentei-me à minha mesa e fiz o que não deveria.

Scarllat>> Preciso de você.

Olhei para o celular e logo tive que o abandonar, porque não houve resposta. Ele devia estar viajando a trabalho ou cuidando de outro assunto pessoal, a questão era que eu queria saber.

— Sushi — chamei meu chefe.

— Sim. — Virou a cadeira para ficar de frente para mim.

— Barra de chocolate ao leite e Ferrero Rocher.

— Você é sensacional, Scarllat. — Mostrou seu punho e bati o meu no dele.
— Ela está adorando os mimos.

— Demais.

— Alguém falou em chocolate? Aceito. — Coxinha levantou a mão.

— Bombom é ela, não você — Hortelã se intrometeu e meu chefe voltou para a sua posição de trabalho.

— Já atualizou o sistema para resolver aquele *bug* com o botão *enter*? — Sushi perguntou sério e os rapazes voltaram a trabalhar.

Fiz o mesmo, deixei minhas preocupações de lado e foquei nas linhas de código por algumas horas. Quando os rapazes saíram da sala para um intervalo e tomar café, aproveitei para olhar meu celular.

Nem sinal de Samuel.

Fui até o contato de Pabline, achando mais seguro falar algo pessoal pelo meu aparelho do que no programa de mensagens internas.

Scarllat>> Hoje é sexta.

Pabline>> Sim. Tem algo em mente?

Scarllat>> Será que existe algum lugar bom e barato para ir?

Pabline>> Quer comer ou curtir a noite?

Scarllat>> Talvez escutar uma boa música. Sei que deve ter planos com Sushi, só queria uma sugestão de onde ir sozinha.

Pabline>> Pare com isso, vá conosco.

Scarllat>> Eu me viro.

Pabline>> Teimosa. Vamos ao Bar Rota Pre 83, tem música ao vivo e a cerveja não é tão cara.

Scarllat>> Não bebo, só a música serve.

Pabline>> Estou animada, vou falar com meu Sushi favorito.

Scarllat>> Eu não vou ficar de vela.

Pabline>> Augusto será o motorista da rodada. Aceite a carona e vamos sair para nos divertir. Podemos dançar também e falar dos reality shows.

Scarllat>> Que eu não assisto.

Pabline>> Abra o site de fofocas e se atualize. Terá que me mostrar no mínimo três memes para pagar a carona.

Scarllat>> Você é chata, mas mora no meu coração. Farei isso, será divertido.

Pabline>> Se quiser, podemos chamar o pessoal da TI. Fiquei sabendo de você e Hortelã.

Scarllat>> Não há nada entre nós. Se for para ir todos, prefiro ficar em casa. Queria apenas... espairecer.

Pabline>> Pode deixar comigo, sua insônia será curada com a canseira que eu te darei.

Scarllat>> Você já tem namorado. Não está me fazendo um convite pervertido, certo?

Pabline>> Não me faça tirar sua embalagem, Bombom. Sei que aí dentro mora uma mente poluída. Mas nada de compartilhar, Sushi é todo meu.

Scarllat>> Amém. Me ligue quando estiver saindo de casa para vir me buscar.

Os rapazes voltaram ao trabalho, eu me animei com o programa agendado com minha amiga do RH e coloquei em modo de espera o que não poderia controlar.

Era tempo de pensar apenas em mim.



SAMUEL
Vitta Dan

Capítulo 25

Observei-a de longe, dançando sem ritmo, apenas chacoalhando a cabeça enquanto a banda de rock amadora tocava no salão. Eu estava no camarote, tomando minha dose de refrigerante enquanto relaxava de uma semana exaustiva.

Acompanhei meu pai em exames do coração, além de uma internação para tomar soro. Ele precisava de cuidados e, depois daquele susto, tomou medidas para prolongar sua vida, como mudar o hábito alimentar, além de fazer exercícios físicos.

Deixei a empresa por conta dos diretores enquanto fiquei com meu pai e descobri um pouco mais sobre seu interesse por Scarllat. Ele e Júnior foram sócios, grandes amigos, mas também, rivais. Minha mãe tinha namorado os dois, mas decidiu se casar com Osvaldo Dan. Com isso, a amizade ficou estremecida e eles tomaram rumos diferentes na vida profissional.

Percebi que meu pai sentia culpa, porque ficou com Carmem, mas não teve um final feliz com ela. Além do problema para engravidar, minha mãe acabou falecendo por conta de uma grave depressão. No último ano da sua vida, eu mal a via, apenas soube que esteve definhando deitada em sua cama.

Ela não quis me ver e eu respeitei. A distância emocional dos meus pais adotivos aumentou e eu só consegui me conectar com o trabalho. Sexo. O antiético.

Quando achei que teria um momento de paz naquele bar antes de responder à mensagem de Scarllat, que desobedeceu ao nosso acordo, eu não esperava que meu

problema se tornasse solução.

Conhecia o dono do Rota Pre 83, ele me dava liberdade para frequentar o lugar com discrição. Por isso, para não alardear minha presença para os três funcionários da Dan Financeira, pedi para um dos garçons chamar a mulher que mais parecia uma luz no fim do túnel.

Depois de tantos dias pensando em morte e em ficar sozinho nesse mundo, eu iria focar na vida e no prazer que Scarllat proporcionava.

Observei-a atentamente, o garçom a abordou quando estava sozinha, encaminhou-a para a área VIP e logo nossos olhares se cruzaram. Fui surpreendido com a garota correndo em minha direção e se jogando nos meus braços, se sentando em cima no meu colo e apertando meu pescoço.

— Você sumiu — resmungou, escondendo o rosto no meu pescoço. Pelo seu cheiro e tom de voz, ela estava embriagada. — Está tudo bem?

— Tive outros assuntos para resolver. — Alisei suas costas e ela se aninhou ainda mais. Eu deveria tirá-la dali, mas eu só queria apreciar o fato de que existia alguém preocupado comigo. — Você descumpriu o nosso acordo.

— Eu sei. — Afastou o rosto para me encarar e fez beicinho. — O seu vácuo foi punição suficiente. Vamos esquecer isso. — Aproximou seus lábios dos meus. — Quero você, Sam.

Deixei o copo de refrigerante na mesa ao lado do banco em que estava, tomei o que Scarllat queria oferecer e a beijei, com toda a saudade que sentia. A bebida lhe deu coragem o suficiente para se sentar de frente para mim e se esfregar enquanto nos devorávamos com a boca.

— Vamos para meu apartamento.

— Sim. Vou para qualquer lugar com você — declarou, se levantando e me puxando para ficar ao seu lado. O sorriso e brilho nos olhos causavam um rebuliço no meu estômago.

Ela confiava em mim, por mais desigual que estivesse nossa relação.

Puxei-a para ficar ao meu lado, assinei a comanda que seria descontada na fatura e segui para fora do bar da forma mais discreta possível.

Ela bocejou a primeira vez, antes de entrarmos no carro. Abri a porta, acomodei-a e afivelei seu cinto. Segurou na minha gravata e trouxe minha boca até a dela, para um beijo lento e abrasador.

— Você não está em condições de transar hoje, Scarllat. — Encarei a realidade.

— Então me faça dormir. Há prazer em apenas estar ao seu lado. — Tocou meu rosto e me deixou sem palavras.

Dei a volta no carro, entrei com pressa e tirei o celular da mão dela, que ria e não conseguia se equilibrar.

— Calma, Sam. Estou mandando mensagem para Panetone, avisando que já tenho carona para casa, que ela pode curtir com seu Sushi.

— Você não está fazendo sentido. — Olhei para a tela e vi que era o contato de Pabline.

— Precisamos pôr um apelido em você. Professor é muito na cara e sexy. Professor CEO é algo só meu.

— Acho que você vai se arrepender do que está falando amanhã. — Conferi a conversa e percebi que tinha sido com Pabline que ela fora até o bar. Digitei uma mensagem para que a mulher soubesse que a amiga estava bem e coloquei o celular no painel antes de ligar o carro.

— Eu sempre me arrependo de todas as vezes que penso em você, mas é mais forte do que eu. Só quero repetir. — Esticou o braço e tocou minha coxa. — Eu poderia fazer algo interessante enquanto você dirige. — Bocejou.

— Sim, faça. Feche os olhos e descanse, Scarllat. — Acariciei sua cabeça, ela resmungou como uma gata e me obedeceu. Segundos depois, ela estava respirando profundamente, entregue à exaustão.

Dirigi sem pressa para o meu apartamento, agradecendo ao universo pelo fim de semana que me aguardava. Liguei o som do carro e deixei a música suave embalar a nossa jornada.

“Eu só preciso fechar meus olhos

E sonhar com uma nova vida

Tentar esquecer minhas preocupações por um tempo

E isolar em minha própria mente

Que nada importa a não ser se sentir vivo”

Keith Wallen – Dream Away

O conflito que existia entre me envolver um pouco mais com aquela garota ou me afastar estava alimentando as minhas fantasias sexuais. Ela era uma mulher, que não tinha medo de ir atrás dos seus objetivos, o que me excitava ainda mais.

Quando fui seu professor, não vi nada além da superfície. Scarllat tinha uma armadura emocional que impedia que as pessoas se aproximassem e vissem o seu potencial. Mas, quando tinha contato profundo, percebia-se que ela era muito mais que uma profissional dedicada e uma companheira entregue, ela era intensa.

Alisei sua coxa e subi minha mão para a cabeça, ela suspirou, demonstrando o quanto aquele descanso era necessário. Eu nunca a tocara estando embriagada, por mais que tivéssemos um acordo nada convencional. Sozinha no mundo, ela precisava de alguém que a protegesse e eu não queria que fosse meu pai a fazer isso.

Cheguei ao estacionamento do meu prédio negando com a cabeça. Se continuasse deixando que os sentimentos dominassem, eu nos afundaria em um poço bem fundo. Pelo menos, teríamos sexo e outras atividades que nos levariam à produção de endorfina, mas não era esse o objetivo.

Com ela, sendo exclusivos, talvez minha atitude não parecesse tão antiética.

Parei o carro e saí, dando a volta para a pegar no colo. Scarllat resmungou, mas não fez resistência quando enganchei meus antebraços atrás dos seus joelhos e costas. Ela deitou a cabeça no meu ombro e se aninhou no meu pescoço, foi possível caminhar sem grande dificuldade para a equilibrar.

Entrei no elevador, a música do carro ainda soava na minha mente. Sentir-me vivo, era isso que eu precisava e, com Scarllat, eu me permitia tal ousadia. Não saberia explicar como era possível que justo ela conseguisse despertar em mim tais sentimentos, mas aconteceu e eu estava disposto a me deixar levar.

Talvez, o tempo distante, sem uma troca de mensagens, tivesse feito com que eu sentisse saudade. O aperto no peito enquanto subia os andares e entrava no meu apartamento indicava que eu a queria mais próximo, não tão longe, naquele bairro perigoso.

Eu transava com mulheres desconhecidas, fingindo ser seu professor perverso. O que era um pensamento sobre manter uma funcionária em cárcere privado enquanto eu lhe dava os melhores orgasmos?

Coloquei-a na minha cama, próxima da porta do banheiro. Tirei seus sapatos, a calça jeans e a cobri, deixando um beijo casto na sua testa.

Sorri ao me lembrar de que tinha ganhado um apelido, Sam. Scar não combinava com ela, mas com certeza, ela era um doce raro para se degustar.

— Durma bem — murmurei antes de me afastar para me preparar e dormir ao seu lado.

Amanhã iríamos conversar.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 26

Acordei gemendo, sentido uma forte dor de cabeça e a boca com gosto ruim. Fui sair da cama, que parecia mais confortável que a minha e desequilibrei, por não ser da mesma altura que eu estava acostumada.

Meus joelhos encontraram o chão e minhas mãos impediram que minha cara fosse o próximo alvo.

— Scarllat? — A voz de Samuel me fez virar o rosto rapidamente e a dor na minha testa aumentou.

— Oh, droga. — Encontrei uma porta entreaberta e percebi que era o banheiro. Corri até o vaso e joguei tudo o que tinha para fora.

Eu nunca iria beber novamente. Não me lembrava de ter visto Samuel durante a noite. Se estivesse sã, iria o confrontar por ter sumido, ao invés de dormir na mesma cama que ele.

— Você exagerou. — Samuel juntou meu cabelo e passou a mão nas minhas costas. — Como se sente?

— Horrível — resmunguei dando a descarga antes que uma nova onda de ânsia viesse. — Odeio isso.

— Jogue tudo para fora, vai melhorar.

Algo fresco foi posto na minha nuca e o alívio substituiu o desespero. Expurguei mais algumas vezes antes de perceber que não havia mais nada no meu estômago.

Ainda no chão, encarei Samuel, que mais parecia alguém que iria me repreender. Vestindo apenas cueca boxer, seu corpo exposto era gatilho para minha libido. Mesmo com a mente lenta, meu corpo estava ativo e meu sexo se contraiu. Não era momento de me excitar, mas com aquele homem, tudo parecia fora do comum.

Ele passou a toalha molhada no meu rosto, abaixou a tampa do vaso e se sentou na minha frente. Soltou descarga e continuou a me aliviar com seu cuidado, elevando a minha excitação.

— Preciso de um banho. — Olhei para a ducha.

— Sim. Como se sente?

— Com vontade de transar. — Abaixei o rosto e soltei um riso desconexo, minha boca tinha perdido o filtro. — Céus, eu sou péssima.

— Ainda está sob o efeito do álcool, não se preocupe. — Ele se levantou e me ajudou a ficar de pé. — Tire a roupa, vou colocar na máquina enquanto você aproveita.

— Vai entrar comigo?

— Acho melhor não.

— E se eu precisar de ajuda?

— Estarei por perto. Você está segura aqui, Scarllat.

Ergui os braços, ele me ajudou a ficar nua e não me tocou com mais intimidade, apesar do seu olhar atencioso. Aquela era uma versão de Samuel Vitta Dan que eu nunca tinha visto.

— Por que sumiu?

— Meu pai esteve fazendo exames, eu o acompanhei. — Ele me colocou dentro do box e sorriu ao me ver preocupada. — Vai ficar bem, foi só um susto. Espero que não comente com ninguém, ele quer sigilo sobre o assunto.

— Ok.

A água morna caiu na minha cabeça e no meu corpo, como um remédio para curar a ressaca. Observei-o sair do banheiro, levando minhas roupas e tentei lembrar qual calcinha tinha escolhido. Caramba, depois daquele dia, ele nunca mais me veria como uma amante em potencial. Por mais que eu estivesse disposta a seduzir aquele homem, ele tinha visto o meu pior e estava agindo de maneira fraternal.

Outro relacionamento indefinido não.

Fiquei de costas para a porta do banheiro e me abracei. Tive uma mãe, que parecia avó, mas não queria significar nada além de uma tutora para mim. Um irmão

mais velho, ou primo, que foi minha figura masculina – quase um pai –, mas que não se abria emocionalmente, se portou como amigo no fim da vida.

Naquele momento, eu tinha um ex-professor, chefe, CEO, que fez um acordo comigo para que pudéssemos transar sem comprometer a empresa. Não era namorado, nem amante, apenas um meio para obter prazer mútuo.

A única certeza que eu tinha era o meu emprego. Carteira assinada, salário na conta e uma mesa para dizer que era minha. Sentia que pertencia mais ao local de trabalho do que à minha quitinete, na qual eu aparecia apenas para dormir e nos fins de semana.

Mas eu queria Samuel. Também ansiava pelo seu apoio. Poderia ser os dois, era só ele piscar os olhos ou dar qualquer indicação de que eu poderia fazer mais.

— O que vou fazer? — murmurei, colocando minha cabeça contra a parede. O mal-estar já tinha passado, mas o corpo continuava com um turbilhão de emoções.

— Aqui. — Virei rapidamente, Samuel tinha entrado no box e segurava uma escova de dente. — Você parece melhor.

— Sim, eu me sinto menos lixo. — Sorri antes de começar a escovar os dentes. — Obrigada.

— Tudo bem. — Passou as mãos pelo meu cabelo molhado e buscou algo no meu olhar. — Se lembra de algo?

— Espero que tenha avisado Pabline para onde fui — falei desengonçada, com a boca espumando.

— Sim, te ajudei a enviar uma mensagem. — Seus polegares fizeram carinho nas minhas bochechas. — Por que bebeu tanto?

— Sushi era o motorista. — Dei de ombros.

— Quem?

— Augusto, meu chefe. — Soltei-me das suas mãos e cuspi a pasta no chão. Usei o pé para que a espuma seguisse para o ralo mais rapidamente e dei uma segunda esfregada nos dentes.

— Por que o chama de comida?

— Temos apelidos, faz parte. — Cuspi novamente e enxaguei a boca, mas não sem antes esfregar a língua. — Essa escova é boa.

— Como te chamam?

— Bombom. — Fiz uma careta ao me lembrar da situação que fez eles me nomearem assim.

— Se não gosta, deve falar.

— Não é por isso. — Pendurei a escova em um canto do aparador e o abracei, pegando-o de surpresa. Dei um longo suspiro e ele relaxou, para meu alívio. — Estou bem melhor, obrigada.

— Não se sente bêbada?

— Talvez, corajosa. — Ergui a cabeça e sorri para seu cenho franzido. — Estou com meu fim de semana livre, a propósito.

— Bom.

— Podemos fazer outra coisa que não seja sexo.

— Nosso acordo envolve a realização de fetiches em locais impróprios. Não acho que...

— Transar no cinema não é uma opção? — Desci minhas mãos até sua bunda e a apertei. O seu membro se mexeu e me cutucou, ele estava gostando da minha linha de pensamento.

— Podemos ir até o Restaurante San Marino. Fica em um terraço, na cidade vizinha.

— Dentro do carro, enquanto você dirige, na estrada... — Uma mão segurou na minha nuca, com força e a outra acertou minha bunda, ficando nela.

— Imprudente.

— Excitada.

— Leviana.

— Pronta para entrar em ebulição.

— Então eu vou apagar o seu fogo antes de escolhermos nosso próximo destino. Suba.

Dei um pulinho, ele me segurou com seus braços firmes e o abracei com minhas pernas. Mordi o lábio inferior enquanto ele caminhava para fora do banheiro, a água que escorria dos nossos corpos deixava um rastro no chão.

Samuel nos jogou na cama, sua boca foi até a minha e o interruptor da paixão ligou. Não havia mais nada além dele na minha frente, nosso prazer e a realização de todos os nossos desejos.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 27

Era a nossa primeira vez sem roupa e em um local apropriado. Eu sabia que estava quebrando o acordo feito, mas tinha sido ele a dominar a situação. Bem-disposta, estiquei-me na cama enquanto ele deixava beijos por todo o meu corpo.

Parou em um seio, segurou-o com firmeza e deixou a língua brincar com o bico. Abocanhou com desejo, sugando com força enquanto a outra mão massageava um ponto do meu corpo.

A língua dele era habilidosa, movimentando com rapidez enquanto eu o sentia ecoar pelo meu corpo. A sucção firme preparava meu seio para ficar sensível aos seus estímulos. A cada respiração profunda, era como se a temperatura do meu corpo subisse um grau.

Ele tomou o outro seio, mantendo a mão no primeiro para que não perdesse o trabalho feito. Contorci-me debaixo dele, buscando mais atrito entre minhas pernas e nas outras zonas erógenas do meu corpo.

Tentei não o tocar, mas estava impossível não sentir na ponta dos dedos o quanto sua pele era sedosa. Os músculos definidos e a pouca quantidade de pelo que cobria seu corpo me faziam ansiar por estar com ele por tempo indeterminado.

Ele desceu com beijos molhados até o meu estômago, brincou com meu umbigo e me abriu para que encarasse meu sexo sem pudor. Estava fazendo sol, o

quarto era claro e reluzia tranquilidade, o suficiente para que eu o visse como um ser iluminado.

Samuel era meu anjo vingador em busca de me proporcionar prazer como castigo. Mais do que revidar, eu queria aproveitar cada minuto, fechando os olhos e me permitindo sentir. A visão era superestimada quando tato, audição, olfato e paladar estavam no comando.

— Tenho alguns brinquedos em casa, que ainda não experimentei.

— O quê? — Abri os olhos, dissipando um pouco da neblina de luxúria em que ele tinha me colocado.

— Quero usar algumas coisas com você. O que não gostar, apenas me fale. — Sentou-se entre minhas pernas e dedilhou meu clitóris. — Posso fazer esse momento durar muito mais. Vamos com calma, testando e aprovando.

— Tudo bem — respondi, preocupada.

Ele saiu da cama, foi até o closet e trouxe uma caixa. Ergui-me com o apoio dos cotovelos, vi cores vibrantes e objetos que me lembraram a visita ao sexy shop com Pabline.

Samuel ergueu um tubo e colocou algo no seu dedo, de cor roxa. Sorriu despreocupado e me estendeu a mão, para eu encarar o que ele usaria em mim.

— Podemos usar apenas essa luva e ir estimulando seu canal para ter lubrificação, ou podemos usar esse óleo, que já vem com produtos que ajudam a otimizar as sensações.

— Onde vai pôr isso?

— É um estimulador de ponto G.

— Pode usar tudo, eu quero. — Relaxe na cama e suspirei, encarando o teto e me preparando para sair assada daquele lugar.

Ele riu baixo, senti o líquido viscoso escorrer no meu sexo e me esquentar. A penetração do dedo enluvado fez meu corpo se arrepiar. Busquei o olhar de Samuel, ele estava atento a cada movimento do meu quadril.

— Samuel — chamei-o, ofegante.

— Sim? — Sem tom e olhar estavam nublados de tesão. Encarei seu pau, que brilhava na ponta com o líquido transparente.

— Gostei. Oh! — Enfiou o dedo mais fundo e me apertou. Ao invés de continuar com a pressão, suavizou, para meu desespero. — Continue. Mais!

— Assim vai gozar e eu ainda te quero sentindo. — Estendeu o braço para alcançar meu seio e o massageou. — Seu corpo parece me indicar onde quer ser tocado.

— Eu...

— Assim?

Massageou a região, fechei os olhos e rebolei na sua mão enquanto gozava de forma libertadora. Tinha passado mal logo cedo, mas era como se eu tivesse sido curada e aquele orgasmo fosse a recompensa.

Soltei o ar com força, relaxei braços e pernas e sorri para o dono dos meus desejos. Ele tirou a luva e ergueu algemas com um tecido fofo ao redor. Esperou que eu dissesse algo, acenei afirmativo e ele ergueu um pano meio rosado, meio alaranjado.

— Posso te penetrar por trás?

— Eu... não sei. — Engoli em seco, temendo a dor.

— Diga quando parar ou para mudar de estratégia, tudo bem? — Ajudou-me a ficar de joelhos na cama e ficou atrás de mim, colocando o tecido nos meus olhos. — De acordo?

— Sim, professor.

— Porra!

Vendou meus olhos, abraçou-me por trás e se esfregou, apertando meus seios e apalpando meu corpo. Eu o tinha chamado daquela forma por impulso, mas era o gatilho que ele precisava para ficar mais excitado.

— Assim não iremos experimentar metade das coisas.

— Gosto quando segue os instintos e não um *script* elaborado.

— Eu preciso estar no controle.

— Faço questão de te fazer perdê-lo.

— Está sendo uma péssima aluna, Scarllat — rosnou no meu ouvido e sorri, satisfeita, porque ele também estava apreciando. — Fique quieta e preste atenção à aula.

— Só depois que eu te sentir dentro de mim.

Sua mão foi para o meu sexo, apertou e esfregou a entrada da minha vagina com seus dedos. Inclinei-me para frente e fiquei de quatro, perdendo o equilíbrio, e ele aproveitou para se afastar.

As algemas macias foram postas nos meus pulsos, deixei-o me posicionar de bruços, com braços e pernas estendidas. Sem poder ver, apenas deduzi seus movimentos conforme ia o sentindo no meu corpo.

Ergueu meu quadril, colocou uma almofada debaixo e abriu minhas pernas. Samuel se posicionou entre elas, passou o óleo novamente e deslizou algo duro na região.

— É um masturbador, com dois lados. — Senti-o colocar entre minhas nádegas, era oval e não muito grosso. Foi suportável a tentativa de entrar e sair do meu ânus. — Ele vai te ajudar a ter prazer.

— Oh! — Algo cheio de ondulações firmes, mas não duras, se esfregou na minha vagina e clitóris. Parecia ter encaixado naquela posição, depois começou a vibrar, me levando para o caminho do tesão. — Samuel!

— Gostou?

— Vou levar todos eles para mim.

Riu baixo, sem sair do clima excitante em que estávamos. Colocou ainda mais óleo nas minhas nádegas, tirou o que vibrava no meu sexo para me penetrar por trás.

— Ele parece um microfone, onde a base é para encaixar na sua boceta. — Entrou e saiu com o objeto na minha bunda. — Respira. Sinta. Vai ser bom.

— Já está sendo.

— O óleo ajuda na lubrificação também.

— Não pare.

— Vamos ir mais além.

Ele tirou tudo da minha bunda e senti outra pressão no lugar, de algo mais grosso e profundo. Fiquei sem fôlego, a dor estava prestes a me fazer desistir, até que o aparelho voltou para minha vagina, vibrando e estimulando a região.

Com uma mão nas minhas costas, Samuel entrou e saiu, tornando o momento mais proibido do que já era. Pressionou-me contra o colchão, acelerou o vai e vem enquanto o meu foco era a intensidade que estava no meu clitóris.

O conjunto me fez explodir em um orgasmo arrasador. Samuel pulsou dentro de mim, mas se afastou, jorrando seu esperma nas minhas costas.

Sem ver ou poder mexer meus braços, eu estava entregue ao bel-prazer do homem que tinha passado de odioso a desejável, o meu chefe, professor CEO.



SAMUEL
Vitta Dan

Capítulo 28

Virei-a de bruços, sentei-me próximo das suas nádegas e despejei o óleo massagrador nas suas costas. Pacotes de camisinha estavam espalhados ao meu lado, eu iria usar uma com textura depois que a relaxasse um pouco mais.

— Qual a posição que mais te excitou, de todas as vezes que transamos? — perguntei ao deslizar minhas mãos pelas suas omoplatas.

— Deitada na mesa, na faculdade. — Solto um riso baixo e virou o rosto. — Doe, mas gostei.

— Não deveria ter trocado de lugar com a outra mulher.

— Queria que tivesse sido a outra?

— Sua pergunta é capciosa. Qualquer resposta trará uma interpretação ambígua. — Apertei sua lombar e ela gemeu. — Seu corpo se encaixa no meu com perfeição.

— Sim.

— Gosto da sutileza da sua pele e de ver os pelos dos seus braços se eriçarem. — Passei o dorso da mão próximo do seu cotovelo e ela riu baixo, entre um gemido. — Sensível.

— Excitada. Só penso em sexo nos últimos dias.

— Pensa em mim enquanto trabalha? — Deitei-me para que meus lábios encontrassem seu ouvido. — Fica excitada lembrando o que fizemos ao mesmo tempo em que está rodeada por pessoas que precisam trabalhar?

— Oh, Samuel.

Movimentei meu quadril, para esfregar meu pau entre suas nádegas. O óleo me lambuzou, mas não me importei, porque eu mudaria a massagem para outro tipo de nível.

— O que foi? — sussurrei de forma sensual.

— Você pode ir mais rápido.

— Mas eu quero ir devagar. — Mordi seu ombro e depois, beijei. — Posso mexer um pouco mais com a sua bunda?

— Assinei um acordo, não há mais nada te impedindo de me tocar.

— Reforçar meus anseios faz parte da sedução. — Estiquei o braço até a caixa com os brinquedos sexuais e encontrei um plug anal pequeno, de silicone.

Fiquei de joelhos, tendo-a entre minhas pernas. Busquei o lubrificante, espalhei na região em que iria brincar e no que tinha em mãos. Virei-a de lado e consegui encará-la enquanto não estava com pressa de fazê-la gozar novamente.

Nus, na minha cama e sem compromisso, nós estávamos em um mundo apenas nosso, nos descobrindo como pessoas dominadas pelo desejo.

Não importava nossa idade, muito menos a posição dentro da empresa. Ela estava disposta a se entregar e eu tomaria tudo o que ela tinha para oferecer. Como pagamento, daria tudo de mim, mais do que algum dia entreguei a qualquer outra pessoa.

— O que está sentindo? — perguntei enquanto colocava o plug em seu buraco, com suavidade.

— Molhada. — Fechou os olhos e suspirou, eu tinha entrado com tudo. — Na mesma intensidade que é proibido, eu sinto desejo.

— Gosta do errado?

— Estou aprendendo a gostar do desconhecido. — Abriu os olhos e mordeu o lábio inferior. Meus dedos tocaram suas nádegas e foram até seu sexo, constatar o quanto estava excitada. — Seu autocontrole me deixa louca.

— Eu não estou te vendo alucinar.

— Internamente, estou colocando sua boca entre minhas pernas.

— Quem está disposto a realizar seu desejo é meu pau. — Peguei a camisinha e a coloquei. — Será diferente.

— Todas as vezes com você são como se fossem a primeira.

Ainda de lado, posicionei-me para a penetrar com uma estocada. Entrei e saí sem pressa, sua mão veio até minha barriga e acompanhou o movimento. Apertei seu quadril, desci para a bunda e parei quando cheguei na coxa. A cada gemido ou reação do seu corpo, eu anotava para repetir e lhe proporcionar ainda mais prazer.

— Tem algo diferente — sussurrou sem força.

— Sim, é uma camisinha especial.

— É tão bom quanto aquele masturbador.

— Vai querer me levar também? — Inclinei-me para frente e apoiei minhas mãos ao seu lado, deixando-a no meu casulo de luxúria. Nossos rostos estavam próximos e seu sorriso satisfeito dominou o monstro em mim, ele estava sendo domesticado por ela. — Eu não sou um brinquedo para colocar em uma caixa e ser levado por você.

— Poderia ser eletrônico e conectar com uma entrada USB, para me proporcionar aventuras virtuais. Mas me contento com você sendo real.

— Sim, eu sou.

Ergueu a cabeça e sua boca encontrou a minha. Parei a provocação e me entreguei à necessidade do momento, para sentir o sabor dos seus lábios e o pulsar entre suas pernas.

Acelerei os impulsos de pélvis, suas unhas arranharam minhas costas e eu não reclamaria se ela me apertasse o suficiente para causar dor. Estava brincando com minhas fantasias sexuais e Scarllat tinha que ser a protagonista de todas elas.

No primeiro gemido agudo que deu, anunciando seu clímax, eu não me dei por satisfeito e continuei, até que o momento se repetisse e eu pudesse me entregar ao ápice, tão sublime quanto estar conectado a ela.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 29

Passamos o fim de semana no apartamento de Samuel, entre transar, testar brinquedos sexuais, comer e dormir. Bem, a última parte eu não fiz tanto, já que a insônia me dominou como sempre fazia. Para me acompanhar, eu tinha bons orgasmos, em posições que nunca imaginei que fossem possíveis.

Nós estávamos conectados, muito além do sexo. Ninguém ficava tanto tempo junto, curtindo a presença do outro, por mais que o prazer estivesse envolvido.

Ele me levou para casa no domingo à noite e só lembrei do celular naquele momento. Deixei para responder mensagens e me atualizar do que estava acontecendo na segunda-feira, quando estivesse a caminho do trabalho.

Nosso acordo tinha sofrido modificações, mas nenhuma foi dita em voz alta. Samuel foi carinhoso, segurou minha mão durante a viagem e deixou um beijo casto nos meus lábios, agradecendo pelo fim de semana.

No meu universo, aquilo era o ápice de um relacionamento.

Suspirando sozinha, imaginando flores, bombons e declarações de amor, além de morarmos juntos em breve, esqueci-me que meu mundo não era aquele que eu idealizava.

Dentro do ônibus, a caminho do trabalho, meu celular tocou e o nome de Jucélia brilhou na tela.

— Oi! — atendi animada, para disfarçar minha preocupação.

— Eu não sei mais o que fazer — falou chorando, meu coração se despedaçou. — *Estamos sem comida, fiz a última xícara de arroz. Cortaram a nossa energia, foi horrível tomar banho gelado. Tadinho de Antônio, chorou o tempo todo.* — Soluçou e me controlei para não entrar em desespero. — *Vão cortar a água a qualquer dia.*

— Oh, caramba. E seu irmão? — perguntei, forçando a memória em busca de alguém próximo a ela.

— *Ele se mudou, não pode me ajudar. Por favor, Scarllat! Não temos ninguém, apenas você pode nos ajudar. Não deixe os meninos passarem fome, Júnior sempre fez o melhor para eles.*

— Eu... meu trabalho...

— *O dono da casa deixou de cobrar o aluguel, mas não pode fazer mais. Eu não consegui um empréstimo no banco, estou desesperada.*

— Sim, imagino. — Fechei os olhos e tomei a decisão que partiria meu coração. — Não vou poder ir até vocês, mas posso transferir o dinheiro para a sua conta e mandar um motorista de aplicativo para você ir até o caixa eletrônico.

— *Não tem como você vir trazer o dinheiro? Tenho dois meninos, Scarllat, é complicado sair com eles* — a voz tinha melhorado um pouco.

— O trabalho é importante e se faltar, não terá dinheiro nem para mim. Vou dar um jeito, pegue o que eu posso te oferecer.

— *Tudo bem, claro. Muito obrigada.* — Fungou, desfazendo o choro e brilhando a esperança. — *Vou me aprontar com as crias, espero o motorista.*

— Fica com o celular por perto.

Encerrei a ligação, fiz a transferência sem pensar no quanto estava entregando meu esforço para alguém que mal conhecia e acionei o motorista de aplicativo.

Percebi que tinha passado do ponto, puxei a cordinha e saí correndo para o trabalho quando o ônibus parou. Droga, teria que andar quase um quilômetro para chegar até o prédio comercial.

Com o celular não mão, tropecei e o aparelho pulou para o chão de pedregulhos, com a tela virada. Peguei-o com dor no coração, a rachadura estava de um canto e irradiando por toda a superfície.

Mais parecia o celular do Homem-Aranha, cheio de teias.

Limpei-o na minha roupa, continuei minha corrida, mas com o aparelho protegido no meu bolso. Entrei ofegante na recepção, acenei para as pessoas e subi de elevador, respirando profundamente.

Fui até minha sala e sorri quando vi Samuel na TI. Esqueci-me dos problemas e das pessoas ao redor, só existíamos nós dois.

— Oi! — Fui dar um passo na direção dele, mas recuei quando o percebi sério demais. Esfreguei as mãos no rosto, olhei para os outros rapazes e forcei o sorriso. — Bom dia, pessoal. Me ignorem, estou atordoada porque meu celular caiu e quebrou a tela.

— Vou precisar que você fique no setor e atenda as chamadas. — Sushi me falou quando passei por ele, que tinha Samuel ao seu lado.

— Tudo bem. Aconteceu algo? — Engoli em seco, trocando um olhar com o CEO antes de voltar para o meu chefe.

— Temos uma quebra de sigilo. A empresa de segurança da informação está chegando e vamos operar no auditório do décimo oitavo andar. Vou providenciar o almoço, é importante que você fique aqui.

— Ela precisa de tempo para ir ao banheiro — Samuel falou com tom de repreensão.

— Ela fica com o meu fone. Para onde for, ela conseguirá atender. — Hortelã se levantou e seu semblante não era animador.

— Não é higiênico — O CEO dispensou e tomou a frente da situação. — Um de vocês ficará com ela e o resto, seguirá comigo e o time de segurança.

— Decidido. Coxinha, você fica, vamos pessoal.

Os outros saíram sem dar maiores explicações, encarei meu colega de trabalho que parecia mais sério e desconfiado que o normal.

— O que está acontecendo? — perguntei baixo e ele deu de ombros, voltando sua atenção para o computador.

— Algum dia isso iria acontecer, já que não investiram em equipamentos de segurança, apenas em desenvolvimento e suporte.

— Será que posso ajudar em algo?

— Não! — falou rápido demais e me encolhi. — Te encaminhei duas atividades. Vamos continuar com a nossa parte, eles farão a deles.

— Tudo bem. — Acomodei-me na cadeira, coloquei meu fone e tentei não me ofender de que eu pudesse ser um problema.

Uma falha de segurança. No sistema ou na infraestrutura da empresa, esse era um trabalho para o especialista. Eu estava seguindo todas as recomendações dos meus colegas, da minha parte, a única gafe era a ousadia com o fim de semana.

O tempo passou e só percebi quando Pabline entrou na sala e o cheiro de comida me fez acordar do transe de trabalho. Nem tinha percebido que Coxinha tinha saído e que eu estava sozinha, o fone tinha me impedido de prestar atenção nele.

— Que tensão, hein? — Ela se aproximou e deixou um saco pardo ao lado de uma lata de refrigerante em cima da minha mesa. — Augusto não me falou nada, apenas que conversaríamos depois.

— Não sei o que aconteceu. — Abri a embalagem e peguei o salgado frito. — Obrigada, estava faminta.

— Te colocaram de castigo na sala?

— Parece. — Dei de ombros e mordi minha comida.

— Como foi o fim de semana?

— Bem. — A animação era difícil de esconder. — Queria ir com você naquela loja do shopping novamente. Vamos?

— Hum, pelo visto, foi produtiva a fuga do bar. — Pegou a cadeira do namorado e a arrastou na minha direção. — Ficou com alguém?

— Sim e não — soei vaga, com vergonha de ter que mentir. Ela era a minha única amiga, mas eu não poderia me abrir. Lembrei-me de outro assunto e resolvi emendar nele, para que não voltasse naquele questionamento: — Queria te perguntar algo.

— Meus ouvidos são seus.

— É possível eu pedir um adiantamento? — fiz uma careta, mostrei meu celular e ela fez uma cara horrorizada. — Não tenho cartão nem reservas. Queria saber se poderia pedir um adiantamento e descontar em três parcelas no meu salário, para poder arrumar.

— Não costumamos fazer esse tipo de transação. No máximo, liberar o funcionário para as férias. — Ela pegou o aparelho da minha mão e fez uma careta. — Que merda, Scarllat.

— Sim.

— Mas dá para usar ele, não? — Ligou a tela e mexeu no *touch*.

— A menina da TI não pode ficar com *gadget* destruído. Eles vão me zoar mais ainda, depois que falei que não sei o que é UCM. — Apontei para a mesa dos meus colegas.

A verdade era que, com o dinheiro, iria ajudar Jucélia.

— Posso ver para você. Às vezes, vale conversar com senhor Osvaldo. A ordem vinda de cima para baixo é mais ágil. — Ela se levantou e parecia estranha. — Bem, vou voltar. Tchau.

— Obrigada, Pabline.

Observei-a sair e meu coração se apertou um pouco mais. A desconfiança e a perda de controle, por estar diante do inesperado, me deixaram um pouco mais abalada.

Eu não poderia perder o meu emprego.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 30

A semana demorou a passar e meu contato com o pessoal da TI tinha reduzido. Nem fui atrás de Samuel, porque a demanda de trabalho tinha aumentado e as solicitações de mudança para o aplicativo de celular foram encaminhadas por e-mail.

Tudo parecia muito estranho e nem Pabline estava livre da mudança de comportamento. Almoçávamos juntas, mas o silêncio dominava grande parte da nossa comunicação.

Eu não devia levar para o pessoal, mas estava fácil me colocar como culpada de algo que nem sabia que tinha feito. O sentimento de solidão voltou com tudo e guardei minhas emoções dentro de mim.

Liguei para Jucélia, mas ela não atendeu as minhas tentativas de contato. Respondeu uma mensagem, dizendo que estava muito ocupada e me dispensando. O único elo familiar que eu tinha estava evaporando, contribuindo para piorar a minha insônia.

Talvez, beber como naquele dia do bar me ajudasse a ter um pouco de descanso. O problema era que o dinheiro não estava sobrando para gastar além da minha ida ao supermercado.

A tensão era minha companhia e meus ombros carregavam o peso do mundo enquanto eu escutava música alta e programava. Logo chegaria a sexta-feira e eu

poderia me jogar na faxina do meu cantinho – que vivia limpo – e nas séries de televisão.

“Salve-me de mim mesmo

Eu não posso evitar, estou desmoronando

Salve-me de mim mesmo

Eu poderia usar sua força agora”

Lacuna Coil – Save Me

Balancei a cabeça e apertei o botão para compilar o sistema, já tinha perdido as contas de quantas vezes tinha feito aquela operação, apenas para resolver um *bug* que estava difícil de descobrir como resolvia, uma vez que funcionava em um *browser* e no outro não.

Minha concentração foi abalada com movimentos de braço. Tirei o fone e encarei Hortelã, que tinha sido a minha companhia do dia, para não o chamar de fiscal.

— Estão te chamando lá em cima, diretoria.

— Ok, obrigada — respondi seca, levantei-me da cadeira e saí da sala com o coração acelerado.

Apesar da saudade de Samuel e da vontade de me perder no prazer que ele poderia proporcionar, não estava no clima e tinha vontade de o xingar por não me procurar.

Tudo bem, eu poderia ter enviado uma mensagem de texto para ele e quebrado nosso acordo, como já tínhamos feito em outro momento, mas eu estava carente e querendo atenção.

Cheguei à recepção da secretária de Samuel, ela informou que não tinha sido avisada de nada e que ele se encontrava em reunião. Lembrei que existia outro CEO na empresa e fui até o senhor Osvaldo, que tinha sido aquele que realmente havia me chamado.

A secretária dele me deixou passar e bati na porta antes de abri-la.

— Olá, o senhor me chamou? — cumprimentei-o com a testa franzida e, sem o sorriso habitual, ele indicou a cadeira a sua frente.

— Sim, Scarllat. Entre.

— Aconteceu algo?

— Muitas coisas, mas vamos por partes. — Respirou fundo e esperou que eu me acomodasse para continuar a falar: — Você está precisando de um adiantamento de salário?

— Si-sim... quero dizer, não mais. — Meu estômago embrulhou, não imaginava que meu pedido chegaria até ele e causaria tanto estranhamento. Tirei o celular do bolso e forcei minha cara de desculpas. — Meu celular está funcionando normalmente, não vou precisar trocar.

— Era para isso?

— Sim. Desculpe, não queria incomodar com algo tão superficial. Pabline tinha me indicado falar com o senhor, mas preferi deixar para outro momento ou esquecer. Estou bem com o que tenho.

— Aconteceu alguma coisa? Você pode falar comigo. — Seu semblante suavizou, mas não consegui relaxar. — Sei que não ficou com nada de Júnior depois da sua morte, não é fácil viver sozinha.

— Estou assim desde que nasci. Aprendi a me virar, senhor. — Engoli o choro que queria transbordar. — Desculpe incomodar, mais uma vez.

— Tem contato com as ex-esposas de Júnior?

— Falei com Jucélia esses dias, está tudo bem. — Minha respiração acelerou, contradizendo minhas palavras. — Minha preocupação com toda essa questão de vazamento de dados está me deixando ansiosa.

— Não só você, todos. — Ele fechou os olhos brevemente e esfregou a testa com os dedos. — Mas está se ajeitando. Os danos estão sendo controlados e novos protocolos serão criados. A questão é: não somos máquinas, mas seres humanos. Estamos suscetíveis a erros. O que nos difere uns dos outros é como agimos depois que o caos surge.

— Se puder ajudar, estou à disposição.

— Está, fazendo sua parte. Augusto tem elogiado muito o seu trabalho. — O homem relaxou na cadeira e me analisou. — E como está o pessoal?

— Tenso. Parece que o clima na empresa mudou. — Não filtrei minhas palavras, porque a pergunta dele tinha a ver com o acordo de observar os anseios dos funcionários. — Alguns têm reclamado da comida, outros das horas extras forçadas.

— É um momento excepcional, mas podemos fazer algo sobre a refeição. Tem algo em mente?

— Além do almoço, oferecer um lanche da tarde. — A tensão sumiu e a mente de liderança tomou conta. — Sei que não é certo e foge da política da empresa, mas tem pessoas que preferem jantar bem ao invés de almoçar. Então, um lanche depois do almoço, para aqueles que optaram por petiscar, agradaria alguns.

— Interessante. — Passou a mão na barba. — E você seria uma delas?

— Sim. Eu prefiro terminar a minha atividade ao invés de parar para ir almoçar. Às vezes, prefiro algo mais rápido a saudável.

— Precisa cuidar da saúde.

— Sim. Fiquei sabendo do convênio com a academia aqui no prédio. Estou pensando em fazer, mas não tenho roupa para isso. Quem sabe, no mês que vem.

— Posso providenciar o adiantamento, parcelando em três vezes. Foi assim que pediu, certo? — Vltou a ficar sério demais e eu só queria engolir as palavras ditas para Pabline naquele dia.

— Está tudo bem, o meu salário é suficiente.

— Posso te ajudar de outra forma também, Scarllat. Não é o mais correto, mas a nossa relação vai além do profissional. Júnior era muito importante para mim e você, para ele.

— Não preciso — soltei irritada, porque não era assim que eu me sentia com relação aos meus pais de criação. — Tem mais alguma coisa que posso fazer, senhor? Eu preciso voltar para a sala, estamos apenas em dois para atender a demanda.

— Esse orgulho vem de Neide. Sempre independente e confiante, mesmo tendo o mundo desmoronando ao redor. — Deu um sorriso triste e negou com a cabeça. — Pode ir. Muito obrigado por trazer informações relevantes sobre a empresa.

— Feliz em poder ajudar.

Levantei-me apressada, abri a porta da sala e me deparei com Samuel. Meu olhar demorou no dele, a vontade de pular no seu pescoço e implorar por um pouco de carinho era gigantesca, mas me calei.

Talvez, eu nunca seja digna de ter algo meu.

Abaixei a cabeça e me desviei dele, eu não precisava sofrer com mais aquela complicação. O meu trabalho estava em primeiro lugar e era nele que eu tinha que focar.

— Com licença — murmurei, sentindo sua mão tocar meu braço, mas não me segurando. Eu até queria que ele me confrontasse ou soltasse de uma vez por todas o que havia de errado entre nós.

O fim de semana tinha sido perfeito. O que mudou?

Voltei para a minha sala e a nuvem que acompanhava o meu humor ficou cada vez mais carregada de tensão. Se eu tivesse sorte, em algum momento, Samuel me chamaria e eu atenderia o seu chamado, apenas para me satisfazer também.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 31

Quando cheguei para trabalhar no último dia da semana, acreditei que poderia ser mais um expediente exaustivo e com tensão. Havia uma notificação em cada porta que passei, todos estavam sendo convocados para a reunião geral no andar dezoito.

Quando entrei, muitas pessoas já estavam presentes e me preocupei de que tivesse perdido uma conversa ou mesmo o e-mail sobre aquela reunião.

Fui em busca de pessoas conhecidas, ainda mais por ter visto Eriko me encarando. Achei quem poderia me blindar, apesar dos últimos acontecimentos e me uni a eles.

— Sente aqui, do meu lado, Bombom — Hortelã falou animado quando me aproximei da equipe de TI. Era um grande salão, com cadeiras ao redor, me fazendo lembrar de um cinema ou teatro.

Passei por Augusto, Coxinha e fiquei entre Hortelã e Paçoca. Meu colega irreverente pegou minha mão, apertou na sua e deu dois tapinhas.

— Você passou no teste, se tornará uma Jedi Dan a partir de hoje.

— Ah, eh! — Os meus colegas bateram palmas animados, chamando atenção de todos. Encolhi-me envergonhada, eles pareciam ter voltado ao espírito animado de

sempre.

— Não estou entendendo nada — comentei com o coração pulsando forte. O estômago se revirou e se não fosse minha vontade de fazer bonito, eu correria para o banheiro para vomitar o pão que tinha comido antes de vir.

— Essa foi uma situação de crise. Todos estavam tensos, muita desconfiança e sigilo. Alguns surtaram, mas você conseguiu manter o foco e até concluiu atividades que seriam da semana que vem. — Augusto estendeu a mão para mim e apertei. — Parabéns, você foi ótima.

— Só fiz minha parte. Vocês, com cara de bunda, mal me olhavam, então achei melhor fazer um pouco mais, para não ter motivo de ser dispensada. — Respirei profundamente e Hortelã continuou apertando a minha mão. — E como foi tudo? Encontraram o que ocasionou a brecha?

— Sim e não. O importante é que está tudo sob controle e ganharemos computadores novos para atender a demanda do novo hardware de firewall.

— Agora posso oficializar o nosso casamento. Já sabe o que é UCM? — Hortelã brincou e tirei minha mão da dele, porque não havia interesse em estar ao seu lado a não ser como colega de trabalho.

— Ainda tenho muito que aprender. Obrigada.

— Você também ficou séria e tensa. Em um dia, achei que ia me bater — Paçoca comentou e revirei os olhos.

— Exagerado.

— O importante é sermos uma equipe sólida, confiar uns nos outros e conversar depois que a situação for resolvida. Depois da reunião global, faremos a nossa lá na sala. — Sushi acenou para alguém e vi que era Pabline. Ela sorriu para mim e fiz o mesmo, a mulher seguiria para ficar junto das pessoas do seu setor.

— Achei que ia lá se misturar com Panetone — Hortelã brincou.

— O capitão nunca abandona o seu barco.

— Só porque ela deixa. Se te chamasse, você iria.

— Iria mesmo. — Meu chefe deu dois tapinhas no peito dele. — Quando tiver uma mulher que faça a diferença na sua vida, fará tudo sem nem reclamar.

— Eu tenho, mas ela não me quer. — O colega de trabalho me encarou com olhar de pena.

— Ou você pode se misturar com tutti-frutti — brinquei.

— Hortelã combina com Bombom — rebateu, atrevido.

— Bom dia. — A voz de Samuel me fez pular da cadeira e virar a cabeça para trás. O CEO estava sério, elegante e me encarando como se fosse me devorar – e não era de um jeito bom.

— Bom dia, senhor. Estamos prontos para a reunião. — Augusto se levantou e o cumprimentou com um aperto de mão enquanto eu e os rapazes murmurávamos um cumprimento.

— Vamos começar daqui a pouco. — Senti a mão de Samuel tocar meu ombro e, por estar mais relaxada, meu corpo reagiu ao contato.

Encarei o dono da empresa – que um dia foi meu professor – passar por entre as pessoas, cumprimentá-las e se manter sério até chegar ao púlpito. Engoli em seco e fechei as pernas, esperava que a tensão entre nós também estivesse sido extinta para repetirmos o que aconteceu no outro fim de semana.

— O que ele tem? Só porque está de terno? — Virei para Hortelã e percebi que eu estava dando bandeira do meu apreço pelo CEO.

— Tem uma bala aí? — desconversei e meu amigo me entregou uma. — Obrigada.

— Poderá ter mais para se satisfazer.

— Bala não enche a barriga. Prefiro coxinha. — Apontei para o colega que tinha aquele apelido e os rapazes começaram com a zoação. Eu não me importava com a brincadeira, ainda mais por ser inocente e contribuir para amaciar o meu ego, que tinha sido atropelado.

Logo o salão ficou cheio, Samuel tomou a frente e começou com o discurso. Lembrei-me dele como professor, o domínio que tinha da aula e o quanto eu queria fugir para não ter que ouvi-lo. Naquele momento, eu ansiava por cada palavra que ele pronunciava, porque o homem era inteligente o suficiente para me excitar mesmo sem ser a intenção.

Ele explicou os últimos acontecimentos, um dos computadores da empresa tinha se transformado em uma porta e hackers invadiram um dos servidores, que estava desatualizado.

A equipe de TI teve que ser mobilizada, outro time externo foi chamado e, em uma semana, tudo foi resolvido. Samuel exaltou a importância de ver a tecnologia como algo importante e não apenas uma burocracia digital. Todos teriam que se adaptar às novas regras, como usar complexidade em senhas e as trocar a cada trinta dias.

A atualização de sistema operacional começaria a ser monitorado e, uma vez por mês, entregaríamos um diagnóstico da infraestrutura para a diretoria.

Aplausos foram dados para o setor de TI. Levantamo-nos e recebemos o apoio de todos da Dan Financeira. Começou por nós a apresentação individual e não foi possível evitar gaguejar.

— So-sou... Scarllat.

— Bombom! — Hortelã murmurou animado e os rapazes riram. Senti meu rosto esquentar e voltei a olhar para Samuel, que permanecia sério e intenso.

— Comecei há pouco tempo na Dan, mas já me sinto parte da família. Trabalho com o desenvolvimento dos sistemas, mas também ajudo no suporte e criação de relatórios para a gestão.

Eles terminaram de se apresentar e outro setor iniciou a fala. Foi legal a dinâmica, aprendi ainda mais sobre a Financeira e sobre o potencial que ela tinha. Crescer era um dos seus valores e, com certeza, estava se tornando o meu.

A reunião demorou para terminar. Quando todos saíram do auditório, alguns foram para o refeitório e minha equipe fez o mesmo, reservando uma das mesas para nós.

Pabline se juntou ao time e parecia mais tranquila. Cumprimentou-me com um beijo no rosto e se sentou ao meu lado enquanto os homens iam se servir.

— Tudo bem? Que alívio que o problema foi resolvido. Eu não aguentava mais a pressão de relatórios, impressão de termos de sigilo, mudança de política interna. — Uniu as mãos em oração e olhou para o teto. — Eu não quero nem saber de empresa esse fim de semana.

— Pois é, até achei que poderia ter sido eu a causadora do caos — falei brincando e ela me abraçou, tão apertado, que fechei os olhos e aproveitei o carinho que me deu.

— Não posso falar metade das coisas que aconteceram, mas posso comemorar o encerramento desse momento. — Ela se afastou e sorriu amplo. — Falei com o senhor Osvaldo sobre seu adiantamento, ele disse que iria falar com você, mas que estava tudo certo para te conceder.

— Deixa para lá, tudo se resolve. — Fiz um movimento com a mão para deixar de lado e ela franziu a testa.

— Mas, e o celular?

— Vai ficar do jeito que está. O importante é que está funcionando, tudo voltou ao normal.

— Olha essa salada, não tive como não pegar. — Paçoca se sentou e seu prato estava colorido.

— Vamos, Bombom — minha amiga brincou e nos levantamos para buscar nossa comida.

Normalidade, sorrisos e brincadeira eram tudo o que eu mais precisava para completar o meu dia.



SAMUEL
Vitti Dan

Capítulo 32

Não gostei da intimidade daquele moleque com Scarllat. Odiei ver seu sorriso para ele. Eu estava puto, porque a queria na minha sala, no meu colo, beijando a minha boca e implorando por atenção.

Ela se afastou e não parecia sentir saudades como eu estava. Queria ter uma oportunidade para colocá-la contra a parede e dizer... não, eu iria fazer, foder sua mente, seu corpo e alma.

Scarllat era minha #a64248. A única cor que eu via, para qualquer lugar que eu fosse.

Comprei na internet novos brinquedos para testar e lingerie da cor que me remetia a ela. Queria enchê-la de presentes e fazer muito mais do que ficar dentro do meu apartamento.

Precisava de adrenalina e encontrar um novo lugar para o meu jogo de sedução estava nos meus objetivos. Levaria os desejos de Scarllat para um novo nível.

Meu pai entrou na minha sala fazendo com que meus pensamentos mudassem. Seu olhar cansado e passos lentos mostravam o quanto ele chegava à exaustão antes de terminar o expediente.

— Janta comigo? — perguntou se aproximando.

— Claro, pai. — Levantei-me e coloquei a carteira no bolso. — Tem preferência? Abriu um novo restaurante árabe, sei que no cardápio tem salada e comidas mais saudáveis.

— Vamos para a minha casa e chame Scarllat. — Ele apertou meu braço, mas seus dedos tinham pouca força. — Algo está acontecendo.

— Não entendi. Por que a chamar?

— Eu só quero ajudar, meu filho. — Respirou fundo e o acompanhei caminhar até a porta. — Ainda bem que os problemas na empresa terminaram. Preciso descansar.

— Sim. O melhor seria que o senhor não tivesse convidados em casa.

— Estamos em família. — Fez uma careta e se afastou. — Quero dizer, Júnior era como um irmão para mim, então, sua filha também seria.

— Ou o senhor tem outros interesses? — perguntei irritado, eu não acreditava que estava com ciúmes do relacionamento dele com Scarllat.

— Meu motorista me leva, você segue junto com ela.

Ele saiu da minha sala e me deixou alguns segundos controlando a raiva. Não deveria abordar a mulher sobre aquele assunto, eu tinha planos para nós e muito tesão, não discussões que nos levariam a mais irritação.

Passei as mãos no cabelo com força, controlando meu temperamento e as suposições fundadas apenas no meu ciúme. Talvez, ela nem quisesse mais nada comigo e minha dominação seria jogada no lixo.

Eu não poderia ficar por baixo.

Conferi as horas no relógio tendo a certeza de que o expediente tinha terminado, passei pela recepção sem olhar direito para a minha secretária e fui até a sala da TI.

Não bati na porta, invadi o lugar, pronto para um embate, mas a encontrei vazia.

— Porra! — resmunguei e a cabeça de Scarllat apareceu no meu campo de visão, ela estava com os olhos arregalados. — Todos foram embora?

— Sim. O que foi? — sua voz continha um doce que acordava todas as partes do meu corpo para o sexo.

Entrei fechando a porta atrás de mim, cheguei até sua mesa e a puxei para ficar de pé. Não tinha a visto naquele dia e me surpreendi que não vestia calça jeans.

Ela segurou na barra da saia, encabulada, puxei-a até a porta e enjaulei seu rosto nos meus antebraços. Sua respiração acelerou, a pupila dilatou e os lábios precisaram de saliva para serem umedecidos.

— Samuel — chamou com desejo, olhando para o meu pescoço.

— Sim ou não? — perguntei seco e aproximando meu rosto do dela.

— O quê?

— Resposta simples, Scarllat. Sim ou não?

— Mil vezes sim.

Ela uniu nossos lábios, eu os abri e coloquei minha língua para invadir sua boca. Gememos quando nossos braços e mãos colidiram, em busca de tocar e matar a saudade que estávamos.

Por enquanto, minhas suspeitas estavam sendo dizimadas, ela me queria.

Inclinei a cabeça de um lado para o outro, tendo sua boca como conexão. Minhas mãos encontraram seus seios, apertaram e a satisfizeram com o desespero.

O zíper da minha calça foi abaixado, ergui a saia dela e nos encontramos no meio do caminho para meu pau entrar na sua boceta. Scarllat mordeu meu lábio inferior antes que eu pudesse a penetrar. Flexionei os joelhos, ajeitei a posição e entrei, com uma arremetida.

Alguém tentou abrir a porta e eu a pressionei contra ela com mais pressão. Sua respiração parou e nossos olhares se conectaram.

— *Scarllat?* — era a voz de um dos colegas de trabalho dela e, ao invés de a deixar responder, neguei com a cabeça enquanto metia nela, lento e sensual. — *A porta emperrou.*

Continuei forçando meu corpo contra o dela, para impedir que a porta fosse aberta. Em uma tortura sexual, com a adrenalina que eu tanto ansiava para temperar o momento, eu a vi revirar os olhos enquanto alcançava o ápice.

Os músculos das minhas pernas estavam gritando, mas eu não me importava, eu só queria levá-la ao ápice.

Enquanto ela subia e descia, por causa dos impulsos que eu dava, não deixei de a desejar com meu olhar e minhas mãos. Scarllat ergueu uma das pernas e facilitou o acesso, esfreguei-me o máximo que consegui para que estimulasse o seu clitóris e, então, eu pudesse gozar.

Porra, a camisinha.

Tirei meu pau, ela chiou pela interrupção, mas logo voltei à ativa, tomando sua boca e nos levando até o inferno mais prazeroso da saudade.

Seus braços rodearam meu pescoço, ela se entregou para o momento e a segurei, até que minhas pernas perderam as forças. Saí dela para poder nos sustentar e ficamos naquela posição, abraçados e exaustos até que a respiração entrou em sintonia.

— Merda — resmungou, me empurrando e ajeitando a roupa. — Eu já... — Colocou a mão na boca, abriu a porta e saiu correndo, me deixando sem entender.

Ajeitei-me e fui até a sua mesa, me sentei na cadeira e toquei seu local de trabalho. Não havia nada pessoal, nem um acessório ou item particular. A caneta era simples, o bloco de notas indicava sua letra apressada, mas caprichosa.

Não sei quanto tempo fiquei ali, olhando para uma versão de Scarllat que eu estava disposto a conhecer. Ela voltou para a sala ofegante e pálida, levantei-me e a segurei em meus braços, devia ter ultrapassado algum limite.

— Desculpe, eu exagerei no almoço e a ansiedade me fez revirar a comida no estômago. — Ficou na ponta dos pés e beijou meus lábios. — Oi.

— Oi. — Segurei no seu rosto e olhei seus olhos cansados. — Meu pai te chamou para jantar, mas acho melhor você ir dormir.

— Posso ficar com você? — perguntou com um murmúrio e acenei afirmativo, porque eu estava vulnerável e faria tudo por ela. — Ele está bem?

— Na medida do possível.

— Posso ir com você, eu já estou melhor.

— Quer passar em uma drogaria e comprar algo para a digestão?

— Não, eu...

— Vamos. — Levei-a até a mesa para pegar suas coisas. — Gostei da saia.

— Pabline me emprestou, minha calça rasgou, foi uma tarde caótica. — Forçou o riso e se voltou para mim. — Pronta, professor.

— Por que não me mandou mensagem durante a semana? — perguntei, me excitando novamente.

— Talvez, pelo mesmo motivo que você não o fez. Estava tudo muito tenso e eu não queria atrapalhar. — Olhou para o chão, sem graça. — Está no acordo que só você me procura.

— Isso não te impediu da última vez.

— Minha confiança estava abalada. — Deu passos, passando por mim. — Vamos, antes que alguém apareça por aqui.

Segurei na mão dela, saímos da sala tomando cuidado para não cruzar com ninguém e descemos até o estacionamento no subsolo. Ainda tínhamos muito o que conversar, estava nítido que a insegurança fazia parte do nosso relacionamento inconveniente.

Chegamos até meu carro, deixei um beijo nos seus lábios e ela virou o rosto, incomodada.

— Preciso de uma bala ou escovar os dentes. Passei apenas água.

— Você costuma vomitar tantas vezes assim?

— Não. Foram exageros, está tudo bem. — Ela entrou no carro e, preocupado com a saúde do meu pai, fiquei em alerta com Scarllat.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 33

Samuel passou em uma drogaria e, apesar de ter voltado para o carro com um saco cheio de coisas, ele me deu apenas um comprimido e uma garrafa de água para o tomar.

— Se ficar indisposta, pode me falar, nós vamos embora do meu pai.

— Tudo bem. Eu já me sinto bem. — Suspirei, tomando mais um gole do líquido gelado. — E como está Osvaldo?

— Meu pai vai superar, não está morrendo. — Deixou a sacola no banco de trás e ligou o carro. — Ele acha que está fazendo algo de bom para você, com a intenção de compensar o que faltou para o homem que te criou.

— Sei que fui indicada para o trabalho, mas faço o melhor para ter valido a pena minha contratação. — Senti-me ofendida. — Você teve uma visão de mim na faculdade, mas ela não condiz com a realidade.

— Não era sobre isso. — Suspirou, deixando os ombros relaxarem. — Sinto muito, vamos conversar depois, tudo bem? A tensão no trabalho está refletindo no que nós dois construímos. — Colocou a mão em cima do meu joelho e o afagou.

— Você está mais tranquilo que o normal. — Entrelacei nossos dedos.

— Reflexivo.

— A semana foi puxada, não é mesmo? Ter um sistema com falha de segurança deixa todos preocupados. Ainda bem que tudo voltou ao normal.

— Gosta da sua equipe?

— Sim, eles são brincalhões e sempre tenho um bom momento quando estamos juntos. É bom acordar e estar motivada para ir trabalhar.

— Entendi. — Ele afrouxou os dedos nos meus e percebi que algo o incomodava. — Augusto me falou que está namorando Pabline.

— Sim. Eles formam um casal perfeito, apesar de não combinarem os apelidos. — Sorri para ver se o contagiava, mas Samuel se mantinha sério. — O que foi?

— Cansado.

— Você se expressa muito mais quando está todo desesperado comigo na intimidade do que agora, sem estímulos extras.

— Eu prefiro fazer sexo, não conversar. — Sorriu de lado e se soltou de mim, para virar o volante e parar em frente a um grande portão residencial. — Tenho brinquedos novos para testar.

— Estou curiosa.

Ele estacionou o carro e saiu sem dizer mais nada. Fiz o mesmo e o encontrei na parte de trás, para seguirmos juntos para dentro. Era uma grande casa, um ambiente que nunca frequentei e que deveria ser inalcançável.

Com a mão na minha lombar, Samuel entrou comigo e nos conduziu pela grande sala, depois um cômodo com uma mesa de jantar elegante. Passamos por uma porta e me deparei com um espaço aconchegante, com móveis de madeira e decoração de tijolo à vista.

A mesa rústica, mas chique, estava posta e o senhor Osvaldo surgiu no meu campo de visão sentado em uma cadeira na ponta, esperando por nós. Sem a sua roupa formal do trabalho, ele sorriu, se levantou com cautela e me recebeu para um abraço.

— Como está? — perguntei, me afastando e sorrindo. — Parece cansado.

— Sim, estou fazendo alguns exames e cuidando da saúde. — Ele apontou a cadeira a sua perpendicular, para que eu me sentasse e Samuel se aproximou, para tocar o ombro dele. — Obrigado, meu filho.

— O que preparou para nós?

— Sopa. Lurdes está terminando e nos servirá. — Osvaldo colocou a palma para cima na mesa, como um convite e eu coloquei minha mão sobre a dele. — Como foi essa semana para você?

— Tensa, mas deu tudo certo no final. — Troquei um olhar com Samuel, que tinha se sentado à minha frente. — Adorei a adição no cardápio do almoço.

— Sua sugestão foi bem aceita pelo pessoal da cozinha e pela nutricionista.
— Inclinou a cabeça para o lado. — Você parece pálida.

— Já estou melhor. — Dei de ombros.

— Vou buscar algo para bebermos — Samuel se levantou e eu o acompanhei se afastar com o olhar.

— Ele sempre foi sério e focado. Quando tinha competição no colégio, estava entre os primeiros. Para Samuel, só importava vencer.

— A mente dele trabalha à frente das de todos. Consegue saber de todas as áreas da empresa. — Tentei soar neutra ao invés de exaltar o quanto a inteligência dele me deixava apaixonada.

— Foi um bom professor para você?

— Então... — Sorri sem graça e tirei a mão de cima da dele. — Digamos que eu não tinha a mesma mentalidade de hoje, naquela época. Eu mudei, amadureci.

— Ou seja, ele foi tão exigente com os alunos quanto é para os nossos funcionários. — Osvaldo estava orgulhoso. — Tem namorado, Scarllat?

— O quê? — Busquei apoio ao redor e vi Samuel se aproximando com uma mulher ao seu lado, carregando uma bandeja. — Eu...

— Pai, essa pergunta é muito pessoal.

— Tudo bem. — Deu de ombros, despreocupado. — Na época em que eu trabalhava com Júnior, ele era muito paquerador.

— Sempre foi — complementei e ele riu.

— Quantas mulheres ele tinha?

— Duas oficiais, com filhos e uma que de vez em quando aparecia na casa de Neide. Não sei como dava conta, mas ele era dedicado e cuidava dos filhos e de nós.

— Ele gostava de abraçar o mundo, tinha um bom coração. Eu ficava até tarde da noite conversando sobre a lanchonete e a vida dele. Sinto falta disso.

— Sim, eu também. — Olhei para Samuel, que nos servia um copo de suco de laranja e prestava atenção na conversa. — Você o conheceu?

— Apenas de vista — meu amante secreto respondeu, seco. — Desde a adolescência, eu me dedico a me profissionalizar.

— A morte de Carmem foi difícil para todos. — Osvaldo olhou de mim para Samuel. — Ela adoeceu e ficou quase um ano reclusa, de cama, sem ânimo para viver.

— Muito triste. — Eu não conseguia imaginar como seria ver alguém que a gente amava definhar. Algo dentro de mim pulsou. Tentei tomar um gole de suco, mas meu estômago embrulhou mais uma vez.

— Quando penso naqueles dias, percebo que foi difícil, mas não impossível. Cheguei até aqui, estou vivo, meu filho está bem e eu te encontrei. — Os olhos do

homem brilharam e eu não entendi o motivo de ele me incluir naquela fala. — Que bom que aceitou fazer parte da família Dan.

— Agradeço a oportunidade que você me deu. Faço o meu melhor, todos os dias, para a empresa — respondi emocionada e ele negou com a cabeça.

— Pai, o que o senhor não está contando? — Samuel espalmou uma mão na mesa. — Essa não é uma discussão para se ter na frente de Scarllat, mas está difícil conseguir extrair essa informação do senhor.

— Ela foi criada por Júnior, meu amigo. — Ele se ajeitou na cadeira e franziu o cenho. — Nasci em um lar humilde. Dividi anos de trabalho e luta com aquele homem, então, se eu sinto a necessidade de recompensá-lo através dessa menina, eu farei.

— Não precisa, senhor. Ele foi o suficiente enquanto estava em vida. — Estiquei o braço para alcançar sua mão que estava pousada em sua coxa. — Eu já cumpri minha dívida com eles também. Deixe os mortos descansarem.

— Ah, Scarllat. Há promessas que devem ser cumpridas mesmo depois que as responsáveis não estejam mais presentes para cobrar. Tentei fugir, mas o universo mostrou que eu ainda estava em falta.

— O que eu fiz? Sou apenas um bebê abandonado, criado por pessoas especiais, mas que nunca souberam demonstrar amor. Estou bem com isso, decidi trilhar meu próprio caminho.

— Fico feliz em poder ajudar. Se é dinheiro que você precisa para isso, eu vou te dar.

— O quê? — Samuel falou alto e eu neguei com a cabeça ao perceber seu olhar de julgamento.

— Desculpe ter pedido o adiantamento. Foi apenas um momento de ansiedade, já desisti dele.

— Não me importo.

— Sério, senhor Osvaldo. Eu não estou aqui pelo dinheiro. Sou grata pela oportunidade e prefiro retribuir cumprindo com o acordo que fizemos e com meu trabalho. — Levantei-me da cadeira e senti uma tontura. — Quero ir embora.

— Não, Scarllat. Sei que não busca esse tipo de coisa, eu só quero ajudar.

— Por que precisa de dinheiro? — Samuel se levantou e eu me afastei, quase tropeçando nos meus pés.

Sem saber que rumo tomar e com o estômago ainda revolto, passei pela cozinha, fui até um cômodo mais ao fundo e achei um banheiro. Fechei a porta, joguei-me no chão e tampei os ouvidos, para não ter que lidar com mais nada.

Preferia não me envolver, para não sofrer. Naquele momento, tinha feito exatamente o contrário do que construí para me blindar e a dor no meu peito estava me dilacerando por dentro.

Batidas soaram na porta e eu quis sumir. Recordei de uma antiga música e a fiz tocar na minha cabeça para me envolver em proteção.

“Você me manteve respirando debaixo d'água

Quando todo mundo deixou-me para afogar

Você era a luz que brilhou através da escuridão

Agora estou cego porque você não está por perto

Eu sei que não sou perfeito, te decepcionei

Eu acho que estou pagando o preço por isso agora”

Bullet For My Valentine – Breathe Underwater



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 34

Abri a porta do banheiro e Samuel estava parado me esperando, sem a gravata, nem o paletó e com as mangas da camisa social dobradas no antebraço. Ele tinha os braços cruzados e, assim que suspirei, ele os soltou e deu um passo mais próximo de mim.

— Como se sente? — perguntou, brando.

— Envergonhada. Pode me levar para casa? — Olhei para os meus pés. Sua mão tocou meu cabelo e o colocou atrás da minha orelha. — Olha, eu...

— Está com fome? — Neguei com a cabeça e ainda não o encarei. — Posso te levar para o meu apartamento?

— Acho que não devemos mais fazer isso.

— Você vai quebrar o nosso acordo? — Seus dedos tocaram meu queixo, levantou minha cabeça e me fez encará-lo. — Precisa de dinheiro, é isso?

— Entenda do jeito que quiser, mas não quero confusão. — Movimentei meus braços. — Se eu perder o meu emprego, não me restará mais nada.

— Está precisando de dinheiro?

— Não é para mim... deixa para lá. — Abracei meu corpo e fiquei de lado para ele, pronta para fugir. — Pode me levar para casa?

— Você pode conversar comigo.

— Não quero. Estou confundindo as coisas e sendo julgada. Só vamos encerrar a noite, tudo bem?

— Certo. — Respirou fundo e tocou meu braço. Eu não queria que meu corpo reagisse, mas ele tinha mais confiança do que minha própria mente. — Você não comeu e está pálida. Meu pai já foi se deitar e dispensei a cozinheira. Podemos jantar aqui na cozinha, com privacidade.

— O que está acontecendo? — Fiz uma careta e ele me virou para ficar de frente para ele. — Também estou sentindo que há algo que seu pai não quer contar e tem a ver comigo.

— Não sei, mas vou descobrir. — Subiu suas mãos para o meu rosto. — Podemos passar o resto dessa noite aqui, tomando sopa?

Engoli em seco e me entreguei a um abraço que estava sendo implorado para ser dado. Nossos corpos tinham uma conexão própria, eles se encaixavam, relaxavam e até as nossas respirações ficavam sincronizadas. Eu não me sentia bem, mas tendo-o por perto, sem o jeito arrogante e distante emocionalmente, sentia-me segura.

E o que aconteceria quando a rotina voltasse? Eu não queria ser mais ignorada, nem deixar de estar com ele. Precisava confessar meus sentimentos, queria

mais do que um relacionamento baseado em um acordo assinado em seu escritório. A grande questão era que, ao me colocar tão vulnerável, eu poderia ser destruída.

— Aceito seu convite, professor.

— Deixei de estar nessa posição há um tempo. — Afastou-se e me guiou até a cozinha. — Ou está querendo me provocar.

— Estou tentando mudar o clima. — Ele puxou uma cadeira e me sentei, a mesa estava posta, mais simples do que do lado de fora. — Ou prefere que eu seja apenas sua subordinada?

— Me deixar com tesão não é uma boa estratégia para que eu te leve de volta para sua casa. — Ele exibiu um sorriso sacana e se sentou ao meu lado. — A não ser que ainda esteja disposta a passar o fim de semana comigo.

— Vou pensar. — Estiquei minha perna para esfregar na dele. — Estava confusa, queria sumir, mas seu abraço acalmou meu coração.

— Vai falar para mim sobre o dinheiro?

— Uma das ex-esposas de Júnior me ligou pedindo ajuda. Ela tem dois filhos e sei que não é minha responsabilidade, mas eu queria fazer algo. — Dei de ombros e me ajeitei na cadeira para poder me servir. — No mesmo dia quebrei meu celular, se eu achava que não tinha dinheiro, perdi todas as esperanças na queda dele. Faz parte da teoria do caos, tudo acontece ao mesmo tempo.

— Tem pessoas que vão continuar pedindo e sugando, mesmo sabendo o quanto isso pode te prejudicar. Se não tem, não dê.

— Ela tem filhos.

— Poderia estar morrendo, mas a lógica em se ajudar alguém é oferecer o que temos sobrando, não tirar o que nos fará falta.

— Você negaria ajuda ao seu pai? — questionei chateada, exausta por perceber que entraria em outra discussão.

— Ela não é sua família.

— Mas é a única pessoa mais próxima disso que tenho na minha vida. — Estendi o braço e segurei a concha da panela de sopa. — Não quero brigar e não vou pedir dinheiro emprestado da empresa. Jucélia não falou mais comigo, isso quer dizer que está bem. É minha escolha.

— Você está certa. — Nossos dedos esbarraram quando ele foi pegar a sopa para ele. — Apesar de termos origens semelhantes, somos adotados, nem tudo funciona do mesmo jeito.

— Eu nunca tive um pai e uma mãe.

— Ninguém nasce de forma espontânea. Eles não te criaram, mas estão no seu DNA. — Ele me encarou e abri a boca para rebater. — Gosta de sopa de legumes?

— Costumo comer de tudo — respondi surpresa pela sua mudança de assunto.

— Para mim, esse é o tipo de comida que não me satisfaz. Não estranhe se eu acordar no meio da noite e atacar a geladeira por algo que dê mais sustância.

— Você faz atividade física, então isso exige a ingestão de mais calorias.

— E pretendo me exercitar muito, se você melhorar a cor do seu rosto. — Passou o dorso dos dedos na minha bochecha e suspirei, carente. — Tem que se cuidar, Scarllat.

— É o que estou fazendo no momento. — Ergui minha colher e experimentei a sopa. — Gostosa.

— Satisfatória — rebateu, recolhendo a mão e tomando do seu prato. — Sabe cozinhar?

— Para sobreviver. Neide nunca me deixou testar a cozinha, a casa era dela. — Tomei mais um pouco e apreciei o caldo morno. — E você?

— Gosto dos números, de ações grandiosas e trabalho. Sempre tive alguém para fazer para mim.

— Não sabe nem fazer um ovo mexido então.

— Minha afirmação englobou minha opinião, mas não a minha habilidade. — Piscou um olho e percebi que estava me provocando com seu jogo de palavras. — Um bom líder sabe responder usando as perguntas a seu favor. Isso poderá lhe dar interpretações erradas, mas nunca fugirá do real sentido.

— Quando percebeu que queria estar nessa posição? — Inclinei a cabeça para o lado, analisando o professor CEO de outra forma. — Você consegue estar no comando, sempre.

— É um dom.

— Com certeza. Não só no profissional, mas entre nós. — Umedeci os lábios. — Pretende encontrar outras mulheres?

— Por que eu faria isso?

— Por que não?

— O nosso acordo envolve a mim, você e nossos desejos. A não ser que você queira inovar um pouco mais. Quem sabe um *ménage* ou *voyerismo*.

— Swing? — Arregalei os olhos, num misto de excitação e medo.

— Confesso que não me atrai, mas podemos ir para você conhecer.

— Nem tenho roupa para isso.

— Podemos providenciar. — Mesmo sem falar, eu percebia o quanto sua mente já estava fervilhando de ideias para aquela proposta. — Almoçamos no shopping, escolhemos um vestido e seguimos de noite para o Coração de Diamante.

— É assim que o puteiro se chama?

— O ambiente é controlado e dedicado à execução de fetiches para adultos.
— Ele ficou sério e eu ri, porque ele não poderia ter encontrado uma definição mais puritana do que aquela. — É um local sério, respeito faz parte das regras dos frequentadores.

— Mas você disse que não gosta de ir.

— Porque eu prefiro os lugares impróprios. — Inclinou-se na minha direção.
— Quando você experimentar a roupa e eu invadir o provador, vai perceber que é muito mais excitante do que estar cercada pela luxúria.

— Onde assino?

— A sua palavra é o suficiente, Scarllat. — Beijou meus lábios com suavidade e suspirei. — Coma, vamos dormir e, depois, seguiremos com o plano.

— Tudo bem.

Os próximos assuntos ficaram na zona de conforto, sobre gosto musical e livros famosos que lemos. Fiquei feliz ao perceber que “[Quase um Segundo](#)”, da autora Bia Carvalho era uma leitura que compartilhávamos. Um romance com pitada de super-herói, mistério e ação. Tínhamos mais em comum do que imaginávamos e eu estava apreciando aquela aventura de nos descobrirmos.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 35

Acordei nos braços de Samuel Dan e nada nunca pareceu tão certo. Sem o auxílio de bebida alcoólica ou de algum remédio, eu dormi a noite inteira. Seu corpo colado às minhas costas aumentava a temperatura de todas as formas.

Ele estava de cueca e eu optei por usar apenas calcinha. Não havíamos feito nada além de tomar um banho, trocar carícias e dormir. Meu estômago ainda estava estranho, mas não tão revoltado como no outro dia, que me forçou a jogar tudo o que eu tinha para fora.

Suspirei e me remexi, as mãos dele, que pousavam na minha barriga, subiram até meus seios. Eu não sabia se ele tinha acordado também, mas já era manhã. Pelas frestas da cortina, a luz do sol tentava invadir o quarto muito escuro.

— Bom dia — ele murmurou, esfregando seu nariz no meu pescoço e seu quadril na minha bunda. Ele estava muito mais excitado do que eu poderia imaginar e isso me atçou a incentivá-lo a continuar. — Você se mexe muito.

— Oh, droga. Te atrapalhei? — Tentei virar para o encarar, mas ele colocou sua perna em cima da minha e me deixou cativa. — Sinto muito, Sam. Eu tenho insônia e dormi bem, mas acho que o preço foi o seu sono.

— Não. — Tirou o cabelo do meu pescoço e suas mãos massagearam meus seios. — Eu também dormi muito bem. Nunca pensei que poderia ser tão bom dividir uma cama. A questão é: como você acordou?

— Pronta. — Rebolei para que sua ereção se esfregasse ainda mais no meu corpo e gememos em apreço. — Está esperando um convite?

— Já tenho toda a autorização de que eu precisava.

Uma de suas mãos desceu até chegar à minha calcinha, levantou o tecido e encontrou minha intimidade molhada. Seus dedos deslizaram pela região, espalhando meus fluidos enquanto meus seios ficavam intumescidos e meu anseio para que o tivesse dentro de mim aumentava.

— Samuel — murmurei, fechando os olhos.

— Gosto quando me chama nesse tom.

— Eu quero você.

— Mal começamos. — Mordicou meu pescoço e pressionei minhas pernas, parando a exploração dele no meu sexo. — Já está quase lá.

— Sim.

— Então goza, depois eu te alcanço na segunda rodada.

Ele enfiou um dedo dentro de mim e fez os movimentos com força. Relaxei as pernas, deixei-o me estimular e alcancei o clímax, com paixão. Os ecos dos meus gemidos amplificaram meus sentidos, minha pele estava tão sensível quanto meus ouvidos.

A calcinha foi posta de lado, seu membro cutucou minha entrada e não me penetrou. Soltei um barulho com a garganta, pela frustração, ele se afastou e me deixou ainda mais desesperada por nos conectar.

Encarei-o pondo o preservativo, então ele voltou para a posição anterior e me invadiu com uma estocada. Entrou e saiu lentamente, virei o rosto e o observei reagir estando dentro de mim. Mordi o lábio inferior, ele cultuava meu corpo com seu olhar e toques apaixonados.

De lado, ele foi aumentando o ritmo e nos levando a mais uma onda de prazer. Seu olhar encontrou o meu e o sorriso sacana, enquanto nos fazia movimentar na cama, fez com que meus sentimentos por ele aumentassem ainda mais.

— Eu... Sam...

— Sim? — Roubou-me um beijo, sem língua ou profundidade. — O dia está só começando, Scarllat.

Nossas mãos seguiram o mesmo caminho até o meu sexo. Enquanto ele me preenchia com todo o seu tesão, eu precisava de um toque a mais, que veio com a companhia do seu aperto. Os dedos se sobrepuseram, movimentaram de forma circular e completaram o ato.

Enquanto ele ofegava entre os gemidos de prazer, por ter alcançado o ápice, eu me derretia nos seus braços e deixava o meu coração explodir com sentimentos intensos que nunca permiti tomarem conta.

Estremeci e relaxei, ele saiu de mim, descartou a camisinha e me virou para ficar de frente. Tirou o cabelo do meu rosto, beijou minhas bochechas e os lábios, sua devoção era o ponto alto do momento. Acima do sexo, além do desejo, ele parecia querer mais do que o estipulado no acordo.

Sorri quando seu olhar encontrou o meu. Ele demorou a retribuir, mas não foi menos intenso.

— Como se sente? — perguntou, demonstrando sua satisfação sexual no tom.

— Bem... bem comida. — Soltei um risinho divertido e ele ergueu as sobrancelhas, satisfeito. — Você tem o dom de me relaxar, que nem percebo as palavras que uso para me expressar.

— Não há por que medir palavras comigo.

— Talvez sim. Ou não. — Dei de ombros. — Quando me pego reparando em você, lembro do professor carrasco e tento me controlar.

— Sou apenas aquele que quer te mostrar o lado bom de ser fodida. — Ele piscou um olho e se tornou o jovial homem com fetiches interessantes. — Não acho que fui duro com você, apenas sincero, como um bom educador deve ser.

— Detalhista e chato. — Beijei seus lábios para aliviar minhas palavras, ele tinha perdido o sorriso. — Mas foi bom. Eu te odiava e isso serviu para que eu corresse atrás de provar que eu sentia o contrário.

— Faz parte da minha posição ser tão crítico e rígido. Se me preocupasse com a opinião dos alunos ou em fazer amizades com meus colaboradores, nunca poderia formar bons profissionais. Tenho um lado problemático, mas não é esse em questão.

— Samuel, sou a última pessoa a te julgar. — Segurei seu rosto e o fiz me encarar. — Estou no seu mundo por livre e espontânea vontade. Em nenhum momento

você foi abusivo, eu gosto da sua dominância.

— Em que momento? — Franziu a testa e percebi que ele tinha algumas questões sobre o seu fetiche que não estavam bem resolvidas.

— Todos. — Forcei meu corpo a ficar em cima do dele, levantei meu tronco e estufei o peito, seu olhar revezou entre meus seios e meus olhos. — Para que haja um agressor, é necessário ter uma vítima. Eu não estou nessa posição.

— Sou mais velho.

— Sim.

— Tenho mais experiência e sei te manipular.

— Eu me permito. Sou maior de idade e posso escolher querer você.

— Posso te prejudicar emocionalmente.

— É isso que você deseja? — Ergui as sobrancelhas e ele acenou negativo. — Fora do padrão não quer dizer ilegal. Não há crime, apenas um fetiche que não anda em sintonia com a moral e os bons costumes.

— Somos dois desajustados, essa é a verdade. — Desviou o olhar e apoiei minhas mãos no seu peito. Ele segurou nos meus pulsos e ficou reflexivo. Eu não sabia a direção dos seus pensamentos. — Estou excitado novamente, só de pensar que te fiz ajoelhar e me chupar no meu escritório.

— Naquele momento me assustei, mas gostei. — Mordi o lábio e escorreguei para me esfregar na sua ereção. Ele estava apegado às fantasias sexuais e eu queria fazer parte de todas elas. — Professor Samuel?

— Sim? — respondeu com rouquidão e rebolei em cima do seu pau.

— Acho que preciso de uma explicação mais detalhada sobre o conteúdo de hoje. Vamos para o shopping e depois para um tal de Coração de Diamante. É isso? — Pisquei os olhos com inocência, ele se sentou e abraçou minha cintura.

— Enquanto eu foder com seu corpo, você vai foder com minha mente. Esse é seu plano? — Abaixou a cabeça e sugou um seio. Lambeu e provocou o bico até que ele ficasse duro e latejando. — Sim, minha aluna. Nós vamos aprender a observar e, quem sabe, trepar entre tantos outros, como se participássemos de uma suruba. Você não usará calcinha.

— Faço questão que também não use cueca, para facilitar o acesso. — Beijou minha boca e nos permitimos começar mais uma rodada de sexo. — Talvez eu precise de uma pomada.

— Minha saliva será o suficiente para te aliviar.

Deitou-me na cama, desceu até sua cabeça ficar de frente para a minha intimidade e abriu as pernas. Ele umedeceu os lábios com a língua e não tirou o olhar de mim enquanto me fazia tremer, mais uma vez.

Enjoos? Eu tinha me esquecido deles ou o café da manhã na cama com Samuel se tornou o meu melhor remédio.



SAMUEL
Vitta Dan

Capítulo 36

Tentei me comportar ao máximo estando no shopping com Scarllat. Entrar no personagem professor e aluna me fez acreditar que aquela mulher era a combinação ideal para as minhas perversões.

Ainda existia um receio de estar sendo um homem perverso. Sua confissão sobre a visão que tinha do meu lado professor me fez questionar se eu não precisava rever alguns conceitos.

Comprei o vestido mais sensual que ela provou. Fiquei aliviado por ela não questionar valores ou o meu gosto, tinha entrado no papel e aceitado ser dominada por mim.

Ela almoçou pouco e minha preocupação quanto à sua saúde dominou meus pensamentos. Em um primeiro momento, acreditei que pudesse ser gravidez e, por essa possibilidade, eu tinha dois exames de farmácia guardados em casa. Mas, com a doença do meu pai e alguns sintomas semelhantes entre eles, eu estava preocupado de que pudesse ser alguma doença do coração.

Teria que achar uma forma de levá-la ao médico. Com a dependência que eu estava da sua presença, eu não conseguia pensar com tranquilidade tendo-a longe de mim.

Entramos no carro e trocamos um olhar antes que eu desse a partida. Mantendo o silêncio desde a entrada no elevador, Scarllat ligou o som e relaxou no seu

assento enquanto eu dirigia até o nosso destino.

“Olha o meu estado

Você não pode negar

Eu vou sair

Então me siga agora

Fica atrás de mim”

Lacey Sturm – State of Me

Coloquei a mão na sua coxa exposta e senti a nossa conexão, tendo sua pele sob os meus dedos. Percebi pela minha visão periférica que ela tinha sorrido para mim, mas mantive a atenção na avenida.

— Posso sugerir uma mudança de papéis? — ela perguntou suave e pousou sua mão em cima da minha.

— O que tem em mente?

— Você como chefe impetuoso e eu sendo a secretária perdida.

— É isso que está na sua mente? — perguntei, sorrindo em apreço a sua ideia.

— Muitas coisas rondam meus pensamentos. Quero testar outras situações, com você sendo tão impositivo.

— Quer que eu decida o que fazer no Coração de Diamante?

— Sim.

— Lá vai muito além do que já fizemos.

— Talvez eu hesite em alguns momentos, mas se você me conduzir, eu vou conseguir executar.

— Você tem certeza?

— Eu quero.

— Está comigo e só terá prazer da minha parte. Acredite nisso e relaxe.

— Confio em você.

Parei o carro em um semáforo, encarei-a com toda a paixão que ela merecia e deixei um beijo casto nos seus lábios. Ela estava disposta a saciar sua curiosidade, eu daria toda a experiência pela qual ela ansiava.

— Eu também confio em você, Scarllat — murmurei e voltei a guiar o carro.

O peso dessas palavras mexeu com meu ego. Apesar de nunca ter me relacionado, eu sabia o que era ser um casal. Formar uma família não estava nos meus planos, mas estava sendo vital pensar no futuro.

Será que o amor sobreviveria depois que o fogo da paixão fosse saciado? Existia muita coisa para fazermos ainda, mas eu tinha medo de que tudo isso perdesse força quando o nosso caso viesse à tona para a empresa e para o mundo.

Cheguei ao estacionamento que nos daria acesso ao Coração de Diamante. Pelos carros enfileirados, podia-se perceber o quanto era caro estar naquele lugar. Eu vinha poucas vezes, o que me dava mais prazer era estar em uma sala de aula. Porém, tendo Scarllat ao meu lado, o desejo parecia insaciável.

Sáímos do carro e fui até o seu lado, ofereci meu antebraço e ela se posicionou de forma imponente. Empinou o nariz e ajeitou a postura. Aquele vestido justo salientava suas curvas e estimularia a imaginação de quem a olhasse.

Chegamos até a porta ornamentada com desenhos em madeira, abri sem muito esforço e entramos. A luz ambiente estava forte e séria, mas depois que passássemos a recepção, tudo mudaria para sedução e obscuridade.

Fui até o balcão e falei com uma das recepcionistas, que não economizava nos olhares sedutores para mim e minha acompanhante. Conferi se Scarllat estava incomodada, seu escrutínio em mim dizia o suficiente: ela queria a experiência completa.

Entreguei meu cartão de crédito, dispensei a minha via impressa e Scarllat e eu nos afastamos para entrar no salão principal.

— Estou me perguntando o quanto deve custar para entrar aqui. Só vi carros importados lá fora — ela cochichou antes de mudarmos de ambiente.

— O suficiente para não cruzarmos com ninguém conhecido do nosso meio de trabalho. — Sorri com arrogância e ela mordeu o lábio inferior. — Você pode fazer o que quiser. Estarei ao seu lado, apreciando tudo.

— Que excitante.

Aquela entrada estava sendo guardada por dois seguranças sérios, altos e vestindo terno. Um deles abriu a porta e a música sensual, mesclada à iluminação avermelhada, acionou todos os meus sentidos.

“Este amor está

Me matando

A dor deve fazer parte da cura

É tão difícil respirar

Quando eu preciso tanto que queima

Você é o fogo

O amor é o sangue em uma rosa”

Everybody Loves an Outlaw – Blood On A Rose

Caminhamos sem pressa, Scarllat observava as pessoas que estavam de pé, sentadas em sofás e outras, mais ousadas, que se tocavam. Naquele lugar, era permitido apenas masturbação e sexo oral.

— Tem alguma regra? — ela perguntou ficando na ponta dos pés, para se aproximar da minha orelha.

— Que você sinta muito prazer. — Abracei sua cintura e nos direcionei para o bar. — Quer beber algo?

— Acho que vou passar. — Ela se sentou no banco alto e girou, rindo com nervosismo. — Com a expectativa, meu estômago não está colaborando.

— Uma água, por favor — pedi ao garçom que apareceu para nos atender. Depois, foquei em Scarllat, abri suas pernas e me encaixei entre elas, mantendo minhas mãos próximas as suas nádegas. — Você me deixou comprar o vestido, certo?

— Gostei de ser mimada hoje, mas posso devolver tudo. — Seus olhos se arregalaram e ela puxou minha gravata para meu rosto se aproximar do dela. — Eu vou ter que pagar algo?

— Vai — respondi sedutor, ela não tinha entendido e ficou mais ainda apreensiva. — Seu pagamento será em orgasmos, Scarllat.

— É sério, Sam.

— Tanto quanto o nosso prazer. Fiz, porque eu gosto de você. Iniciei a conversa sobre o vestido que te comprei tendo outro objetivo, não o de te fazer se sentir em dívida.

— Gosta dele?

— Sim. — Inclinei a cabeça e beijei seu pescoço. — Estou aprendendo a gostar de você um pouco mais — Beijei o outro lado — a cada segundo — Dei uma leve mordida no seu queixo — que passamos juntos.

Seu corpo se arrepiou e fui para seus lábios, mostrar minhas intenções. Não poderia prometer amor eterno, mas uma tentativa de relacionamento, que descobriríamos juntos. Nosso acordo estava indo muito bem até o momento, não precisávamos atropelar as etapas.

Eu queria sexo, ela estava disposta. Nós queríamos passar momentos juntos e nada mais justo do que eu assumir o que sentia por aquela mulher. Tinha minhas questões problemáticas para lidar, mas era maduro o suficiente para entender que Scarllat havia se tornado minha preferência.

Enquanto nos beijávamos, minhas mãos apertaram suas coxas e bunda. Meu quadril se esfregou entre suas pernas e o vestido foi para o lado, deixando seu sexo exposto para friccionar com minha roupa.

Ela gemeu, deveria estar tão excitada quanto um adolescente na puberdade. Eu não queria que ela gozasse tão cedo, havia muito para observar antes de se deixar levar.

Parei o beijo e o seu sorriso apaixonado estampou sua face. Antes que pudesse elogiar sua beleza, a seriedade tomou conta da sua feição e ela pulou do banco, assustada.

— Scarllat?

— Oh, meu Deus, é o Eriko. — Ela tentou se esconder me usando de escudo e olhei para trás, em busca daquele que foi mencionado. Percebi um movimento mais ao longe, mas não foi possível identificar se era mesmo o funcionário da Dan ou não.

— Calma, deve ter sido alguém parecido. Os frequentadores assinam um termo de discrição. Está tudo bem.

— Preciso de um banheiro. — Ela se afastou e a alcancei, para que a ajudasse a encontrar o que queria.

Ela passou muitos minutos naquele ambiente fechado e restrito para mulheres. Quando saiu, pálida como estava, não houve alternativa que não fosse voltar para meu apartamento.

Não consegui terminar de conversar com ela. Paguei pela roupa sensual tanto quanto queria oferecer uma oportunidade de visitar um médico para avaliar a sua saúde. Ser invasivo não fazia parte das minhas estratégias, mas com ela, eu sentia a necessidade de agir e falar depois.

Precisava me controlar, apenas um contrato sem valia jurídica oficializava nossa relação. Ela precisava me permitir agir, para continuarmos em harmonia.

— Desculpe estragar sua noite — murmurou agarrada à minha cintura enquanto saíamos do Coração de Diamante para o estacionamento.

— Sua saúde é mais importante. Teremos outras oportunidades, certo? — Beijeí sua testa e ela me encarou com esperança. — Não é nosso último dia juntos.

— Não.

— Então, se recupere, porque temos muitos fetiches para concretizar.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 37

Passei o resto do fim de semana nos braços de Samuel, assistindo filmes, comendo coisas leves e sendo cuidada por aquele homem que tinha tudo para ser um ogro insensível. Atencioso e compreensivo, essa era uma faceta do meu professor CEO que descobri estando sensibilizada.

Ele sugeriu, de formas implícitas, que eu precisava visitar um médico. Eu poderia tê-lo como acompanhante, mas preferi deixar do jeito que estava. Não era doença e eu sabia que os sintomas seriam passageiros.

Indo para o trabalho juntos, meu celular tocou e eu não sabia se atendia ou deixava para falar com Jucélia depois. Estando no carro com o meu “acordado” – termo que encontrei para definir o que eu e Samuel éramos –, eu não queria que ele presenciasse o meu ponto fraco, que era dar atenção para alguém que nem vínculo familiar tinha comigo.

— Não vai atender? — ele perguntou, dirigindo com tranquilidade.

— Acho que... — Dei de ombros e a chamada se encerrou. Antes que pudesse complementar, meu aparelho voltou a tocar. Apertei no círculo verde, arrastei para o lado e coloquei na orelha. — Alô?

— *Qual é a sua sala?* — perguntou, afobada.

— Oi, Jucélia. Tudo bem? Aconteceu alguma coisa? — Como eu não tinha entendido o seu questionamento anterior, resolvi iniciar a conversa com algo menos comprometedor.

— *Esse prédio tem um monte de andares e não vão falar qual andar você trabalha.*

— Você está no edifício? Como assim? — Troquei um olhar com Sam, que franziu a testa.

— *Lembrei que você tinha falado sobre uma vaga de faxineira aqui no Carlos... isso, Carlos Almeida Tower, a moça me ajudou.*

— Oh! — Sorri animada, porque isso queria dizer que eu não teria que dar mais dinheiro para ela, ou seu contato comigo se estreitaria e eu não teria escapatória.
— Estou chegando e te ajudo a ir até o escritório em que estão precisando.

— *Vai demorar?*

— Não, já estou no caminho. Com quem as crianças ficaram?

— *Na creche. Tinha vaga em uma das duas que você me mandou o endereço. Vamos ver como eles ficarão.*

— Claro, vai dar tudo certo.

Ela encerrou a ligação e eu suspirei, sentindo o peso que tinha nas minhas costas desaparecer. A mão de Samuel na minha coxa me ajudou a perceber que a vida

poderia dar voltas. Em um momento, estávamos sozinhos no mundo e lutando para sobreviver, no outro, havia pessoas se tornando importantes e contribuindo para a nossa prosperidade.

— Está tudo bem?

— A ex-mulher de Júnior aceitou buscar um emprego. Agora é ela e os filhos, precisa pensar nisso. Eu ajudo, mas não faço milagre.

— Está certa. Essa é uma postura de liderança que poucas pessoas têm na vida pessoal. Mais que ajudar, é mostrar como fazer. Dá trabalho e precisa de insistência.

— Eu tive um bom professor. — Inclinei-me para beijar sua bochecha e seu sorriso me encheu de animação. — Obrigada pela carona.

— Posso te dar outra, se vir dormir em casa novamente. — Ele parou no portão de entrada do estacionamento do subsolo do prédio comercial e tentei não sorrir animada.

— Acho que estou abusando da sua boa vontade. Não tinha nada disso no acordo que fizemos.

— Posso criar um anexo ou podemos apenas seguir um novo termo, sem estar no papel.

Eu deveria estar feliz por ele ter sugerido um relacionamento sem regras pré-estabelecidas. O meu lado racional estava batendo palmas, pronta para concordar, mas dentro de mim, no coração que pulsava acelerado, eu perdia a segurança de estar

vinculada com Samuel. Palavras tinham poder, mas um documento assinado garantia que fosse executado.

Voltei a me sentir insegura e esqueci dos motivos que me deixaram feliz há alguns segundos.

— Scarllat? — Parou o carro e desafivelei o cinto com pressa.

— Vou resolver essa questão com Jucélia antes do meu expediente começar. Depois conversamos.

— Está fugindo? — Abri a porta do carro e ele segurou meu pulso. — Se não entendeu o que falei ou nada do que fizemos no fim de semana significou para você, posso ser claro. Gosto de você e quero transformar o que temos em algo convencional.

— E os jogos? — perguntei fechando a porta para que ninguém escutasse a nossa conversa. — Não há nada de normal nisso. Fugimos do padrão, sendo você o CEO e eu, apenas a funcionária.

— Continuaremos da mesma forma, não precisamos mudar.

— Então, prefiro continuar do jeito que está. — Puxei meu braço e saí do carro sem cuidado, mais parecia que fugia de assumir que também queria mudar e estava com receio de que essa alteração causasse uma pane na nossa relação.

Por que atualizar um sistema se ele está funcionando com perfeição? Evolução era necessária, eu deveria estar acostumada, por lidar com a tecnologia, mas eu não estava pronta. Como muitos usuários faziam, essa atualização de sistema operacional ficaria pendente.

Precisava lidar com um assunto de cada vez. Meu trabalho era minha base, eu tinha que apertar o botão e deixar a Scarllat profissional assumir.

Subi pela escada até chegar ao térreo. Encontrei Jucélia bem apresentável e a cumprimentei com um abraço.

— Que bom que veio — falei ofegante pelos passos apressados que dei até chegar a ela.

— Não precisava correr. Ficou pálida, menina. — Colocou a mão na minha testa e olhou meu corpo. — Está tudo bem?

— Sim. Vamos lá. Vou te mostrar qual o andar em que precisam de faxineira. — Indiquei o balcão de entrada, fizeram um crachá de visitante para ela e seguimos para o elevador juntas. — Como estão os meninos? — perguntei para puxar assunto.

— Ok. Antônio reclamou de ficar na creche, mas teremos que nos adaptar. Está faltando tudo em casa.

— Sinto muito, eu não posso mais ajudar. — Cruzei os braços, receosa sobre ela pedir dinheiro que eu não tinha.

— Eu sei, tenho que me virar ou vou passar fome — falou dramática e a porta do andar se abriu.

Preferi não continuar com a conversa, indiquei a porta do escritório e bati. Jucélia entrou e a deixei lidar com aquele momento sozinha. Minha parte tinha sido feita, eu poderia voltar para o meu setor.

Retornei para o elevador, apertei o botão para o chamar e não estava pronta para lidar com a pessoa que estava dentro dele. Eriko me encarou surpreso e, depois, sorriu com malícia, me secando da cabeça aos pés.

— Eu vou no outro — murmurei dando um passo para trás e abaixando a cabeça com vergonha.

— Pode vir, princesa. — Ele segurou no meu antebraço e me puxou. Trombei no seu corpo, por causa da brusquidão do ato, mas logo me afastei. — Como foi o fim de semana?

— Meu nome é Scarllat. — A porta do elevador fechou e fiquei mais afastada dele, com os braços livres para o impedir de me tocar novamente.

— Então, eu sei. Agora entendi tudo e não me importo de fazer hora extra com você. — Ele se aproximou e minhas mãos ficaram no seu peito.

— Sai. — Olhei para cima, implorando com o olhar para alguém ver.

— A câmera do elevador está em manutenção desde a semana passada. Você pode me dar um beijinho, igual fez com o chefe.

Virei o rosto quando suas mãos seguraram minha nuca e sua boca se aproximou da minha. A vertigem amoleceu meu corpo e ele quase alcançou seu objetivo. Seus lábios encostaram na minha bochecha no mesmo momento que a porta do elevador se abriu.

— Scarllat? — a voz de Pabline foi um bálsamo, mas também, um poderoso calmante, que me impediu de reagir. — O que está fazendo, Eriko?

— Desculpe, nós exageramos. Não é mesmo? — O homem falou com ironia e se afastou. — Mais tarde vamos conversar sobre o pedido do senhor Samuel. É importante que não deixe para depois, senão poderá prejudicar toda a empresa.

Cambaleei para fora do elevador e minha amiga me segurou. Abracei-a com força e o choro veio, sem que eu pudesse evitar. Caramba, por que tinha que acontecer aquilo comigo? Tanto para não me envolver com outros homens, que acabei conhecendo o céu com Samuel e o inferno com Eriko. Há sempre os bons e os maus em todos os lugares, eu só não queria ter que lidar com a parte ruim.

Nem percebi que Pabline me levou de volta para o elevador, descemos alguns andares e fui arrastada até um dos escritórios. Pelo branco ao redor e o cheiro, percebi que era uma clínica médica.

Não fui com Samuel, mas estava indo com minha amiga. A hora da verdade tinha chegado.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 38

— Eu tenho que trabalhar — murmurei, sentindo o estômago se revoltar e minha visão obscurecer.

— Não. Você vai falar com a médica com quem temos convênio e, dependendo do parecer dela, vamos para uma delegacia.

— O quê? — Tive medo por eu ter feito algo errado, afinal, estava me relacionando com o CEO da empresa. — Não quero ser presa.

— Quem vai em cana é aquele idiota — rosnou indignada e falou com a recepcionista: — Preciso de uma consulta de emergência. É do convênio com a Dan Financeira, aqui do prédio.

— A Dra. Lena está em atendimento, mas o próximo paciente desmarcou. Ela pode atender. É a primeira consulta?

Pabline me fez sentar na cadeira da recepção e assumiu o preenchimento dos meus dados, perguntando sempre que necessário. Eu tinha ficado em choque com o assédio de Eriko, sem conseguir me concentrar nas reações do meu corpo ou no que acontecia ao redor.

Tomei um gole de água oferecido pela minha amiga e não respondi suas perguntas sobre como estava me sentindo. Eu só conseguia pensar em delegacia, complicações e ninguém para me apoiar estando envolvida com algo ilícito.

Quando percebi, estava dentro do consultório da mulher simpática, que me encarava sem dizer nada. Controlei a vontade de chorar mais uma vez, respirei fundo e apoiei minhas mãos no meu colo.

— Em que posso ajudar?

— Eu... — Dei de ombros e ela olhou para o computador.

— Aqui na sua ficha diz que você tem sentido dores no estômago, além de ter vomitado algumas vezes. É pela manhã que acontece?

— Normalmente — respondi seca.

— Também diz ter uma suspeita de assédio. — Arregalei meus olhos, com medo das consequências de confirmar aquela informação. — Estamos em um ambiente seguro e nada do que for dito aqui será repassado para a empresa.

— Eu só quero voltar ao trabalho.

— Alguém forçou você a algo? Seja beijo, tocar, uma piada...

— Foi um mal-entendido, eu vou resolver isso. — Tentei me levantar e a tontura me fez voltar à posição anterior.

A médica se levantou, carregou um aparelho de aferir a pressão e colocou no meu braço. Deixei que realizasse o procedimento, mesmo que não quisesse saber o resultado.

— Sua pressão está baixa e a temperatura também. — Tocou minha testa e reparei o quanto estava suando frio. — Vem, fique deitada aqui.

Ela me ajudou a subir na maca, relaxei na posição vertical e fechei os olhos em busca de equilíbrio. Sua mão alisou meu cabelo, conferiu debaixo dos meus olhos e fez um movimento com a mão na minha testa, depois desceu até o meu estômago. Com um toque leve, ela apalpou a região e esfregou de leve, sorrindo para mim.

Por algum motivo que eu não sabia explicar, meu coração tinha desacelerado e eu me sentia mais tranquila.

— O que foi isso? — perguntei, confusa.

— Uma técnica chamada Microfisioterapia. O ideal é fazer uma sessão completa, eu só... fiz um desbloqueio de emergência antes de continuarmos a conversar. Tudo bem?

— Me sinto mais calma.

— Você tem ansiedade?

— Não sei.

— Tudo bem, vamos voltar ao assunto. Alguém do convívio profissional está agindo de forma inadequada com você?

Deveria ter me lembrado do Eriko, aquele que me fez estar naquele lugar, mas a única pessoa que me veio à mente foi Samuel. Que confusão, eu não poderia prejudicar ele, quando estava sendo tão bom para mim.

— Gosto dele — respondi, chorosa.

— Hã? — A médica ficou confusa. — Então, vocês...

— Não foi premeditado. Fui impulsiva, estávamos agindo em segredo, mas...

Bateram forte na porta e a doutora ficou brava em um segundo. Abriu a boca para continuar a falar comigo, mas novamente fomos interrompidas e ela foi atender ao visitante.

— Preciso ver Scarllat! — Samuel invadiu a sala, veio até mim e me ajudou a sentar. Abracei-o fechando os olhos e me sentindo segura, ele estava por perto e me ajudaria a lidar com o que eu tivesse que resolver. — Você está bem?

— Sim.

— Senhor Samuel, temos um impasse no momento — a médica falou impositiva e a encarei. — Preciso terminar de conversar com a paciente. Sua presença pode intimidar.

— O que está acontecendo? — ele me perguntou preocupado e o apertei ainda mais, para que não se afastasse. — Scarllat? — Alisou meu cabelo e tentei me fundir a ele, para fugir de ter que assumir o que aconteceu.

Não tinha jeito, eu precisava dar o passo para me defender da mesma forma que Jucélia fez pensando na sua família.

— Eu fui com Samuel em um lugar... para adultos e Eriko me viu lá. — Olhei para a médica, sentindo meu rosto esquentar. — Ele tentou me beijar no elevador, insinuando contar que me viu, caso eu não falasse com ele mais tarde.

— Desgraçado! — o homem falou com raiva e me encolhi.

— O senhor está se relacionando com Scarllat?

— Ela é minha namorada, sim. O que fazemos não é do interesse de ninguém.

— Vocês estão em posições diferentes na hierarquia. Poderia, por gentileza, me deixar falar com a paciente em particular? — A médica não baixou a guarda, ela estava disposta a me defender e isso me fez perceber que mesmo não tendo conexões profundas, poderia ter aliados.

— Eu gosto do Samuel. Apenas Eriko que foi inconveniente — falei com suavidade e ganhei um beijo na testa.

— Sei da minha responsabilidade e do quão problemático pode ser a minha relação com Scarllat, do ponto de vista de outras pessoas. Eu quero o melhor para ela, minhas intenções não são obscuras. — Ele deu um passo para trás e me desesperei. O

homem deu um sorriso tranquilizador e apertou minhas mãos para o soltar. — Fale com a médica e diga a verdade. Tudo bem?

— Queria que você ficasse.

— Estarei do lado de fora. — Ele me soltou e ficou de frente para a Dra. Lena. — Faça todos os exames que ela precisar. A Dan Financeira assumirá os gastos. Peça, também, um exame de gravidez.

— O quê? — Arregalei os olhos.

— Eu sou a médica, sei como lidar com a minha paciente. — A mulher fechou a porta e bufou irritada. — CEOs arrogantes que acham que mandam em tudo.

— Como assim? Doutora, eu... nós...

— Sei que pode estar apaixonada, Scarllat, mas ele está em uma posição dominante. — Ela se aproximou com seriedade. — A relação entre um homem e uma mulher pode acontecer de várias formas e uma delas é depender de uma recompensa. Seja manter o emprego ou dinheiro, hoje ele pode parecer um cavalheiro que vai salvar a sua amada, mas amanhã, ele controlará suas roupas ou com quem deverá conversar. Seu namorado estará dominando sua vida quando menos esperar.

— Não. — Senti meu coração se apertar. Aquela palavra negava a minha situação atual, que mais parecia um pesadelo.

— Tem um laboratório aqui no prédio. Vou te colocar em um dos quartos de observação que tenho e chamar um técnico para fazer isso. Também vou recomendar a ida ao psicólogo.

A doutora foi até sua cadeira se sentar, virou para o computador e digitou freneticamente. Com medo de tudo ruir e eu ficar sozinha novamente, saí da maca e fui ficar de frente para ela.

Eu sabia julgar o que era melhor para mim e iria defender a minha felicidade com toda a minha garra. Fosse aquilo paixão ou amor, eu não deixaria Samuel de lado da minha vida.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 39

— Tudo isso por causa daquele idiota que tentou me beijar? — Apontei para a porta. — Ele já mandou um e-mail sem noção, falando da minha beleza e surpreso por eu ser tão inteligente. Eriko tem os valores distorcidos, não Samuel. O homem não foi nada além de gentil comigo, desde...

— A primeira vez que vocês se conheceram? — completou, pressionando os lábios.

— Não. Ele era um professor carrasco na época. O que quero dizer é que Samuel nunca me pressionou ou assediou. Tudo aconteceu naturalmente, eu gosto dele.

— E se ele te demitir?

— Não vai acontecer.

— Se o namoro de vocês acabar, ficará muito estranho o CEO empregar a ex. Olha o quanto isso é problemático, Scarllat?

— O único problema que vejo é o julgamento por conta de algo que fiz e que me deixou feliz. Talvez eu seja antiética ou uma puta mesmo, eu só quero ficar com ele. Por que tem que ser errado? — Joguei-me na cadeira e ela suavizou a feição. — Sei

que não é garantia de um relacionamento eterno, todos que um dia foram próximos de mim não existem mais. Estou sozinha no mundo, mas com ele, eu me sinto bem.

— Se você estiver grávida, então, o vínculo será eterno. — Ela voltou a digitar no computador e eu engoli em seco. — Pode acabar o amor e se transformar em raiva, mas quando se faz um filho, ele torna a vida de vocês entrelaçadas para sempre.

— Nós sempre transamos de camisinha. Não posso estar grávida.

— Nenhuma vez? — Ergueu uma sobrancelha e fiz uma careta, lembrando que houve exceção. — Foi o que pensei. Mesmo assim, nem a camisinha é um método contraceptivo cem por cento eficaz.

— E qual é?

— Não transar. — Sorriu de boca fechada. — Vá descansar e espere as visitas dos outros profissionais. Se o tal Eriko te assediou, denuncie. Se não faz por você, pense nas outras mulheres que poderão sofrer, porque você se calou. Tem o apoio do CEO da empresa, não há nada a temer.

— Agora você o defende? — Bufei, cruzando os braços.

— Você, Scarllat. Estou a serviço do seu bem-estar, por mais chata que eu possa parecer. — Ela virou para pegar o papel que estava saindo da impressora. — Assine aqui e aqui.

Fiz como pediu, saímos da sua sala e ela me colocou em um quarto, com duas camas de solteiro. Mal tirei os sapatos para me deitar, Pabline, Augusto e Samuel entraram no quarto.

— Que susto, Bombom. Está tudo bem? — Meu chefe imediato se aproximou e me sentei. Samuel tinha ficado no outro canto, só observando.

— Sim, foi só um susto. Vou fazer alguns exames e, assim que ela me liberar, volto para minha mesa.

— Viciada em trabalho, sossega aí. — Pabline trocou um olhar com Samuel e depois voltou a focar em mim. — Eriko é um idiota.

— Estão todos indignados com o que aconteceu. — Sushi fez uma careta. — Quando Pabline mandou mensagem, eu liguei e quis saber detalhes.

— Eu estava igual cachorro querendo avançar no ladrão. — Minha amiga bufou, cruzando os braços. — Por mim, demitia esse idiota por justa causa, mas não é tão simples assim. Por mais que eu tenha testemunhado, se não teve agressão física ou a consumação do ato, foi apenas um incômodo. Eriko tem direito a se defender, mas o que aconteceu precisa estar registrado.

— Tudo bem, obrigada. — Eu não sabia o que fazer, essa era a verdade.

— Ela precisa descansar — Samuel expulsou os dois assim que bateram à porta. Um técnico com uma maleta apareceu e meus colegas se afastaram.

— Melhoras, Bombom — Sushi falou com carinho e Pabline acenou.

— Olá, eu sou Vinicius. A Dra. Lena me chamou. Vou colher seu sangue, tudo bem? — O técnico se aproximou e eu me deitei.

— Tudo bem. — Virei o rosto para Samuel, que veio até mim, tocou minha cabeça e alisou meu cabelo. Estava sério e respirando rapidamente, parecia contrariado, mas estava se controlando para não falar o que pensava. Apesar de tudo o que tinha acontecido, tendo ele por perto, eu não me sentia em perigo. — Hey.

— Sim? — Olhou-me com tensão e sorri, para mudar seu humor. — Não vou sair daqui.

— Que bom.

Voltei meu foco para o rapaz, que tirou seis tubinhos de sangue. Assim que ele saiu, uma senhora com roupa de copeira trouxe uma bandeja com comidas leves. O cheiro do leite com café me causou enjoo e preferi continuar na cama ao invés de me alimentar.

Estando sozinhos, Samuel se sentou ao meu lado no colchão sem deixar de me acariciar. Seus dedos deslizaram do meu cabelo e foram até meu antebraço, ele precisava do contato tanto quanto eu.

— Você está bem? — perguntou com tranquilidade.

— Só esse cheiro que está embrulhando meu estômago. — Fiz uma careta e ele franziu a testa para a comida.

— Precisa comer. Quer que eu traga outra coisa?

— Não, já vai passar. — Peguei sua mão, entrelacei nossos dedos coloquei em cima da minha barriga. Ficamos um tempo com os pensamentos flutuando para longe.

Minha vida estava mudando, mais uma vez.

— Sam, eu gosto de você.

— Eu também, Scarllat. — Conferiu meu corpo e voltou para os meus olhos.
— Não precisamos manter segredo do que temos.

— A doutora acha que você está me manipulando. Eu não concordo. Você acredita em mim?

— Uma coisa é verdade e precisamos ter isso em mente: minha posição me dá um poder de persuasão que, em outro momento, eu não teria. Gosto de estar no comando e lidava com mulheres aleatórias, entrando no personagem professor e aluna, para usufruir dessa dominância. Eu fiz isso com você.

— Mas fui eu que troquei de lugar com aquela que você combinou.

— E lhe ofereci um acordo para que fosse assinado. Eu misturei o trabalho com prazer. — Olhou para a minha barriga e suspirou. — Perdi a noção do bom senso quando entrei na sala de TI, não te vi e Augusto falou algo sobre ir à clínica médica até você. No caminho, ele me contou sobre o e-mail sem noção de Eriko e o que Pabline relatou. Minha vontade é de fazer muito pior do que apenas demitir aquele desgraçado.

— Tinha me esquecido que voltamos mais cedo do Coração de Diamante por conta de ter visto ele. — Mexi a cabeça e bocejei. — Preciso trabalhar e estou com sono.

— Você não precisa disso.

— Estar na equipe de Augusto é tudo para mim. — Lembrei das palavras da Dra. Lena e meu coração se apertou. — Por favor, não me impeça de fazer algo que amo e que dá sentido à minha vida.

— O que quero dizer é que hoje, passando mal e depois do assédio que sofreu, você não precisa se preocupar com o trabalho. — Inclinou-se para frente e beijou meus lábios. — Não quero perder o que temos, mas também, temos que ter noção de que nossa situação mudou. Precisamos equilibrar essa balança.

— Sim, todos saberão sobre nós.

— Eriko será demitido.

— E você vai almoçar comigo no refeitório. — Sorri, imaginando o poderoso CEO se rebaixando tanto.

— A comida de casa será mais bem aproveitada, tendo fácil acesso à sobremesa. — Ele relaxou e continuou com minha brincadeira.

— Meus intervalos são corridos. Prefiro deixar para o fim do expediente, quando eu pagar uma hora extra lá na sua sala. Ou na faculdade.

— Podemos.

Ficamos nos encarando, ele deveria estar imaginando sexo enquanto minha curiosidade despertava para outro assunto.

— Qual a minha cor? — Busquei seu celular com o olhar.

— O que disse?

— A mulher com quem troquei de lugar foi registrada com um código de cor. Qual é a minha? — Ele se manteve sério e deu de ombros. — Você sabe que invadi sua privacidade. Não vai se repetir.

— Os últimos acessórios que usei em você tinham a sua cor. — Ele colocou meu cabelo atrás da orelha e sorriu. — E, por favor, continue invadindo minha vida, eu não tenho medo de ser julgado por você.

— Até, porque, eu embarco em todas as suas loucuras.

Não houve promessas, nem cláusulas que garantissem o nosso convívio. A nossa conexão estava sendo estabelecida além das palavras e contratos assinados, éramos apenas duas almas solitárias se encontrando e se tornando uma.



SCARLLAT
Mancini

Capítulo 40

Fiz uma pequena mala de roupas e fui passar o resto do dia com Samuel. Ele tinha trabalho para ser feito e ficou boa parte do período da tarde falando pelo celular e na frente do notebook. Enquanto isso, eu fiquei deitada na sua cama, cochilando e acordando, tentando digerir a minha situação atual.

Eu estava namorando o meu ex-professor, aquele carrasco que não acreditava em mim. Iria ter um filho com o chefe do meu chefe, o CEO da Dan Financeira. O resultado dos outros exames deu regular. Eu teria que fazer um ultrassom, procurar um médico obstetra, além de uma psicóloga. Ainda estava em dúvida sobre o último, mas Sam me incentivou, dizendo que iria comigo.

Tanto quanto eu estava em negação sobre ter um filho, meu namorado estava agindo da mesma maneira.

Lembrei que não tinha dado notícias para minha amiga, peguei o celular e digitei uma mensagem direta:

Scarllat>> Estou bem, com Samuel. Depois conversamos.

Pabline>> Ainda bem que o “depois” é agora. Estou com o seu atestado médico e confusa por conta do CID que colocaram. Você está grávida? Por que não me contou que estava saindo com o dono da empresa? Por Deus, você me ajudou com Augusto!

Scarllat>> Eu não sei qual das duas partes é mais complicada de se explicar. Sinto muito por ter guardado segredo.

Pabline>> Sua sorte é que eu fiquei puta, depois triste e, por fim, magoada. Então, meu homem me trouxe muitos bombons, dizendo que era para eu não me sentir tão longe de você. Tem homem mais perfeito que ele? Claro, mas Sushi com Panetone, só eu como.

Scarllat>> Amanhã eu vou fazer um ultrassom e de tarde nos falamos. Prometo contar tudo, omitindo os detalhes sórdidos.

Pabline>> Agora eu entendi sua vontade de visitar o sex shop novamente. Sabia que aquela pose comportada era apenas uma máscara para manter o CEO na linha.

Scarllat>> Apenas você sabe disso.

Pabline>> E manteremos assim, menos a sua gestação. Convenhamos, esconder uma barriga crescente não será fácil. Está feliz? Surtou? Compraram muitas camisinhas para os próximos anos?

Scarllat>> Ainda não processei a informação. Acho que estou me sentindo como se toda vez que chego ao fim do download, ele é cancelado e eu preciso começar novamente. Estou... reticente como o pai do bebê.

Pabline>> Samuel Vitta Dan já é um homem feito, deve estar esperando você reagir para ele soltar fogos e montar o quarto do herdeiro da Financeira. O senhor Osvaldo que ficará radiante com a notícia de ter um netinho.

Scarllat>> Assim espero.

Abaixei o celular e meu olhar encontrou com o de Sam. Suas sobrancelhas levantaram e a testa se franziu, eu estiquei o corpo e bocejei, o dia da preguiça estava tirando o melhor de mim.

— Meu pai está vindo para cá.

— Oi? O quê? — Sentei-me na cama e ele se aproximou, largando o celular ao meu lado.

— Não acho necessário fazer um pronunciamento oficial na empresa sobre o nosso envolvimento, até porque, é um assunto pessoal. Mas, para o meu pai, eu achei melhor contar o quanto antes.

— Falou da gravidez?

— Não. — Olhou pensativo para minha barriga. — O que quer fazer?

— Ser aceita. — Levantei-me e o abracei, ele estava sem o paletó. — Eu não planejei nada disso.

— Eu sei.

— Ou melhor, eu só agi com má intenção quando perdi a virgindade. No resto, segui o fluxo. — Levantei a cabeça e ele beijou meus lábios. — Não sei como você não está surtando ou dizendo o quanto não sou uma boa empreendedora ao ter um filho sem planejamento.

Ele riu alto e me abraçou de lado, para andarmos juntos até a sala.

— Esse é o problema, Scarllat. Não se faz um filho sozinha e, por ser mais velho e estar em uma posição acima, minha responsabilidade é maior do que a sua. O empreendedor se deixou levar pela empolgação. Uma decisão arriscada, que prefiro encarar como uma oportunidade.

— Você pensou em ser pai?

— A questão é: nunca pensei em estar com apenas uma mulher. Mas, então, você bagunçou meu planejamento estratégico e se tornou o indicativo mais importante da minha planilha. — Ele me colocou a sua frente e me beijou, com mais intensidade, abraçando minha cintura com o braço enquanto com a outra mão apalpava a lateral do meu corpo. — Gostou da minha declaração?

— Só achei que ficou pouco nerd. — Soltei um riso baixo. — Que tal, você é o *like* da minha postagem?

— Prefiro ser o *plug* do seu play.

Entre beijos e risos, a campanha soou e a diversão foi deixada de lado. Quando eu achava que conversar com Samuel seria difícil, a nossa comunicação se

mostrava cada vez mais fácil e intuitiva. Ele sabia brincar, entendia sobre a minha profissão e estava disposto a compartilhar a sua.

Senhor Osvaldo apareceu e lhe dei um abraço apertado, tendo-o como sogro, não mais apenas um amigo de Júnior. Por mais que nem um de nós compartilhasse o mesmo DNA, era possível sermos uma família real.

Era a primeira vez que eu me sentia daquela forma.

— Quando Samuel falou, eu... — Osvaldo soou emocionado e respirou fundo.

— Pai, não pode se estressar. — Ele ajudou-o a se sentar na poltrona e eu fiquei próxima a ele, no sofá. — Estamos bem, não se preocupe.

— Eriko não está mais na empresa, foi dispensado há alguns minutos. Sem mais delongas, apenas o justo para o tanto que fez. — O senhor observou Sam se sentar ao meu lado e segurar a minha mão. — Ela tinha que estar viva para ver isso.

— Quem? — perguntei.

— Sua mãe. — Ele respirou fundo, mostrando o quanto aquele assunto era difícil. Minhas mãos e pés formigaram, era como se eu estivesse andando na corda bamba e a qualquer momento pudesse escorregar.

— Como assim? — Samuel questionou me trazendo ainda mais para próximo.

— Nunca achei que conseguiria dizer o que aconteceu em voz alta, Scarllat. Mas, olhando para os dois, parece que as palavras estão saindo por vontade própria da

minha boca. — Ele sorriu e os seus olhos se encheram de lágrimas. — Minha Carmem é sua mãe, mas eu não sou o pai. Você foi concebida de uma forma... indevida.

— Estuprada? — Ele confirmou com a cabeça.

Coloquei a mão na barriga, imaginando que uma mulher como eu estava carregando um bebê não desejado. A solidão que eu sentia fazia tanto sentido. Os braços de Samuel me envolveram com amor e proteção. Se ele não estivesse comigo, talvez eu nem permanecesse na sala para continuar escutando.

— Claro, tudo faz sentido. Pelos meus cálculos, Carmem nunca esteve doente, mas grávida. Por que não disse antes, pai? Scarllat está fragilizada, é muita informação para um dia. — Ele soltou o ar com força e se remexeu comigo.

— Está tudo bem — murmurei me aconchegando ainda mais ao seu lado. — Continue, Senhor Osvaldo, por favor.

— Sim, você tem razão, Samuel. O último ano de vida da minha esposa foi para gerar um bebê que ela sempre sonhou, mas que ela não tinha escolhido o pai. Nunca pude dar um filho para ela, mas o destino tinha um jeito muito irônico de concretizar os pensamentos. Carmem não teve coragem de abortar, mas também, não conseguiu se manter equilibrada para assumir a criança. — Os olhos de Osvaldo me encheram de pesar e saber como foi minha concepção era menos importante do que a tomada de consciência que me dominava. Eu tinha uma mãe, um rosto e um nome para me fixar. Ela me rejeitou, mas poderia ter feito pior, impedindo que eu tivesse vida. — Sua tristeza a matou.

— Por que não criou Scarllat? De certa forma, somos irmãos e sempre tivemos muito dinheiro para que não faltasse nada a ela. — Sam trocou um olhar comigo.

— Eu também estava muito triste, mas não o suficiente para deixar de olhar para a vida. Tinha uma mulher deprimida em casa, por conta de um ato agressivo. Perdi minha esposa e amiga quando tudo aconteceu. Desculpe, Scarllat, mas por muito tempo eu te amaldiçoei. Foram nove meses torturantes realizando um sonho que não deixaria ninguém feliz.

Era difícil escutar que eu não tinha sido desejada. Com a mão ainda na minha barriga, percebi que eu tinha o poder de fazer diferente. Apesar de não planejado, meu bebê nunca seria motivo de tristeza ou violência.

Meu pai poderia ter sido como o Eriko. Odiar aquele homem me tornava uma pessoa melhor ou pior?

— Como Scarllat foi parar com Júnior? Então, você comia o lanche para saber dela, não para valorizar sua origem. — Sam foi juntando as peças do quebra-cabeça.

— As duas coisas, filho. Também sentia culpa, por ter abandonado um bebê, roubado o amor de um amigo e mudado a história de uma mulher. — Ele suspirou e se inclinou para frente. — Carmem e Júnior eram amigos, mas fui eu quem tomou a iniciativa de namorar e me casar. Depois de um tempo que descobri que ele gostava dela, mas tinha muita vergonha confessar. Então, ele nunca assumiu as mulheres, nenhuma era Carmem. Em compensação, eu cresci profissionalmente, mas tudo isso aconteceu.

— Não respondeu a minha pergunta.

— Ele foi meu confidente e, quando a bebê nasceu, assumiu a tutela. Era a única forma de ele ter um pedaço de Carmem, já que ela estava definhando em uma cama. Mas ele também sentia raiva do mal que foi causado a sua mãe.

— E o que o senhor sente sobre mim? — perguntei com preocupação. Ele me analisou e forçou o sorriso, demonstrando que ainda não sabia ao certo como proceder.

— No momento, apenas alívio, por não precisar guardar esse segredo sozinho. Carmem e Júnior se foram, Samuel nunca soube e...

— Você tem uma foto dela? — perguntei, focando apenas nos meus interesses. Confesso que preferia continuar na ignorância sobre a minha concepção, mas era o preço a se pagar para saber que eu tinha uma mãe.

Samuel tirou o celular do bolso, apertou a tela algumas vezes e me mostrou. Eu tinha a mesma cor de cabelo, mas todos os outros traços eram apenas meus.

De uma forma estranhada e irracional, eu não me sentia mais sozinha.



SAMUEL
Vitta Dan

Capítulo 41

Poderia estar mais indignado com a revelação, mas eu não conseguia pensar além de Scarllat. A mais prejudicada naquela situação era ela, por mais que a omissão tivesse me feito acreditar em uma mentira.

A doença da minha mãe foi a tristeza. E, apesar de colocar um bebê como responsável por todo o sofrimento, apenas adultos tinham o poder de decidir. Ela era a cura, apenas assim que eu conseguia ver a mulher que estava nos meus braços.

— Estou grávida — Scarllat falou depois de muito tempo olhando para a imagem da minha mãe... nossa. Que confusão. — Esse bebê foi feito com muito amor, apesar de não ter sido ansiado com fervor, como Carmem fez. Ele não é culpado de nada, apenas a resolução.

— Sim — concordei, colocando a mão na barriga dela, para reforçar que estávamos juntos e que, depois dessa revelação, mais ainda. Meu pai estava sem fala, revezando o olhar entre mim e ela. — Scarllat é minha mulher e espera um filho meu. — Beije a testa dela. — Com muito amor.

— Samuel — murmurou emocionada e me abraçou. Então, percebi que tinha me declarado e, por mais que tenha sido involuntário, eu não tomaria as palavras de volta.

— O que me resta é dar minha benção. Sejam mais felizes do que eu e Carmem fomos. — Ele se levantou da poltrona e eu iria ajudá-lo, mas optei por dar

apoio a minha mulher. — Isso, minha benção — repetiu sem focar o olhar em uma direção, como se memórias se confundissem com a realidade. — Podemos almoçar juntos no fim de semana?

— Pai, está tudo bem?

— Vai ficar. — Seu olhar veio para o meu, depois para Scarllat. — Você está bem?

— Sim, senhor Osvaldo.

— Padrasto ou sogro. Nós somos família agora. — Deu passos cautelosos até mim, beijou meu rosto e o de Scarllat. — Esse bebê será motivo de felicidade.

— Já é — ela falou com determinação e percebi as palavras que não foram ditas. Minha mulher ainda era vista como o motivo da morte de Carmem, mas ele estava se esforçando para mudar. Chamou-a para trabalhar na empresa, deu uma oportunidade e, naquele momento, estava se tornando o avô.

— Até mais, meus filhos. Eu preciso descansar.

Acompanhei o caminhar lento do meu pai até a porta. A vontade de o ajudar foi substituída por amparar minha mulher. Ela relaxou contra meu corpo e a ajudei a se deitar no sofá. Estando por cima, ela se acomodou e ficamos naquela posição por alguns segundos, em silêncio.

— Acho que vou aceitar ir ao psicólogo sem protestar agora — ela soltou e riu sozinha. — Deus, universo ou anjos, o dia pode se encerrar, porque eu não tenho mais condição de processar nada.

— Vai ficar tudo bem. — Alisei suas costas e ela suspirou. — Nós daremos conta.

— Você faz parecer fácil.

— Nem tudo precisa ser visto como complexo, ainda mais quando temos visão, missão e valores definidos.

— Samuel, eu não sou uma empresa. — Ela se levantou para me encarar. Apesar das palavras sérias, ela sorria.

— Mas um relacionamento é baseado em respeito, confiança e sabedoria.

— Faltou foco e putaria.

— Faz parte do tripé que citei. — A frase tinha duplo sentido e ela tinha entendido. Deslizei minhas mãos até sua bunda e a encaixei para que ficássemos alinhados com os quadris. — Quer brincar com o chefe ou o professor?

— Com o professor CEO pai do meu filho. Nosso filho. — Ela ampliou o sorriso e começou a rir, quebrando o clima. — Meu Deus, eu não acredito que estou grávida.

Ela se levantou e foi até a cozinha, entre risos e exclamações sobre a nossa situação. Eu não acreditava que a ficha iria cair tão cedo, ter um filho não era uma mudança radical, de um dia para o outro. Mas eu não estava com medo, nem analisava as estatísticas do que poderia dar errado.

Sentia que era o certo e isso bastava.

Fui até ela na cozinha, Scarllat tomava um grande copo de água. Ela me encarava e ria, pelo visto, a negação estava mais fácil de lidar do que com as informações recebidas no dia.

— Sabe o que é louco nisso tudo? — Ela andava de um lado para o outro.

— O quê?

— Que pensar em você, como meio-irmão, me excita. — Riu um pouco mais e a ideia brilhou na minha mente. — Eu tenho problema.

— Faz parte da fantasia sexual.

— Eu só penso nisso agora? — Largou o copo e veio na minha direção. — Deveria estar trabalhando, mas estou pensando em começar a sessão privê.

— Somos adultos, Scarllat. — Tentei tranquilizá-la. Eu lidava com meus fetiches há muito tempo e, por mais que alguns lidassem com o universo antiético, ninguém era forçado a estar comigo. — Podemos seguir nossos desejos, isso não quer dizer que os concretizaremos. Usamos a imaginação a nosso favor.

— Então vamos. — Ela puxou meu antebraço e foi minha vez de rir. — Vamos deixar para amanhã o assunto sério. Já que estamos matando serviço, quero que seja um tempo de qualidade.

Surpreendi-a pegando-a pelo quadril e a erguendo. Virei-nos para a colocar sentada no balcão. Desabotoei sua calça jeans, tirei-a do seu corpo junto com os sapatos.

— Sabia que você estava interessado.

— Eu achei que preferia descansar. Temos muito tempo pela frente, Scarllat.
— Segurei na barra da sua blusa e ela ergueu os braços para sair por cima. — Você é minha mulher.

— No momento, sou a sua meia-irmã e a primeira regra é: esqueça os pudores, você está em um ambiente seguro.

— Você está usando as minhas falas. — Inclinei sua cabeça para trás e distribuí beijos pelo seu pescoço. Ela tinha recitado a primeira regra do manual que eu deixava para as minhas “alunas”.

Foi interessante não sentir falta delas, eu desejava apenas uma.

— Tire toda a minha roupa e me deixe sentir o ar tocar a pele, estando em um local incomum para o sexo.

— Mas não para comer. — Segurei seu cabelo com força e sussurrei no seu ouvido: — Eu quero te comer, irmãzinha.

— Sim — gemeu, entrando na personagem e me deixando excitado com o clima. Tirei seu sutiã e me liberei da calcinha, ela estava nua, para mim.

— Eu já estou sentada no balcão e acredito que ele precisará ser higienizado depois do que fizermos.

— O que mais? — Segurei um dos seus seios enquanto chupei o outro. Ela perdeu a concentração, mas eu a estimulei a seguir com as especificações do jogo de sedução. Ela protestou quando parei alguns segundos. — Continue, Scarllat.

— Coloque a venda em mim e me faça esquecer do mundo. Focarei apenas no tempo, no cheiro e no ritmo da minha respiração.

Subi, beijando sua pele até chegar aos seus lábios. Deixei-a quente, ansiando por mais, enquanto eu tirava a gravata para bloquear sua visão. Ela manteve os olhos fechados quando me afastei e sorriu ao se ver impedida de usar um dos sentidos.

— O que sente? — perguntei, abrindo minha calça.

— Proibido. Pecado. Tabu.

— Te excita?

— Sim. — Tentou fechar as pernas, mas eu as abri e agachei. Lambi seu sexo e trouxe seu quadril mais para frente, eu iria tomar da fonte antes de nos levar à loucura. — Oh, Sam!

— Tem mais alguma coisa para me dizer? — Coloquei um dedo dentro dela e a senti inchada, além de encharcada. — Está pronta para mim.

— Aguarde. Deixarei que o meu professor CEO me ensine que o prazer está além do que os olhos podem ver.

— Não só isso, mas um sentimento muito mais poderoso. — Vóltei a usar minha língua para a estimular. Chupei seu clitóris e lambi sua vagina até que ela chegasse próximo do ápice. Subi pelo seu corpo através de uma trilha de beijos. Cheguei aos seus lábios, compartilhei o sabor que estava impregnado na minha boca e fui para seu ouvido: — Quero te adorar.

— Sem palavras! — ela soltou com um gritinho, quando me posicionei e a penetrei com um movimento certo. — Apenas os gemidos que você me proporcionará sairão da minha boca.

— Com maior prazer.

Tomei sua boca, segurei-a pela nuca e a tomei em um vai e vem frenético. Seus braços me rodearam, as unhas fincaram nas minhas costas e não parei enquanto ela não chegou ao ápice. Livre de regras ou cuidados, me permiti gozar e apreciar o quanto era bom estar dentro dela, sem nenhuma proteção. Não precisávamos nos esconder, nossas almas estavam desnudas e conectadas.

— Eu vou cuidar de você, Scarllat — prometi enquanto a abraçava depois do ato. — Vocês.

Ela suspirou e foi resposta o suficiente de que ela confiava em mim.



SCARLLAT
Mancini

Epílogo

Alguns meses depois...

— Funcionou! — Ergui as mãos animada e os rapazes me encararam em choque. — Eu disse que estava certo.

— Mas... tem algo errado nisso. Não pode ser. — Hortelã empurrou sua cadeira para o meu lado e olhou meu monitor. — Não é justo, você vale por dois agora. Claro que vai ser mais inteligente.

— Para de graça. — Revirei os olhos e alisei minha barriga. Marília estava crescendo e fazendo a alegria da TI. Nenhum dos rapazes tinha acompanhado uma gestação, era uma descoberta em conjunto. — Eu só segui o passo a passo.

— Eu também, mas não tinha nem compilado. — Ele cutucou minha barriga, sorriu e voltou para a sua mesa. — Faz um *pull*, que vou atualizar nas outras telas do sistema.

— Beleza. — Troquei um olhar com Sushi, que me parabenizava sem palavras.

Meus dias eram maravilhosos trabalhando naquele setor. Apesar de Coxinha ter ficado desconfiado e Paçoca mais silencioso, os outros continuaram me tratando igual ao perceberem que eu estava namorando o CEO.

Samuel percebeu que almoçar junto aos outros funcionários o tornava mais alcançável. Estando ao meu lado e trocando o mínimo de carícias possíveis, aos poucos, as pessoas perceberam o nosso relacionamento e aceitaram sem muita conversa paralela. Para os rapazes do setor de TI, eu fui direta, logo depois que cheguei com ultrassom na mão: estou grávida de Samuel Vitta Dan.

Pabline e Augusto seriam os padrinhos de Marília. Nossa amizade se estreitou, ainda mais pelo afastamento do senhor Osvaldo. Sushi auxiliava o CEO diretamente e eu não duvidava de que logo subiria de cargo.

A Dan Financeira prosperava, tendo um bom empresário à frente dos negócios. Eu me orgulhava a cada conquista alcançada.

Minha vida pessoal continuava agitada. As idas à psicóloga estavam me ajudando a aceitar o meu passado. Eu também estava indo à Dra. Lena, uma vez por mês, para fazer Microfisioterapia. Osvaldo ainda precisava do tempo dele para processar o passado que me envolvia. Ele tentou se aproximar, me deu uma oportunidade de emprego e, quando começou a ficar muito íntimo, ele voltou a recuar. Havia momentos que ele me aceitava, outros que externava seus receios, através de seu silêncio. Eu não me importava, porque com Samuel, eu estava bem.

Eu tinha construído minha própria família.

Levantei-me com um pouco de dificuldade e murmurei que iria para o banheiro. Mentindo descaradamente, eu tomei o elevador e subi um andar, para visitar o meu homem. Por mais que tivéssemos feito sexo antes de sair do seu apartamento, a minha vitória me excitou e eu queria celebrar com ele.

Cumprimentei a secretária, que me deixou passar nem ser anunciada. Eu estava me acostumando a ser a namorada do CEO, aquela que compartilhava não só momentos íntimos, mas também, um lar. Aos poucos, eu me vi como a senhora Dan, mesmo que nunca tivéssemos falado sobre nos casar. Para quê falar disso, se eu estava esperando uma filha dele? O vínculo familiar era mais forte que tudo.

Abri a porta, espiei e entrei, percebendo que Samuel estava sozinho. Com o telefone na orelha, ele fez um gesto para que eu entrasse e nos tranquei com segundas intenções.

— Sim, é uma alternativa, mas está fugindo do que foi estipulado no contrato. Precisamos analisar com mais cautela ao invés de mudar o escopo. — Ele sorriu para mim, se virou para que eu me sentasse no seu colo, mas me ajoelhei a sua frente. — É... não.

Abri sua calça, tirei seu membro e o estimulei alguns segundos antes que ficasse duro como pedra. Samuel nunca falhava, estava sempre disposto a atender minhas taras e a recíproca era verdadeira.

Chupe-i-o apenas para o provocar. Ele gaguejou e encerrou a ligação rapidamente. Quando estávamos, por fim, sozinhos, levantei-me, virando de costas para ele e erguendo meu vestido. Colocando a calcinha de lado para ser penetrada.

Era tão bom me sentar no seu colo daquela forma.

Ele me ajudou a subir e descer, já que eu não tinha mais tanta disposição. Relaxei contra sua frente e sua mão foi até meu clitóris, contribuindo para o seu vai e vem medido.

Virei o rosto para o beijar, ele compartilhou o seu sabor e me deu o orgasmo de presente. Para não me dar trabalho, ele me incentivou a levantar, pegou uma folha

qualquer em cima da mesa e esporrou. Xingou enquanto eu ia até a porta e a destravava.

— Vou ter que pegar a assinatura novamente. — Apesar de chateado com o trabalho, quando voltei para o seu colo, mais comportada, ele sorriu. — Como estão minhas meninas?

— Satisfeitas. Eu consegui resolver um problema e vim comemorar com você.

— Gosto assim. — Suas mãos alisaram minha barriga e beijei seus lábios com carinho. — Já podemos ir para casa?

— Não. Tenho mais um relatório para fazer.

— Foda-se, você é a mulher do CEO.

— Foda-se o CEO, meu amor é do professor. — Encarei-o apaixonada e ele retribuiu.

— Te amo. Você foi o meu melhor acordo. — Colocou a mão dentro do paletó e tirou uma caixinha vermelha de dentro. — Estava esperando o momento certo, mas não encontrava. Acabei de perceber que o melhor dia é sempre hoje. Com você, todos os dias são bons, por isso eu não conseguia achar.

Abri a caixa e olhei o anel de noivado que ele tirou para pôr no meu anelar.

— Você já é minha mulher. Oficializo nosso relacionamento por Marília e porque não há nenhuma outra que eu queira.

— Está me propondo casamento?

— Um acordo para o resto de nossas vidas.

Abracei seu pescoço, enchi-o de beijos e falei tantos “sim” quanto aguentei.

Sim, para a vida.

Sim, para mim.

Sim, para a família.

FIM

Agradecimentos

Foi um grande prazer escrever outra minha mocinha da TI. Cada uma delas foi única, com situações que vi ou vivenciei enquanto trabalhava nessa área. E sou afortunada de ter pessoas maravilhosas da TI que leem meus livros, como Scarllat – a homenageada –, Cristina e Thais. Gratidão por sempre deixarem essa chama viva no meu coração.

Ando mais abusada, deixando meus pensamentos e ideias mais livres para serem lidos e avaliados. Acima do contexto hot, a história de amor, de superação e de como tudo na vida tem uma explicação. O coração fala mais alto, sempre. Eu confio no que o meu diz.

Falando de emoções, agradeço aqueles que tem um lugar no meu coração e que é irrevogável. Fabricio, Amanda e Daniel, minha família, o amor da minha vida, vocês são minha inspiração. Escrevo por mim, escrevo por vocês. Esse é parte do meu legado.

Liziane, amore da minha vida, gratidão por segurar as pontas em todos os momentos. Maio está sendo um mês agitado e seu amor pelos meus livros estão fazendo a diferença. Um brinde ao nosso sucesso.

Joy, gratidão pelo reforço nos bastidores. Seu apoio ainda quando eu era Resenhas Nacionais e agora, como Mari Sales, me impulsiona.

Yukie, querida amiga, ontem, hoje e sempre. A gente se fala, some, mas quando volta, é a parceria de amor de sempre. Gratidão por estar comigo nesse e em tantos outros momentos.

Obrigada pela leitura final e opinião, Ray. É sempre divertido e refrescante receber seus comentários durante o processo.

Autoras maravilhosas do meu coworking, no DesafioMariSales e nos outros grupos que estão bem acomodados no meu coração. O sucesso de vocês me contagia e espero estar compartilhando o meu. Um brinde a escrita e o amor aos romances.

Estamos sempre juntas, Jéssica Macedo, Aline Damasceno e Rosi. Livros em parceria ou não, eu aprecio e sou grata pelo compartilhamento de amor e apoio de vocês. Gratidão por serem especiais e fazerem parte de todos os momentos. Altos e baixos, aqui estamos.

Meu grupo de leitoras é especial e me ajudam a me apaixonar cada vez mais pelos meus livros. Seus comentários, apoio e avaliações fazem a diferença e sou grata por vocês existirem. As “Leitoras da Mari Sales” ganham spoilers e muitos abraços virtuais, além de áudios com cantorias. Um beijos especial para as poderosas que participaram da leitura coletiva de “Tristan e a Sugar Baby”: Lizi, Cristina, Lauryen, Marisa Gomes, Rosy Ferreira, Jully, Nay, Ivana Sandes, Luize Casal, Ana Roen, Lisie, Rosi, Paula Beatriz, Chris Piloto, Joana Ramos, Myslannia, Helineh, Luciana, Adelle, Aline Gomes, Adriana, Márcia Leão, Thais Rachetti, Roseane Ferreira, Danusa, Ray, Regina Fabbris, Isa, Paloma, Karoline Moreira, Cristiane Mauch, Cheila Mauch, Andréia, Clelia, Beatriz Soares, Thatyana, Daiany, Carina Timm, Cilene, Adolane Moraes, Járed, Daniele Pacheco, Lucia Cristina, Sônia Orbe, Arlene Lopes, Gislaine, Lissandra, Bianca, Patricia Almeida, Carina Barreira, Viviane Mesquita, Luciana Dias, Lisandra, Thamires Alves e Claudete.

Fechando com chave de ouro, gratidão as minhas parceiras mais que poderosas. Gratidão aos blogs literários e redes sociais que transformam todos os lançamentos em sucesso!

@AlfasLiterarias

@amantesliterariascariocas

@biblioteca_da_tati_chacon

@bibliovicio.da.jess

@blog.universoparalelo

@cia_da_leitura

@coruja_dos_livros

@divando_livros

@duasamigaselivros

@elas.contam

@elaseoslivros

@enquadrando_livros

@entrelivrosefotos

@fabdosconvites

@folhadepolen

@heybitchesbr

@indicacoes_literarias

@leiturasdavick

@leiturasetravessuras

@literariosmt

@literatura.hot

@literaturaemdiajessica

@livros.pamor

@livros_de_carol

@livros_empauta

@livrosincríveisqueuli

@loop.literario

@loucas_por_livros_hot

@meu_paraizo_literario

@mi.livros.love

@minhapequenacolecao

@naosoucompulsiva

@ocantinhodaleituraa

@pequena_sonhadora_literaria

@resenhandominhasleituras

@resenhasdaevenyalves

@rosieoslivros

@samurailiteraria

@sonhandoacordadacomlary

@thayworld

@the_literary_traveler

@thebook_andthegirl

@umaromanticaliteraria

@umlivroumamor1

@vidadebibliotecaria

Com Amor, Respeito e Gratidão.

Mari Sales

Sobre a Autora

Mari Sales é conhecida pelos dedos ágeis, coração aberto e disposição para incentivar as amigas. Envolvida com a Literatura Nacional desde o nascimento da sua filha, em 2015, escutou o chamado para escrever suas próprias histórias e publicou seu primeiro conto autobiográfico em junho de 2016, "Completa", firmando-se como escritora em janeiro de 2017, com o livro "Superando com Amor". Filha, esposa e mãe de dois, além de ser formada em Ciência da Computação, com mais de dez anos de experiência na área de TI, dedica-se exclusivamente à escrita desde julho de 2018 e publicou mais de 100 títulos na Amazon – entre contos, novelas e romances.

Site: <http://www.autoraMarinales.com.br>

Facebook: <https://www.facebook.com/autoraMarinales/>

Instagram: <https://www.instagram.com/autoraMarinales/>

Wattpad: https://www.wattpad.com/user/mari_sales

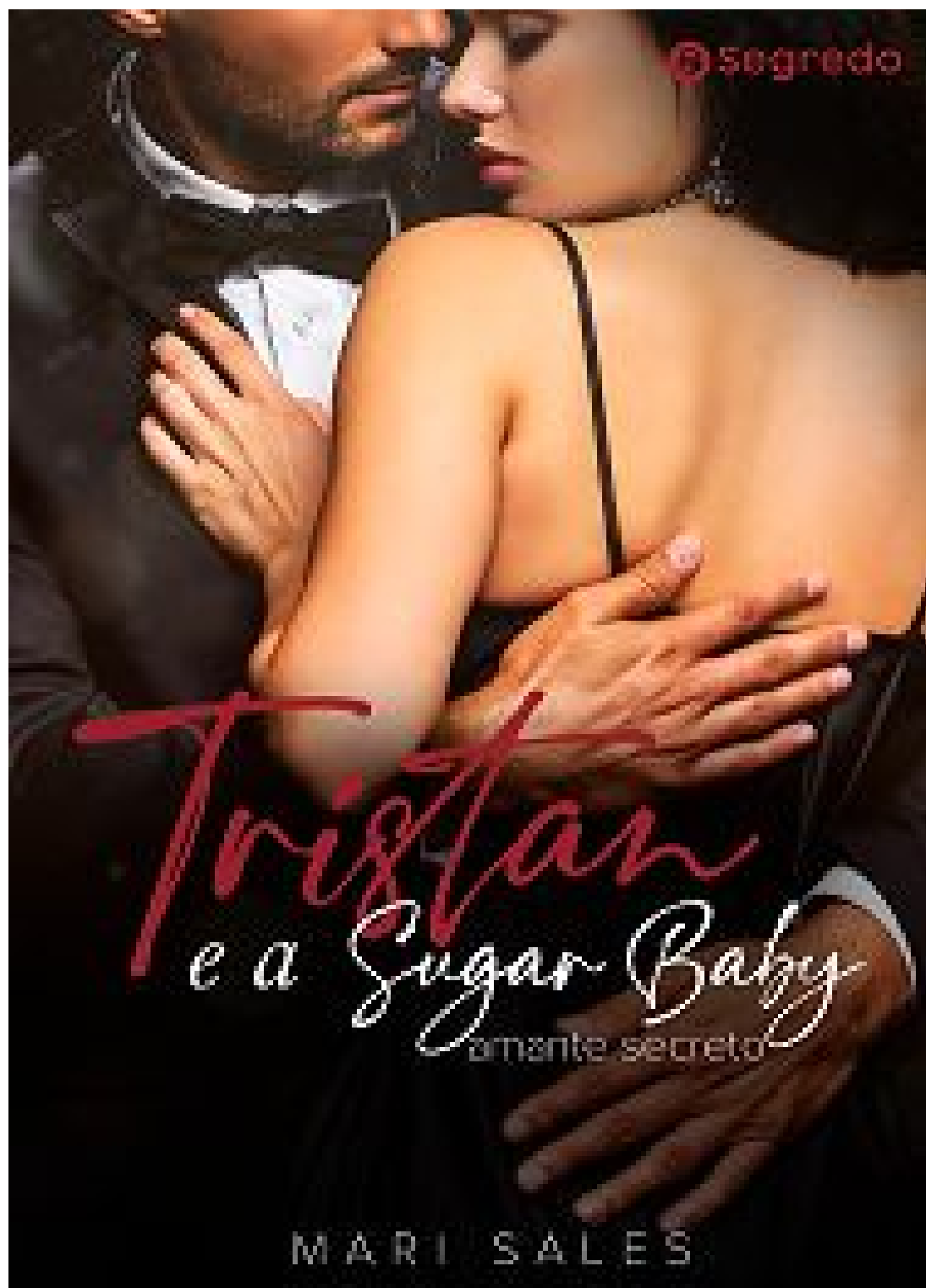
Pinterest: <https://br.pinterest.com/autoraMarinales/>

Assine a minha Newsletter: <http://bit.ly/37mPJGd>

Mari Sales

ESCRITORA DE ROMANCES

Outras Obras



Tristan e a Sugar Baby (Amante Secreto): <https://amzn.to/33YRBVa>

Sinopse: O CEO da Ludwing Motors estava enfrentando complicações no seu divórcio e, por ser um pai protetor, não queria que sua filha fosse afetada. Tristan Adams estava decidido a aproveitar seu atual estado civil se cadastrando em um site de encontros.

Annelise Ortiz ganhou uma bolsa de estudos na faculdade de Stanford e perdeu o namorado virtual. Ela foi iludida e estava disposta a não sofrer pelo término do relacionamento. Por impulso, acordou com sua melhor amiga para serem sugar baby por um dia.

Tristan só queria uma companhia para o evento empresarial, sem que houvesse complicações posteriores. Annelise esperava uma diversão inocente com o homem mais velho, não acabar perdendo a virgindade.

Eles não deveriam se encontrar novamente, mas aconteceu muito mais do que tinha sido planejado. As complicações que rodeavam aquela relação aumentavam a cada dia. Tristan era o pai da melhor amiga de Annelise e um final feliz estava longe de acontecer... a não ser que o amor falasse mais alto.

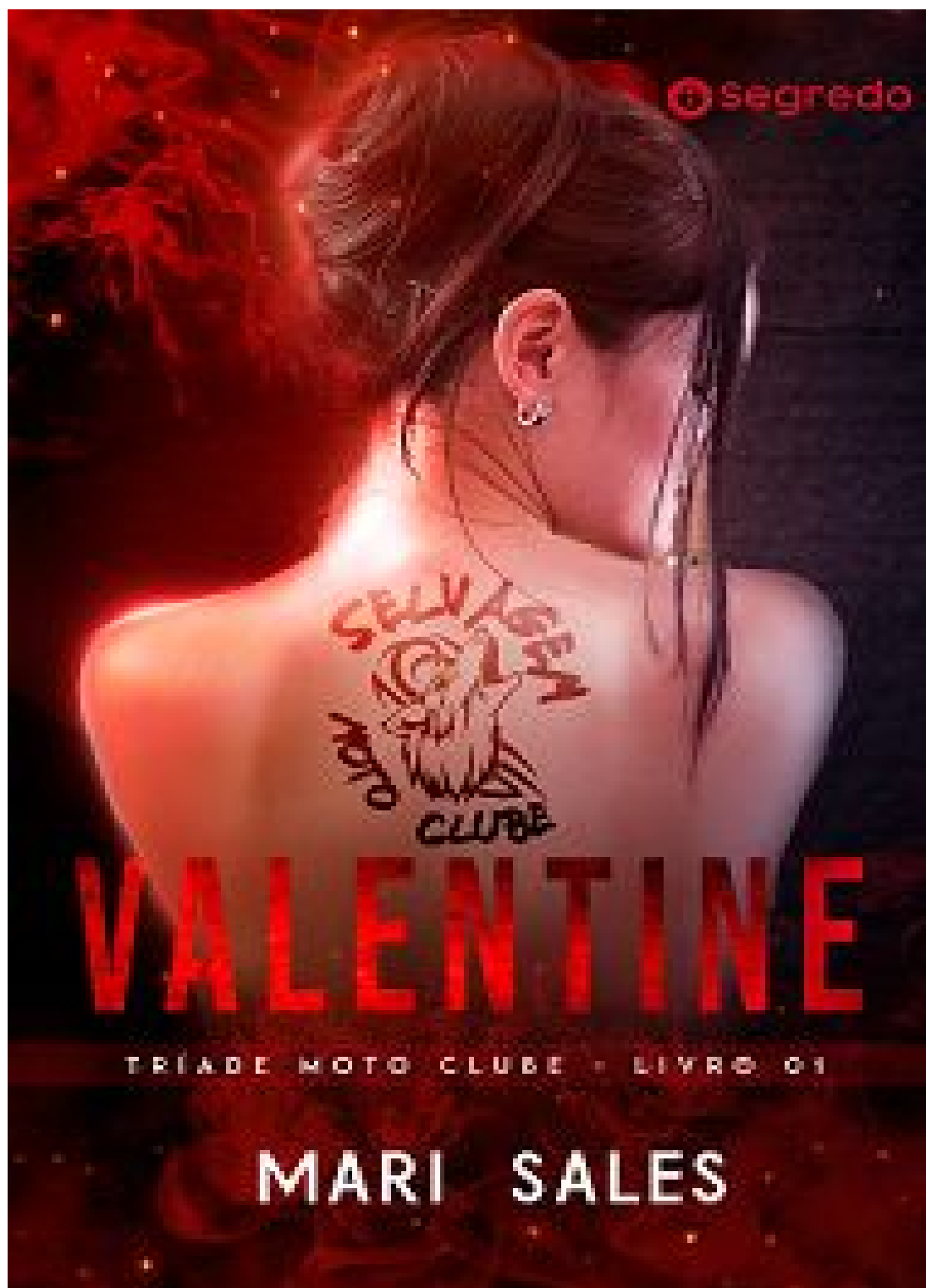


Contrato com o CEO: <https://amzn.to/3nUwZpV>

Sinopse: Para Rico Lewis, trabalho se misturava com prazer. Ele não sabia se relacionar com as mulheres se não fosse baseado no que estava definido em um contrato. Essa era a forma que encontrou para nunca mais ser enganado. A seleção para secretária executiva do CEO da ReLByte era concorrida. Alice Reis não achava que poderia ser a escolhida, na verdade, nem queria. Sua confiança estava abalada ao ser humilhada pelo homem que se dizia seu namorado.

Tudo estava acontecendo ao mesmo tempo e não havia mais nada a perder. Sem companheiro, sem dinheiro e sem um lugar para morar, Alice aceitaria qualquer proposta para assumir o controle da sua vida. E ela conseguiu a vaga. Por impulso, assinou o contrato e aceitou as consequências de ser a realização do fetiche CEO e secretária.

Ela nunca tinha sido tocada daquele jeito. Senhor Lewis não queria sentir o coração acelerar novamente. Era a iminência de um desastre, mas eles ignorariam qualquer emoção para se protegerem de uma nova decepção.

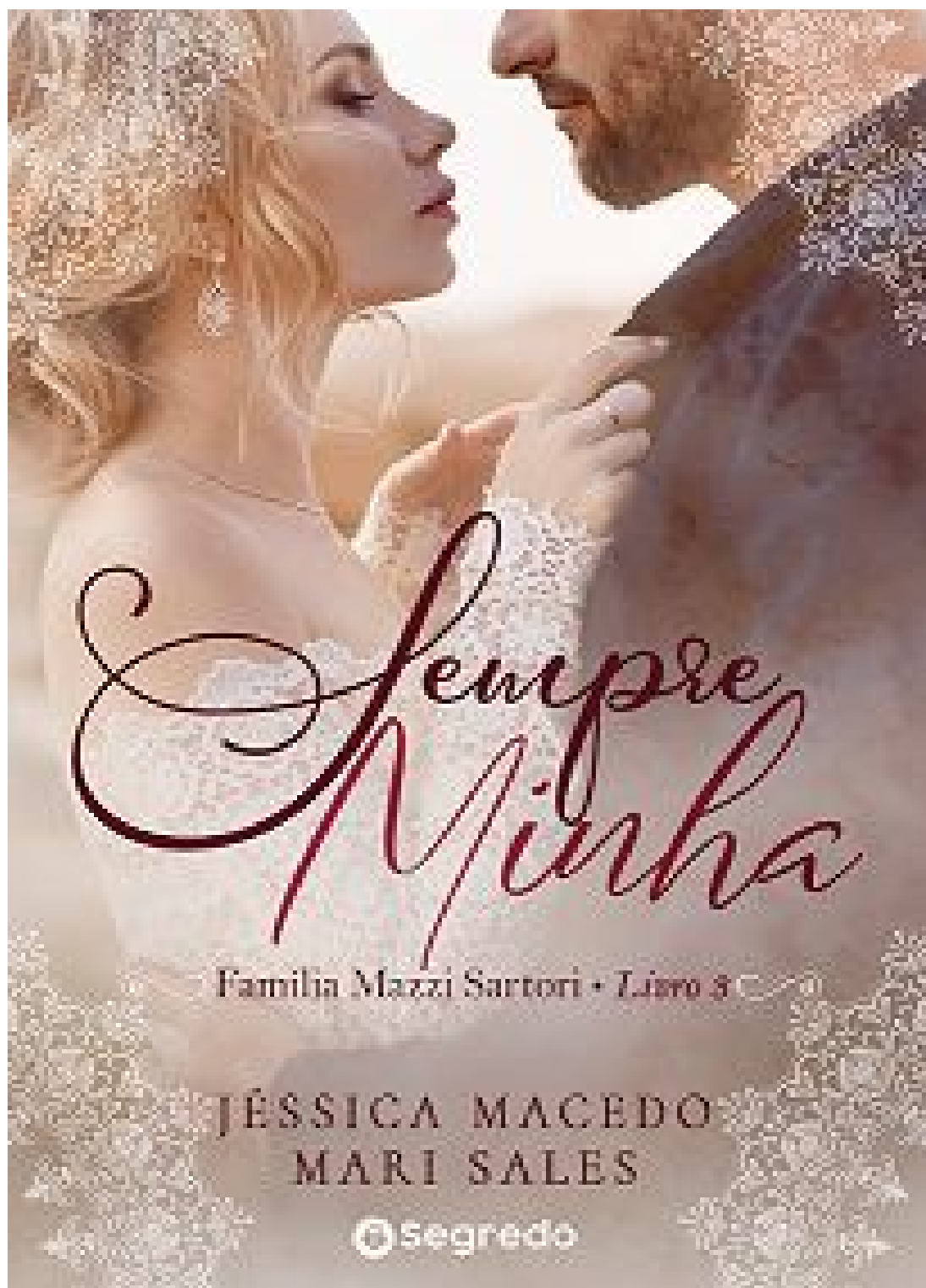


Valentine (Tríade Moto Clube – Livro 1): <https://amzn.to/3aq5yib>

Sinopse: O Doutor Brian Powell, ou Doc como era conhecido pelos amigos, acompanhava de perto o sofrimento do presidente do Selvagem Moto Clube devido a uma grave doença. A morte se aproximava e a sucessão do seu legado estava gerando uma grande disputa.

John Savage nunca quis que a família se envolvesse com seus negócios, mas sua filha Valentine estava disposta a lutar pelo cargo que lhe era de direito. Ninguém a conhecia o suficiente para dar apoio, no entanto isso não a desmotivaria a alcançar seu objetivo.

O primeiro contato que Valentine teve com um dos membros do Moto Clube foi explosivo, mas Doc estava determinado a ser um aliado, além de um bom amante. Ele já a queria muito antes mesmo de a ver pela primeira vez. Entre atentados e preconceito, Doc e Valentine terão que lutar para preservar a paz do Selvagem e não se perderem entre as armadilhas causadas pela superproteção.



Sempre Minha (Família Mazzi Sartori - Livro 3): <https://amzn.to/3gumRm3>

Sinopse: A ideia de tê-la era tão dolorida quanto a de afastá-la de mim.

Fiz mal a pessoa que amava em segredo. A única que eu deveria proteger acabou sendo vítima dos meus desejos.

Izabel Mazzi estava comemorando seus vinte e um anos quando me pediu um beijo e eu lhe dei meu coração.

Eu não a merecia. Nossa diferença de idade e a forma como tudo aconteceu naquela festa me impediam de ter uma conversa franca e assumir o meu erro. A culpa me corroía e por seis anos eu a afastei.

Mas ela tinha outros planos. Além de assumir os negócios da família, Izzi estava disposta a destruir a barreira que construí para que não se aproximasse. Ela merecia mais do que aquele momento descuidado que proporcionei.

Não me achava digno daquele anjo, mas não consegui aceitar outro homem em sua vida, nem mesmo sendo um Sartori. E, para comprovar isso, eu teria que esclarecer o mal-entendido do passado e assumir que Izabel Mazzi sempre foi minha.

Escrito em parceria por Jéssica Macedo e Mari Sales.



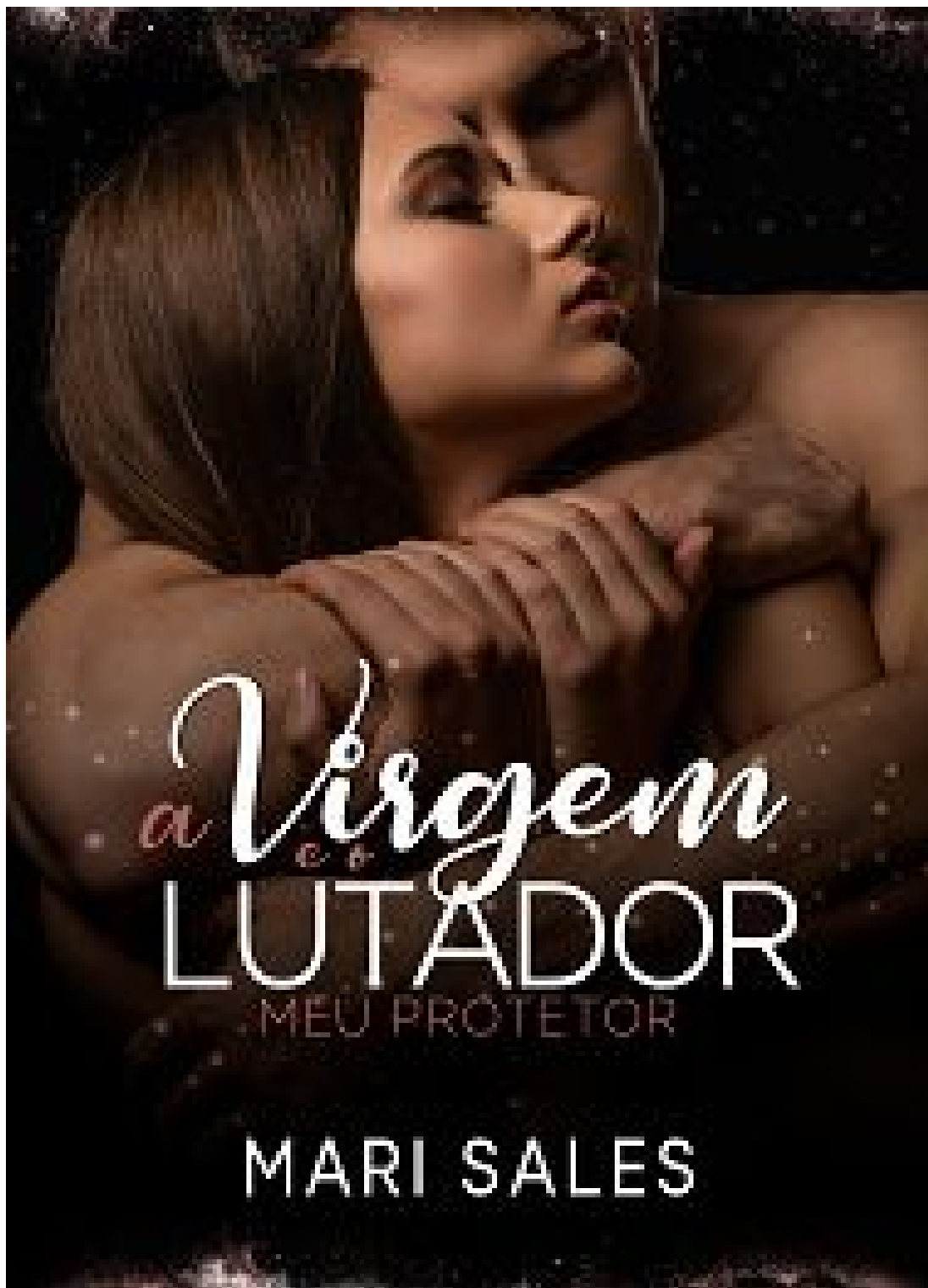
Comprada por Raphael: <https://amzn.to/3atzIS1>

Sinopse: O misterioso dono do Pub dos Fetiches foi influenciado por seu parceiro de negócios a comprar uma virgem no Site Secreto. Liberto de pudores, essa deveria ser apenas uma noite dentre tantas outras que compartilharia uma companhia.

Tyr, como Raphael Kuhn era conhecido, ficou encantado pela mulher que adentrou o seu camarote. Ela era bem mais nova do que ele, inocente, mas não perdia uma oportunidade de o provocar. Querendo saber os limites da virgem que havia comprado, Raphael estava disposto a ter mais uma noite com essa mulher.

Hannah Braun tinha apenas um objetivo na vida, cuidar da sua Oma, que a criou e lhe deu amor. Com sua avó enfrentando sérios problemas de saúde e as contas atrasadas, em um momento de desespero, Hannah fez o impensável e aceitou a proposta indecente do Site Secreto, e acabou se entregando de corpo e alma para o momento de luxúria. Se o seu destino era aquele, que aproveitasse a jornada antes que a ilusão acabasse.

ATENÇÃO! Essa história contém cenas impróprias para menores de dezoito anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.



A Virgem e o Lutador: Meu Protetor: <https://amzn.to/32xfzWL>

Sinopse: Deveria ser mais um trabalho para o agente secreto Adam Soares. Disfarçado de lutador, para prender o chefe de uma quadrilha perigosa, ele não esperava que seu inimigo tivesse uma filha refém de crueldades, ou que ela desviaria sua atenção do foco principal.

Carina Andrade vivia um dia de cada vez. Responsável pela limpeza da academia do pai, tentava passar despercebida pelos homens que a rodeavam. Mas um deles a viu, em seu pior momento, e parecia disposto a tirá-la do seu sofrimento.

Para que o romance entre Adam e Carina acontecesse, eles teriam um alto preço a pagar. Restava saber se existiria vida a dois após o encerramento da investigação.

ATENÇÃO! Essa história contém cenas impróprias para menores de dezoito anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.



O Segredo do Milionário: <https://amzn.to/2MpBYAR>

Sinopse: Ícaro Duarte estava disposto a concluir o maior sonho da sua falecida mãe, mesmo que contrariasse as ordens do seu pai. Colocou a mão na massa e foi para a cidade em que nunca pensou que voltaria a pôr os pés. Não seria uma viagem rápida, mesmo assim ele não estava disposto a criar raízes.

A construção de Elias Duarte, abandonada por anos, era conhecida por toda Dualópolis. Quando uma empreiteira resolveu assumir a conclusão da obra, as histórias que cercavam a família começaram a ser desenterradas.

Natália Costa regressou para a casa da sua mãe depois de concluir a faculdade e se viu desempregada. Vizinha da mais famosa construção abandonada da cidade, ela relembrou seus tempos de menina subindo no pé de seriguela e acompanhando o trabalho dos pedreiros.

Ícaro e Natália se apresentaram, se conheceram e descobriram que tinham muito mais em comum do que o segredo que os pais escondiam deles. Para que pudessem ter uma segunda chance, alguns amores precisavam repetir por gerações até que encontrassem a redenção.



Sua Para Sempre (Família Sartori - Livro 2): <https://amzn.to/2MdeX48>

Sinopse: A irreverência e alegria eram minhas marcas registradas. Já tinha sido julgado por minhas escolhas, mas nada me abalava, eu estava em meu melhor momento.

CEO da ERW, a marca de roupas referência no mercado, eu tinha em minha equipe a melhor estilista. Joan era, além de excepcional, minha melhor amiga desde o colégio.

Dedicada e, por muitas vezes, solitária, ela atendia as exigências da supervisora e me acompanhava nas excentricidades.

Por mais que eu tivesse mulheres para me satisfazer e eu aproveitava todos os momentos, era com Joan que me sentia realizado. A dependência dela era justificada pela conexão que criamos há anos.

Então, o meu bom momento estava prestes a se tornar caótico quando foi necessária a presença do meu irmão Ryder.

A amizade que tanto prezei com Joan estava se transformando e, para manter o meu sorriso de sempre estampado, eu precisaria tomar uma importante decisão. Restava saber se estava pronto para lidar com as consequências.



As Confusões de Jesse Louis: <https://amzn.to/3qOI3VM>

Sinopse: Ir de penetra em um baile de carnaval, que Jesse Louis tinha sido proibida de aparecer, deveria proporcionar histórias divertidas. Nove meses depois, ela estava com um filho no colo sem a paternidade reconhecida, um irmão superprotetor implicando com suas escolhas e uma loja de doces para cuidar.

Igor era um homem que escondia suas origens. Ele preferia cuidar de um escritório de investigação particular com seu melhor amigo do que viver no luxo ofertado pela sua família. Ninguém precisava saber que ele tinha outras motivações para estar próximo dos irmãos Louis.

Jesse e Igor tinham um relacionamento amigável e distante, até o momento em que ela decide ir atrás do pai do seu bebê.

Deveria ser uma ação simples, mas tudo o que envolvia a doceira se transformava em uma grande confusão. E, daquela vez, teve uma pitada de fraldas sujas, intimidações e um homem protetor para ser só dela.



Decisão Perfeita: <https://amzn.to/2WgcK9n>

Sinopse: Pedro Montenegro perdeu a esposa e a esperança de ter uma família ideal. CEO do Grupo Montenegro, deixou o comando com seus diretores para estar mais próximo do seu filho recém-nascido.

Quando ele retornou ao trabalho, começou a descobrir que sua esposa guardava segredos. O mais surpreendente de todos bateu à porta e queria se relacionar com o seu filho: uma cunhada desconhecida.

Depois que sua querida meia-irmã faleceu, Adriana só pensava em conhecer o sobrinho. Humilde e determinada, ela escolheu se aproximar do viúvo rabugento, apesar do desgaste emocional. Pedro só queria proteger o filho, mesmo que Adriana tivesse boas intenções e não houvesse o que temer.

O primeiro contato entre os dois não tinha sido nada amistoso. Quanto mais Pedro descobria que o interesse de Adriana pelo seu filho era genuíno, mais ela conseguia entrar na vida dos dois, alcançando também seu coração.

Influenciado pelas revelações sobre o passado da falecida esposa, Pedro tomaria a decisão mais importante da sua vida, que afetaria não só seu filho, mas o amor que descobriu sentir por Adriana.



Sua Por Obrigação (Família Sartori – Livro 1): <https://amzn.to/37onw2l>

Sinopse: Fui desafiado a provar o quanto era bom no poker e ganhei uma mulher onze anos mais jovem do que eu. Mesmo que fosse apenas uma provocação, fui inconsequente e segui até o fim naquele jogo. Deveria imaginar que não era apenas um local estranho para se fazer apostas.

O juiz Marcelo Sartori tinha a posse de uma mulher!

O ódio pelos bandidos só aumentava. Ao invés de abandonar Mercedes Smith a própria sorte, eu iria protegê-la.

Enquanto estivesse me esforçando para colocar atrás das grades uma quadrilha de jogos ilegais, ofereceria meu sobrenome para Mercedes. Um contrato de casamento, a proteção ideal para que ninguém ousasse tocá-la.

Seria simples, se não fosse a atração que comecei a sentir, mesclada a culpa de estar obrigando-a a ser minha. Não me importava com o papel dado pela casa de jogos ilegal, eu deveria seguir a lei e não me deixar corromper.

Pouco tempo foi necessário para que o desejo tomasse conta. Não consegui mais focar apenas no grande plano, meu coração estava envolvido demais para desapegar.

Ela não seria minha por obrigação, mas por sua própria vontade.



Cedendo à Paixão: <https://amzn.to/3kpvt8>

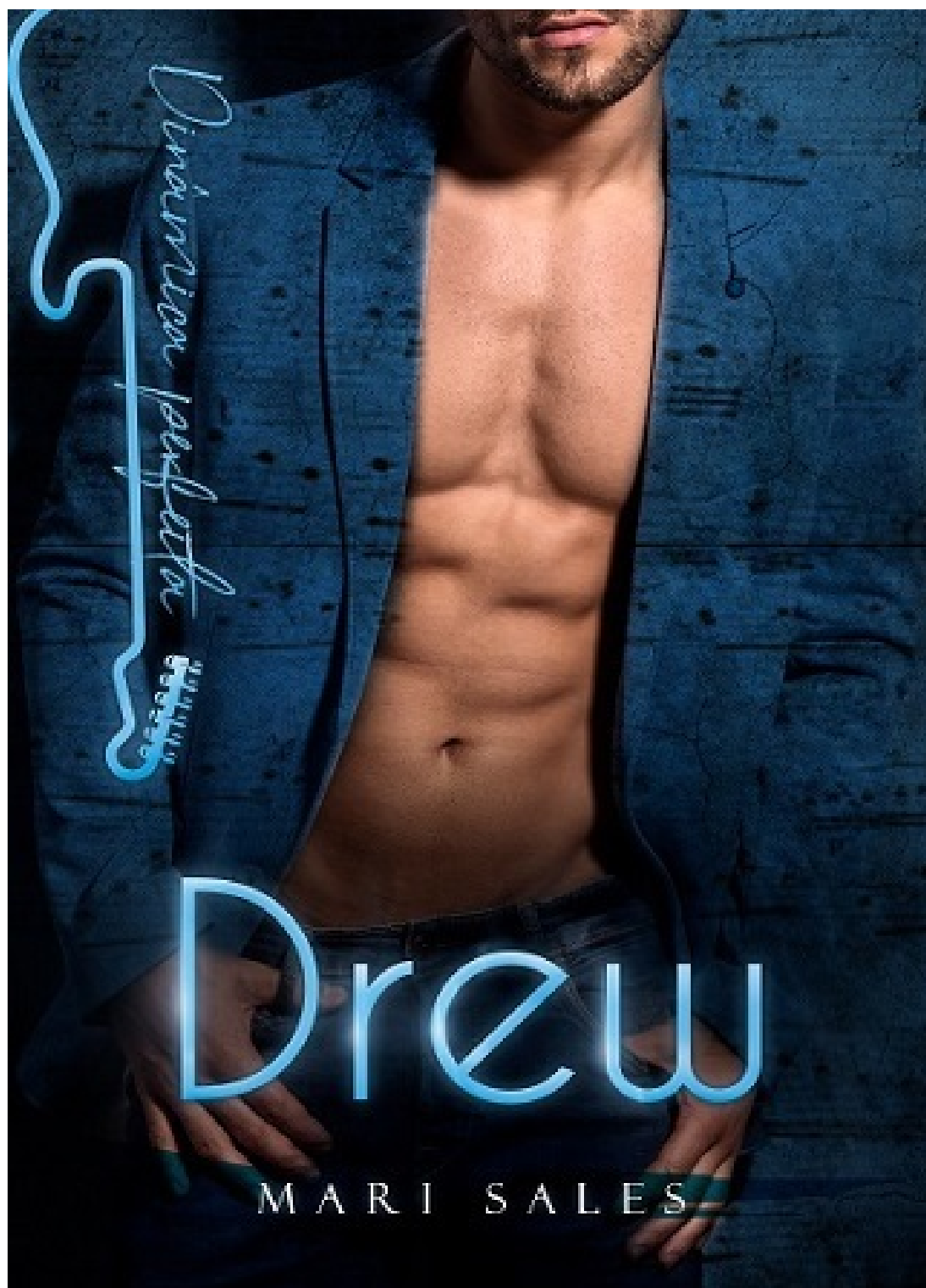
Sinopse: Quando o grande empresário Bernardo Camargo cruzou com Alícia em um supermercado, não esperava que a mulher fosse mais do que uma coincidência. Ambos estavam tendo um péssimo dia, o desabafo sobre seus tormentos foi involuntário, afinal, eles eram estranhos que nunca mais se cruzariam.

Bernardo lutava para esquecer o passado que o marcou.

Alícia estava disposta a renunciar sua própria felicidade para ser uma boa mãe para seus filhos.

Um momento não deveria definir um relacionamento, muito menos abrir a brecha para que a vida amorosa de Alícia voltasse a ativa. Bernardo queria ser visto além do homem poderoso em um terno e estava disposto a ter mais do que apenas em um encontro casual com aquela mulher.

Restava saber se a paixão avassaladora entre os dois seria o suficiente para superar tantos segredos.



Drew (Dinâmica Perfeita): <https://amzn.to/3lkrzSz>

Sinopse: Andrew Jones Almeida está no meio de conflitos que não são dele. Seus melhores amigos entraram em crise por conta do amor proibido de Nick pela irmã mais nova de Guto. Para piorar a situação, o pai de Drew precisa de alguém de confiança para que o ajude em um grande problema na empresa.

Com as atividades da banda Dinâmica Perfeita suspensas, Drew resolveu ajudar a família ao mesmo tempo que buscava reconciliar os amigos. Ele estava sobrecarregado, afinal, ele tinha seus próprios assuntos para lidar.

O músico achou que seria fácil prestar serviço para o pai, mas ganhou uma babá executiva durante a estadia. Tamires era viciada em trabalho e não via com bons olhos o estilo de vida livre do filho do chefe. Disposta a fazer o seu melhor, ela não imaginava que os papéis seriam invertidos e que Drew poderia lhe influenciar a ter uma vida mais leve.

Restava saber se o amor era resistente para unir pessoas de mundos tão diferentes.



A Filha Virgem do Meu Inimigo: <https://amzn.to/2DwGGYZ>

Sinopse: Antonio “Bulldog” era conhecido na cidade por seu temperamento explosivo e trabalho árduo na presidência da AMontreal. Com um histórico familiar de traumas com mulheres, ele era um homem solitário que se apegava apenas ao seu ofício.

Nada o deixava mais irritado do que lidar com o seu rival, o candidato a prefeito Ivan Klein. Ele estava ausente da cidade há muito tempo, mas voltou para destruir com a AMontreal e ser o chefe maior de Jargão do Sul.

Bulldog estava pronto para defender seus protegidos do ambicioso político, mas ele não contava com a presença da filha do seu inimigo. Deborah não só tinha quinze anos a menos do que ele, mas era uma mulher doce, de sorriso contagiante e que tentava influenciar as pessoas, de forma positiva, a favor do seu pai.

Ninguém disse que o destino jogava limpo. Ele não só unia pessoas de lados opostos a uma guerra, mas confrontava segredos e revelava a verdadeira face das pessoas. Cabia a Bulldog e Deborah escutarem seus corações e não caírem na armadilha da ganância alheia.



Box – Quarteto de Noivos: <https://amzn.to/2JQePU2>

Sinopse: Essa é a história de quatro primos solteiros que encontram o amor.

Coincidência ou não, o movimento para que eles se permitissem amar iniciou com a matriarca da família, avó Cida, em uma reunião de família. Ela mostrou, sem papas na língua, o quanto eles estariam perdendo se buscassem apenas relacionamentos vazios.

O que era para ser um encontro casual se tornou em uma grande história sobre a próxima geração da família Saad.

Nenhuma das mulheres que se envolveram com o quarteto de primos era convencional.

Quem as visse de longe, julgariam suas escolhas ou mesmo se afastariam.

Fred, Guido, Bastien e Leo aceitaram o ponto de vista da avó de forma inconsciente, mas se apaixonaram por completo com a razão e o coração em sintonia.

Envolva-se com as quatro histórias e se permita olhar para a família Saad de uma forma completamente diferente.

Obs: Esse BOX contém:

1- Enlace Improvável

2- Enlace Impossível

3 - Enlace Incerto

4 - Enlace Indecente

Epílogo Bônus



BOX – Família Valentini: <https://amzn.to/2RWtizX>

Sinopse: Esse e-book contém os seis livros da série família Valentini:

- 1 - Benjamin
- 2 - Carlos Eduardo
- 3 - Arthur
- 4 - Antonio
- 5 - Vinicius
- 6 – Rodrigo

1 - Benjamin – sinopse: Marcados por uma tragédia em sua infância, os irmãos Valentini estão afastados há muito tempo uns dos outros. Benjamin, o irmão mais velho, precisou sofrer uma decepção para saber que a família era o pilar de tudo e que precisava unir todos novamente.

Embora a tarefa parecesse difícil, ele encontra uma aliada para essa missão, a jovem Rayanne, uma mulher insegura, desempregada e apaixonada por livros, que foi contratada para organizar a biblioteca da mansão e encontrar os diários secretos da matriarca da família.

Em meio a tantos mistérios e segredos, o amor familiar parece se renovar tanto quanto o amor entre um homem e uma mulher de mundos tão distintos.



Box Flores e Tatuagens: <https://amzn.to/2LLjA4D>

Sinopse: Eles eram ricos, intensos e poderosos em seus ternos e tatuagens. O CEO Tatuado Erik se apaixonou pela irmã do seu tatuador. Orquídea fugia de um passado que a atormentava. O Executivo Tatuado San Marino encontrou a estrela que brilharia na sua vida. Daisy tentava escapar de um relacionamento abusivo com um homem perigoso. O Chefe Tatuado Dário era protetor e não hesitou em agir quando conheceu a mãe de Enzo Gabriel. Gardênia fugia do pai do seu filho e de uma vida submissa. O Sócio Tatuado Laerte Azevedo era o vilão. Ele estava disposto a contar a sua versão da história, mesmo que soubesse que não era digno de perdão. Jasmim foi vítima da crueldade da família Azevedo e estava disposta a superar seus medos.

Quatro casais, quatro histórias. Eles estavam dispostos a reconstruir suas almas com o mais belo dos sentimentos, o amor.

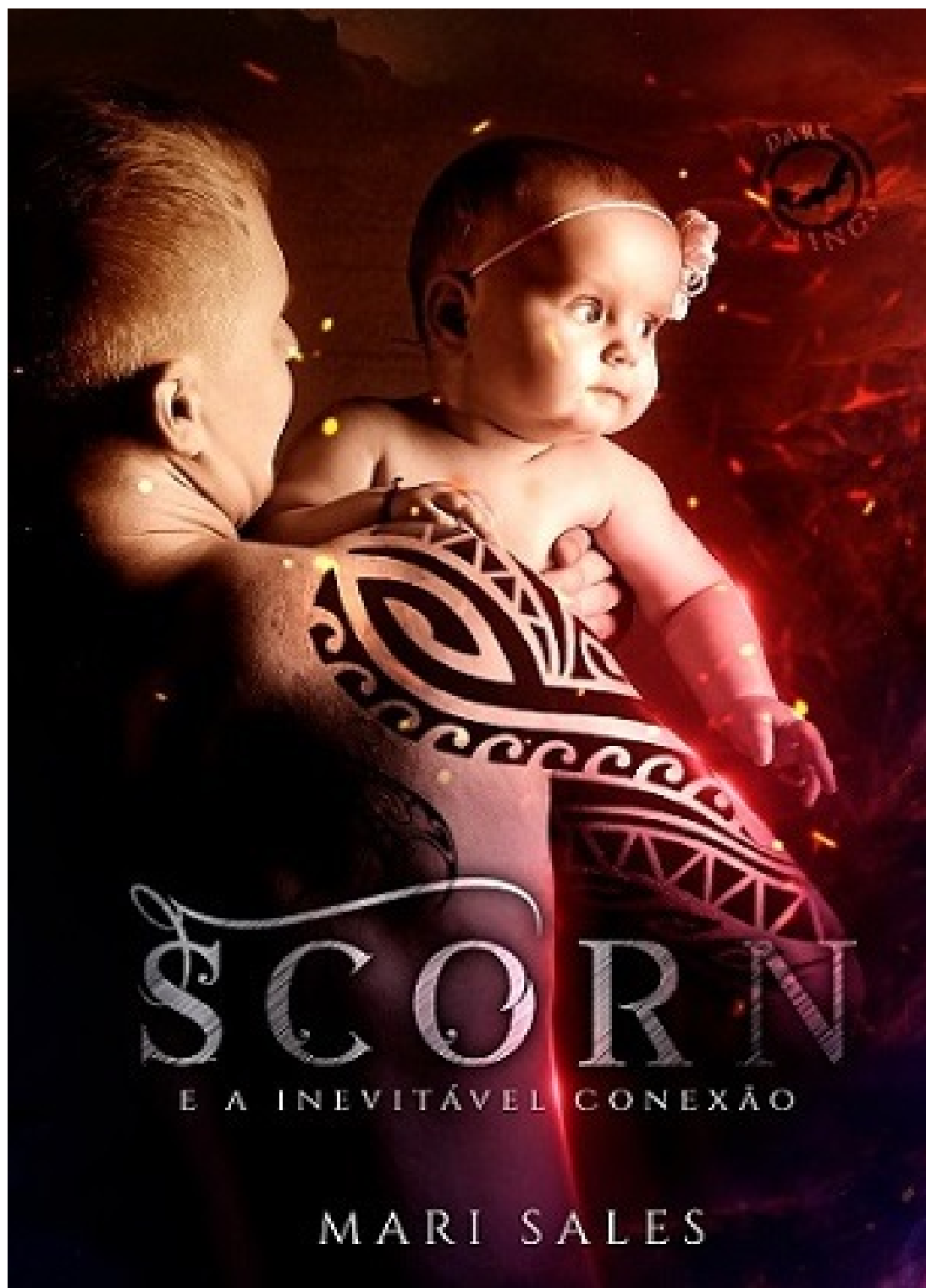
ATENÇÃO! Essa história contém cenas impróprias para menores de dezoito anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.



Vendida Para Bryan (Clube Secreto): <https://amzn.to/2VTZTKb>

Sinopse: Proprietário do Paradise Resort nas Ilhas Maldivas, Bryan Maldonado construiu seu patrimônio com dedicação na administração de sua herança. Além do sucesso profissional, ele explorava sua sexualidade ao extremo. Sem compromisso ou paixões que durassem mais que uma noite, Bryan era racional e sabia como lidar com as mulheres, tomando o que ele queria e dando a elas o que necessitavam. Convidado para participar do exclusivo Clube Secreto, ele estava disposto a investir altas quantias para experimentar uma nova forma de sentir prazer. Ao descobrir que se tratava de um leilão de mulheres, percebeu que estava além do seu limite, ele tinha princípios. Todavia, não conseguiria ir embora sem tentar salvar pelo menos uma delas. Valkyria não sabia o que tinha acontecido com ela até acordar em um quarto desconhecido. Até que chegasse nas mãos de Bryan, ela conheceu o pior do ser humano, ela não sabia o que tinha feito para merecer tanto. Ele não era um salvador, muito menos um príncipe, Bryan estava mais para o perfeito representante do deus Afrodite. Disposto a libertá-la, a última coisa que ela queria era rever aqueles que poderiam ser os causadores da sua desgraça. E, enquanto ela não decidia o que fazer da sua vida, tornou-se parte da rotina de Bryan, conheceu seus gostos, experimentou suas habilidades e tentou não se apaixonar pela melhor versão de homem que já conheceu. O único problema era que Bryan tinha limitações e Valkyria parecia disposta a ultrapassar todas elas antes que seu tempo com ele terminasse.

ATENÇÃO! Essa história contém cenas impróprias para menores de dezoito anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.



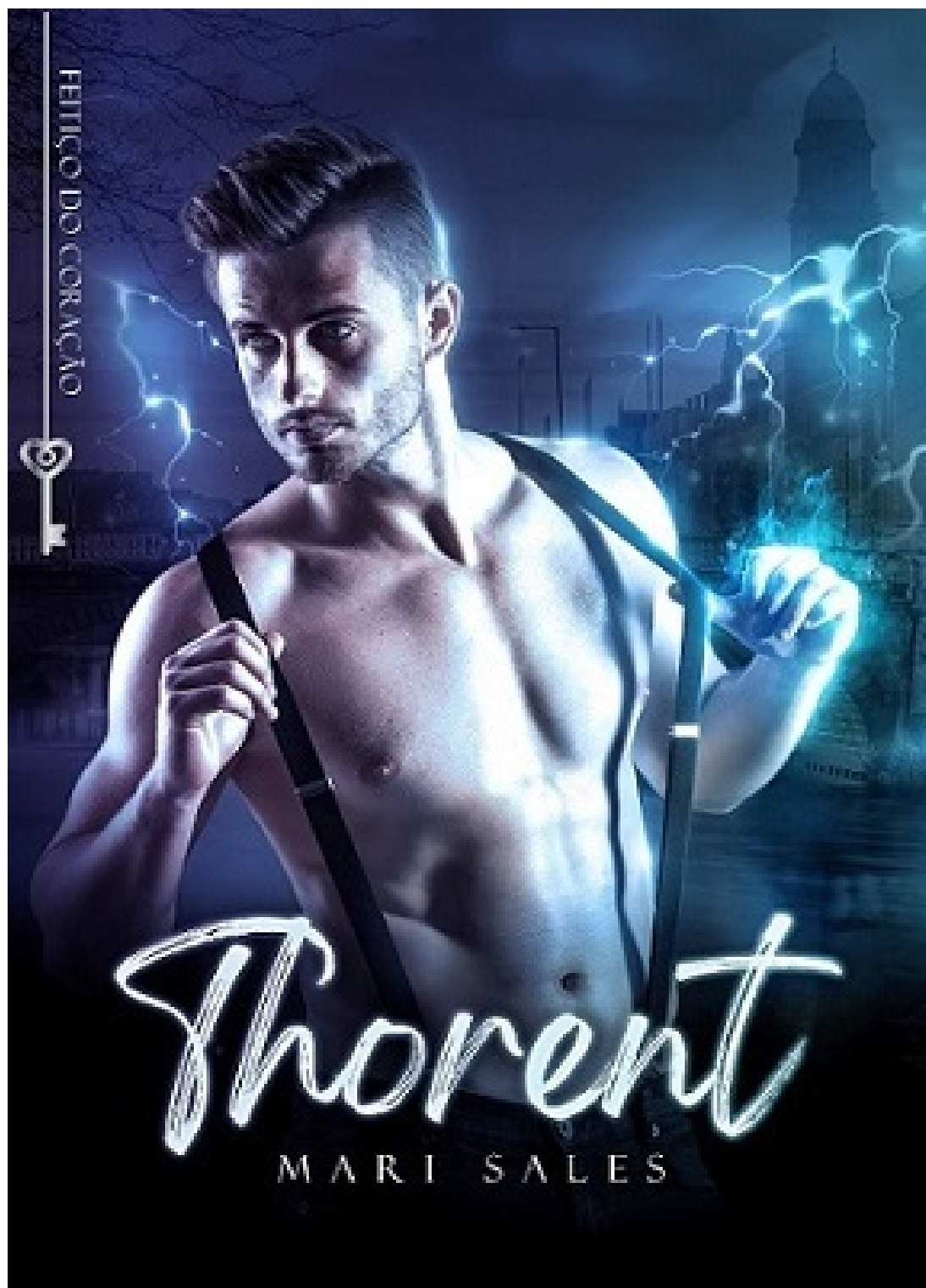
Scorn: e a inevitável conexão (Série Dark Wings – Livro 02):

<https://amzn.to/2YZfb0O>

Sinopse: Scorn era um dos líderes vampiros do Dark Wings Moto Clube. Apreciava sua imortalidade impondo seu poder enquanto degustava as variedades de tipos sanguíneos de mulheres. Insensível e meticuloso, Scorn acreditava que sabia de tudo e sobre todos. Sua maior frustração era não ter impedido que seu irmão Trevor se unisse a Diana e gerassem o bebê proibido, Thomy. Ele desprezava aquela criança. Shantal Davis foi criada por caçadores, para ser a mulher do inabalável Mestre Isaac. Alienada sobre o mundo que a cercava, ela não imaginava que o homem que conheceu na madrugada deveria ser seu maior inimigo. Sedutor e com o poder de deixar suas pernas bambas, ela cedeu a todos os seus caprichos enquanto descobria seu verdadeiro propósito no mundo.

Scorn estava na direção contrária de suas convicções. Shantal acreditava que todos mereciam uma segunda chance.

Um novo bebê estava a caminho, fazendo com que o mais cruel dos vampiros voltasse a sentir. Restava saber se era tarde demais para Scorn assumir a inevitável conexão com a mãe da sua filha.



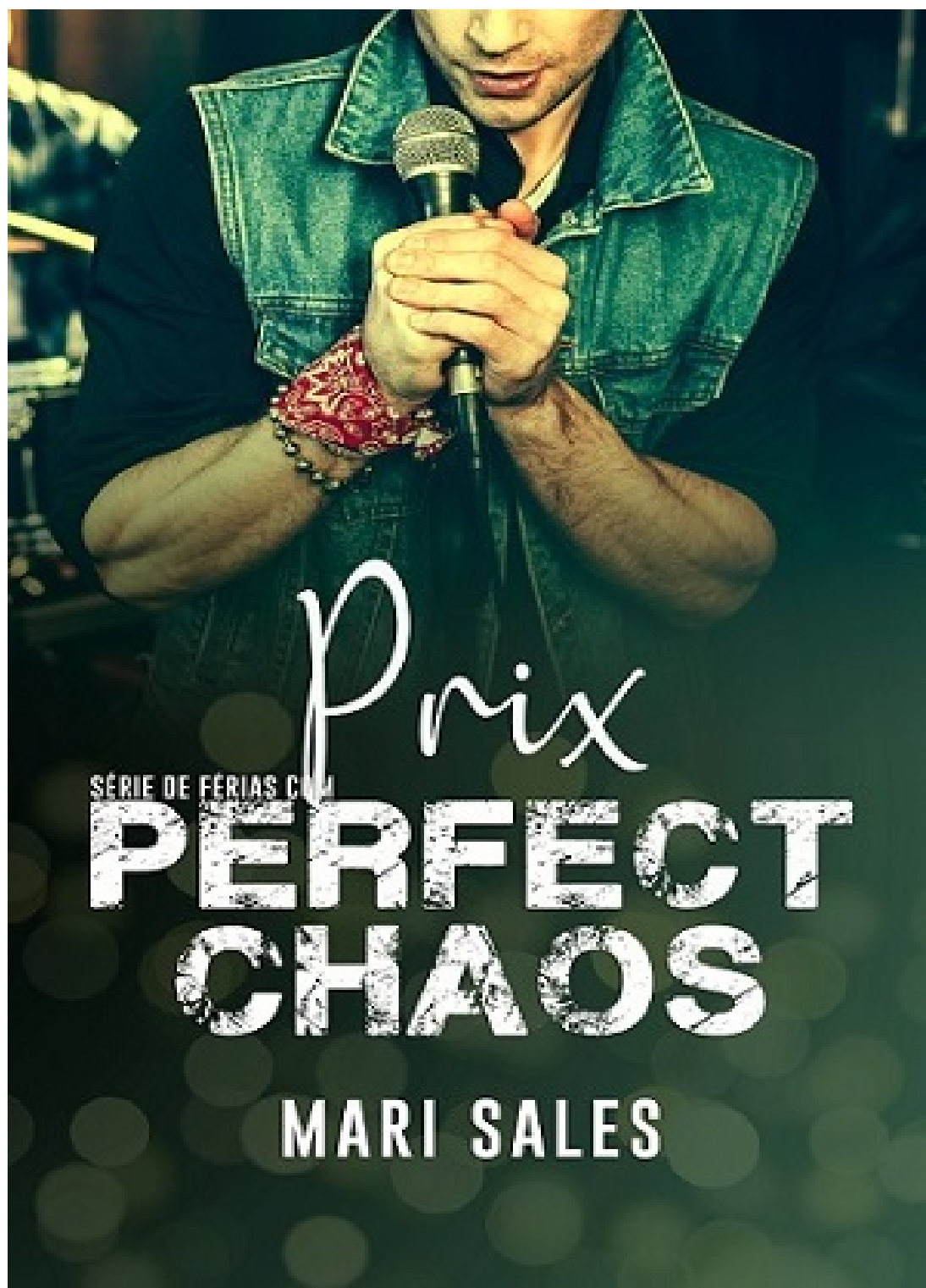
Thorent (Feitiço do Coração): <https://amzn.to/3fVjxhA>

Sinopse: Insensível e manipulador, Thorent era um bruxo de raio aliado as forças das trevas. Estando em desvantagem na Dimensão Mágica após o fim da guerra, ele se viu obrigado a viver entre os humanos. O CEO da TMoore Technology era temido, mas não o suficiente para ser confrontado com a nova rainha bruxa. Ele não iria se submeter as suas leis e, como castigo, teve seus poderes retirados até que aprendesse a amar. Como poderia um bruxo sem sentimentos se apaixonar? Thorent havia trancado o seu coração e queimado a chave há muito tempo, junto com seus amigos Bastiaan e Áthila.

Sem a magia que mantinha a empresa protegida, ataques cibernéticos começaram a acontecer. Irritado e tão humano quanto a maioria dos seus colaboradores, Thorent estava em busca de se vingar de quem se aproveitou da sua vulnerabilidade.

Nayara morava na mesma casa em que acontecia o mais agressivo dos ataques virtuais. Vítima da raiva do bruxo sem poder, ela teve a sua vida bagunçada ao se deparar com um universo desconhecido. Não estava nos planos se apaixonar por tamanha arrogância, mas era inevitável entregar seu coração para alguém que parecia não ter um.

Restava saber se esse sacrifício seria o suficiente para sobreviver a Thorent Moore. :



Prix (de Férias com Perfect Chaos): <https://amzn.to/3fXYWcx>

Sinopse: O vocalista da banda Perfect Chaos estava de férias depois de uma turnê exaustiva. Com o vínculo familiar estremecido, as escolhas de Prix para passar o período sem compromissos com a banda se resumiam à luxúria.

Foi na Casa da Tia Neide que Prix decidiu iniciar seu roteiro de descanso. Ele não queria nada além de ter bons momentos com mulheres dispostas a satisfazê-lo.

O que ele não contava era que um dos clientes, para conseguir o seu autógrafo, lhe daria uma virgem de presente. Harley Sanders estava assustada, mas determinada a fazer o necessário para quitar uma dívida do padrasto. A última pessoa que ela imaginaria ser o primeiro homem da sua vida era Prix, seu ídolo da música. Ele não estava aberto para aquele tipo de jogo, mas se interessou pela mulher inocente que gostava de flertar. Levou-a para casa, compartilharam sentimentos e entraram em um acordo que beneficiaria ambos. Restava saber se o tempo deles acabaria antes da próxima turnê iniciar.

Obs: Esse livro faz parte da série Perfect Chaos, em conjunto com outras autoras. Não há uma ordem específica para serem lidos, todas as cinco histórias dos integrantes da banda acontecem ao mesmo tempo, mas em cidades e com personagens diferentes.



Amor em Tempos de Quarentena: <https://amzn.to/33uNwrR>

Sinopse: A volta para casa não deveria ter atalhos, muito menos que durasse quinze dias.

Humberto Farina se atrasou para voltar ao Brasil por conta de uma reunião de trabalho que durou mais que o esperado. Dono da multinacional Massas Farina, tudo o que ele mais almejava, quando se acomodou em uma poltrona na primeira classe de volta para o Brasil, era chegar em casa, assistir um filme e recuperar o sono perdido.

Giovanna Calvário antecipou sua volta do mochilão pela Europa por conta de uma doença que estava preocupando o mundo. Com medo de perder seu emprego no Shopping e ansiosa para chegar em casa, a última coisa que esperava era que sua precaução se tornaria o seu temor, estar próxima a alguém com o vírus.

Ambos estavam no mesmo avião que carregava o passageiro doente. Ao pisar em solo brasileiro, por questão de segurança pública, todos deveriam ir para um hotel e ficar de quarentena.

Nem sempre o que almejamos é o que precisamos.

Deveria ser um momento de incerteza e tensão, mas a convivência forçada entre duas pessoas de mundos tão distintos se transformou na experiência que marcaria suas vidas para sempre.



Operação CEO: <https://amzn.to/2Chlamo>

Sinopse: Sabrina é uma profissional da área de TI que está tentando sobreviver aos trinta dias de férias repentinas do seu chefe setorial. Sua primeira atividade será ajudar o mais novo CEO da empresa, que possui um sotaque irresistível e olhos hipnotizantes.

Enrico Zanetti assumiu a posição de CEO de forma repentina, depois que seu pai foi afastado por causa de um infarto. Em poucos dias de presidência descobriu que a empresa possui um rombo em suas finanças, e agora está disposto a encontrar o responsável a qualquer custo.

Com a ajuda do setor de TI, Enrico descobrirá não só o responsável pelas falcatrúas em sua empresa, mas também uma mulher competente, destemida e que, aos poucos, despertará seus sentimentos mais profundos e nem um pouco profissionais.

No meio dessa complexa investigação, Enrico e Sabrina descobrirão afinidades, traição e amor.



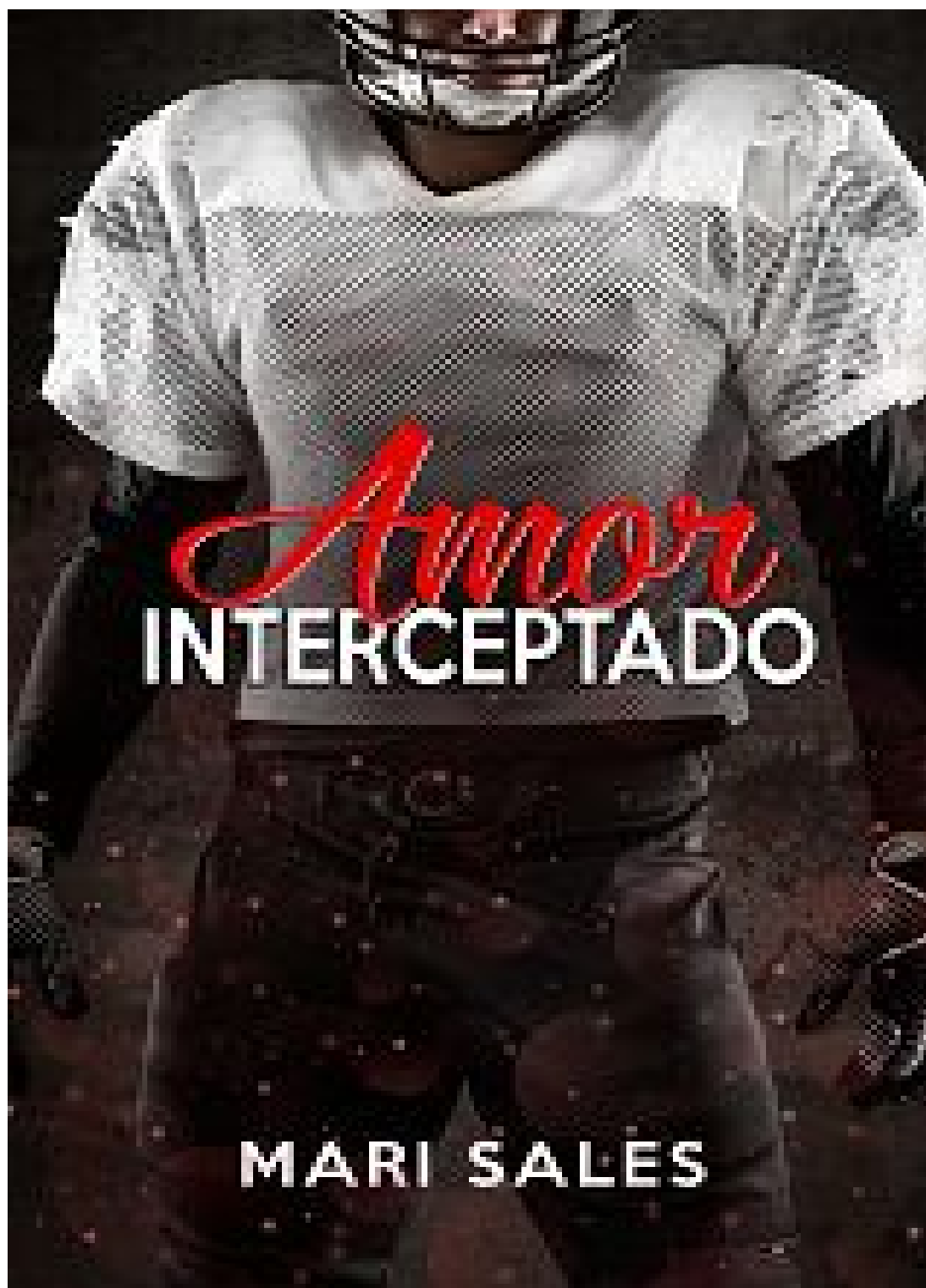
A Redenção de Enzo: <https://amzn.to/2Zn1MOm>

Sinopse: Quando seu irmão faleceu e deixou a famosa Livraria Progresso para que continuasse a gestão, Enzo precisou de um tempo para processar o que estava fazendo de sua vida. Sem família ou herdeiros, o administrador imobiliário não queria ter o mesmo fim do seu irmão mais velho e assim que aceitou seu destino, largou tudo para se dedicar a livraria.

Sofia amava seu trabalho em meio a livros e atender pessoas que buscavam na leitura conhecimento ou uma distração. Na livraria, era respeitada e sempre tinha uma ideia genial para melhorar o ambiente de trabalho, até que o dono da empresa morreu e Gláucio assumiu o posto enquanto o verdadeiro herdeiro não aparecia.

O diretor do terror, como ela o chamava, era um homem sem escrúpulos e não economizava nas palavras desmotivadoras. Não tinha outra direção que não o fim do poço para a livraria, para desespero de Sofia.

O destino tinha um jeito engraçado de fazer com que as pessoas certas se encontrassem. Ameaçada de ser demitida, Sofia foi beber em um bar para afugentar suas frustrações e conheceu o homem que mudaria sua vida... ou seria ela a redenção que ele tanto buscava?

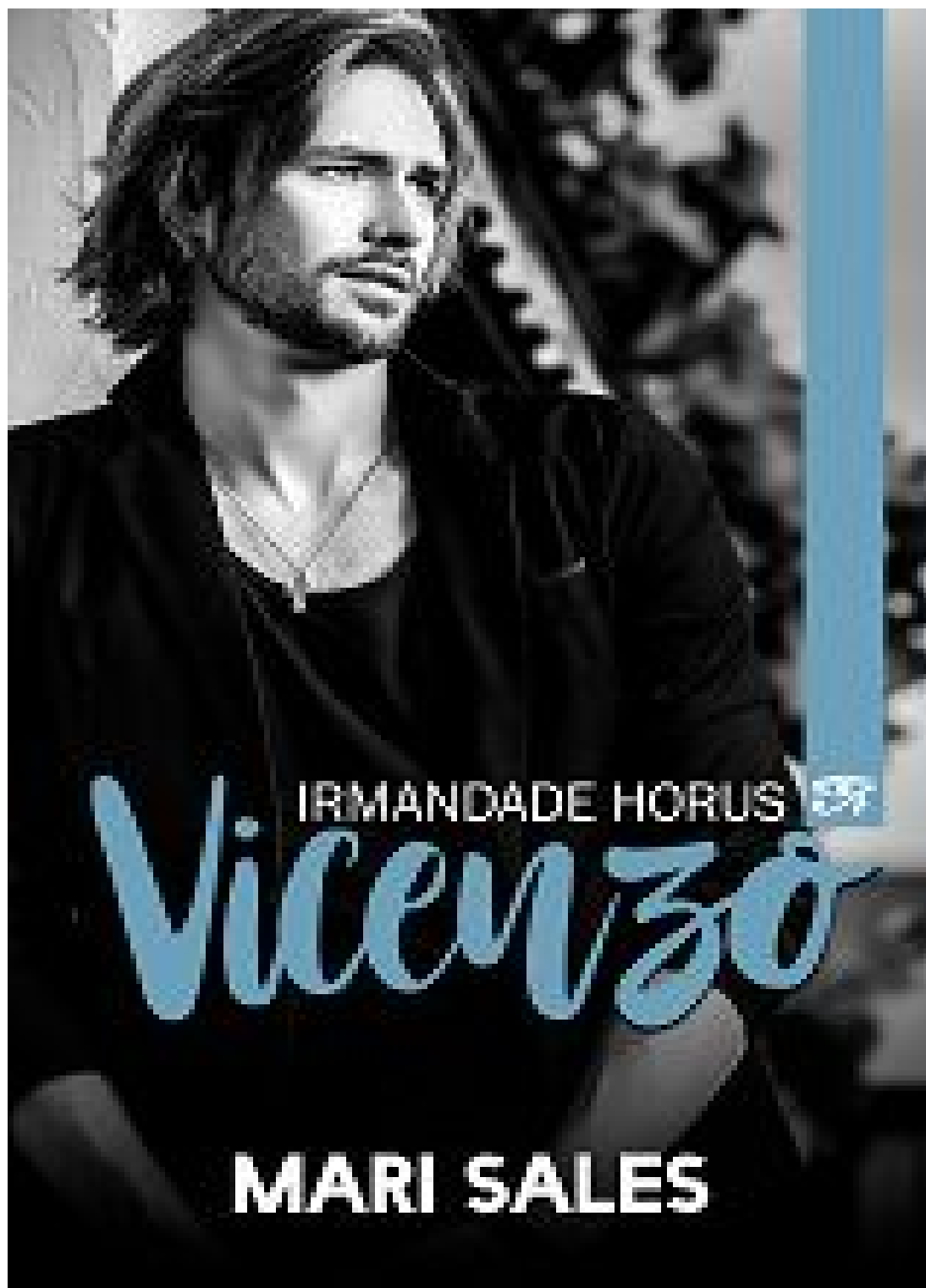


Amor Interceptado: <https://amzn.to/2HPnQe7>

Sinopse: Um jogador de sucesso de futebol americano, com bons números na temporada, não deveria ter nenhuma preocupação, a não ser treinar. Luke Carlson, do Red Dragon, era o safety mais prestigiado do esporte e ninguém sabia sobre o seu passado, a não ser o impiedoso empresário, Cachemir, e o seu melhor amigo Theo, o quarterback do time. A culpa o corroía por dentro dia após dia, mas Luke sempre teve esperança de que um dia ele a veria novamente.

Esse dia chegou.

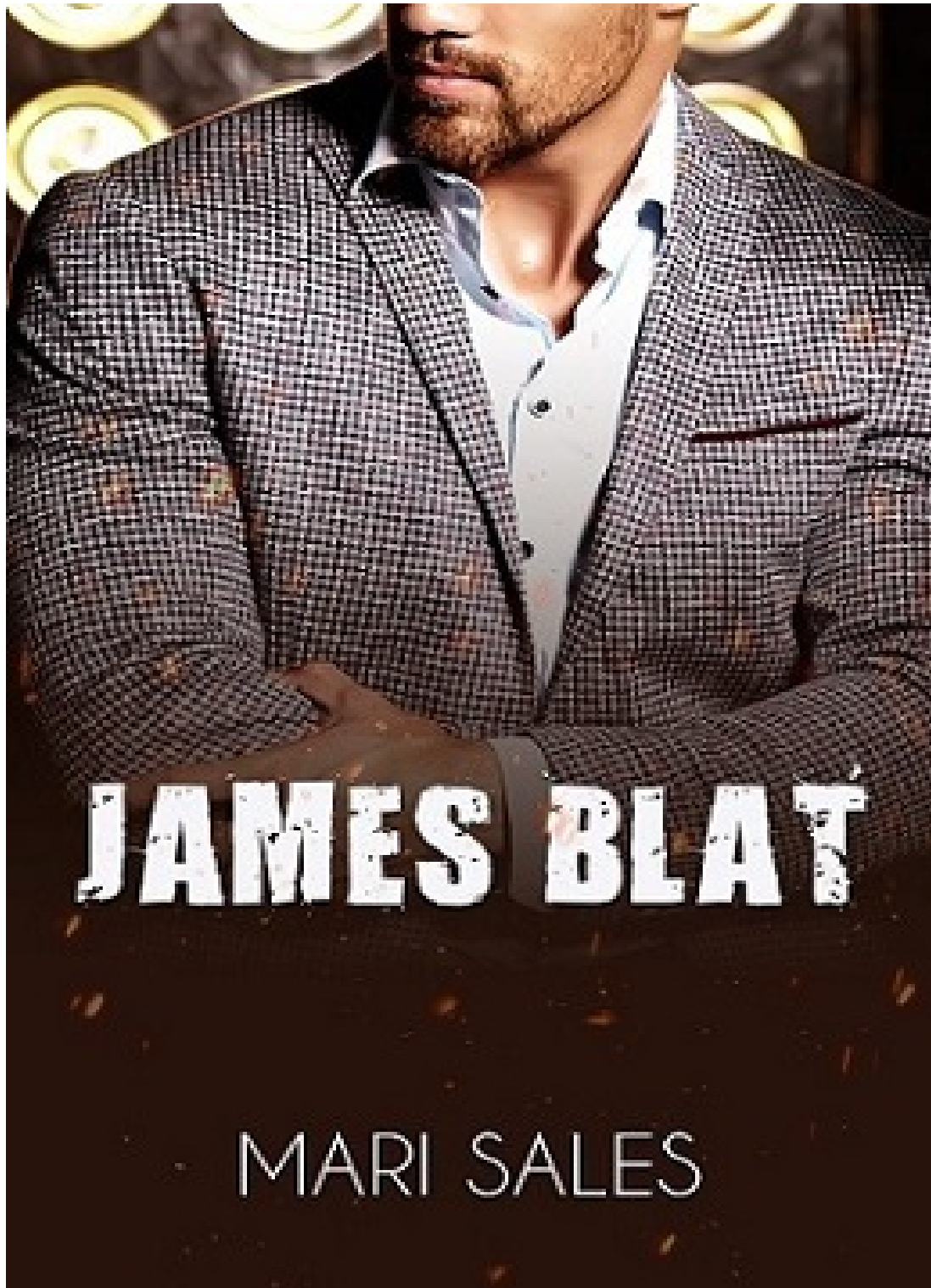
Cassandra estava em uma fase ruim de sua vida e não hesitou ao aceitar fazer um intercâmbio de dois meses para os EUA com sua amiga Maria Flor, para fugir dos problemas familiares. Cassy precisava manter distância do relacionamento tóxico que tinha com os pais, só não imaginava que trocava uma confusão por outra. A amiga, que fazia parte do seu porto seguro, agora lhe apresentou um caminho sem volta para ameaças, segredos e muitos jogos de futebol americano. Luke fazia parte dessa nova vida e demonstraria ser um bom safety dentro e fora de campo.



Vincenzo: <https://amzn.to/2Qrcgv5>

Sinopse: Uma mulher enganada conseguiria confiar em outro homem para estar ao seu lado?

Júlia passou de mulher sedutora a mãe solo insegura quando descobriu a traição do companheiro e se viu sozinha para cuidar de uma criança não planejada. Apesar das dificuldades, ela não desistiria, porque Pedro havia se tornado sua razão de viver. Ao mudar-se de apartamento para economizar, ela não sabia que sua vida mudaria tanto quanto a de todos ao seu redor. Estar sob a proteção da Irmandade Horus, mais precisamente de Vincenzo Rizzo, era recobrar sua confiança, seu lado mulher e independência. Enquanto Júlia lutava contra a atração e dedicação de Vincenzo, ele encontrava maneiras de expor seus segredos para a mulher que não merecia ter nenhuma mentira no seu caminho. O que era para ser apenas um acordo entre adultos se tornou em uma nova chance para o amor.



James Blat: <https://amzn.to/2ttZHG8>

Sinopse: O dono da JB Notícias estava no auge da sua carreira com a compra da MB News. Certo de que nada poderia atrapalhar o período de transição da união dessas duas empresas, James Blat não imaginou que uma mulher sincera ao extremo poderia cruzar seu caminho na festa de confraternização. Flaviane era uma colaboradora, se envolver emocionalmente não deveria estar em seus planos, por mais que ela havia anunciado que estava cumprindo aviso prévio.

O que deveria ser apenas um momento de desabafo se tornou em uma conexão intensa que marcou ambos. Flaviane escolheu fugir, encerrou o vínculo de uma vez com a MB News apenas para não cruzar com aquele homem que mexeu demais com sua cabeça e coração.

Ele fingia não se importar com o que aconteceu, ela manteve distância do seu passado na antiga empresa. No momento que eles ignoraram o sentimento poderoso que os uniram, a vida tratou de criar um vínculo que nunca poderia ser quebrado.

Uma frustração profissional, um filho inesperado e familiares com atitudes duvidosas fizeram com que James Blat e Flaviane fossem obrigados a se olharem, porém, reconhecer que aquela noite significou muito mais do que suas consequências poderia ser o início de uma grande batalha.



Amor de Graça: <https://amzn.to/35V0tdW>

Sinopse: Anderson Medina, dono da Meds Cosméticos, não conseguia descansar por conta de problemas no trabalho e o término do seu noivado. Frustrado, ele toma um porre e logo em seguida vai atrás de remédios em uma drogaria para dormir.

Acostumado a comprar tudo e todos, ele se surpreendeu quando a farmacêutica Gabriela o ajudou em um momento humilhante sem pedir nada em troca. Ela não queria seu dinheiro.

Como Anderson não conseguia tirar Gabriela da cabeça e tinha um enorme problema de marketing nas mãos, voltou para a drogaria em busca de resolver suas pendências com um contrato de casamento. Ele buscava não perder mais dinheiro e também se vingar da sua ex-noiva.

Gabs tentou fazer sua parte sem se envolver emocionalmente, mas não conseguiu controlar os sentimentos que eram singelamente retribuídos pelo CEO que não acreditava que o amor vinha de graça.



Amor por Encomenda: <https://amzn.to/33aD3PQ>

Sinopse: A tão sonhada vida de Beatriz estava caminhando conforme o planejado. Sua meta profissional, tão importante para sua realização pessoal, foi alcançada: passou em um concurso público concorrido e depois de anos apenas estudando, poderia viver a vida como a jovem que era e ter sua única família por perto, a irmã Renata.

Aprender novos ofícios, conhecer pessoas e fazer amizades, talvez encontrar um amor, estava nos planos de Bia, mas Renata tinha outros interesses e caberia apenas a sua irmã decidir sobre isso: sacrificar novamente sua vida para ajudar a irmã a ter um filho ou apenas magoar quem ela mais ama?

Para Davi, a nova servidora pública não deveria despertar seu interesse, ainda mais quando ela vinha cheia de bagagem. No ápice da sua juventude e independência, com uma família intrometida, mas amorosa, ele não sabia se tinha condições psicológicas e afetivas para ser apenas um amigo de quem ele tem tanta atração.

Enquanto Bia espera o momento para poder viver sua própria vida, Davi tenta encarar o desafio de esperar esse momento para compartilhar com ela.



Escolha Perfeita: <https://amzn.to/357gf1E>

Sinopse: Nem sempre a vida de Murilo Antunes foi assim. Sua família agora era apenas ele e sua filha de cinco anos, que cuidava com muito carinho e proteção. Ele não deixaria que o abandono da mãe afetasse a criança que não tinha culpa pelas escolhas maternas.

Ele seria autossuficiente.

Ter uma rotina agitada como advogado e sensei, era quase certeza de que Murilo deixaria algo passar. O olhar observador e quase triste de Lara chamou atenção de Maria Augusta, professora de balé e curiosa de plantão. Envolvidos em uma competição de Judô, em plena comemoração da escola do Dia dos Pais, Guta e Murilo se veem envolvidos através de Lara.

Primeiro ela se apaixonou pela criança e depois, sem perceber, já estava completamente admirada por esse pai dedicado e amoroso. Será que Murilo daria brecha para a aproximação dela? Não importava a resposta, uma vez que Guta estava disposta a tudo por conta da forte conexão que sentiu por eles.

Table of Contents

[Dedicatória](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Epílogo](#)

[FIM](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

[Outras Obras](#)